

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE EDUCAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE

DAMIANA VALENTE GUIMARÃES GUTIERRES



**NO COLO DA AMA DE LEITE: A PRÁTICA CULTURAL DA
AMAMENTAÇÃO E DOS CUIDADOS DAS CRIANÇAS NA PROVÍNCIA DO
GRÃO-PARÁ NO SÉCULO XIX**

BELÉM-PARÁ
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE EDUCAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE

DAMIANA VALENTE GUIMARÃES GUTIERRES

**NO COLO DA AMA DE LEITE: A PRÁTICA CULTURAL DA
AMAMENTAÇÃO E DOS CUIDADOS DAS CRIANÇAS NA PROVÍNCIA DO
GRÃO-PARÁ NO SÉCULO XIX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Instituto de Educação da Universidade Federal do Pará, linha de pesquisa: Sujeito, Cultura e Sociedade, como requisito para obtenção do título de Mestre, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Laura Maria Silva Araujo Alves.

BELÉM-PARÁ
2013

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFPA

Gutierrez, Damiana Valente Guimarães, 1982-
No colo da ama de leite: a prática cultural
da amamentação e dos cuidados das crianças na
Província do Grão-Pará no século XIX / Damiana
Valente Guimarães Gutierrez. - 2013.

Orientadora: Laura Maria Silva Araujo Alves.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal
do Pará, Instituto de Ciências da Educação,
Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém,
2013.

1. Crianças- Desenvolvimento -Belém (PA). 2.
Cultura. 3. Amamentação - Belém (PA). I. Título.
CDD 22. ed. 305.231098115

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE EDUCAÇÃO, CULTURA E SOCIEDADE

DAMIANA VALENTE GUIMARÃES GUTIERRES

**NO COLO DA AMA DE LEITE: A PRÁTICA CULTURAL DA
AMAMENTAÇÃO E DOS CUIDADOS DAS CRIANÇAS NA PROVÍNCIA DO
GRÃO-PARÁ NO SÉCULO XIX**

Dissertação submetida à apreciação da Banca de Defesa como requisito para obtenção do Título de Mestre em Educação, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará. Área de concentração: Sujeito, Cultura e Sociedade.

Orientadora Prof^a. Dr^a. Laura Maria Silva Araujo Alves.

Data da defesa: 15/07/2013

Conceito: Excelente

Prof^a. Dr^a. Laura Maria Silva Araujo Alves- Orientadora (UFPA)

Prof^a. Dr^a. Ivany Pinto Nascimento - Membro Interno (UFPA)

Prof^a. Dr^a. Denise de Souza Simões Rodrigues – Membro Externo (UEPA)

Prof^a. Dr^a. Airle Miranda de Souza – Membro Externo (IFCH-UFPA)

BELÉM-PARÁ
2013

*Dedicado às amas de leite que criaram
laços de afeto com bebês e crianças.
Dedicado também a todos que sonharam
e tiveram a coragem de lutar
diante dos obstáculos
para tornar seus sonhos realidade.*

AGRADECIMENTOS

À Deus, por todos os momentos da minha vida, pela força e fé.

A toda a minha família pelo apoio na realização do Mestrado em Educação, em especial aos meus pais Dalva e Rubens, minha irmã Daniela e meus avós Maria e Raimundo. Meus tios Luiz Antônio, pelo incentivo, pelos livros emprestados e os cafés da tarde, Raimundo Nonato, pela torcida e incentivo em realizar os estudos e Reginaldo Gutierrez, pelos dias em que precisei viajar para Belém para realizar as provas da seleção, e aos meus primos Marcelo Guimarães, pelas vezes que me ajudou com os problemas no computador e Denize Guimarães, pelas palavras de incentivo.

A Universidade Federal do Pará pela oportunidade de ingressar no Mestrado em Educação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA por compartilharem o seu conhecimento.

A Prof^ª. Dr^ª. Laura Maria Silva Araujo Alves que me aceitou como sua orientanda. Agradeço as suas preciosas contribuições nas orientações.

As Prof. Dr^ª. Ivany Pinto e Prof^ª Dr^ª Denise Simões que compuseram a banca de qualificação pelas valiosas contribuições para o estudo.

Aos meus colegas do Mestrado que me ajudaram a compartilhar meus interesses pela História da Infância na Amazônia, em especial a minha turma de 2011.

As minhas amigas Lídia, Monaira, Tatiara, Erika, Valdilene e Elziane.

A Leina, Neyla e Odilene que se dispuseram a estar com meus alunos na minha ausência para realizar a seleção.

Aos atendentes do Arquivo Público, da Biblioteca Artur Viana, do setor de Microfilmagem e de Obras Raras que me auxiliaram sempre com gentileza e paciência na minha pesquisa de campo em busca dos documentos para o *corpus* da pesquisa.

Aos atendentes da Biblioteca Central da UFPA e da Biblioteca da UEPA, pela atenção sempre que eu solicitei ajuda na minha pesquisa bibliográfica.

A Secretaria Municipal de Educação de Barcarena pela concessão da licença para a realização do estudo de Mestrado em Educação.

A todos, meu muito obrigada!!!!

“Não são as montanhas que nós conquistamos. Nós conquistamos nós mesmos”

Sir Edmund Hillary

RESUMO

O presente estudo trata da prática cultural da amamentação e dos cuidados com as crianças pelas amas de leite na Província do Grão-Pará no século XIX. As amas de leite tiveram um papel importante no âmbito simbólico, social e cultural da vida privada da sociedade patriarcal-escravocrata no Brasil no século XIX. Na Província do Grão-Pará era recorrente a contratação de amas de leite para amamentar e cuidar das crianças. A questão central que norteou o estudo foi: Qual a presença das amas de leite na história da infância paraense, sobretudo as significações culturais, sociais e afetivas na vida da criança na Província do Grão-Pará no século XIX? Os objetivos da pesquisa foram: a) identificar a origem das amas de leite e sua importância para a história da infância; b) descrever a história da amamentação e os discursos dos médicos higienistas sobre os cuidados com a criança, a mãe e as amas de leite; c) destacar o significado das amas de leite na amamentação, nos cuidados e na educação das crianças no século XIX na Província do Grão-Pará; d) identificar a solicitação dos serviços das amas de leite para atender as crianças na Província do Grão-Pará. Metodologicamente utilizamos a pesquisa histórica e documental, composta por um *corpus* de 92 anúncios publicados no período de 1845 a 1888, nos jornais paraenses *Treze de Maio*, *A Constituição*, *Diário de Belém*, *O Liberal do Pará*, *A Regeneração*, *Gazeta Oficial*, *Diário do Commercio* e *O Paraense*. O *corpus* foi obtido na Biblioteca Artur Vianna (CENTUR) e na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital, tendo sido organizado em 12 categorias de análise, com base na análise de conteúdo de Laurence Bardin. Os resultados demonstram a existência de um comércio indiscriminado de compra e venda de amas de leite na Província do Grão-Pará, inclusive valorizando as mais jovens, com bons costumes, boa higiene, sadias e que não tivessem cria. O perfil social das amas de leite da Província do Grão-Pará no período estudado era semelhante aos presentes nas demais Províncias do Brasil, sendo ela geralmente escrava e se fosse livre, era pobre e predominantemente negra. No final do século XIX, os médicos higienistas argumentavam que as amas de leite transmitiam doenças e eram “mercenárias”, recomendando a amamentação materna ou o uso de leite industrializado. No entanto, verificou-se que a influência da ama de leite para a criança foi além da relação afetiva, repercutindo em sua educação, linguagem, alimentação, enfim em diversos aspectos de sua cultura.

Palavras-chave: Ama de Leite. Prática Cultural. Amamentação. Criança.

ABSTRACT

The present study deals with the cultural practice of breastfeeding and care of children by wet nurses in the Province of Grão-Pará in the nineteenth century. The wet nurses had an important role in the symbolic, social and cultural life of the private patriarchal society-slavery in Brazil in the nineteenth century. In the Province of Grão-Pará was recurrent hiring wet nurses to breastfeed and care for children. The central question that guided the study was: What is the presence of wet nurses in the childhood history of Pará, especially the cultural meanings, social and emotional life of the child in the Province of Grão-Pará in the nineteenth century? The research objectives were: a) identify the source of wet nurses and their importance to the history of childhood, b) describe the history of breastfeeding and speeches health doctors on the care of the child, the mother and the love of milk c) highlight the significance of wet nurses in nursing, care and education of children in the nineteenth century in the Province of Grão-Pará d) identify the request the services of wet nurses to meet the children in the Province of Grão Para. Methodologically use historical research and documentation, consisting of a corpus of 92 ads published in the period 1845-1888, in newspapers paraenses May Thirteen, The Constitution, Diary of Belém, Pará The Liberal, Regeneration, Official Gazette, Gazette The commerce and Pará. The corpus was obtained from the Library Arthur Vianna (CENTUR) and the National Digital Library Newspaper Library, having been organized in 12 categories of analysis, based on content analysis Laurence Bardin. The results demonstrate the existence of a trade indiscriminate sale of wet nurses in the Province of Grão-Pará, including valuing the younger, with good manners, good hygiene, healthy and had not created. The social profile of the wet nurses of the Province of Grão-Pará during the study period was similar to those present in the other provinces of Brazil, and it was usually a slave and free, was poor and predominantly black. In the late nineteenth century, doctors hygienists argued that wet nurses transmitted diseases and were "mercenary", recommending breastfeeding or using formula milk. However, it was found that the influence of wet nurse for the child was beyond the affective relationship, reflecting on their education, language, food, short in several aspects of their culture.

Keywords: Wet nurse. Cultural Practice. Breastfeeding. Child.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Artigos sobre infância, história da infância e práticas culturais	19
Quadro 2: Dissertações sobre infância, história da infância e práticas culturais	21
Quadro 3: Teses sobre infância, história da infância e práticas culturais	22
Quadro 4: Artigos sobre a temática amas de leite e infância	23
Quadro 5: Dissertações sobre a temática amas de leite e infância	25
Quadro 6: Teses sobre a temática amas de leite e infância	26
Quadro 7: Anúncios de jornal sobre ama de leite por categoria e subcategorias de análise	83

LISTA DE SIGLAS

ANPUH – Associação Nacional de História – Brasil

CENTUR – Centro Cultural Tancredo Neves

ECOS – Grupo de Estudos “Constituição do Sujeito, Cultura e Educação”

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz

PPHIST – Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia

UEPA – Universidade do Estado do Pará

UFPA – Universidade Federal do Pará

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Retrato de mãe com criança	39
Imagem 2: Ilustração do abandono de uma criança na Roda dos Expostos	54
Imagem 3: “Maternidade”	58
Imagem 4: De D. Pedro II com sua ama de leite	100
Imagem 5: O Futuro Rei Luiz XV	101
Imagem 6: Retrato de busto de ama com criança	106
Imagem 7: Desenho de ama de leite amamentando bebê branco	107
Imagem 8: “Mãe preta” Óleo sobre tela de Lucilio Albuquerque. c.1917	122
Imagem 9: Leite mercenário e Leite gratuito	130
Imagem 10: Retrato de Augusto Gomes Leal e sua ama de leite Mônica	137
Imagem 11: Ama negra carregando bebê branco nas costas	138
Imagem 12: Retrato de ama com criança	139
Imagem 13: Farinha Láctea Nestlé	145

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
SEÇÃO I: ENTRELAÇANDO A HISTÓRIA DA INFÂNCIA E DA FAMÍLIA COM A HISTÓRIA DAS AMAS DE LEITE.....	27
1.1. Uma breve história da infância e da família.....	28
1.2. A escravidão e as amas de leite na Província do Grão-Pará.....	43
SEÇÃO II: A AMAMENTAÇÃO E OS DISCURSOS DOS MÉDICOS HIGIENISTAS NOS CUIDADOS SOBRE A CRIANÇA E AS AMAS DE LEITE NO SÉCULO XIX.....	49
2.1. Uma breve história sobre a amamentação.....	49
2.2. As teses médicas e os discursos higienistas no cuidado da criança.....	56
2.2.1. Os cuidados com a gravidez.....	60
2.2.2. O nascimento e os cuidados com a higiene do recém- nascido.....	61
2.2.3. O banho e o asseio do recém-nascido.....	62
2.2.4. As roupas e às vestimentas da criança.....	65
2.2.5. O sono e ao local de dormir da criança.....	66
2.2.6. A vacinação e a higiene bucal da criança.....	69
2.2.7. A amamentação da criança.....	70
2.2.8. Os cuidados na escolha da ama de leite.....	73
2.2.9. O aleitamento artificial da criança.....	74
2.2.10. Os horários adequados para amamentação da criança.....	76
SEÇÃO III: CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	78
3. Procedimentos Metodológicos.....	78
3.1. Corpus da Pesquisa.....	81
3.2. Organização do corpus.....	83
3.3. Análise do corpus.....	83
3.4. Análise teórica a partir da história cultural.....	86

3.5. Análise do contexto histórico.....	93
SEÇÃO IV: AS AMAS DE LEITE EM ANÚNCIOS DE JORNAIS NA PROVÍNCIA DO GRÃO-PARÁ NO SÉCULO XIX.....	94
4.1. Venda ou aluguel de amas de leite.....	94
4.2. Mulheres se oferecendo para ser ama de leite.....	98
4.3. Ama de leite para aluguel e o local de contratação.....	104
4.4. Função da ama de leite e outras atividades.....	115
4.5. Função de ama de leite e o valor dos serviços.....	117
4.6. As qualidades para função da ama de leite.....	123
4.7. Contratação de ama de leite e as características das crianças.....	128
4.8. Contratação de ama de leite em caráter temporário.....	132
4.9. Produtos que reforçam a alimentação das amas de leite.....	141
4.10. Instituto de controle da saúde da ama de leite.....	146
4.11. Lei municipal sobre a efetivação de amas de leite em casa de expostos.....	148
4.12. Literatura para orientar escolha de ama de leite.....	149
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	151
REFERÊNCIAS.....	158

ANEXOS

INTRODUÇÃO



A presente dissertação intitulada *No colo da ama de leite: a prática cultural da amamentação e dos cuidados das crianças na Província do Grão-Pará no século XIX*, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, na Linha Educação, Cultura e Sociedade, visa abordar a presença das amas de leite na vida da criança paraense, sobretudo o significado delas na prática da amamentação, cuidados e educação materializados em anúncios de jornais que circulavam no período do Império.

Ao longo do século XIX no Brasil, o vínculo da escrava negra com a criança branca foi uma extensão do período colonial. Nesse período, não foi estabelecida uma relação de afeto entre ama e bebê, mas estabeleceu-se como um produto de relações sociais desiguais em decorrência de uma prática trazida da Europa, sobretudo Portugal, quando a ama de leite se fez presente nos cuidados, na amamentação e na educação das crianças brancas.

A presença da ama de leite na historiografia da infância brasileira no século XIX foi relativamente significativa, pois muitas mulheres negras precisavam sobreviver com o fim da escravidão para criar seus próprios filhos. Em função disso, era comum no Brasil um bebê branco que ficava órfão de mãe, ou era enjeitado, ou abandonado em um asilo, ser mandado para a casa de uma ama de leite que muitas vezes recebia pelo serviço uma quantia mensal do governo provincial. Por isso, nos jornais que circulavam nesse período era recorrente encontrar anúncios de alugueis, venda, compra e pedidos de amas de leite.

No século XIX os médicos já indicavam o leite humano como alimento para o bom desenvolvimento da criança, sobretudo por se tratar de uma fonte de cálcio e ser um “santo remédio” para combater vários males, principalmente a mortalidade infantil nos primeiros anos de vida da criança. Quando a mãe não tinha leite suficiente ou, por outros motivos não podia amamentar, geralmente se recorria aos serviços de amas de leite. Até a abolição da escravatura as amas eram escravas que pertenciam à própria família, ou eram alugadas para amamentar os bebês senhoriais. Muitas dessas escravas, além da amamentação, tinham ainda a tarefa de cuidar e educar a criança.

No livro *Casa-Grande & Senzala* escrito por Gilberto Freyre (1998), o referido autor destaca a valorização da ama na formação social da família patriarcal escravista. Há a premissa de que houve um significativo intercâmbio humano de carinho entre as amas de leite. A respeito deste fato, Gilberto Freyre afirma que se tratava de uma tradição em Portugal que se estabeleceu em terras brasileiras com a chegada do colonizador: o hábito das mães ricas não amamentarem seus filhos, sendo, portanto, tarefa para as escravas. No Brasil, a transferência deste ato que envolve carinho, delicadeza e afeto maternal, é atribuída à impossibilidade física das mães.

Mas, afinal, qual a justificativa da motivação por essa temática? O que me levou a estudar a relação da infância e as amas de leite no século XIX?

a) Das motivações para o estudo

O interesse pela temática história da infância no Pará e mais especificamente pelo significado das amas de leite na vida da criança paraense no século XIX foi se configurando a partir de três momentos da minha vida acadêmica e profissional.

O primeiro momento aconteceu na Graduação. Ao longo do curso de Pedagogia-Formação de Professores realizado na Universidade do Estado do Pará, tive acesso a várias leituras e observações realizadas na disciplina de Estágio Supervisionado, no que se referiu ao processo de aprendizagem da criança. Esse envolvimento resultou no Trabalho de Conclusão de Curso sobre o processo de aquisição da escrita pela criança. Neste trabalho foi possível eu me aproximar das questões relativas ao universo infantil.

O segundo momento aconteceu no Curso de Especialização em Psicopedagogia realizado também na UEPA, em 2006. Neste curso intensifiquei minha busca pelas questões relativas à criança. Durante o curso foi possível entender que a criança é um sujeito social e que precisava ser privilegiada em pesquisas, dada a sua importância para os estudos sobre a educação infantil, além de outras temáticas relativas à infância, como por exemplo, a história da infância na Amazônia.

O terceiro momento aconteceu mais recentemente com o meu ingresso no Mestrado em Educação junto ao programa de Pós-Graduação do Instituto de Ciências da Educação da UFPA, na Linha Educação, Cultura e Sociedade. No curso de Mestrado pude indubitavelmente me aproximar de três temáticas: *história da infância, práticas culturais e educação*. As leituras realizadas no curso me fizeram chegar até o livro da historiadora Mary Del Priore: *História das Crianças no Brasil*. Deste livro li alguns

artigos, mas o que mais me chamou atenção foi o artigo “*O cotidiano da criança livre no Brasil entre a Colônia e o Império*”.

Nesse artigo a autora descreve a vida das crianças ao abordar sobre temas como o nascimento, os cuidados com a higiene, a alimentação, os cuidados maternos, a mortalidade, as práticas religiosas, o relacionamento afetivo entre pais e filhos, o castigo físico, as brincadeiras e a educação. Os textos do livro da Mary Del Priori me fizeram chegar também até as amas de leite no século XIX com a necessidade das famílias abastadas recorrerem aos serviços dessas amas para atender um problema que se agravava na Província do Grão-Pará: a mortalidade infantil nos primeiros anos de vida da criança.

Outras leituras também foram se somando a essa em que fui percebendo a importância dessa prática cultural na amamentação, nos cuidados e na educação da criança branca nas províncias. Na Província do Grão-Pará desde o século XVIII essa prática foi sendo recorrentemente utilizada até o século XIX. Contudo, é possível afirmar que os estudos acadêmicos sobre o tema da ama de leite na Província do Grão-Pará no século XIX são escassos. Essas razões me proporcionaram à escolha do objeto em questão.

Posto isto, o desenvolvimento da pesquisa se direcionou para a temática da ama de leite com o objetivo de compreender por meio de anúncios de jornais a importância da ama de leite na amamentação e cuidados das crianças no século XIX na capital da Província do Grão-Pará. Este estudo é parte integrante de pesquisa realizada no grupo de Pesquisa Constituição do Sujeito Cultura e Educação (ECOS) que tem como objetivo investigar a História da Infância na Amazônia Paraense, pertence a Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Sociedade do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará a qual faz parte do Instituto de Ciências da Educação desta mesma instituição de ensino superior.

b) Questões norteadoras do estudo

A questão central que norteou o estudo foi: Qual a presença das amas de leite na história da infância paraense, sobretudo as significações culturais, sociais e afetivas na vida da criança na Província do Grão-Pará no século XIX? A partir dessa questão central outras questões surgiram:

Como surgiram as amas de leite e qual a sua importância na história da infância no século XIX?

Como vem se processando historicamente a amamentação como prática cultural?

Quais os discursos dos médicos higienistas no que diz respeito aos cuidados com a criança, com a mãe e com as amas de leite no século XIX?

Qual a importância das amas de leite na amamentação, nos cuidados e na educação das crianças do século XIX na Província do Grão-Pará?

Como eram solicitados os serviços das amas de leite para amamentar e cuidar das crianças na Província do Grão-Pará no século XIX?

c) Objetivos

O objetivo geral deste estudo foi investigar a presença das amas de leite na história da infância paraense, sobretudo as significações cultural, social e afetiva na vida da criança na capital da província do Grão-Pará no século XIX. Os objetivos específicos foram:

a) Identificar a origem das amas de leite e sua importância para a história da infância;

b) Descrever a história da amamentação e os discursos dos médicos higienistas sobre os cuidados com a criança, a mãe e as amas de leite;

c) Destacar o significado das amas de leite na amamentação, nos cuidados e na educação das crianças no século XIX na Província do Grão-Pará;

d) Identificar a solicitação dos serviços das amas de leite para atender as crianças na Província do Grão-Pará.

d) O estado da arte

Após um breve estudo exploratório no Banco de Teses e Dissertações da CAPES constatei que muitos estudos sobre a criança e infância já foram realizados em outros países e épocas, logo, esta temática não é nova.

O crescente interesse por este tema pode ser observado no estudo de Müller e Hassen (2009 *apud* ROCHA, 1999, p. 446) que mostram que no Brasil a pesquisa sobre infância não está restrita apenas à Pedagogia, abrange outras áreas de conhecimento como a Psicologia, a História, a Antropologia e a Sociologia. E sobre a história da infância Gouvêa e Jinzenji (2006 *apud* RIZZINI & FONSECA, 2001) mostram que na

década de 1980, foram desenvolvidos 38 estudos, entre artigos, dissertações e teses; já na década de 1990, são registradas 160 produções. Isto é, em uma década houve um aumento de 76,25% na produção de estudos sobre a história da infância, um número significativo que mostra cada vez mais o interesse pelo tema.

O acesso ao estudo sobre História da Infância no Brasil, realizado pelo Grupo de Estudos de História da Psicologia Aplicada à Infância (GEHPAI) do Instituto de Pesquisa da Universidade São Paulo (IP-USP), coordenado pela professora pesquisadora Maria Helena Souza Patto indicam que as produções foram escritas no país sobre a história da Infância, afirmando que este assunto desperta interesse entre os pesquisadores.

Sobre os tipos de publicação, os resultados da pesquisa do Grupo de Estudos de História da Psicologia Aplicada à Infância foram os seguintes: 72 capítulos de livros, 48 artigos de periódicos, 22 livros, 21 dissertações de mestrado, 05 bibliografias, 01 tese de doutorado, 01 relatório de pesquisa, 01 relatório final de projeto, 01 prefácio, 01 apresentação e 01 resenha. É importante destacar que grande parte dos 72 capítulos é constituída de capítulos cujo tema principal é a história da criança/infância no Brasil, vinculados aos grupos de pesquisa anteriormente descritos.

Além desta pesquisa exploratória também foi realizada uma pesquisa referente aos resultados de um levantamento bibliográfico sobre artigos, dissertações e teses sobre infância, história da infância, criança e práticas culturais com o objetivo de buscar informações sobre o estado da arte a respeito do assunto.

Após esse levantamento exploratório consegui perceber que estudos sobre a História da Infância na Amazônia ainda são muito incipientes, sobretudo no século XIX. Foi a partir dessa conclusão que resolvi direcionar a presente dissertação para essa temática, com foco no papel da ama de leite.

Foram pesquisadas várias fontes sendo que destas, optou-se por cinco, considerando a confiabilidade e disponibilização de pesquisas acadêmicas em nível de mestrado e doutorado, bem como de artigos em formato digital: a *Scientific Electronic Library Online – Scielo* (www.scielo.br/scielo.php?script=sci_home&lng=pt&nrm=iso), o portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. (<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/Teses.do>), o Domínio Público (<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa>), o Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia/UFPA - PPHIST (<http://www.ufpa.br/pphist/>) e o Grupo

de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” – HISTEDBR (<http://www.histedbr.fae.unicamp.br>). O recorte temporal a que se refere o levantamento das fontes foi o período de 1994 a 2010. Sendo que nos sites do Banco de teses da Capes e do Domínio Público foram pesquisados os trabalhos do período de 2001 até 2010 e nos demais sites, o critério utilizado foi o título do trabalho e a relevância do estudo.

Foram considerados os seguintes critérios para que os trabalhos fossem inseridos neste levantamento: o assunto (infância, história da infância, história da criança, práticas culturais) e período histórico (1822-1888), além da pesquisa sobre trabalhos de autores relevantes: Moysés Kuhlmann Jr. (o trabalho deste autor foi pesquisado no *site* da *Scielo*, mas não estava disponível para consulta no *site*), Irma Rizzini, Roger Chartier (o trabalho deste autor não está no período definido para a pesquisa, no entanto, constará nos trabalhos pela sua relevância para o estudo).

Nos *sites* do *Scielo*, Domínio Público e no Banco de Tese da Capes as palavras-chave utilizadas foram: história da infância, infância e criança. No *site* do *Scielo* foram incluídos ainda como palavras-chave os nomes dos quatro primeiros autores citados e a expressão prática cultural no plural e no singular. No *site* do HISTEDBR (História da Educação no Brasil) dos artigos selecionados e em apenas um deles foi encontrado também o resumo, assim decidi apresentar apenas a referência e no caso do artigo em que havia o resumo.

Na pesquisa realizada encontrei alguns artigos, dissertações e teses que abordam a infância, a história da infância e práticas culturais. O quadro a seguir demonstra os artigos encontrados.

Quadro 1: Artigos sobre infância, história da infância e práticas culturais

Título	Autores	Instituição	Pesquisa	Local/Ano
A Transformação da Infância e da Educação: algumas reflexões sócio-históricas	Catarina Almeida Tomás	Universidade da Beira Interior	Sociologia	Portugal /2001
Corpo e infância: natureza e cultura em confronto	Márcia Buss-Simão; Francisco Emílio de Medeiros; Ana Márcia Silva; João Josué da Silva Filho	Universidade Federal de Santa Catarina	Educação	Santa Catarina /2010
A emergência da infância	José Gonçalves Gondra	Universidade de	História da	Belo

		São Paulo	Educação	Horizonte/2010
Papéis sexuais e hierarquias de gênero na História Social sobre infância no Brasil	Luzinete Simões Minella	Universidade Federal de Santa Catarina	História Social e da Sociologia Histórica no Brasil	Campinas /2006
Escolarizar para moralizar: discursos sobre a educabilidade da criança pobre (1820-1850)	Maria Cristina Soares de Gouvêa, Mônica Yumi Jinzenji	Universidade Federal de Minas Gerais	Educação da Infância	Rio de Janeiro /2006
Os funerais de “anjinho” na literatura de viagem	Luiz Lima Vailati	Universidade de São Paulo	História Social	São Paulo /2002
Grupos de pesquisa sobre infância, criança e educação infantil no Brasil: Primeiras aproximações	Isabel de Oliveira e Silva, Iza Rodrigues da Luz, Luciano Mendes de Faria Filho	Universidade Federal de Minas Gerais	Educação	Minas Gerais /2010
A infância pesquisada	Fernanda Müller, Maria de Nazareth Agra Hassen	Universidade Federal de São Paulo	Psicologia	São Paulo /2009
Inventários e testamentos como fontes de pesquisa	Maria Helena Ochi Flexor	Universidade Federal da Bahia	Educação	Bahia /2005
Comportamento Social, Produção Agregada e Prática Cultural: Uma Análise Comportamental de Fenômenos Sociais	Angelo Augusto Silva Sampaio, Maria Amalia Pie Abib	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Psicologia	São Paulo /2010
Estudos culturais, educação e pedagogia	Marisa Vorraber Costa, Rosa Hessel Silveira, Luis Henrique Sommer	Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Centro Universitário Feevale	Educação	Rio Grande do Sul /2003
A normatização da pobreza: crianças abandonadas e crianças infratoras	Carmen Sylvia Vidigal Moraes	Universidade de São Paulo	Educação	São Paulo /2000
A arte de endurecer “miolos moles e cérebros brandos”: a racionalidade médico-higiênica e a construção social da infância	José Gondra, Inára Garcia	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Educação	Rio de Janeiro /2004

Fonte: *SciELO*, Domínio Público, HISTERDBR, Banco de Teses e Dissertações da CAPES, 2012.

O levantamento aponta que de 2000 a 2010 há 13 artigos referentes à infância, história da infância e práticas culturais. Os artigos se concentram nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Apenas um artigo foi publicado em Portugal. Os artigos se

concentram na área da Educação, com 07 artigos; 02 artigos na área da Psicologia; 02 artigos na área da História Social; 01 na área da Educação da Infância e 01 na Sociologia. Os artigos foram publicados nos seguintes anos: a maioria dos artigos foi publicada em 2010 com 04 artigos; de 2000 a 2005 foram publicados 01 artigo em cada ano; em 2006 foram publicados 02 artigos; em 2009 foi publicado 01 artigo.

Quadro 2: Dissertações sobre infância, história da infância e práticas culturais

Título	Autor	Instituição	Pesquisa	Local/Ano
A civilização do Brasil através da infância: propostas e ações voltadas à criança pobre nos anos finais do Império (1879-1889)	Luciana de Araujo Pinheiro	Universidade Federal Fluminense	História	Rio de Janeiro/2003
O colégio de educandos artífices – 1865-1874: a infância desvalida da parahyba do norte	Guaraciane Mendonça de Lima	Universidade Federal da Paraíba	História	João Pessoa/2008
Paisagens urbanas: fotografia e modernidade na cidade de belém (1846-1908)	Rosa Claudia Cerqueira Pereira	Universidade Federal do Pará	História	Belém /2006
O juízo dos órfãos em Manaus (1868-1896)	Alcemir Alerjean Bezerra Teixeira	Universidade Federal do Amazonas	História	Manaus /2010
Em nome de deus, amém!: mulheres, escravos, famílias e heranças através dos testamentos em Belém do Grão-Pará na primeira metade do século XIX	Andréa da Silva Pastana	Universidade Federal do Pará	História	Belém /2008
Caridade e saúde pública em tempo de epidemias Belém 1850-1890	Magda Nazaré Pereira da Costa	Universidade Federal do Pará	História	Belém /2006
A descoberta da infância: a construção de um habitus civilizado na boa sociedade imperial	Mariana de Aguiar Ferreira Muaze	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	História Social da Cultura	Rio de Janeiro /1999
Célula do vício” – políticas de assistência à infância em juiz de fora/mg na transição império/república	Paloma Rezende de Oliveira	Universidade Federal de Juiz de Fora	Educação	Minas Gerais /2009

Fonte: *Scielo*, Domínio Público, HISTERDBR, Banco de Teses e Dissertações da CAPES, 2012.

Do levantamento das Dissertações de Mestrado no Banco da Capes sobre infância, história da infância e práticas culturais foi possível constatar 08 trabalhos defendidos nos anos de 1999 a 2010. Os trabalhos se concentram na região Norte com 05

dissertações sendo que 04 defendidas na Universidade Federal do Pará e 01 na Universidade Federal do Amazonas. Há ainda 02 dissertações defendidas na região Sudeste sendo que 01 na Universidade Federal Fluminense e 01 na PUC do Rio de Janeiro; 01 dissertação na região Nordeste defendido na Universidade Federal da Paraíba e na Região Centro-Oeste com 01 dissertação defendida na Universidade Federal de Juiz de Fora. Das 08 dissertações defendidas, 07 se concentram na área da História; apenas 01 dissertação na área da Educação.

Quadro 3: Teses sobre infância, história da infância e práticas culturais

Título	Autor	Instituição	Pesquisa	Local/Ano
Traços de compaixão e misericórdia na história do Pará: Instituições para meninos e meninas desvalidas no século XIX até início do século XX	Celita Paes de Sousa	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Educação	São Paulo /2010
O cidadão polido e o selvagem bruto a educação dos meninos desvalidos na Amazônia imperial	Irma Rizzini	Universidade Federal do Rio de Janeiro	História Social	Rio de Janeiro /2004
Chegar à infância.	Bernardina Maria de Sousa Leal	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Educação	Rio de Janeiro /2008
A representação de infância nas propostas pedagógicas do Dr. Abilio Cesar Borges: o barão de Macahubas (1856 - 1891)	Diane Valdez	Universidade Estadual de Campinas	História Filosofia e Educação	Campinas /2006
Pequenos aprendizes: Assistência à infância desvalida em Pernambuco no século XIX	Vera Lúcia Braga de Moura	Universidade Federal de Pernambuco	História	Recife /2003

Fonte: *SciELO*, Domínio Público, HISTERDBR, Banco de Teses e Dissertações da CAPES, 2012.

Com relação ao levantamento sobre as Teses de Doutorado sobre as temáticas infância, história da infância e práticas culturais, foram encontrados: 05 trabalhos publicados nos anos de 2003, 2004, 2006, 2008 e 2010. Das 05 Teses, 04 se concentram na região Sudeste nas seguintes instituições: PUC São Paulo, Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Estadual de Campinas. Apenas 01 Tese na Região Nordeste, defendido na Universidade Federal de Pernambuco. A maioria dos trabalhos se concentra na área da Educação com 03 trabalhos e 02 na área da História.

A pesquisa também demonstrou a quantidade de vezes que cada palavra do critério apareceu como palavras-chave nos resumos dos trabalhos. A palavra infância é a que apareceu mais vezes enquanto que as demais palavras dos critérios apareceram 3 e

2 vezes. Na fonte do PPHIST as palavras dos critérios não apareceram, mas apareceram outras palavras também importantes para a seleção dos trabalhos. A realização desta pesquisa nos sites possibilitou o conhecimento parcial das produções científicas já realizadas acerca da infância e da história da criança e também o percurso dos autores na construção de artigos, dissertações e teses ao ler os resumos dos trabalhos. Tal percurso é muito valioso para compreender a estrutura da elaboração do texto científico, o que já foi estudado e as lacunas de possíveis estudos.

A segunda pesquisa de levantamento de dados foi direcionada para o estado da arte em relação às amas de leite e às crianças. A pesquisa apresentou como critério a eleição das seguintes palavras: amas de leite, ama de leite, ama de leite e criança, amamentação, higienismo, infância e higienismo e também o período histórico do século XIX. Em seguida a seleção dos *sites* pesquisados teve como critério a escolha por *sites* de produção científica como: *Scielo*, Domínio Público, PPGHist, HISTERDBR, Capes, Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ e ANPUH. Como resultados da pesquisa foram encontrados 07 (sete) artigos, 02 (duas) Dissertações e 01 Tese, de acordo com os quadros abaixo:

Quadro 4: Artigos sobre a temática amas de leite e infância

Título	Autor	Instituição	Pesquisa	Local/Ano
O discurso médico-higienista no Brasil do início do século xx	Laerthe de Moraes Abreu Junior, Eliane Vianey de Carvalho	Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)	Saúde	Minas Gerais/2012
'Amas mercenárias': o discurso dos doutores em medicina e os retratos de amas - Brasil, segunda metade do século XIX	Sandra Sofia Machado Koutsoukos	Universidade Estadual de Campinas	História e saúde	Campinas/2009
A ama-de-leite e o bebê: reflexões em torno do apagamento de uma face	Marco Antonio Stancik	Universidade Federal do Paraná	História	Paraná/2009
A ama de leite na sociedade tradicional: uma leitura de folhetos de cordel	Maria José Moutinho Santos	Universidade do Porto	História	Portugal/1987
Amas-secas e amas-de-leite: o trabalho feminino no Recife (1870-1880)	Maria Ângela de Faria Grillo	Universidade Federal Fluminense	História	Rio de Janeiro/2007
Retratos de amas negras com	Rafaela de Andrade	UNISINOS	História	São Leopoldo

crianças brancas: muitas interpretações e diferentes abordagens historiográficas	Deiab			/2007
Amas-de-Leite e suas representações visuais: símbolos socioculturais e narrativos da vida privada do Nordeste patriarcal-escravocrata na imagem fotográfica	Georgia Quintas	Universidade Federal da Paraíba	Antropologia e Sociologia	João Pessoa /2009
A sementeira do porvir: Higiene e Infância no Século XIX	José G. Gondra	Universidade de São Paulo	História da Educação	São Paulo /2000
A Ama-De-Leite e o Bebê: Reflexões em torno do apagamento de uma face	Marco Antonio Stancik	Universidade Federal do Paraná	História	São Paulo /2009
Moncorvo Filho e algumas histórias do Instituto de proteção e assistência a infância	Nelson Gomes de Sant'ana e Silva Junior. Renata Monteiro Garcia	Universidade Federal da Paraíba /Universidade Federal da Bahia	Psicologia	Rio de Janeiro/2010
O Cuidado às crianças pequenas no Brasil Escravista	Maria Vittoria Pardal Civiletti	Universidade Gama Filho	Psicologia	São Paulo/1991

Fonte: *SciELO*, Banco da CAPES, 2012.

De acordo com o quadro 4 podemos destacar o levantamento realizado no *SciELO* e portal da Capes sobre artigos com a temática Amas de Leite e Infância. Deste levantamento foi possível destacar que há 07 artigos publicados nos anos de 1987, 2007, 2009 e 2012. Os artigos estão localizados: 01 em Portugal, na Universidade do Porto, 01 no Rio de Janeiro pela Universidade Federal Fluminense, 01 em Minas Gerais pela Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ), 01 em Campinas pela Universidade Estadual de Campinas, 01 no Paraná pela Universidade Federal do Paraná, 01 em São Leopoldo pela UNISINOS, 01 em João Pessoa pela Universidade Federal da Paraíba, 01 em São Paulo na Universidade de São Paulo, 01 em São Paulo, na Universidade Federal do Paraná. As áreas de estudo são 05 localizados na história, 01 em história e saúde, 01 em saúde, 01 em antropologia e sociologia e 01 em História da educação.

Quadro 5: Dissertações sobre a temática amas de leite e infância

Título	Autor	Instituição	Pesquisa	Local/Ano
Higiene, educação e cuidados com a infância: o discurso médico nas teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1840-1882)	Leandro Silva de Paula	Universidade Federal de Juiz de Fora	Educação	Juiz de Fora/2011
No seio do debate – amas-de-leite, civilização e saber médico no Rio de Janeiro	Luiz Carlos Nunes Martins	Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ	História das Ciências	Rio de Janeiro /2006
Amamentação: Fardo ou desejo? Estudo histórico-social do saberes e práticas da sociedade brasileira	Antonio Augusto Moura da Silva	Universidade de São Paulo/ Ribeirão Preto	Medicina Preventiva	Ribeirão Preto/1990
A mãe-preta na literatura brasileira: a ambiguidade como construção social (1880-1950)	Rafaela de Andrade Dedaib	Universidade de São Paulo	Antropologia Social	São Paulo/2006

Fonte: Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, *Scielo*, Domínio Público, Banco da CAPES, 2012.

O quadro 5 destaca o levantamento realizado no *Scielo* e portal da Capes sobre dissertações com a temática Amas de Leite, Infância e amamentação. Deste levantamento foi possível destacar que há 07 artigos publicados nos anos de 1987, 2007, 2009 e 2012. Os artigos estão localizados: 01 em Portugal, na Universidade do Porto, 01 no Rio de Janeiro pela Universidade Federal Fluminense, 01 em Minas Gerais pela Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ), 01 em Campinas pela Universidade Estadual de Campinas, 01 no Paraná pela Universidade Federal do Paraná, 01 em São Leopoldo pela Unisinos e 01 em João Pessoa pela Universidade Federal da Paraíba. As áreas de estudo são: 04 localizados na história, 01 em história e saúde, 01 em saúde e 01 em antropologia e sociologia.

Quadro 6: Teses sobre a temática amas de leite e infância

Título	Autor	Instituição	Pesquisa	Local/Ano
Procura-se "preta, com muito bom leite, prendada e carinhosa": uma cartografia das amas-de-leite na sociedade carioca (1850-1888)	CARNEIRO, Maria Elizabeth Ribeiro	Universidade de Brasília	História	Brasília/2006

Fonte: Banco da CAPES, 2012.

O quadro 6 apresenta 01 tese de doutorado sobre ama de leite encontrada no repositório da Universidade de Brasília. Este trabalho foi desenvolvido na área da história no ano de 2006.

e) Procedimento Metodológico

Metodologicamente utilizamos a pesquisa documental de cunho histórico, composta por um *corpus* de 92 anúncios de compra, venda e aluguel de amas de leite publicados, no período de 1845 a 1888, nos jornais paraenses *Treze de Maio*, *A Constituição*, *Diário de Belém*, *O Liberal do Pará*, *A Regeneração*, *Gazeta Oficial*, *Diário do Commercio* e *O Paraense*. Os anúncios foram catalogados na Biblioteca Artur Vianna (CENTUR) e na Hemeroteca da Biblioteca Nacional. O *corpus* de 92 anúncios sobre amas de leite foi organizado em 12 categorias de análise, tendo com base analítica a perspectiva de conteúdo de Laurence Bardin e a história cultural.

d) Estruturação do texto

O texto está estruturado em quatro seções.

Na primeira seção – **Entrelaçando a História da Infância e da Família com a História das Amas de Leite** – tratamos sobre uma breve história da Infância e da família com a história das amas de leite e como estas se entrelaçam a partir da relação da criança com a ama de leite.

Na segunda seção – **A amamentação e os discursos dos médicos higienistas sobre a criança e as amas de leite no século XIX** – abordamos uma breve história da amamentação e os cuidados dos médicos, suas recomendações para as crianças e as mães e qual a melhor maneira de escolher uma boa ama de leite.

Na terceira seção – **Caminho Metodológico da Pesquisa** – anunciamos todo o procedimento metodológico da pesquisa como: construção do corpus, organização do corpus e análise dos anúncios de jornais sobre amas de leite.

Na Quarta Seção – **As amas de leite em anúncios de jornais na Província do Grão-Pará no século XIX** – destacamos a análise dos anúncios de jornais sobre as amas de leite publicados no século XIX na capital da Província do Grão-Pará. Nesta análise fazemos uma ressalva de como os anúncios sobre amas de leite eram uma alternativa de acesso às amas de leite pelos senhores e senhoras quando não as encontravam entre os seus próprios escravos ou através de parentes e pessoas conhecidas. E, por fim, apresentamos as considerações finais acerca dos resultados do estudo em que procuramos levar em conta as questões que nortearam o estudo.

SEÇÃO I

ENTRELAÇANDO A HISTÓRIA DA INFÂNCIA E DA FAMÍLIA COM A HISTÓRIA DAS AMAS DE LEITE



Ama de leite

*Venderam meu sonho
Venderam meu amor
Venderam meu sorriso
Venderam minha dor
Vendido em leilão
Moendo em moinho
Plantei meu suor
Reguei meu sangue
Meu sonho maior*

*Meu corpo bonito
Minha bela cor
O filho no ventre
Pertencem ao senhor*

*Filho nos braços
Foste arrancado
Vendido em leilão
Praças e mercados*

*Gritos e gemidos
Lágrimas roladas pelo chão
Leite esbanjado
Serve ao filho do patrão*

*Dança, minha negra, dança
Ao som dos tambores
Grita, minha negra, grita
Grita teus temores*

*Canta, minha negra, canta
Que alguém há de te escutar
Dança, minha negra, dança
Que a liberdade virá.*

MARIA DA CONCEIÇÃO DO AMPARO ALVES

A poesia *Ama de leite* ilustra a personagem principal deste estudo, suas dores, sua vida, seu sofrimento, sua beleza, seu corpo, seu filho e sua liberdade pertenciam ao senhor de escravo. Para que existisse a ama era necessário que antes existisse a negra mãe de um bebê negro ou branco, caso ele fosse filho de algum homem branco. A ama

não era dona de si e nem seu próprio filho era seu, ele também era propriedade do seu senhor. Supõe-se que a única liberdade que ela possuía era o desejo de ser livre.

As amas de leite são figuras que têm um papel importante na formação da família brasileira, assim como em outras partes do mundo e outras épocas. Era uma mulher que estava a maior parte do tempo presente com a criança, filho do seu senhor. Como a ama de leite, a criança branca e a família da criança são personagens da história que constantemente estavam juntos, vejamos a seguir como essas histórias estão entrelaçadas.

1.1. Uma breve história da infância e da família

A etimologia da palavra infância é apresentada por Kuhlmann Jr (2007) segundo o qual a palavra infância tem origem no latim e significa a incapacidade de falar. Tal incapacidade de falar era atribuída ao período chamado de primeira infância e às vezes era estendida até os sete anos, idade esta que representava a passagem para a idade da razão. A infância é compreendida por Kuhlmann Jr. & Fernandes (2004) como a concepção ou a representação que os adultos fazem sobre o período inicial da vida, ou como o próprio período vivido pela criança.

Assim, a história da infância vem a ser a história da relação da sociedade, da cultura, dos adultos com a classe das crianças enquanto que a história da criança é a relação das crianças entre elas mesmas e com os adultos, com a cultura e a sociedade.

Philippe Ariès (2006), em seu livro *“História social da criança e da família”*, apresenta a infância como um dos elementos do que chamou de “idades da vida”, para compreender as fases da vida do homem desde a infância até a senilidade:

As “idades da vida” ocupam um lugar importante nos tratados pseudocientíficos da Idade Média. Seus autores empregam uma terminologia que nos parece puramente verbal: infância e puericidade, juventude a adolescência, velhice e senilidade – cada uma dessas palavras designando um período diferente da vida (ARIÈS, 2006, p. 4).

Ariès também relata a descrição da infância e da puerícia, distinguindo-as no livro VI ao referir-se ao *Lé Grand proprioétaire de toutes chouses*:

A primeira idade é a infância, que planta os dentes, e esta idade começa quando a criança nasce e dura até os sete anos, e nessa idade aquilo que nasce é chamado de *enfant* (criança), que quer dizer não falante, pois nessa idade a

peessoa não pode falar bem nem formar perfeitamente as palavras, pois não tem seus dentes bem tornados (...). Após a infância, vem a segunda idade... chama-se *pueritia* e é assim chamada porque nessa idade a pessoa é ainda como a menina do olho, como diz Isidoro, e essa idade dura até os 14 anos. (ARIÈS, 2006, p. 6).

Estas distinções das idades para determinar as fases da vida, eram consideradas noções científicas para a época em que foram escritas. Para a época em que Ariès (2006) escreve o seu livro, a vida é considerada um fenômeno biológico, uma situação social, diferente da época da idade medieval. No entanto, o tema sobre as “idades da vida” tornou-se frequente na iconografia, devido a sua popularidade. Com ênfase ao século XIV em que essa iconografia fixou seus traços essenciais, os quais permaneceram quase os mesmos até o século XVIII. Ariès (2006) explica que durante o século XVII, houve uma evolução da designação da infância. Compreende-se no texto deste autor que não havia distinção do período da infância e da adolescência, já que ele relata que em uma pesquisa episcopal de 1667, numa paróquia “Há *um jeune enfant* (uma jovem criança) de cerca de 14 anos de idade” (ARIÈS, 2006, p.11). E ainda, o costume de chamar de criança tanto para crianças como para os adolescentes continuou a ser o costume nas classes pobres enquanto que na classe burguesa a palavra infância modernizou-se com o hábito. A palavra infância servia tanto para designar crianças e adolescentes como jovens e adultos de acordo com sua condição de dependência das relações feudais e senhoriais, como se observa no trecho descrito por Ariès (2006) a seguir:

A longa duração da infância, tal como aparecia na língua comum, provinha da indiferença que se sentia então pelos fenômenos propriamente biológicos: ninguém teria a ideia de limitar a infância pela puberdade. A ideia de infância estava ligada à ideia de dependência: as palavras *filis*, *valets* e *garçons* eram também palavras do vocabulário das relações feudais ou senhoriais de dependência. Só se saía da infância ao se sair da dependência, ou, ao menos, dos graus mais baixos da dependência. Essa é a razão pela qual as palavras ligadas à infância iriam subsistir para designar familiarmente, na língua falada, os homens de baixa condição, cuja submissão aos outros continuava a ser total: por exemplo, os lacaios, os auxiliares e os soldados (ARIÈS, 2006, p.11).

Este recorte descrito acima mostra que nem sempre o termo infância designou à criança ou a fase da vida que corresponde à infância mais também a relação de condição de dependência de um servo em relação ao senhor feudal, por exemplo.

Entretanto, Kuhlmann Jr. & Fernandes (2004) argumentam que ao transpor as questões de Ariès sobre a infância francesa para outros países pode acarretar desvios de

interpretação. No caso das sociedades brasileira e portuguesa, nas suas formações as condições históricas, geográficas, sociais e culturais apresentam particularidades relacionadas à concepção de infância, aos sentimentos e às práticas de cuidado e de educação das crianças, próprias da história e da cultura de cada um desses países. Assim, para estes autores:

(...) as questões regionais e locais também necessitam ser consideradas. Mas, ao mesmo tempo, a presença de Portugal e do Brasil na história da modernidade, fenômeno internacional, indicam o seu envolvimento no processo de desenvolvimento da concepção moderna de infância. As tensões entre universalidade e particularidades são inerentes à análise histórica e precisam ser levadas em conta (KUHLMANN JR. & FERNANDES, 2004, p.17).

A relação entre a sociedade e a infância é dinâmica, muda com o passar do tempo. Perceptível através de propostas e ações que vissem a melhora da vida da criança como nas palavras destes mesmos autores: “Ao longo dos séculos XIX e XX, multiplicam-se as propostas e as ações dirigidas às crianças, na legislação, nas políticas públicas, na educação e na saúde, no mercado, etc.” (KUHLMANN JR. & FERNANDES, 2004, p.18).

Miriam Leite (2011) também apresenta uma definição sobre criança no século XIX. A criança não era responsabilidade apenas de uma determinada pessoa, mas sim da família e até mesmo podendo ser da vizinhança. Nas palavras dessa autora a criança vinha a ser uma (...) derivação das que eram criadas pelos que lhe deram origem. Era o que se chamava de ‘crias’ da casa, de responsabilidade (nem sempre assumida inteira ou parcialmente) da família consanguínea ou da vizinhança (LEITE, 2011, p. 20).

Não são apenas nestes campos de estudo que a criança e a infância são conceituadas. Esses termos também são conceituados no estudo de William A. Corsaro (2011) no campo da Sociologia da Infância. O primeiro termo é conceituado no plural e o segundo, no singular. Para este autor, as crianças são “agentes sociais, ativos e criativos, que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto, simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas”. Sendo assim a infância é definida como “(...) esse período socialmente construído em que as crianças vivem suas vidas – é uma forma estrutural. Quando nos referimos à infância como uma forma estrutural queremos dizer que é uma categoria ou uma parte da sociedade, com classes sociais e grupos de idade” (CORSARO, 2011, p. 15).

Os autores Kuhlmann Jr & Fernandes (2004) argumentam ainda que a história da infância e a história da criança são duas expressões que não se sobrepõem uma a outra. Destacam que a palavra infância refere-se a um período da vida humana; em outras palavras:

(...) no limite da significação, o período da palavra articulada, o período que poderíamos chamar de construção/apropriação de um sistema pessoal de comunicação, de signos e de sinais destinados a fazer-se ouvir, enquanto que o vocábulo criança tem como função indicar ‘uma realidade psicobiológica referenciada ao indivíduo’ (KUHLMANN JR & FERNANDES, 2004, p.16).

Ainda que a história da criança não possa ser narrada por ela mesma, mas através dos adultos e por este motivo a melhor estratégia para descrever a história da criança seja através dos discursos que tentam apreender o que significa ser criança em determinada época, esses mesmo autores exemplificam:

(...) se a criança é definida como um dever ser, ‘inventado’ no decorrer da história, como surpreendê-la senão à contraluz das representações e práticas que a promovem? Assim, se a história da criança não é passível de ser narrada na primeira pessoa, se a criança não é nunca biografia de si própria, na medida em que não toma posse de sua história e não aparece como sujeito dela, sendo o adulto quem organiza e dimensiona a narrativa, talvez a forma mais direta de perceber a criança, individualmente ou em grupo, seja precisamente tentar captá-la com base nas significações atribuídas aos diversos discursos que tentam definir historicamente o que é ser *criança* (KUHLMANN JR. & FERNANDES, 2004, p.16).

O interesse pelo estudo sobre a criança é um estudo relativamente recente considerando o período de dois mil anos. No livro sobre uma história da infância, de Heywood (2004), o medievalista James A. Schultz mostra como em dois mil anos a visão sobre a criança mudou ao longo do tempo. Na época medieval ela antes era considerada como “deficiente” na época medieval e muito tempo depois passou a ser estudada por ela mesma, recebendo desta maneira a atenção de um estudo a ser realizado, como observado a seguir:

Por cerca de 2 mil anos, desde a Antiguidade até o século XVIII, as crianças, no Ocidente, eram consideradas como sendo meramente adultos imperfeitos. Como elas eram consideradas ‘deficientes’, e totalmente subordinadas aos adultos, ele argumentou que essa etapa da vida provavelmente seria de pouco interesse, em si, para os escritores medievais. Somente em épocas comparativamente recentes veio a surgir um sentimento de que as crianças são especiais e diferentes, e, portanto, dignas de ser estudadas por si sós (HEYWOOD & COLIN, 2004, p. 10).

A partir destas informações é possível compreender porque a história da criança não apresenta grande interesse na Idade Média. É importante também entender que antes a criança não tinha nenhuma visibilidade e com o passar dos tempos, aliado a fatores sociais, econômicos e culturais, ela adquiriu importância a ponto de merecer um estudo sobre ela. Contudo, para que haja um melhor entendimento da criança que este estudo se refere, é importante não só o conhecimento sobre os conceitos de criança, infância e história da infância e da criança, assim como conhecer a história social da infância e da família.

Indubitavelmente o ponto de partida para a compreensão da história da infância tem como referência o livro “A História Social da Criança e da Família” de Philippe Ariès (2006), que é um referencial sobre a história da criança e da família na França na época industrial, composta de três capítulos: o sentimento da infância; a vida escolástica e por fim, a família. O livro está baseado em duas grandes teses: a primeira é sobre a velha sociedade tradicional, em que a infância era reduzida ao período mais frágil e logo que adquiria maior desenvolvimento físico, era misturada aos adultos. Esta tese pretende interpretar as sociedades tradicionais. A segunda tese mostra o novo lugar assumido pela criança e a família nas sociedades industriais francesas.

Gondra e Shueler (2008) argumentam que Ariès percebeu a infância com a fixidez do ciclo da natureza ou a organização da sociedade. De fato, para esses autores, e a visão sobre a infância, realizado por Ariès transmite a ideia de que a infância é algo rígido, estático em suas fases, sendo que a criança seja em qual idade estiver recebe influência do meio social e cultural a que pertence, não sendo possível concebê-la como um ser igual que amadurece apenas de acordo com a idade em que estiver.

Ao passo que Becquel (1864, *apud* GONDRA E SHUELER, 2008) compartilha sua ideia de divisão de idades de infância um pouco diferente da ideia de Ariès. Para Becquel a divisão é necessariamente artificial, na medida em que a evolução completa de um ser humano se faz sem transição, de uma maneira insensível, sem haver tempo de paradas/ interrupções determinadas. Do ponto de vista dele, as idades da infância são contínuas, ou seja, não há um recomeço a cada ano e sim uma continuidade, de forma que as idades são apenas marcações temporais arbitrárias. Continuando seu argumento, o autor afirma que:

Sempre se procura estabelecer para as idades uma divisão que relaciona épocas entre as quais haveria uma certa similitude, com base nas relações anatômicas e fisiológicas e separar aquelas entre as quais existiria uma dessemelhança muito grande e muito marcada (BECQUEL *apud* GONDRA & SHUELER, 2008, p. 273).

Becchi e Julia (1898 *apud* GONDRA & SHUELER, 2008) também realizaram um estudo sobre as idades da infância e ao estudar a criança no século XIX. Afirmam os autores que as crianças de todas as idades estão presentes na cena social, consequência do crescimento demográfico e que por ser esse um acontecimento em toda a Europa, havia no discurso sobre a infância, conseqüentemente, a necessidade de se programar a passagem da infância para a vida adulta, da vida selvagem para a civilizada.

A divisão das idades não influencia apenas a passagem da infância para a vida adulta, mas também afeta o espaço destinado às crianças na casa, na rua e na vida privada. A escola por ser o principal local de “aculturação da infância” e o espaço em que as crianças passam boa parte do tempo na medida em que a instrução torna-se cada vez mais necessária, é onde esta divisão das idades tende a se manifestar com mais frequência. Essa ideia de divisão das idades na escola também aconteceu no Brasil conforme Gondra e Shueler (2008) afirmam que a repartição das idades na escola que colabora para fortalecer a tese de uma vida em etapas e da especificidade de cada uma. Ou seja, é esta repartição que também vai ser adotada no Brasil, constituindo uma forma especializada para cada idade da vida.

Segundo Heywood (2004), a história da infância “move-se por ‘linhas sinuosas’, de modo que a criança pode ter sido considerada impura no início do século XX, como o fora na Alta Idade Média” (*apud* KUHLMANN JR 2005, p. 239). Os assuntos abordados variam “entre a ambigüidade em diversos momentos da criança enquanto ser entre a impureza e a inocência, entre as características inatas e as adquiridas, entre a independência e a dependência, entre meninos e meninas” afirma Kuhlmann Jr (2005, p. 239). Heywood (2004) destaca as relações das crianças com seus pais e pares, a questão das amas de leite, a alimentação, o vestuário, a higiene, o infanticídio e o abandono. Cita ainda pesquisas sobre diferentes modos de comportamento de pais de diversas esferas sociais como a nobreza, a burguesia, trabalhadores, camponeses e escravos norte-americanos. Também se refere ao aprendizado, à educação, à saúde das crianças e da presença delas no mundo do trabalho. E conclui reafirmando a repetição de vários temas ao longo da trajetória estudada da Alta Idade Média ao século XX. Além de

considerar que as crianças não fossem vítimas passivas, mas sim que possuíam alguma capacidade de resistência e de escolha.

O estudo de Stearns (2006) sobre a história da infância está descrito através de três etapas: a da caça e coleta, a da agricultura e a moderna. O referido estudo permite conhecer resquícios da infância anteriores à idade média, o que o leva a concluir que a história da infância pode ser mapeada a partir época da caça e coleta. Nesta primeira etapa a relação entre a criança e o adulto é de dependência. O adulto tem como função preparar a criança para a vida adulta, por esta ser vista como um ser frágil que necessita de cuidados, como descrito a seguir:

Sempre e em toda parte, as crianças precisam receber alguma preparação para o estágio adulto. Necessitam aprender a lidar com determinadas emoções, como raiva ou medo, de forma socialmente aceitável. Sempre e em toda parte, em vista do longo período de fragilidade na infância da espécie humana, crianças pequenas requerem que lhes providencie alimentação e cuidados físicos. As doenças infantis, sua prevenção, assim como os possíveis acidentes são preocupações dos pais desde os tempos mais remotos até os dias de hoje (STEARNS, 2006, p.11).

De modo especial as sociedades caçadoras-coletoras “foram responsáveis pelos ajustes fundamentais exigidos pela prolongada dependência na infância, o que as diferenciou de ancestrais e primos de outras espécies primatas” (STEARNS, 2006, p.21).

A segunda etapa, a da agricultura, mostra a primeira grande revolução da condição humana: a substituição da caça e coleta pela agricultura, o que possibilitou muitas mudanças para a infância, dentre elas a redefinição das crianças para o trabalho. Desta forma, nesta fase “muito mais claramente do que nas sociedades caçadoras-coletoras, o trabalho produtivo passou a se constituir na principal definição da infância na maior parte dos tipos de sistema agrícola” (STEARNS, 2006, p.25-26), o que resultou na importância da infância como fator econômico e quantitativo.

A etapa denominada moderna representa o surgimento das grandes civilizações clássicas¹. Cada civilização clássica originou crenças e estilos artísticos próprios, padrões políticos, estruturas sociais e comerciais que envolviam a infância. As três civilizações que mais se destacaram, segundo o autor, foram a grega, a chinesa e a

¹ Segundo Stearns (2006), a China, a Índia e o Mediterrâneo/Oriente Médio surgidos por volta de 1000 a.c como civilizações do período clássico representam formas de expressão cultural diferentes e ricas, com grande influência no desenvolvimento da infância.

indiana. E havia muitas diferenças entre estas três civilizações, como por exemplo: “[...] a ciência chinesa era mais pragmática que as abordagens teóricas dos filósofos gregos, a religiosidade indiana contrastava com as culturas mais seculares da china e regiões mediterrâneas [...]” (STEARNS, 2006, p.40-41). Estas diferenças mostram que cada civilização dessas tinha suas características próprias, influenciando as práticas culturais ligadas à infância. No que se refere ao objeto desse trabalho, destaca-se como de fundamental importância a civilização chinesa, pois o confucionismo, ao enfatizar a hierarquia e a ordem “produziu também registros muito mais abundantes sobre as concepções da classe mais alta a respeito da infância”, inclusive da amamentação por meio de amas de leite, conforme Stearns:

A hierarquização trouxe a prática da ama de leite em muitas famílias da classe alta: uma mulher da classe mais baixa que recentemente dera à luz era trazida para o lar para alimentar um novo bebê. Inúmeras famílias se tornaram muito ligadas às amas de leite, mas ficava claro que a prática era expressão de um privilégio, liberando mães saudáveis de uma obrigação que podiam achar desagradável (STEARNS, 2006, p.41).

Sobre os registros da infância, Stearns (2006) afirma algo importante: o de que é difícil elaborar histórias sobre crianças, porque elas deixam relativamente poucos registros diretos. A história da infância não é contada pelas crianças mais sim pelos adultos ao lembrarem suas infâncias. O que se pode saber da infância é mais acessível através de registros como, por exemplo, o que a lei diz sobre este assunto, do que sobre a história privada da criança, a relação entre pais e filhos é algo difícil de ser pesquisado, como relatado em suas palavras:

As pessoas rememoram suas infâncias, adultos escrevem sobre crianças e há objetos – berços, brinquedos, etc., mas isso também é trazido à baila por intermediários adultos. Justamente por isso é mais fácil tratar historicamente da infância do que das crianças em si, porque a infância é em parte definida pelos adultos e por instituições adultas. Compreender as crianças no passado é ilusório. (...) E mesmo ideias adultas sobre a infância não são sempre fáceis de encontrar, mesmo porque lidar com a questão da infância pode ser muito pessoal. Nós costumamos saber o que a sociedade oficialmente pensa sobre a infância – as leis refletem esse pensamento entre outras coisas -, mas é mais difícil saber o que um grupo de pais acredita ou como age com relação a suas crenças (STEARNS, 2006, p.13-4).

Stearns (2006) também aponta caminhos possíveis para o estudo da história da infância e o interesse de pesquisadores contemporâneos por determinados assuntos relativos a elas, como a saúde, a disciplina, os papéis da criança. E no caso desta pesquisa, a prática cultural da amamentação pelas amas de leite. A história da infância

pode vir a revelar a sociedade da época estudada e também a relação com a família, como afirma o autor:

A história das crianças e da infância vem fascinando muitos historiadores contemporâneos, (...) Esses historiadores admitem que há aspectos da experiência das crianças que não podemos aprender totalmente, por falta de evidência direta, porém sustentam que é possível reunir sólido conhecimento sobre a condição infantil no passado e sobre as mudanças na natureza da infância. Os papéis das crianças e funções, disciplina, diferenças de gênero, saúde, material cultural, relações com a estrutura familiar, e mesmo alguns aspectos da vida emocional estão abertos a pesquisa. Ao longo da história é possível adquirir novas percepções sobre caminhos mais amplos que as sociedades e as famílias trilharam no passado – visto que a infância revela importantes suposições e constrangimentos no ambiente social mais amplo (STEARNS, 2006, p.13).

Em seu estudo sobre a infância, Stearns (2006) descreve a importância, a relevância e as dificuldades apresentadas por este tipo de estudo. Para ele é importante conhecer a infância historicamente para entender o passado e assim proporcionar perspectiva histórica ao presente. Quanto às dificuldades estas são relacionadas às fontes de estudo, que são difíceis. Esse autor revela que existem aspectos sobre as crianças que não mudam muito independente do lugar e da época estudada, mas é “fato evidente de que todas as sociedades têm alguma forma de diferenciar a infância da maioria, pelo menos em parte” (STEARNS, 2006, p.15).

Stearns (2006) considera importante fazer o entrecruzamento de coincidências, mudanças e comparações para pesquisar sobre a história da infância. Para ele a infância reflete as sociedades em que se inserem e também ajudam na constituição destas sociedades. As crianças surgem por meio dos adultos, por este motivo a criança não deve ser vista como um ser isolado, desligado da família ou da sociedade, pois mesmo as crianças que não convivem em família ainda assim, convivem em sociedade.

Em relação à família, Michelle Perrot (1991, p.91) destaca os atores que a constituem no século XIX ao estudar a história da vida privada. Para ela, a família é o “ninho e o núcleo” da sociedade civil, mutável de acordo com os elementos que influenciam na sua formação, tendo em vista que a família nuclear emerge penosamente de sistemas de parentescos mais amplos e persistentes, que apresentam múltiplas formas de acordo com as cidades e as áreas rurais, as regiões, os meios sociais e culturais. Para essa autora a intervenção do Estado na família é crescente e representa uma ameaça para a família, em especial a pobre, que vê o Estado ocupar o seu lugar na gestão da criança. PERROT (1991) acrescenta que a família, principalmente a família pobre, também vê

sua autonomia ameaçada pela crescente intervenção do Estado, o qual não podendo agir constantemente em nome dela, vem a ocupar o seu lugar, especialmente na gestão da criança, o ser social e capital mais precioso.

A Revolução Francesa tinha como um de seus objetivos remodelar o cotidiano através de uma nova organização do espaço, do tempo e da história, enfim, criar um homem novo. Para isso era necessário subverter a relação entre o público e o privado, e, no entanto, o objetivo fracassou porque houve resistência das pessoas. Em outras palavras, para criar o homem novo era preciso intervir na vida privada, nos costumes, na família e na importância conferida a ela, pois:

A definição das relações entre o Estado e a sociedade civil, entre o coletivo e o individual, passa a ser o principal problema. Enquanto o *laisse faire*, o ideal da ‘mão invisível’, predomina num pensamento econômico estagnado, vivendo das glórias adquiridas no século XVIII, o pensamento político mostra uma preocupação em delimitar as fronteiras e organizar os ‘interesses privados’. O mais novo deles é, sem dúvida, a importância conferida à família como célula de base. O doméstico constitui uma instância reguladora fundamental e desempenha o papel de deus oculto (PERROT, 1991, p.90).

Neste espaço da família a criança ocupa papel central. O filho é objeto de todos os tipos de investimento: “afetivo (...), econômico, educativo, existencial. Como herdeiro, o filho é fruto da família, sua imagem sonhada e projetada, sua forma de lutar contra o tempo e a morte” (PERROT, 1991, p. 146). E esta passa a ser a visão da criança inserida na família na Europa do século XIX. E no Brasil do século XIX, seria esta a mesma visão?

Sobre a vida social da criança brasileira, Gilberto Freyre (2008), em seu livro sobre “*A vida social do no Brasil nos meados do século XIX*”, mostra vários aspectos do cotidiano da vida infantil ao descrever o cotidiano da vida social nas cidades do Recife, Bahia, Pará, São Paulo e Rio de Janeiro no período imperial. A constituição das famílias, a definição dos papéis e das relações de poder, a religiosidade e a educação são aspectos abordados por ele.

A população do Brasil, nesta época era aproximadamente de sete milhões de habitantes constituídos de brancos, mulatos livres, negros escravos, nativos africanos libertos e índios. Considerando a grande miscigenação entre estes habitantes a mistura se dava entre “brasileiros brancos com gente de cor. De europeus com ameríndios. De portugueses com negras” (FREYRE, 2008, p.65).

Ainda sobre a miscigenação no Brasil, Gilberto Freyre (2008, p. 65-66) encontrou “muito variada e interessante mistura de raças” como ele mesmo denominou: havia brancos, ameríndios e negros e ainda o “inglês de pele clara, o americano pálido, o português trigueiro, o brasileiro mais corpulento, o negro alegre e o índio apático, mas de físico gracioso”. Isso permite inferir como foi constituído o povo paraense na época do Império. Segundo este autor, a sociedade em que estava inserida grande parte dos brasileiros comparava-se à Idade Feudal, tal era o grau de atraso. Os índios e os negros inseriam-se em uma cultura primitiva. De acordo com o mesmo autor, essas diferenças culturais formavam diversos Brasis: “O Brasil dos meados do século XIX não era só constituído por vários e diversos Brasis quanto ao tempo ou à época vivida por diferentes grupos da população brasileira” (FREYRE, 2008, p.61).

A sociedade nesta época era patriarcal. Um exemplo é a relação de trabalho entre senhores e escravos. Segundo Freyre (2008), ao final de um dia de trabalho no engenho, por exemplo, os trabalhadores pediam a benção ao senhor e à senhora após a última refeição do dia e antes de dormir: “(...) Pediam a benção levantando a mão direita. Nessa ocasião o senhor e a senhora diziam: ‘Deus te abençoe’, e ao mesmo tempo faziam o sinal da cruz” (p. 81). O patriarcalismo, agrário e cristão, caracterizou a convivência entre a maioria dos senhores e escravos na maior parte dos engenhos e fazendas da época, exceto em alguns poucos.

Na cidade, o patriarcalismo era exercido em casa pela supervisão da senhora, a dona da casa. Entre suas diversas funções domésticas, estava a de ensinar as orações do Padre-Nosso, o Credo e a Ave-Maria às crianças: seus filhos e aos moleques ou cabrinhas, que serviam aos sinhozinhos. O que revela que o senhor tinha uma atitude de verdadeiro patriarca à maneira romana. Dentro da casa a mulher exercia algum poder, fora da casa, ela era apenas a mulher que vivia à sombra do marido. Os papéis exercidos pelo Senhor e pela Senhora fossem eles donos de engenho ou moradores da cidade, nos dá uma ideia do poder e da função que cada um deles exercia sobre os filhos. Fica evidente que nesta sociedade patriarcal, o marido comanda tudo em seguida a mulher exerce apenas algum comando sobre as tarefas domésticas. Cada um tem seu papel e poder definido. A imagem a seguir ilustra um cartão de visita da cidade de Recife no século XIX, com uma mãe e a criança em seu colo, ou seja, o papel predominante da mulher era o de ser mãe:



Imagem 1: Retrato de mãe com criança. Cartão de visita de Alberto Henschel. Recife, 1866-1877 Fonte: Koutsoukos, Sandra Sofia Machado. No estúdio do fotógrafo: representação e autorepresentação de negros livres, forros e escravos no Brasil da segunda metade do século XIX. p. 336

No que se refere aos membros da família no Brasil, na família de engenho, por exemplo, estavam bem determinados os papéis de cada um desde a época colonial. Quem comandava a família era o senhor e na ausência dele, a senhora. A ele se subordinavam a mulher, os filhos e os demais parentes, conforme descreve Del Priore e Venâncio (2010):

No centro de sua família, o senhor de engenho devia irradiar autoridade, repeito e ação, sob seu comando dobravam-se filhos, parentes pobres, bastardos, afilhados, agregados e escravos. Uma esposa, às vezes bem mais jovem, movia-se a sua sombra. Ela vivia para gerar filhos, desenvolvendo também uma atividade doméstica, - costura, doçaria, bordados – alternados com prática de devoção piedosa. Na ausência do senhor, contudo, assumia as responsabilidades com vigor igual ao do marido. Sua família era a formulação exterior de uma sociedade, mas não o do domínio sexual. A possibilidade de se servirem de escravas criou no mundo dos senhores uma divisão racial do sexo, a esposa branca era a dona de casa, a mãe dos filhos. A indígena, e depois a negra e a mulata, o território do prazer (DEL PRIORE & VENANCIO, 2010, p. 48).

Este trecho também evidencia o papel da mulher branca, da índia, da negra e da mulata na vida íntima do senhor de engenho. A primeira era a mulher para casar e ter filhos, não para sentir prazer; as demais eram para servir ao senhor no seu prazer sendo que ainda assim, havia uma distinção. A índia era a preferida, em seguida a negra e por fim a mulata.

Outro aspecto importante em relação à família patriarcal é a observação das moradias. Em sua constituição, revelam que a quantidade de quartos poderia significar que as famílias daquela época eram formadas por muitos membros e recebiam hóspedes

como observou Freycinet (*apud* FREYRE, 2008, p. 91) que “as casas dos sobrados com uma sala de visita, sala de jantar e muitos quartos, mostram que a família era numerosa e que gostavam de receber visitas de amigos para o jantar.” Em quase todas as refeições das casas desta época a religião aparece às orações na hora do agradecimento, seguido pelo sinal da cruz.

Ainda sobre a religião, destaca Gilberto Freyre (2008) sua importância na vida da família brasileira na época imperial. A educação tinha influência católica. As crianças aprendiam com suas mães a serem piedosas e a temer a Deus. As mães, as avós e os mestres contavam histórias sobre a Virgem Maria e o Menino Deus e aprendiam a rezar. Cada criança tinha como rotina fazer orações ao levantar e na hora de ir dormir e antes de se recolher pedia a bênção para os pais e as pessoas mais velhas. De acordo com o que descreve Freyre:

A religião – a católica, é claro – exercia função importante na vida da família do Brasil nos meados de século XIX. A educação doméstica, isto é, a tarefa não só de educar como de instruir meninos e meninas nas casas patriarcais, tinha profundo cunho católico. As crianças aprendiam com as mães a ser piedosas, temendo a Deus Todo-poderoso: um Deus que via tudo o que se fazia entre os homens e registrava em enorme caderno, para futuro castigo, todos os pecados de adultos e de meninos. Ouviam de mães, de avós, de mestres, histórias da Virgem Maria e de seu filhinho – o Menino-Deus – que se tornara Homem e Salvador dos Homens. Aprendiam a rezar o Padre-Nosso, o Credo, a Ave-Maria, a Salve-Rainha e o catecismo. Fazia cada um orações ao levantar-se, pela manhã, e à noite, ao recolher-se. Quando iam dormir, aproximavam-se dos pais e de todas as pessoas mais velhas para receber a bênção (FREYRE, 2008, p. 93-94).

A religião também estava refletida nos costumes das pessoas e no espaço que lhe dispunha das casas e engenhos. Geralmente as casas possuíam um oratório com imagens em redomas de vidros e tinham como função reunir a família para o culto, onde ficavam reunidos os pais, os filhos, compadres, afilhados, a parentela e os escravos domésticos. Alguns engenhos também havia capelas para as orações e velórios. Nestas capelas os mortos queridos da família eram enterrados de modo que mesmo após o seu falecimento, os entes estimados pudessem continuar próximos aos seus parentes vivos.

Além da influência da religião na disciplina das crianças, o castigo também fazia parte desta educação doméstica, quando não era respeitado o temor a Deus. Castigo este estendido às moças, aos rapazes e aos escravos; executado pela matriarca com um chicote:

A disciplina doméstica tinha por base o temor a Deus. Mas se esse lhe faltava, entrava vigorosamente em ação o chicote. A severidade era frequentemente, exagerada. Rapazes de quinze anos eram castigados por ofensas que um pai de época posterior consideraria leves. (...) As moças nunca tomavam parte na conversa dos mais velhos, a não ser quando especialmente eram convidadas. Os escravos eram espancados quando surpreendidos em maus feitos, e punidos com o ‘tronco’ ou com a ‘máscara’, quando apanhados em vícios perniciosos ou em flagrantes de furto. A senhora trazia quase sempre um chicote. O francês um tanto feminista Exipity colocou o manejo do chicote entre as principais ocupações da matrona brasileira (FREYRE, 2008, p. 94).

A educação feminina começava em casa e aos oito ou nove anos, a menina de mais idade era enviada para um internato, onde ficava até os treze ou catorze anos. No internato ela ia aprender diversas atividades, tais como: música, dança bordado, orações e alguma língua estrangeira como francês ou inglês. Assim como cedo as meninas saíam de casa para estudar, o amadurecimento delas também chegava cedo, Freyre (2008, p. 95) relata que aos “quatorze ou quinze anos a menina vestia-se já como uma grave senhora” e conseqüentemente os casamentos aconteciam por volta dessa mesma idade, em sua grande maioria das vezes decidido pelos pais ou pelo pai da moça, em casos raros ela mesma escolhia. E não menos previsível, assim como o casamento, os filhos frutos dessas uniões também eram precoces. De modo geral aos quinze anos, a moça já era mãe. E assim a juventude das moças passava muito rapidamente.

Quanto à educação dos meninos, deste os oito anos já eram tratados como homenzinhos, de acordo com o mesmo autor, aos dez anos o menino já era uma “caricatura de homem” (FREYRE, 2008, p. 99). A educação brasileira por ser nesta época, patriarcal favorecia a formação prematura do menino. Ao contrário da moça que aos quinze anos já estava pronta para o casamento e isenta de estudos, os meninos de famílias abastadas, ricas ou remediadas iam para os colégios internatos. Eles estudavam gramática, retórica, história sagrada, geografia, por exemplo. Ao finalizar os estudos nos colégios internatos, os meninos continuavam os estudos na escola superior para fazer academia de Direito ou Medicina.

Sobre o mesmo tema há ainda o estudo de Mary Del Priore (2010) como uma referência para conhecer e entender sobre a história da infância/criança no Brasil. Os estudos da autora mostram que existe uma grande distância entre o mundo infantil descrito pelas organizações internacionais, pelas não governamentais e pelas autoridades do mundo em que a criança está inserida cotidianamente. Ela evidencia a existência de dois mundos: o mundo da imagem ideal da criança feliz e o mundo real, o

da barbárie, do trabalho infantil, da exploração sexual de crianças, do tráfico de drogas dentre outros problemas existentes não só no Brasil como em outros países como a Tailândia, Inglaterra, África. São mundos opostos, como esclarece: “imagens radicais de sociedade *versus* exploração” (DEL PRIORE, 2010, p.9).

A urgência de pensar estas questões sobre a infância/criança e sua historiografia é uma preocupação geral tanto para especialistas como para não especialistas. Nas palavras da mesma autora: “O estudo das representações ou das práticas infantis é considerado tão importante que a historiografia internacional já acumulou consideráveis informações sobre a criança e seu passado” (DEL PRIORE, 2010, p.9).

A referida historiadora fala ainda sobre a história da infância no Brasil destaca o artigo “O cotidiano da criança livre no Brasil entre a Colônia e o Império” em que descreve a vida das crianças ao abordar sobre temas como o nascimento, os cuidados com a higiene, a alimentação, os cuidados maternos, a mortalidade, as práticas religiosas, o relacionamento afetivo entre pais e filhos, o castigo físico, as brincadeiras e a educação. Neste mesmo artigo estão algumas das palavras que eram usadas para definir a criança nos primeiros séculos da colonização na América Portuguesa, isto é, o que mais tarde seria chamado de Brasil: “miúdos, ingênuos, infantes” (DEL PRIORE, 2010, p.84). No texto de Galeno, citado nos manuais de medicina entre os séculos XVI e XVIII, a infância também era definida como “puerícia” e tinha como qualidade ser quente e úmida e estava compreendida desde o nascimento até os 14 anos. Del Priore explica que o que é puerícia para Galeno é o que corresponde a aproximadamente ao mesmo período da infância na atualidade.

Luciana Pinheiro (2003) que também realizou um estudo a respeito da criança no Brasil nos anos finais do Império intitulado “A civilização do Brasil através da infância: propostas e ações voltadas à criança pobre nos anos finais do Império (1879-1889)”, em que apresenta como objetivo principal estudar o problema da infância pobre a partir da atuação de Chefes de Polícia da Corte, Ministros da Justiça, Presidentes da província do Rio de Janeiro e Juízes de órfãos da capital imperial, entre 1879 e 1889, diante do problema dos “menores abandonados” da cidade, a autora parte da lei nº 2040 de 28 de setembro de 1871, que libertou os filhos recém-nascidos das escravas. E segundo o texto do “Ventre Livre”, era de responsabilidade dos senhores decidirem pela entrega das crianças libertadas ao governo imperial, mediante indenização, ou continuar utilizando a mão de obra desses menores. Mesmo que tivesse sido inexpressivo o

número de crianças entregues ao governo a partir de 1879, foi possível observar como ocorreu o futuro da infância pobre como um pensamento central dos dirigentes do Império. A delimitação temporal do trabalho de Luciana Pinheiro teve como objetivo mapear as propostas e ações das autoridades, dos anos de valorização da infância ao término do período imperial brasileiro. Os resultados deste estudo apontaram que:

Levando-se em consideração o fato de que boa parte dos 146 menores pobres seguramente foram tutelados sob a justificativa de que suas mães não tinham condições de educá-los, pode-se afirmar que muito pouco importava aos juízes de órfãos da 2ª Vara o bem estar da infância. Afinal, é pouco possível que eles não soubessem da exploração e dos maus tratos sofridos pelos tutelados e, mais do que isso, que não pudessem usar de sua autoridade visando resolver a situação, caso seu interesse fosse, de fato, defender a criança de influências consideradas negativas.

A frequência com que se mantinha a prática da tutela de menores pobres para tutores de posse deixava evidente que proporcionar mão de obra barata às camadas bem situadas, inserindo, ao mesmo tempo, a infância no mundo do trabalho era o grande interesse dos juízes de órfãos cuja documentação analisamos. Ainda que os criados tivessem nas ruas o local de realização de boa parte de suas tarefas domésticas cotidianas, a vigilância em relação à sua conduta agora dependeria também de seus patrões. Desta maneira, o Estado dividia seu papel de agente civilizador com a sociedade que o cobrava bons resultados (PINHEIRO, 2003, p.135-6).

Pinheiro (2003) mostra como é possível realizar um estudo no período do império no Brasil e a relevância de pesquisar assuntos para uma melhor compreensão da história da criança e neste caso exemplificado a criança pobre. Os resultados demonstraram como eram realizadas políticas públicas para amparo do menor abandonado, filho de escravas e que após a lei do ventre livre, o destino destas crianças cabia na maioria das vezes aos senhores de escravos e também aos juízes.

1.2. A Escravidão e as Amas de Leite na Província do Grão-Pará

As amas de leite eram escravas que trabalhavam nas casas e asilos, cuidando de bebês e crianças, exerciam atividade remunerada por contra própria alugando-se ou sendo alugadas por seus senhores. Inicialmente a vinda dos escravos para a Amazônia foi para suprir a necessidade de mão de obra escrava para trabalhar nos engenhos de açúcar, plantações e na extração de bens que pudessem ser vendidos. A atividade da ama de leite era uma das atividades exercidas pelas negras que chegaram à Província do

Pará, pela necessidade dos senhores de ter criadas para amamentar e cuidar de suas crianças.

Compreende-se melhor a função da ama de leite quando se estudar sobre os negros na Província do Grão-Pará. A respeito deste assunto, os estudos de Bezerra Neto (2001) sobre o século XIX, apontam que o negro também fez parte da constituição do povo paraense, assim como o índio e o português, formando a mestiçagem descrita nos relatórios dos viajantes como Avé-Lamellant (*apud* BEZERRA NETO, 2001, p. 46). Segundo esse autor, “o negro azeviche, do tapuio pardo-escuro até o mameluco quase branco, todas as cores, todas as formas estão ali representadas”. E quando os escravos eram anunciados no jornal como fugitivos, eram descritos como negros, crioulos, cafuzos, curibocas e tapuios pelos senhores de escravos, em nenhum momento eram descritos como brancos, supõe-se que esta mesma forma de anunciar também seja válida para as escravas.

A cidade de Belém do Grão-Pará do início do século XIX da qual estes negros são descritos, era uma cidade relatada por Palha (2011) como uma cidade formada por:

moradias brancas caiadas de tetos vermelhos. As janelas eram sem vidraças, em sua maioria, sendo mais comum as de rótula (...). Outras casas apresentavam-se em estado mais precário, feitas de algumas estacas de madeiras que cercavam quintais, invadidos pelo mato, encontravam-se quebradas e pelos buracos de cerca circulavam animais. Havia também construções públicas notáveis, sendo as únicas em grandiosidade, como as igrejas e conventos com suas torres e cúpulas que chamavam a atenção de um viajante quando chegava à cidade. (PALHA, 2011, p.22).

Nota-se na descrição de Palha (2011) que a cidade encontrava-se em desenvolvimento, com o contraste entre casas simples e construções públicas grandiosas.

Almeida (2003) apresenta a visão da cidade de Belém na segunda metade do século XIX, como uma cidade que viveu intensamente a urbanização e o processo de modernização com o desenvolvimento da economia da borracha. O que resultou na mudança da arquitetura da cidade, em que diversas casas foram edificadas, desde a Alfândega até o Forte do Castelo, as ruas receberam melhorias. A capital da Província do Grão-Pará acompanhava o progresso semelhante ao dos chamados centros avançados do Brasil e do mundo.

No que se refere ao contexto social, político e econômico da cidade de Belém, a população vivenciou o movimento cabano nos anos trinta e as suas repercussões do mesmo na política imperial de “manutenção da ordem”. Princípio este que esteve

presente ao logo do século XIX e com mais intensidade na segunda metade do mesmo século, de modo que na política, como na vida em sociedade, a ordem era adequar o modo de vida dos populares ao modo de vida ditado pela classe da elite dirigente. Atrélado e esse contexto havia uma elite que necessitava da camada pobre que vivia na Província do Grão-Pará.

Nota-se então que a “manutenção da ordem” passa não só por questões de políticas públicas e sociais, mais também pela higiene e pela mudança de hábitos no núcleo familiar da elite paraense, assim como na modificação dos costumes familiares. Mas para que se tenha uma melhor compreensão dessa mudança na sociedade é preciso que se conheça o papel do negro na história e na formação da sociedade paraense.

O livro “*O Negro no Pará*” de Vicente Salles (1987) trata sobre o negro na sociedade escravocrata do Brasil-norte como sendo peça humana na história do negro. Esse trabalho permite que se conheça o negro sob a ótica de uma pessoa, um ser humano e não como um objeto do senhor de escravo. A tese de Salles (1971) é a de que o negro, embora tenha substituído o índio na lavoura, não foi tão necessário na Amazônia como no restante do Brasil. Na Província do Grão-Pará também existiu o regime senhorial semelhante ao do restante do Brasil.

Os visitantes que aportaram na capital da Província do Grão-Pará nesta época do século XIX, descreveram os negros e as negras que circulavam nas ruas da cidade. Sobre as negras o viajante João Affonso do Nascimento (*apud* SALLES, p.115) comenta que elas “trajavam-se vistosamente e com certo luxo”. Sobre a mulata paraense, em seu relato é possível observar o tipo físico e o trabalho que ela exercia, entre essas funções encontra-se a da ama seca que é a ama que cuida da criança, mas não a amamenta diferente da ama de leite que tem essa como sua principal função.

De acordo com o referido viajante entre suas figuras regionais inconfundíveis, a *mulata* se fazia presente pela Província do Grão-Pará como cozinheira ou costureira, amassadeira de açai ou vendedeira de tacacá, ama-seca ou criada de servir, a mulata paraense era sempre original no seu vestir, não abrindo mão dessa vaidade.

Em geral, bonita, feições de mestiça, robusta, elegante, amando o asseio e os perfumes fortes, feito de raízes e ervas nacionais, a peperioca, o cipó-catinga, a mucura-caá, ela usava corpete decotado de mangas curtas e tufadas, saia pelos tornozelos, toda em roda da mesma altura, de folho em beira; as mesmas chinelinhas de luxo que já vimos calçando, pro formula, a negrinha do Maranhão. (*apud* SALLES, p.116).

Esta descrição física, da vestimenta e do trabalho que a mulata exercia, demonstra quem eram as mulheres que poderiam exercer a função tanto de ama seca como de ama de leite na Província do Grão-Pará.

Outra estudiosa da área que faz referência à mão de obra escrava na Amazônia descreve as funções exercidas por escravos e escravas é Batista (2002). Para ela a mão de obra na Amazônia era considerada secundária na região e o número era variável, havia senhores que possuíam de 1 a mais de 60 escravos que exerciam as funções de pedreiros, carapinas, lavradores, carpinteiros, e as escravas, por sua vez, de engomadeiras, amas de leite e domésticas. Salles (1971) explica que o escravo constituía propriedade individual, com exceção dos que pertenciam às ordens religiosas, à Santa Casa de Misericórdia ou instituições congêneres. Quando o Estado tinha necessidade desse tipo de mão de obra, alugava-os de proprietários de escravos para realizarem serviços de limpeza urbana, calçamento das ruas, entre outros serviços.

A divisão social do trabalho na Província do Grão-Pará foi o mesmo estabelecido no Brasil, um sistema escravocrata com as mesmas características e especializações. Havia negros de ganho, negros de aluguel, domésticos, agricultores e lavradores, artífices, empregados nas obras públicas etc. Destacamos desse sistema, os negros de aluguel e os domésticos que interessam para o estudo sobre a ama de leite. Alugar um escravo era a maneira que o senhor de escravo tinha para tirar proveito do investimento realizado na aquisição do escravo. Salles (1971) explica que esta classe de senhores de escravos era a mais numerosa e na maioria das vezes vivia da renda obtida no negócio. E o negro com bom físico e boa saúde foi considerado mercadoria cara no Pará colonial e alugado por nada menos de 100\$00 réis. Além de pagar pelo aluguel, o alugador tinha que sustentar o escravo. Salles (1971) exemplifica esse tipo de negócio em Belém do Pará:

(...) o negro alugado rendia 300 réis diários, 1\$800 por semana de 6 dias de trabalho; 7\$500 por mês de 25 dias de trabalho (excluindo domingo e um dia santo de trabalho; 89\$000 por ano; 112\$500, em quinze meses, acontecendo do escravo não adoecer ou desertar, ressarcia apenas o aluguel, o capital empatado (SALLES, 1971, p.170).

O valor do aluguel de ama de leite em 1850 podia ser contratado como cria por 500\$00 e seu aluguel rendia 320\$00 réis. Salles (1971) também apresenta alguns anúncios de aluguel de amas de leite: “Quem precisar de uma ama de leite sem cria,

trate com José Gonçalves da Rocha, junto ao muro de Santo Antônio, o seu aluguel”. (SALLES, 1791, p.171). Este anúncio trata sobre uma ama de leite sem cria para ser alugada, assim como o nome do possível proprietário da ama e o local para tratar do negócio, conforme o anúncio citado: “Aluga-se uma magnífica ama de leite parida há poucos dias, e sem cria, a quem for tão bom alugador, como ela merece, a tratar do ajuste com o baixo assinado. - Manoel Raimundo Gomes” (SALLES, 1791, p.171). Este anúncio, ao contrário do anterior, enfatiza a qualidade da ama como magnífica e informa que ela havia parido recentemente, sendo que o aluguel incluía a sua cria, além disso, destaca-se ainda a preocupação do anunciante com a ama em alugar para um bom alugador e o nome do mesmo.

Assim como as amas de leite que eram alugadas, também existiram as que faziam parte dos negros domésticos, isto é, faziam os serviços da casa. Em Belém do Pará, em 1820, este serviço realizado pelos negros era raro em relação às demais regiões do Brasil, mas existiu. Este trabalho era quase sempre realizado pelos índios, destaca Salles (1971). Os serviços domésticos não estavam restritos apenas as mulheres. Abrangiam também aos homens, geralmente, era os negros responsáveis por este serviço estavam divididos em escalões de acordo com a hierarquia da família, havia os negros de sala e cozinha, mucamas, aios e aias, pajens, arrumadeiras, lavadeiras, cozinheiras etc. Sua função não estava restrita apenas a casa, eles também saiam para a rua para fazer compras em feiras e mercados.

Salles (1971) explica que os domésticos não se confundiam com os demais escravos como os de aluguel e os de ganho, porque estes escravos que representavam uma espécie de “casta” especial dos escravos foram os responsáveis por diminuir a distância entre os senhores e os escravos e também gozavam de alguns privilégios especiais, como um tratamento diferenciado dos demais. Eram vendidos nas horas em que havia poucos recursos dos senhores, em que estes faziam qualquer negócio anunciado em jornais para serem vendidos ou alugados, como comprado ao aluguel de uma ama de leite: “Precisa-se alugar uma ama-de-leite, sadia e de bons costumes; quem a tiver, dirija-se à casa de D. Tomásia Maria Perdigão Ribeiro, na rua dos Cavaleiros, que achará quem a tratar” (SALLES, 1971, p. 173).

Nesses estudos foi possível ter uma visão sobre a presença da ama de leite na Província do Grão-Pará e como ela estava situada em relação aos negros e a família da elite burguesa, que era a família que tinha posses e condições econômicas para ter um

ou mais escravos, assim como era a quem se destinavam os anúncios de jornais com venda, compra e aluguel de amas de leite, por ser detentora de posses, situação econômica favorável e o público que lia os jornais, uma vez que os negros escravos não tinham acesso a esse tipo de informação e nem condições para comprar um jornal. A seguir os anúncios de jornais sobre amas de leite na capital da Província do Grão-Pará no século XIX.

SEÇÃO II

A AMAMENTAÇÃO E OS DISCURSOS DOS MÉDICOS HIGIENISTAS SOBRE A CRIANÇA E AS AMAS DE LEITE NO SÉCULO XIX



No Brasil, a partir de meados do século XIX, com as constantes epidemias de febre amarela e cólera que assolavam as cidades, aumentou a pressão, por parte dos médicos higienistas, para que os bebês brancos passassem a ser amamentados por suas próprias mães. Além da tentativa dos médicos de criar a “mãe higiênica”, na década de 1880 surgiram propostas de regulamentação do serviço de criadas e amas de leite, com constantes exames médicos em clínicas que eram montadas para isso, visando dar mais garantias aos patrões de que seus filhos, caso não houvesse outro jeito e precisassem ser nutridos por amas de leite, estariam mais bem protegidas contra uma série de doenças e germens de moléstias “suspeitas”, que os médicos acreditavam que as amas podiam lhes transmitir.

KOUTSOUKOS, 2006, p. 131

Nos anos finais do século XIX, houve uma revolução na medicina referente à amamentação e a mudança dos hábitos de higiene das famílias nos cuidados das crianças. A diminuição da oferta de amas de leite, o frequente exame das amas por médicos com a finalidade de evitar a transmissão de doenças para as crianças e a introdução de alimentos artificiais no cardápio infantil são algumas das mudanças encontradas no século XIX. Vejamos a seguir uma breve história da amamentação e das amas de leite nas teses médicas desenvolvidas no século XIX e suas relações com a criança.

2.1. Uma breve história sobre a amamentação

A amamentação é uma função biológica e histórico-cultural. Do ponto de vista biológico, no estudo realizado por Cristine Gusman (2005) a amamentação é a maneira mais eficiente de atender aos aspectos nutricionais, imunológicos e psicológicos do bebê recém-nascido. No que se refere à perspectiva histórico-cultural, a amamentação é detalhada por Bosi e Machado (2005) ao resgatar esta prática cultural do ponto de vista histórico. É importante que as pessoas reconheçam o valor atribuído ao leite humano e saibam que as vantagens nutricionais e afetivas que o leite apresenta atualmente

assemelham-se às mesmas que se apresentaram na prática da amamentação ao longo da história, em diferentes sociedades.

A prática cultural e social de amamentar os filhos através da ama de leite é defendida por Antônio Silva (1990) em sua dissertação de Mestrado como sendo a “prática social mais disseminada, a partir do momento em que a sociedade se estratifica e surgem novas hierarquias entre os indivíduos” (SILVA, 1990, p.9). Em outras palavras, a prática da amamentação pelas amas de leite é fruto de uma divisão de classes. Ainda para este mesmo autor, só havia as seguintes alternativas para a amamentação: a criança era amamentada por sua mãe ou por uma pessoa do seu círculo de relações pessoais. Ele explica que a amamentação realizada pelas amas de leite tinha uma relação econômica anterior ao surgimento do capitalismo. Após o capitalismo, com a mercantilização da relação entre senhores e escravos, esta relação econômica torna-se mercenária, como muitas outras práticas culturais.

Bosi e Machado (2005) realizaram uma abordagem situando o aleitamento materno como um fenômeno sócio-histórico, com repercussões na prática cultural. O estudo realizado por estas pesquisadoras abordou diversos períodos da história da humanidade com o objetivo de evidenciar os diferentes sentidos atribuídos à amamentação, o qual chegou à conclusão de que é possível que o aleitamento artificial seja tão antigo quanto à história da civilização humana. Uma evidência desse fato é a grande quantidade de crianças abandonadas em instituições de caridade, ao longo de vários séculos e durante períodos de dificuldades financeiras, como já se verifica na Antiguidade. Por meio de escavações arqueológicas, segundo as autoras, foram descobertos registros de recipientes em vários sítios ao lado de corpos de lactentes nos séculos V e VII. Tais escavações sugeriam que os gregos recebiam alimentos de outras fontes além do leite materno, servidos por meio de vasilhas de barro encontradas em tumbas de recém-nascidos àquela época. Assim, é possível afirmar por tais indícios que a substituição do aleitamento materno por outras formas de alimentação constitui uma prática muito antiga.

Os mistérios e tabus relacionados ao tema da amamentação também datam do começo da civilização. O Código de Hamurabi² (cerca de 1800 a. C) já continha

² O **Código de Hamurabi** é um conjunto de leis criadas na [Mesopotâmia](#), por volta do século XVIII a.C, pelo rei Hamurabi da primeira dinastia babilônica. O código é baseado na lei de talião, “olho por olho, dente por dente”. As 281 leis foram talhadas numa rocha de diorito de cor escura. Escrita em caracteres cuneiformes, as leis dispõem sobre regras e punições para eventos da vida cotidiana. Tinha como objetivo

regulamentações sobre a prática do desmame, significando amamentar criança de outra mulher, sempre na forma de aluguel (amas-de-leite). Nos textos bíblicos também existem referência à prática das amas de leite e do aleitamento materno. Na escritura sagrada a amamentação é comparada à palavra de Deus e o leite materno é considerado como o leite genuíno: “Desejai ardentemente como crianças recém-nascidas o leite genuíno, não falsificado, para que por ele vades crescendo” A amamentação em Esparta tinha como costume o seguinte: a esposa do rei era obrigada a amamentar o filho mais velho; já as plebeias amamentavam todas as crianças. Para Hipócrates: “somente o leite da própria mãe é benéfico, (sendo) o de outras perigoso” (BOSI E MACHADO, 2005, p.3). O que demonstra a preferência pelo leite materno ao invés do leite de outra pessoa.

A importância do aleitamento materno para a infância também foi encontrada em publicações europeias do final do período medieval e início da era moderna. No século XII, havia uma atitude de indiferença em relação à criança. A arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la, pois, não havia registro de nascimentos e mortes e raramente no diário da família fazia-se referência a elas. As crianças eram representadas por homens de tamanho reduzido, expressando o sentimento de que a criança se diferenciava do adulto apenas no seu tamanho e na sua força. Essa concepção predominou até o fim do século XIII, quando suas formas físicas foram reconhecidas por sua proximidade com os anjos e o menino Jesus.

A descoberta da “infância” expande-se e torna-se significativa no final do século XVI e durante o século XVII, com o advento da modernidade, caracterizando um período de grande avanço na discussão de temas da primeira infância. O estudo de Bosi e Machado (2005) demonstra que no período de 1500 a 1700, as mulheres inglesas saudáveis não amamentavam seus filhos. Mesmo com o reconhecimento do aleitamento materno como um regulador de nova gravidez, essas mulheres preferiam dar à luz de 12 a 20 bebês, do que amamentá-los. Para elas, a amamentação prejudicava seus corpos e as tornava velhas antes do tempo, ideia que ainda predomina nos dias atuais (BOSI E MACHADO, 2005). Com isso, o desmame era iniciado muito cedo, sendo utilizados, em substituição, cereais ou massas oferecidas em colher. Para estas mesmas autoras, as normas médicas e religiosas iam ao encontro desse propósito, pois se proibia a relação

sexual durante o período de amamentação, que deveria ser de 18 a 24 meses, por entenderem que isso tornaria o leite humano mais fraco e com risco de envenenamento em caso de nova gravidez.

O conhecimento médico da época também considerava que o colostro era um leite ruim e que não deveria ser oferecido à criança. A alimentação das crianças deveria ser à base de leite de animais e de um alimento chamado “panado”, feito à base de pão (farinha) e água. Neste período da história, havia um dispositivo na Constituição Francesa, que tinha por objetivo proteger crianças nascidas de famílias denominadas de indigentes. Esse dispositivo legal definia que as amas de leite não poderiam amamentar mais do que duas crianças além da própria e, cada criança deveria ter um berço, a fim de que não corresse o risco de morrer sufocada pela mãe durante o sono.

O hábito de enviar as crianças para serem cuidadas pelas amas foi registrado em diários de chefes de família da grande burguesia parlamentar. De acordo com esses documentos as mães do século XVI amamentavam seus filhos e somente no final deste século ao início do século XVII, a moda de enviar os filhos para casa de uma ama conquistou as famílias de uma maneira irreversível. No século XVIII, o envio das crianças para casa de amas se estende por todas as classes sociais urbanas. Nesse mesmo período ocorre um aumento de mortes infantis, associadas às doenças adquiridas pelas amas de leite. Suas enfermidades contaminavam os bebês e muitas dessas amas, com receio de que estivessem “repassando afeto” aos bebês, passaram a oferecer o leite de vaca em pequenos chifres furados (precursores das mamadeiras). Além disso, se acreditava na época que “através da sucção do leite seria possível transmitir também o caráter e as paixões de quem os amamentava” (BOSI E MACHADO, 2005). No entanto, esse procedimento passaria a acarretar grandes riscos à saúde das crianças, pois além da oferta em um recipiente não esterilizado, as mulheres desconheciam a quantidade exata de água que deveria ser misturada ao leite, bem como o risco de contaminação dessa água.

No que se refere à amamentação no Brasil, os relatos sobre esta prática cultural nos séculos XVI e XVII são imprecisos e contraditórios. Em relação aos antigos Tupinambás, relatos de Bosi e Machado (2005) dão conta de que os filhos das indígenas eram amamentados durante um ano e meio e, neste período, eram transportados em pedaços de pano conhecidos por tipoia ou tipia e ainda que as mulheres tivessem que trabalhar na roça, elas levavam os filhos nas costas ou os encaixavam nos quadris. As

índias nutriam e defendiam seus filhos de todos os perigos, de modo semelhante aos animais. Caso a mãe indígena soubesse que seu bebê tinha mamado em outra mulher, fazia com que a criança colocasse para fora todo o leite que não fosse o seu.

As caravelas trouxeram as doenças dos colonizadores que foram aparecendo nas tribos e contaminaram os índios que não possuíam qualquer defesa orgânica. Esse fato acabou produzindo uma multidão de órfãos desamparados. Como consequência, os jesuítas criaram instituições destinadas a abrigar esses indiozinhos. No século XVII, o abandono de crianças começou a ser percebido entre a população de origem portuguesa. No século seguinte, a população dos principais centros portuários aumentou significativamente, dobrando ou quadruplicando o número de crianças abandonadas.

Era comum que crianças fossem acolhidas em casas de caridade. Bosi e Machado (2005) relatam sobre outro tipo de criança, aquelas cujos pais pudessem pagar as amas de leite pra amamentá-las. Pois esses autores se reportam às amas de leite que acolhiam crianças em troca de um interesse meramente financeiro. O tempo que a criança permanecia na residência das amas quase sempre colocava em risco a vida dos bebês, pois, a alimentação era feita com o leite materno e além deste, o leite *in natura*, acrescido de carboidratos. Essa alimentação não era considerada saudável e nem a melhor para a criança por tratar-se de um recém-nascido.

Os assistentes sociais também se referiam à utilização de instrumentos auxiliares para alimentar as crianças, como o emprego de mamadeiras de vidro e pequenos bules que tinham um bico de borracha adaptado à ponta de saída. Muitos médicos da época, no entanto, atribuíam as doenças comuns da infância ao contato desses instrumentos com miasmas atmosféricos (maus ares).

A morte de bebês na sociedade brasileira começou a ser vista como natural nos séculos XVII e XVIII. Cerca de 20 a 30% dos bebês morriam antes de completar o primeiro ano de vida. As famílias aceitavam a morte porque acreditavam na transformação da criança em anjo. Desse modo, suportavam a dor da perda e consideravam a morte da criança como uma benção do céu. As mortes das crianças eram anunciadas em festas, de acordo com a tradição das mulheres que seguiam esse ritual. Essa forma de expressão da morte infantil escandalizava os visitantes da época. Esses rituais eram marcados por antigas tradições africanas e as autoridades religiosas ficavam espantadas diante do que consideravam uma deturpação dos ensinamentos

cristãos. Nota-se que a morte de crianças estava relacionada com a miséria e o aumento do número de crianças mortas na Roda³.



Imagem 2: Ilustração do abandono de uma criança na Roda dos Expostos, séc. 19 Fonte: <http://leiturasdahistoria.uol.com.br/ESLH/Edicoes/46/artigo242768-3.asp>

Ao mesmo tempo em que ocorria um crescimento da mortalidade, por outro lado, havia a negação da maternidade entre a sociedade burguesa por meio da gravidez indesejada ou do abandono das crianças pelas mulheres escravas, por falta de condições para criá-las. Esse fato levou à prática de mães mercenárias e mães escravas de aluguel, que empregavam inadequadas técnicas de alimentação artificial, levando milhares de bebês à morte. A amamentação pela ama de leite foi outra prática encontrada para substituir o aleitamento materno diretamente ao peito. Entretanto, no início de 1800, o

³ O nome roda se refere a um artefato de madeira fixado ao muro ou janela do hospital, no qual era depositada a criança, sendo que ao girar o artefato a criança era conduzida para dentro das dependências do mesmo, sem que a identidade de quem ali colocasse o bebê fosse revelada. As primeiras iniciativas de atendimento à criança abandonada no Brasil se deram, seguindo a tradição portuguesa, instalando-se a roda dos expostos nas Santas Casas de Misericórdia. Em princípio três: Salvador (1726), Rio de Janeiro (1738), Recife (1789) e ainda em São Paulo (1825), já no início do império. Outras rodas menores foram surgindo em outras cidades após este período.

número de crianças encaminhadas às amas através da Direção Mundial das Amas de leite diminuiu.

No séc. XIX, com a implantação das faculdades e academias de medicina, houve diversas propostas de projetos destinados a combater as altas taxas de mortalidade das crianças abandonadas na roda dos expostos. As mulheres que tinham recursos e que não podiam amamentar eram orientadas pelos médicos a contratar uma ama de leite para cuidar do seu bebê em casa e assim poder observar os cuidados da ama de perto.

Sobre a amamentação pela ama de leite, Elizabeth Badinter (1985) adverte que essa conduta só deveria ser adotada em último caso e que “a babá- uma segunda mãe - seria o personagem central da família burguesa, que logo adquire autoridade sobre a mãe ignorante.” (1985, p.165). A crença da época era que o simples fato de contrariar a ama de leite poderia azedar o leite e os pais preferiam permanecer calados a ter que arriscar a saúde do bebê.

Ainda sobre este assunto, Bosi e Machado (2005) defendem a ideia de que as amas de leite, “simulavam ser boas mães” com o objetivo de conservar sua remuneração o maior tempo possível e para isso, apropriavam-se das crianças, estimulando-as a permanecer grande parte do tempo com elas. O sistema de amas de leite prosperou até fins do século XIX. Depois disso, com a introdução da mamadeira esterilizável, o aleitamento artificial viria substituir a amamentação mercenária.

Na pesquisa realizada por Bosi e Machado (2005) o período da segunda metade do século XIX foi marcado por uma grande quantidade de pesquisas médicas, as quais buscavam um substituto para o leite materno a ser utilizado durante o período de desmame. Dentre esses substitutos descritos na literatura médica estão as seguintes opções: leite de vaca, adicionado de açúcar e água; adição de creme e limonada para aumentar o pH do leite, o que se acreditava favorecer uma melhor digestão do leite pelo trato intestinal, entre outros recursos. Os profissionais de saúde acreditavam que ao propor esses substitutos estavam proporcionando uma melhor nutrição para as crianças. No entanto, essas descobertas levaram apenas a um atraso na prática do aleitamento materno, uma vez que passaram a ser orientadas pelos interesses da indústria de alimentos.

De acordo com Bosi e Machado (2005), os médicos passam a aderir às novas alternativas de alimentos para crianças, prescrevendo-as como benéficas. Essas práticas

associadas a um intenso marketing focalizado nos pediatras foram decisivas na influencia de um novo movimento na sociedade: a “cultura da mamadeira”.

A dinâmica da história da amamentação mostra o percurso pelo qual costumes⁴ e relações de poder se passaram. Cada período da história é revelador dos interesses de classe, da cultura e dos costumes de cada região. Ao longo do tempo a amamentação envolveu também relações de afeto e de saúde, as quais envolviam amas de leite, crianças e famílias. Tais relações foram permeadas pela intervenção médica em relação à saúde da ama e do bebê.

2.2. As teses médicas e o discurso higienista no cuidado da criança

A amamentação pelas amas de leite sofreu os impactos das teses dos médicos higienistas, segundo os quais este tipo de amamentação deveria ser substituído pela amamentação materna e também pela introdução de outros alimentos tais como o leite de vaca e o leite pasteurizado, ou seja, alimentos artificiais.

O avanço científico na busca de novas alternativas para a alimentação infantil possibilitou a alimentação da criança com o leite de vaca diluído, o qual apresentava poucos riscos à saúde da criança. Com alternativas como a pasteurização do leite e a produção em larga escala do leite em pó houve a disseminação da alimentação artificial para as crianças, mudando seus hábitos alimentares. A introdução da mamadeira veio reforçar a alimentação artificial da criança no Brasil.

Para compreender melhor como ocorreram estas transformações e particularmente a influencia médica nesse processo, é necessário retroceder um pouco na história. No livro *Ordem médica e norma familiar*, Jurandir Freire Costa (2004) descreve a vida da família brasileira colonial do século XVIII e colonizada do século XIX, tendo como suporte teórico Foucault, Donzelot e Castel para estudar sobre a relação entre a medicina e o Estado Brasileiro. A tese do autor é a de que a família brasileira foi o instrumento utilizado pelo Estado para controlar a população demográfica e politicamente.

⁴ Compreendemos costume de acordo com a definição de E. P. Thompson (1998, p.14): “Nos séculos precedentes, o termo ‘costume’ foi empregado para denotar o que hoje está implicado na palavra ‘cultura’.

Segundo o autor, a família colonial e patriarcal era formada pelo chefe, mulheres, crianças, agregados e parentes e seu espaço restringia-se a casa. A rua era vista como um lugar do povo, de depósito de lixo e era imprópria para a família.

É importante destacar que estas normas de higiene eram apenas para a família burguesa branca. Pois, acreditava-se ser esta família a que detinha as características para se acomodar, desenvolver os valores da classe, o corpo e o individualismo. As modificações que a medicina higiênica desenvolveu na família foram: a educação dos homens e das mulheres foi voltada para a sociedade, para o salão. Vestimentas e habitações tornaram-se fatores de diferenciação social. O cuidado com as crianças passa a ser da família. Há o combate aos casamentos consanguíneos e a saúde física e psíquica passa a ser tratada de acordo com a ciência.

As teses médicas do século XIX defendem que a amamentação seja realizada pelas próprias mães e não pelas amas de leite, para diminuir a contaminação de doenças e estreitar laços afetivos entre mães e filhos. Koutsoukos (2010) descreve brevemente o contexto em que se encontrava o Brasil em meados do século XIX, quando essas teses foram desenvolvidas. Havia constantes epidemias de febre amarela e cólera que causavam destruição às cidades, o que aumentava a pressão dos médicos higienistas, para que os bebês brancos fossem amamentados por suas próprias mães. Ao lado disso, os médicos tentaram também criar a ‘mãe higiênica’.

A imagem a seguir justifica-se por ilustrar uma mãe amamentando seu filho, embora ela seja uma pintura de 1906, ilustra a ideia que os médicos higienistas queriam disseminar com maior intensidade no século XIX, nas famílias e sobre tudo nas mães para estimulá-las a amamentar os próprios filhos e não deixá-los aos cuidados de amas de leite.



Imagem 3: “Maternidade” óleo sobre tela de Eliseu Viscitti, 1906. Fonte: Koutsoukos, Sandra Sofia Machado. No estúdio do fotógrafo: representação e autorrepresentação de negros livres, forros e escravos no Brasil da segunda metade do século XIX. p. 337.

Em 1880 surgiram algumas propostas de regulamentação do serviço de criadas e amas de leite (livres ou escravas), com constantes exames médicos em clínicas que eram mantidas com o objetivo de dar mais segurança aos patrões em relação a seus filhos. Caso não houvesse outro jeito e as crianças precisassem ser alimentadas por amas de leite, com os exames realizados nas amas, as crianças estariam mais bem protegidas contra uma série de doenças e germens de moléstias ‘suspeitas’, que os médicos acreditavam que elas podiam transmitir.

Leonardo Silva de Paula (2011) realizou um estudo sobre as teses médicas em relação à higiene da infância no século XIX. Sua dissertação intitulada: “Higiene, educação e cuidados com a infância: o discurso médico nas teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1840-1882)” aborda o discurso médico relacionado à higiene da infância, presente em teses defendidas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no período do segundo reinado, e reflete sobre as principais preocupações, intervenções e representações sociais deste tema.

De acordo com Leonardo Silva de Paula (2011), no decorrer do século XIX e em decorrência da urbanização, a medicina passou a ter como preocupação questões que envolviam os cuidados e a higiene dos locais e das pessoas, tais como: a localização de cemitérios, a circulação de pessoas, o controle dos espaços físicos, os cuidados necessários com as crianças e as mulheres. A urbanização e os seus efeitos demandavam, portanto, preocupações maiores com a higiene, como afirma o autor:

Nesse momento o domínio da medicina-higiene se estende aos problemas advindos do processo de urbanização, ocorrido no Brasil durante o século XIX, resultado do crescimento econômico do período e da adoção de diversas ideias civilizatórias europeias, introduzidas no país após a chegada da família real (PAULA, 2011, p.13).

Por meio de seu estudo, Leonardo de Paula (2011) analisa diversas teses produzidas nas faculdades de medicina no século XIX⁵, o que lhe permitiu conhecer o discurso legítimo nestas instituições e observar quais questões foram debatidas, os objetos analisados e os procedimentos recomendados pelos médicos. É com base neste estudo que afirmamos que os médicos passaram a ter um papel fundamental na reflexão de todos os problemas relacionados à urbanização e ao bem estar social nesta época, pois se acreditava que detinham o conhecimento capaz de neutralizar os perigos que ameaçavam a saúde da sociedade e autoridade para falar sobre o tema. Isto porque diz o autor “em meados do século XIX, uma série de fatores, entre eles a posse do diploma de medicina, possibilitava que os médicos ganhassem certa autoridade para a ‘medicalização’ da sociedade”.

Além disso, o pensamento médico brasileiro vinha sendo influenciado pelos modelos de saúde e civilização europeias, os quais defendiam a importância da conscientização e de uma política voltada para a higiene pública. Os médicos acreditavam que a higiene seria uma solução para diversas doenças e além de suas funções técnicas, também exerciam o papel de educadores da sociedade ensinando aos indivíduos regras de higiene em todos os sentidos: higiene alimentar, doméstica, de como se comportar em caso de doenças contagiosas, etc, descritos em suas teses.

Os cuidados com a higiene das crianças nas teses pesquisadas por Paula (2011) envolvem os cuidados com a gravidez, cuidados após o parto, os banhos, a vestimenta, o sono, o aposento do recém-nascido, leituras higiênicas, vacinação, cuidados com os dentes, amamentação. Para melhor esclarecer cada um deles, passaremos a especificá-los a seguir.

⁵ O autor defende que a produção científica daquele período, as teses, foram documentos importantes que viabilizaram conhecer algumas reflexões e intervenções elaboradas pelos médicos para os indivíduos e para a sociedade. Desta forma, em seu estudo foram analisadas 16 teses sobre higiene na infância, escritas em formato dissertativo.

2.2.1. Os cuidados com a gravidez

No que se refere aos cuidados no início do período da gravidez, os médicos apontaram uma série de cuidados que as mulheres deveriam ter. Dentre eles, destaca-se a necessidade da mulher ter uma boa alimentação, para que os filhos nascessem saudáveis e que fizessem uso de roupas apropriadas para a criança.

Com relação à alimentação, Portugal (1853) destaca que as mulheres grávidas não deviam comer couve e feijão, por serem alimentos de difícil digestão, e que o chá e o café deviam ser consumidos com moderação. Mello (1846), em sua tese também não recomendava alimentos indigestos e aqueles considerados excitantes; Gomes (1852) desestimulava o uso de bebidas alcoólicas no período da gravidez. Mello (1846) e Portugal (1853) alertavam sobre o perigo de a mulher grávida tomar banho frio, o que, segundo eles, poderia provocar o aborto. Estes, ainda, em suas teses de final de curso, sugeriram que as mães abandonassem seus caprichos e passatempos antes de dar à luz seus filhos. Condenavam o comportamento das mulheres que dançavam e cantavam estando grávidas. Diversos médicos analisados interferiram no modo de vestir das mães, sugerindo para que elas optassem por roupas largas. Portugal (1853), além de defender como confortável o uso dessas roupas, atentava para a inconveniência daquelas usadas pelas mulheres para irem aos bailes, teatros e saraus, considerando não serem apropriadas para a criança.

Portugal (1853) recomendava que, durante a “prenhe”, a mulher necessitava de repouso, vida casta, passeios moderados. Condenou as paixões fortes, julgando que estas poderiam provocar o aborto. Gomes (1852) também censurou as paixões expansivas e deprimentes, considerando que poderiam prejudicar a criança.

Sobre estas recomendações sobre os cuidados da criança, foi constatado que: “a medicina atribuía à mulher a responsabilidade central pela família.” Pois a função da mulher nesta época, para muitos médicos, devia ser restringida à reprodução e criação dos filhos. Neste caso, cabia à mãe a responsabilidade da formação de futuros homens e mulheres, sendo ela uma “importante ponte entre a esfera social e a doméstica.” O modo de vestir-se, comportar-se e divertir-se da mulher também foram alvos da interferência dos médicos, o que reforçou esta ideia de que as mulheres deveriam estar restritas às suas funções de educar, criar e tomar conta da casa.

2.2.2. O nascimento e a higiene do recém-nascido

Os cuidados sobre a higiene após o nascimento são os descritos por Machado (1874), que acreditava que a fase do nascimento é a que precisa de maiores cuidados. Para Machado (1874), no recém-nascido, existe apenas em germe o atributo necessário para se tornar um homem completo e perfeito; se limitasse apenas aos seus próprios recursos não resistiria. Em sua tese de conclusão de curso, Machado (1874) demonstrou como a preocupação com a primeira infância é extremamente ligada ao que os médicos consideravam a “continuação da espécie”, ou melhor, o futuro da pátria. Para ele, a educação assegurava o desenvolvimento do bebê, permitindo o aperfeiçoamento do ser em construção, sendo a mãe detentora de um papel fundamental no processo educativo do filho. A mãe era a figura principal nos cuidados com as crianças, no entanto poderia haver o envolvimento do pai e dos outros membros da família.

Em algumas teses analisadas, médicos delegavam grande responsabilidade ao parteiro em prestar cuidados à criança logo depois de nascida, com grande preocupação em relação aos cuidados relacionados com o cordão umbilical.

Duque (1864), ao refletir sobre os procedimentos necessários ao cordão umbilical, recomendou em detalhes os cuidados para não ferir a mãe, nem a criança. Ele sugeriu que, com uma tesoura, bisturi ou navalha devia-se cortar o cordão umbilical de três a quatro polegadas de sua inserção umbilical. Advertiu sobre o perigo de cortar-se muito rente o cordão umbilical, correndo o risco de atingir parte da pele do ventre. A esse respeito, Costa (1840) também faz comentários ensinando que ao cortar o cordão umbilical é mais recomendada a “secção” à ligadura; porque a secção permite um melhor exame do que a ligadura, já que esta precisa ocorrer sobre o leito de trabalho. Orienta que a secção deve ser feita a quatro dedos travessos do abdome, com uma tesoura ou um bisturi que não estejam enferrujados.

Portugal (1853), por sua vez, considerou necessária a secção após o parto, caso a criança nascesse saudável e sanguínea. De acordo ele, não se devia esperar que o parto estivesse complementado, conforme aconselhavam alguns práticos da época. Urculo (1882) em sua tese defendida em 1882, no capítulo primeiro, artigo I, também propôs alguns cuidados. Primeiro, ao cortar o cordão umbilical e fazer o curativo recomendou misturar uma gema de ovo em água morna e banhar a criança, para retirar o ‘indulto’ que a recobria após o nascimento e depois enxugá-la com panos aquecidos.

Os doutores Duque (1864), Cerqueira (1882), Costa (1840) e Portugal (1853) comentam em suas teses sobre a ideia de que fazia parte do trabalho do médico-parteiro a obrigação de desenrolar o cordão umbilical do pescoço ou de qualquer outra parte do corpo da criança, e de retirar qualquer obstáculo que pudesse obstruir a respiração da criança.

Mello (1846) fala sobre a importância dos carinhos e da vigilância da criança logo após o nascimento e também sobre o perigo das parteiras que ameaçavam a vida das crianças com práticas insensatas, como a comum tentativa de endireitar o crânio e outras partes quando as julgam defeituosas. Outra questão levantada por alguns médicos em suas teses era sobre a utilização ou não dos “ungentos” e substâncias com fim curativo, para apressar a cicatrização do cordão umbilical. Mello (1846) e Costa (1840) condenaram essa prática, alertando sobre esta prática ser prejudicial para a saúde das crianças. Costa (1840) complementou esse raciocínio ao condenar o uso de substâncias como o tabaco em pó, o fumo em folha e os óleos de copaíba, pois eram irritantes e poderiam provocar um resultado inesperado. Observa-se que em suas teses sobre os cuidados com o recém-nascido, os médicos intervinham nas práticas e superstições e davam sugestões do modo correto de proceder com o recém-nascido.

2.2.3. O banho e o asseio do recém-nascido

No que se refere às preocupações com o banho e o asseio das crianças nas teses médicas, Duque (1864) recomendava que ao primeiro banho se fizessem as seguintes etapas, para limpar a criança de matérias escoadas na ocasião do parto:

começa-se por untar-lhe todo o corpo com óleo e manteiga fresca e sem sal, ou, o que ainda é melhor, com uma gemma de ovo desfeita em uma pequena porção de água que, desta sorte, se emulsiona facilmente com as matérias gordurosas do ducto sebaceo. Depois, com uma esponja macia ou com fios, ou com pannos usados limpa-se a pelle e mergulha-se a criança n’um banho que já deve estar de antemão preparado (DUQUE, 1864, p.19).

Doutor Costa (1840) também comenta sobre a necessidade de se limpar a criança do sangue e do “inducto caseosa” que cobre a criança após o parto, utilizando-se água e sabão, em seguida untá-la com manteiga ou gema de ovo em um banho morno.

Machado (1874) recomenda apenas o uso do sabão e de água morna para retirar a camada de matéria gordurosa que envolve a criança recém-nascida. Ele condenava a

prática de misturar bebidas alcoólicas na água do banho, pois isso poderia causar alguma irritação na mucosa das fossas nasais e “*bronchia*”. Criticou também o hábito muito comum no interior de banhar a criança no sangue quente de certos animais, buscando assim legitimar o conhecimento científico e desqualificar crendices da época. Paula (2011) afirma que a ideia de acrescentar ou não substâncias ao banho das crianças provocava muita divergência entre os médicos. Doutores como Portugal (1853) e Duque (1864) orientavam às mães que preparassem banhos com um pouco de vinho e aguardente para animar a criança quando ela nascesse fraca, ao contrário de Gomes (1852) que criticava este tipo de prática. O doutor Urculo (1882) era indiferente a tal prática.

Costa (1840) recomendava um banho com vinho quente no recém-nascido quando este nascesse fraco e não aconselhava o banho com águas aromáticas. Mello (1846) criticava o uso de vinhos e outras substâncias no banho das crianças. Ele advertia para o risco que poderiam causar ao recém-nascido e assim como Costa, acreditou na validade dessa prática, somente nos casos de crianças que nascessem fracas. Duque (1864) já mencionava que a criança ao nascer corria risco de vida. Desta forma, era dever dos pais, caso fossem católicos, batizar o recém-nascido.

A limpeza após o parto e o banho aparecem como algo de extrema importância para a higiene do corpo. Doutor Vieira (1882) considerava que nos primeiros dias de vida era necessário um cuidado especial com a pele das crianças, sendo o banho importante na prevenção de irritações causadas por sujeiras, excreções e urina. Recomendava que as loções, os banhos e a mudança frequente das peças do vestuário destinadas a receber as evacuações, eram os meios mais eficazes de evitar as irritações. Gomes (1852) considerava a limpeza importante para a transpiração e para evitar odores, recomendando uma limpeza especial nas regiões das virilhas, coxas, nádegas e axilas das crianças.

Urculo (1882) falava sobre a crença de algumas mães de não lavarem a cabeça de seus filhos nos primeiros dias de vida. Ele por sua vez, prevenia a importância de lavar a cabeça da criança e o corpo todo com água e sabão, e ter cuidado com os olhos. E tempos depois dos primeiros banhos, este mesmo médico recomendava banhos em água corrente e em lugares onde, além disso, fosse possível nadar, uma vez que considerava muito vantajoso a higiene desse tipo de banho. Acreditava ainda que a falta de banho

deixava a pele da pessoa endurecida e imunda, impedindo que ela respirasse bem, além de causar mau cheiro.

Todos os médicos analisados defenderam o banho diário. Eles não viam razão para que os banhos não fossem múltiplos, principalmente quando as crianças estivessem sujas com seus excrementos. Castilho (1882) afirma que a limpeza da criança é uma das condições indispensáveis para o seu perfeito desenvolvimento. Descuidar da pele do bebê acarretaria um desconforto das superfícies fisiológicas cutâneas.

Os motivos de discordância entre os higienistas em relação ao banho eram em relação à temperatura, à duração e à frequência dos banhos. Alguns médicos eram favoráveis a banhos frios com o objetivo de fortalecer as funções do corpo, enquanto outros, pelo contrário, recomendavam banhos mornos, como Mello (1846), Costa, (1840), Portugal, (1853), Castilho (1882) e Cerqueira (1882), que defendiam a ideia de dar banhos mornos nas crianças e ir esfriando lentamente a água, até que elas estivessem preparadas para receber o banho de água fria. Um exemplo é a tese de Duque (1864) no que se refere à temperatura da água que recomenda a temperatura de 28 a graus centígrados para o banho da criança. Este médico, apesar de reconhecer benefícios da água fria, condena o hábito de alguns países de dar banho frio em suas crianças, crendo que a mudança de temperatura possa causar danos à saúde.

Já o doutor Vieira (1882) adverte quanto aos banhos frios que não deviam acontecer nos primeiros dois meses de vida. E também os banhos quentes por sua inconveniência. Recomendava os banhos “indiferentes”, isto é, os que estavam na temperatura entre 25 a 30 graus e com duração máxima de 5 minutos. O médico Cerqueira (1882), alertava sobre frequência do tétano depois de banhos muito quentes. Ele prescrevia banhos às crianças de 25 a 30 graus de calor, com progressiva redução da temperatura e assim como Urculo (1882), indicou que o banho deveria ser de até 10 minutos.

Por sua vez, Costa (1840) era da opinião de que os pais não poderiam submeter os filhos a baixas temperaturas e ao uso de certas loções, pois poderiam provocar no recém-nascido tosses, catarros, dores no ventre e tétanos que poderiam levar à morte. Gomes (1852) afirmava que eram muitos os médicos que sugeriam os banhos nos rios, porém considerava que era melhor esperar a criança crescer primeiro antes de colocá-la em contato com a água fria.

2.2.4. As roupas e às vestimentas da criança

Os cuidados relacionados sobre as roupas de vestimentas das crianças também eram recomendados pelos médicos. Considerando a higiene, os médicos recomendavam que as roupas mais apropriadas fossem largas e leves, facilitando a movimentação da criança e que não provocassem deformidades ou moléstias. Costa (1840) afirma que a vestimenta da criança variava de acordo com cada país e que era da competência das mulheres e particularmente das enfermeiras, mais do que do médico. A vestimenta deveria favorecer os movimentos do recém-nascido e aquecê-lo, de acordo com o que mais agradasse à família.

A tese do doutor Portugal (1853), por sua vez, observa que é importante considerar os costumes, o clima, as posses e a idade na escolha da roupa das crianças. Quanto ao clima, alguns médicos recomendam o uso de alguns tecidos em determinadas épocas do ano. Vieira (1882), Duque (1864) e Cerqueira (1882), por exemplo, recomendavam dar preferência ao uso da lã no inverno e do algodão nas estações quentes. Vieira (1882) advertia que o linho atrapalhava a respiração cutânea e favorecia as moléstias catarrais e em contato direto com a pele do bebê provocava assaduras.

Urculo (1882) defendia que a preocupação com roupa seria um assunto obrigatório aos médicos. Contrariando vários higienistas, recomendava um estilo de vestimenta adotado pelos ingleses, “uma espécie de guardanapo quadrado, cujas pontas reunidas ao nível da bacia se atam formando um saco em cujo fundo repousa o assento da criancinha; uma camisola decotada e de mangas curtas e sapatinhos de lã completam a toilette.” (URCULO, 1882, p. 11). De preferência essa roupa, dizia ele, deveria ser usada na estação “calmosa”, já que possibilitava uma ampla mobilidade para as crianças. Além dessa roupa, Urculo (1882) recomendava várias outras, pensando no conforto dos recém-nascidos. Defendia que as roupas deveriam ser variadas em relação ao clima e às etapas do crescimento da criança. Ele rejeitava as vestimentas que “effeminam, pois que longe de se crearem individuo, que valham pela energia physica e moral, temos apenas uma raça degenerada, rachitica, enfezada”.

A resistência dos médicos a determinadas roupas/vestimentas evidencia qual o modelo ideal de homem que eles desejavam que as crianças se tornassem. Urculo (1882), com o discurso de se evitar roupas que “effeminam”, defende a ideia de evitar assim que “estes pequenos seres” se tornassem “raquíticos e degenerados”. Para ele, os

enfeites nas roupas das crianças eram inúteis, e, além disso, condenava a utilização de cores vivas por serem compostas de corantes. A roupa ideal, para ele era aquela sem exageros.

Os cuidados higiênicos com alguns acessórios e determinadas peças do vestuário aparecem também no discurso médico. Ao pensar no vestuário infantil, Urculo (1882), Cerqueira (1882) e Duque (1864) demonstraram uma grande preocupação em se evitar o uso de alfinetes e laços nas roupas. Preocupação esta, com a intenção de evitar que a criança pudesse se machucar e preservar a sua respiração. Como observado no discurso de Urculo (1882, p. 11): Escusado é prevenir que estas peças sejam mediocrementemente apertadas por meio de liga ou alfinetes, dos quaes será melhor prescindir para não ferirem a pelle, como já tem acontecido. Em ultima hypothese recorrer-se-á aos longos alfinetes chamados inglezes. Sobre as toucas usadas pelos bebês, Castilho (1882) e Vieira (1882) comentam que elas deveriam ser feitas de material leve para que não houvesse excesso de calor, convulsões ou irritações no couro cabeludo. Duque (1864) e Vieira (1882) alertavam para que as roupas fossem trocadas sempre após o banho e que se evitasse o contato com excrementos e urinas que poderiam provocar irritação na pele das crianças. Duque (1864) chamou a atenção para a necessidade de secar a roupa antes de elas serem usadas pelas crianças, para que assim as roupas pudessem absorver a umidade das exalações, e contribuir para o asseio infantil.

2.2.5. O sono e o local para dormir da criança

Os cuidados higiênicos com o sono das crianças iniciam com a escolha e preparação do local para dormir. De acordo com as teses médicas, sobre o local mais apropriado a sugestão de Castilho (1882) é que a criança deva ficar em um leito independente, não muito duro e não muito flexível. Já Cerqueira (1882) aconselhava a escolha de um berço amplo, seguro e com um cortinado para evitar as picadas de insetos. Vieira (1882) demonstrou preocupação com a escolha de um berço que permitisse a circulação do ar em seu interior e recomendou o móvel de ferro com grades.

Urculo (1882) não aconselhava a utilização dos berços de balanço, pois eles poderiam provocar acidentes e/ou quedas assim como criar o mau hábito nas crianças, de se acostumarem ao seu movimento. Pelo mesmo motivo, não aconselhava os leitos

suspensos no teto por cordas, o que se entende que seriam hoje as redes. Para este médico, o melhor lugar para a criança dormir é aquele composto por uma cama de ferro ou madeira, imóvel e com anteparos nas bordas. Assim como o colchão e as almofadas não poderiam ser feitas de qualquer substância, como paina e lã, que seriam macias e quentes demais. A palha reteria a urina e alteraria a forma do colchão tornando-o desproporcional à acomodação da criança, o que poderia contundir o seu corpo. Em sua tese Urculo (1882) tem o cuidado de sugerir os materiais que possam causar irritação na pele, que ofereçam pelos ou flocos. As sugestões sobre esses materiais eram com a intenção de que os pais os conhecessem a fim de evitar utilizá-los.

Assim como Urculo (1882), Vieira (1882) também recomenda que não se devesse usar algodão, por provocar um grande aquecimento, sendo mais adequado para a confecção do colchão o material da crina vegetal e a palha de milho desfiada. O algodão é recomendado para cobrir a criança, em época de calor e a lã para o inverno.

Outros hábitos também são condenados por Urculo (1882) tais como, como colocar a criança no mesmo local em que um adulto, pois ele acreditava que o adulto poderia esmagar a criança. Ele também censurava as mães ou amas de leite que deixassem as crianças dormissem com o peito na boca, julgando que com isso pudessem engasgá-las. Na tese de Gomes (1852) a recomendação é que a criança deve ser deitada em um berço, de lado, de forma que as mucosidades não obstruam a “*trakea artéria*”. E para Cerqueira (1882) nos primeiros dias de vida, o sono é algo fundamental. Mas defendia a necessidade de se regular gradativamente o tempo da criança dormir. Por isso, desaprovava a amamentação da criança no período da noite e acordá-la de forma brusca.

Ao que se referirem às condições higiênicas do quarto do bebê, as teses médicas sugerem que ele seja amplo, bem arejado, com iluminação adequada, silencioso e sem odores fortes. A necessidade de renovar o ar para que o ambiente permaneça saudável era uma ideia frequentemente discutida pelos médicos. Por exemplo, doutor Urculo (1882) defendia que o ambiente em que vivem as crianças, deveria ter ar puro, devido à fragilidade das crianças, pois os locais fechados são mais favoráveis à disseminação de doenças. Ele recomendava também que houvesse a renovação do ambiente pela manhã e à tarde, abrindo-se a janela pelo tempo que fosse necessário.

Doutor Urculo (1882) defendia que o ar puro era algo indispensável a todos e recomendava passeios em locais arborizados nos períodos de clima favoráveis,

diferentes das ocasiões de frio, umidade e vento. Mello (1846) compartilhava da mesma ideia de Urculo e aconselhava que fossem evitados os passeios em tempos chuvosos e úmidos. Os médicos Vieira (1882) e Costa (1840) também defenderam a constante renovação do ar no quarto do recém-nascido e alertaram sobre a inconveniência de dormirem muitas pessoas no mesmo quarto. Duque (1864) fez a seguinte observação a esse respeito:

Se o aposento da mulher parida oferece as condições hygienicas desejáveis, não vemos grande inconveniente em permanecer nelle a criança; vemos ao contrario vantagens, se o aleitamento é feito pela mãe; porque neste caso, e sendo distantes os quartos, ou o recém-nascido tem de ser trazido ao aposento desta, ou esta tem de ir ao aposento do filho, o que não é sem perigo (DUQUE, 1864).

As teses de Costa (1840) e Urculo (1882) mesmo sendo de épocas diferentes, eles advertiram com relação aos panos sujos de urina e medicamentos largados próximos às crianças e outras imundícies, notando-os como sendo novas causas de impurezas que eram levadas pela evaporação da parte líquida desses resíduos. Ao que se refere à iluminação do ambiente, a tese de Vieira (1882) menciona que o quarto do recém-nascido deve ter iluminação fraca e uniforme nos primeiros dias de vida. E este médico reprovava o uso das lâmpadas de querosene e a gás, porque acreditava que estas lâmpadas prejudicavam o sono da criança, deixando-as agitadas e impedindo-as de dormir.

Ainda sobre a iluminação do quarto, Cerqueira (1882) argumentava que a luz não deveria incidir diretamente no berço, chamando a atenção de que a falta de exposição ao sol assim como o excesso de insolação eram prejudiciais para a criança. No que diz respeito à temperatura do quarto, os doutores Costa (1840) e Mello (1846) preocupavam-se com a baixa temperatura. Doutor Mello (1846) sugeria cobrir o berço da criança com panos de tecido de linho ou algodão e aquecê-los com moderação, para proteger a criança do frio. Na tese de Duque (1864) encontrou-se a recomendação de se evitar o abuso de meios de aquecimento do ar nos quartos das crianças.

Na tese do doutor Vieira (1882) destacam-se os cuidados necessários para proteger as crianças do barulho. Para este médico, o barulho é um problema muito prejudicial para a criança. Por este motivo, ele recomendou afastar as crianças de lugares barulhentos e fazer a higiene dos ouvidos.

2.2.6. A vacinação e a higiene bucal da criança

Paula (2011) faz uso dos conhecimentos de Myrian Lopes (2004) sobre vacinação. Para este autor, a vacina antivariólica foi a primeira técnica profilática de aplicação universal, sendo muitas vezes identificada como um sinal de avanço civilizatório. No entanto, o autor lembra que “muitas foram as pessoas que morreram, com a vacinação, durante o longo processo de aperfeiçoamento dessa técnica, cujas descobertas conquistaram a “época de ouro” no final do século XIX.” (LOPES, 2004).

Para Paula (2011), segundo Lopes (2004) descreve como acontecia à vacinação e a contaminação no período do século XIX: “o transporte da vacina ocorria de braço a braço ou em lâminas de vidro e tubos acondicionados em estojos, de modo que muitas vezes a linfa perdia o seu valor profilático e ocorria contaminação da substância vacínica.” (p.81). Lopes (2004) destaca a que os médicos da época muitas vezes silenciavam sobre as limitações da vacina, de modo a não impedir o avanço civilizatório.

Os médicos chamavam a atenção para a importância da vacinação das crianças e a incentivavam como uma medida higiênica e fundamental para o combate de doenças, principalmente a varíola.

A tese do doutor Cerqueira (1882) alertava para a possibilidade da transmissão virulenta por meio da vacinação. Já Urculo (1882) destacava que a vacina não possuía efeito perpétuo, esgotando-se em média de 10 anos, quando seria recomendado ao indivíduo uma nova vacinação em períodos apropriados. Informa também que alguns higienistas aconselhavam a vacinação em uma época adequada em que não fosse nem fria e nem quente, salvo às vésperas de uma epidemia. Urculo (1882) acrescenta a seguinte observação sobre as recomendações que antecedem a vacinação da criança:

[...] observar se a criança está sob a influencia ou imminencia de uma moléstia, nas proximidades ou na evolução da dentição ou do desmammamento, pois que então, desde que não se recaiu explosão de epidemia, é prudente não vaccinar emquanto não desaparecerem aquelles estados (URCULO, 1882, p. 18).

Este médico também orienta sobre a melhor maneira de se vacinar e também reflete sobre a vacinação humana e a animal, dando preferência à vacina humana. Por sua vez, doutor Coutinho (1857), em sua tese, alertou para a necessidade dos alunos

serem vacinados e sugeriu que esta deveria ser uma condição para a matrícula nas escolas.

A respeito da saúde bucal das crianças as teses defendidas no ano de 1882 pelos médicos Cerqueira e Urculo prescreveram uma série de recomendações para evitar as cáries. Os cuidados com a higiene conseguiram evitar muitos desconfortos nas crianças. Entre os cuidados recomendados estavam o bom ar, a boa alimentação e o bom leite. A esse respeito doutor Urculo (1882) afirma que: “Se se trata de uma criança cachetica, enfraquecida, é conveniente tonificar-a por preparações marciaes, calcareas, phosphoricas, lavar frequentemente toda a superfície buccal com algodão embebido em uma solução emolliente, ou mucilaginoso.” Cerqueira também contribuiu com suas observações sobre a necessidade de higiene dos dentes ao prescrever como medidas fundamentais para se evitar a cárie a escovação diária, o uso de um fio de seda frouxa para retirar fragmentos de comidas (o que hoje chamamos de fio dental) e o controle do consumo de alimentos e bebidas com açúcar.

No que diz respeito à higiene dos dentes na vida escolar das crianças, Coutinho (1857) e Andrada Junior (1855) recomendaram que os diretores fizessem uma inspeção higiênica nos colégios, especialmente em relação aos cuidados necessários com a higiene da boca e com o alinhamento dos dentes. Andrada Junior (1855) explica que a escovação deveria ser feita friccionando uma escova macia, contendo carvão, coral ou pão tostado.

2.2.7. A amamentação da criança

Os cuidados sobre a amamentação nas teses dos médicos incluem a escolha da ama de leite, os aleitamentos artificiais e os momentos para amamentar.

Para Costa (2004) a mãe exerce um papel importantíssimo no discurso médico oitocentista. Sua função era de ser a mediadora entre os filhos e o Estado. Com afirma este médico em suas palavras a mãe devotada e a criança bem amada vão ser o adubo e a semente do adolescente, futuro adulto patriótico. As teses confirmam que todos os médicos analisados sobre a amamentação concordaram em defender a importância que a mãe tem ao amamentar seus filhos e a qualidade do leite materno em nutri-los. O discurso desses médicos consistiu de um conjunto de normas comportamentais para as mães, com a intenção de abranger toda a família. Para os médicos, era um dever de a

mãe nutrir seu filho. Em suas teses, muitos condenavam as mães que, por questão de vaidade, transferiam para as amas de leite tarefa de amamentar e cuidar dos bebês.

Como exemplo, a tese do doutor Urculo (1882) que defendia a amamentação feita pela própria mãe como a mais recomendada entre todos os métodos de aleitamento. Este médico acreditava que a criança ao ser amamentada pela mãe absorvia junto com o leite também as suas semelhanças morais. Por essa razão os médicos higienistas listavam uma série de orientações comportamentais e regras que deveriam ser adotadas pelas mulheres para que assim elas pudessem passar os valores morais às crianças, tanto pelo convívio, quanto pelo leite.

Nos discursos dos médicos Machado (1874) e Guimarães (1858), a amamentação seria feita por amas de leite somente no caso em que a mãe fosse impossibilitada de amamentar. A observação do doutor Machado (1879) sobre a amamentação da mãe era a seguinte:

Quando porém a mulher for de uma constituição muito delicada, de temperamento lymphatico exagerado, ou sofrer qualquer moléstia diathesica, contagiosa ou hereditária, o aleitamento materno deve ser severamente prohibido em beneficio da mãe e do filho; as exagerações dos higienistas poetas tem sido muitas vezes perniciosas (MACHADO, 1874, p. 21).

Na pesquisa e análise das teses dos médicos Mello (1846), Gomes (1852), Portugal (1853), Cerqueira (1882), Urculo (1882), Duque (1864), Machado (1874) e Guimarães (1858) sobre a função da mãe de amamentar a criança, Paula (2011) resumiu as principais condições que impediam a mãe de amamentar seus filhos, sendo as seguintes:

a impropriedade casual de o leite nutrir; o tamanho dos seios: muitos grandes ou pequenos, ou o caso de possuírem algum dano; a constituição fraca das mulheres ou formação do corpo incompleta, por serem muito novas. (...) algumas moléstias hereditárias e contagiosas poderem impedir a mãe de amamentar, tocando, além disso, em alguns comportamentos morais e sentimentos prejudiciais, como a raiva, a paixão violenta que, segundo eles, podiam influenciar no caráter da criança (PAULA, 2011, p. 84).

Paula (2011) destacou ainda a advertência de alguns médicos sobre a vulnerabilidade às doenças que as mulheres estariam submetidas, caso não amamentassem seus filhos. A tese de Gomes (1852) se referia a essa condição de vulnerabilidade das mães, que na opinião dele se fazia por sua mera vaidade, conforme suas observações a seguir:

Porém longe de conservar esse verdor juvenil, ellas os perdem; seus peitos engorgitam, e são muitas vezes a sede de tumores phlegmnicos e scirrosos; os esforços da economia não sendo mais attrahidos aos órgãos genito-urinários; daqui maior predisposição para a concepção; o útero trabalhando mais expõe a mulher a diversas enfermidades phlegmasicas (GOMES, 1852, p.7).

Guimarães (1858) compartilha da mesma opinião de Gomes (1852) ao considerar que quando a mãe apresenta boa saúde e mesmo assim transfere a responsabilidade de amamentar a uma estranha, com o objetivo de apenas conservar seus encantos e “frescura”, acaba, por obter um resultado desfavorável o que a leva a envelhecer precocemente.

Já para os médicos Duque (1864) e Urculo (1882), no momento em que as mulheres, se tornam mães, deveriam sacrificar os seus divertimentos, pretensões à beleza e à mocidade, para cumprirem a missão que, segundo eles, a natureza as designou que é o cuidado com o filho.

Em suas análises sobre as teses dos médicos do século XIX, os médicos reprovavam a moda, sempre mediante a justificativa dos males que ela provoca ao bom desenvolvimento físico e moral das crianças. A moda, segundo o discurso médico higienista, é a inimiga das mulheres, uma vez que as desvia de suas funções na família. Um exemplo desse pensamento de aversão à moda é expresso no discurso de Urculo (1882), que tem como referência os costumes franceses. Para ele,

São admiráveis os rasgos de moral hygienica, que os hygienistas lavram em seus livros chamando as mãis ao seu dever, mas...vox clamantis in deserto. É que os bailes, os theatros, os passeios, em que sob pesadas e pomposas vestes é mister ostentar formas arredondadas, contornos lisos, seios opulento, côr fresca, labios de coral, olhos de fogo e não sabemos que mais phantasias de poeta, são cousas muito mais agradáveis que o affanoso officio de pensar um fedelho, para o que é preciso passar noutes em claro, oferecer a mamma, faser a limpeza corporal. Enfim é melhor ser uma coquette de grande roda que uma mai-de-familia exemplar (URCULO, 1882, p. 37-38).

Na observação de Paula (2011, p.85) “quanto mais civilizado um povo, quanto mais próximo do progresso se encontra e quanto mais culta a sua higiene, maior a quantidade de mães que se recusam ao aleitamento”. E o médico afirma ainda que muitas mulheres privilegiavam a vaidade ao deixar de dar o seio aos seus filhos ou ao se submeterem ao uso de espartilhos apertados, o que era prejudicial para a amamentação. Criticou também o comportamento contrário, o caso de mães extremosas em seu amor maternal, que queriam aleitar seus filhos demasiadamente, o que também seria um

comportamento ruim para a criança. Sua opinião era de que as duas formas diferentes de comportamento deveriam ser moderadas; e seria responsabilidade dos higienistas orientar sobre a norma de conduta das mães para educar seus filhos.

2.2.8. A escolha da ama de leite

É evidente no discurso médico higienista das teses relacionadas ao aleitamento a defesa a favor de a mãe assumir ela mesma a amamentação dos seus filhos. Tamanha atenção chegou a orientar sobre a disciplina emocional e comportamental que as mães deveriam ter. Paula (2011) destaca que nas teses de medicina no século XIX era recorrente o discurso em determinar a mãe branca de elite como a responsável pela amamentação de seus filhos. E caso a mãe se encontrasse impossibilitada de cumprir esse papel, os médicos preocuparam-se em criar uma série de critérios para a escolha de quem viesse a substituí-la, critérios esse que envolviam desde atributos físicos a traços psicológicos e/ou morais.

Portugal (1853) incentivou a criação de uma polícia médica para o controle das amas, defendeu que seria da competência do médico a escolha de uma ama. Ainda segundo ele, era necessário avaliar na substituta os seguintes itens: a constituição, o temperamento, a estatura, a pele, o hálito da boca, o volume dos seios e as vezes que tem parido, e, quando possível, observar o estado de saúde das suas partes sexuais. Além de que a candidata deveria apresentar bons costumes e ser simpática.

Para Mello (1846), para ser uma boa ama de leite era preciso:

Uma ama deve ser sadia, dotada de constituição vigorosa: o seo semblante convem, que seja animado, e jovial. Bom é, que não seja gorda, nem magra, que possua dentes alvos, e um hálito suave à fim de que, abraçando-se com ella, a criança não respire um ar infecto. As mammas serão d'uma grossura mediana, nem muito duras, nem moles. Os mamellões devem ser firmes, e sufficientemente espessos, para que o menino os possa apanhar com facilidade (MELLO, 1846, p.23).

O discurso de Castilho (1882) apresenta três opções de substituir o aleitamento materno: o aleitamento artificial, o mercenário e o misto. Dentre estes, aponta o mercenário como o preferido, ou seja, a escolha de uma ama. Menciona a idade como um dos requisitos para a seleção. Os médicos analisados concordavam que as amas não deveriam ser muito novas nem muito velhas, não tendo idade superior ou inferior à faixa etária de 18 a 35 anos, mas não chegaram a um consenso sobre a idade apropriada.

As divergências entre os médicos eram as seguintes, enquanto Vieira (1882) recomendava que a ama deveria ter de 20 a 25 anos, Cerqueira (1882) aconselha de 25 a 30 e Mello (1846) indica a faixa etária de 18 a 35.

A recomendação do médico Mello (1846) é que a ama a ser escolhida tivesse dado à luz praticamente na mesma ocasião em que a mãe e fosse impossibilitada de amamentar seu filho. Este médico reprovava a amamentação que ocorria na casa dos expostos, quando uma ama amamenta muitas crianças ao mesmo tempo, já que o leite poderia não ser suficiente para todas as crianças. A orientação de Castilho (1882) é de que a criança fosse alimentada na casa dos pais e se evitasse desse modo o perigo de se transportar a criança até a casa da ama.

2.2.9. O aleitamento artificial da criança

Ainda atrelada à questão da amamentação está o aleitamento artificial. Assim como a escolha minuciosa da ama de leite era uma preocupação dos médicos higienistas em suas teses, o aleitamento artificial também recebeu atenção especial. Aqui também foi enfatizada a importância da amamentação ser realizada pela mãe. Na pesquisa das teses médicas, em grande parte delas, o aleitamento artificial foi considerado como o último recurso a ser recorrido para a alimentação da criança nos primeiros meses de vida. Cerqueira (1882) enfatizou os meios mais convenientes para uma boa nutrição e prosperidade orgânica da criança. Em primeiro lugar, enfatizou que sempre que possível priorizasse o aleitamento materno e, na falta deste, o aleitamento mercenário feito por uma boa ama, com a assídua vigilância dos pais. E na ausência de algum desses meios, só então seria aconselhado o aleitamento artificial. Este deveria ser “dirigido com a inteligente e assídua dedicação e auxiliado pelas outras condições de boa hygiene dá ainda bons resultados, sobretudo para as crianças robustas ou depois de algum tempo de aleitamento natural” (CERQUEIRA, 1882).

O discurso de Urculo (1882) chama a atenção para os muitos inconvenientes higiênicos existentes na amamentação artificial e a necessidade de regulação do leite. Para ele, a mortalidade de crianças alimentadas artificialmente era grande em relação àquelas que eram amamentadas pelas mães ou por amas. Esse médico advertiu que o aleitamento artificial poderia provocar o raquitismo e o amolecimento das mucosas intestinais, dentre outros problemas.

Os médicos Castilho (1882) e Cerqueira (1882) também advertiram sobre o perigo do aleitamento artificial, considerando que esta forma de nutrição poderia provocar distúrbios e irritações intestinais, ou até mesmo a morte da criança. Castilho (1882) alertou para as péssimas condições higiênicas em que viviam os animais, fato que também preocupou os médicos Costa (1840), Vieira (1882) e Urculo (1882), que julgaram ser necessário lavar a teta do animal com água morna. Assim como a preocupação de outros médicos com o fato de o animal poder machucar a criança, quando esta era amamentada em contato direto com o animal. Nesse caso, os médicos orientavam que fosse escolhido um animal dócil e a amarrar as patas deste, além de mantê-lo sob extrema vigilância.

Alguns médicos também se preocupavam com os recipientes usados para o aleitamento e assim como com a conservação do leite. Costa (1840) defendia a conveniência de aquecer a mamadeira em banho-maria e o cuidado em lavá-la após o uso. Por sua vez, Cerqueira (1882) desaprovava o uso de mamadeiras de longos tubos por serem de difícil limpeza e a possibilidade de ocasionar parasitas. Além da higiene frequente desses recipientes, alertou para que o leite nunca fosse guardado na mamadeira.

O discurso de Vieira (1882) também dizia respeito sobre a prevenção de germes nas mamadeiras, orientando sobre a limpeza com água e sabão. Urculo (1882) defendeu o asseio do vaso ou recipiente no qual seria guardado o leite, assim como orientou que o leite não entrasse em processo de fermentação, e acabasse por azedar em contato com o ar. Ele explicou que a fermentação propiciava o aparecimento de organismos vivos, tais como cogumelos e bactérias que provocariam muitas doenças nas crianças.

Sobre o tipo de leite, muitos doutores aconselharam a preferência do leite de vaca. Entretanto, Mello (1846), Costa (1840), Castilho (1882) e Urculo (1882) recomendaram o leite de jumenta, por julgarem que este era o que mais se assemelhava ao leite da mulher. Ainda sobre a fonte do leite, algumas teses tinham a visão de que as características e temperamentos das crianças eram atribuídos à origem do leite. Observa-se que Urculo e Duque compartilham do mesmo pensamento em relação à importância da amamentação materna para a saúde da criança ao compararem os seus benefícios em relação ao leite da ama (leite estranho) e ao leite animal.

Para Urculo a ideia dos higienistas sobre os efeitos da alimentação das crianças com o leite da cabra não era infundadas. Essas ideias atribuíam a esse tipo de

alimentação a tendência das crianças se tornarem nervosas e arteiras, conforme afirmou este médico, a seguir: “Que muito é que herdem a índole inquieta e saltitante dos indivíduos do genero hircus, índole que posteriormente não só a idade como mais ainda a educação corrigem e contem? Não vemos nisso maravilha” (URCULO, 1882, p. 57).

2.2.10. Os horários de amamentação da criança

A defesa dos médicos sobre a alimentação das crianças, nos primeiros meses de vida, era de que ela fosse constituída exclusivamente do leite e depois desse período (estimativa de tempo variável de médico para médico), gradualmente seriam incorporados outros alimentos na dieta da criança. Também despertou sua atenção, a fixação de horários específicos pelos médicos para a refeição das crianças.

Essas orientações sobre que alimentos seriam posteriormente dados para a criança, encontram-se nas teses de Machado (1874), Guimarães (1858) e Castilho (1882) que reforçaram a orientação de que o leite deveria ser a única alimentação das crianças até o quinto ou o sexto mês de vida e após esse período a criança passaria a ser alimentada também com outros alimentos, tais como, caldos, sopas, mingau, etc.

Na tese médica de Machado (1874) aparece a informação de um costume da época condenado por ele, o de algumas mães não alimentarem os recém-nascidos nos primeiros dias do parto. O médico alertou sobre este costume ser prejudicial tanto para a criança como para a mãe que retinha o leite. Ele também concordava com o discurso de alguns médicos que defendiam a regulação das refeições da criança desde o nascimento. E apontou como um dos motivos para essa regulação o fato de muitas crianças não conseguirem regurgitar o excesso de leite e acabar por sofrer com indigestões, diarreia e o amolecimento da mucosa gastrointestinal. Doutor Portugal (1853) recomendava que a amamentação dos recém-nascidos só devia ser feita pelas mães após 6 horas depois do parto. E ainda que se alimentasse a criança com água com açúcar durante esse tempo, pois após o parto a mulher estava cansada.

A orientação de Urculo (1882) era que durante o dia a amamentação ocorresse de duas em duas horas e no período da noite, apenas três vezes. Para Duque (1864), era dever de a mãe criar o hábito na criança de mamar e dormir em horário determinado. Este autor “reconhece a dificuldade de se regular o número de refeições e o intervalo de uma refeição para a outra, mas defende que este, de forma geral, não deve ser menor de

uma hora ou maior de duas entre duas refeições.” (DUQUE, 1864). E adverte também para que não se deva acordar a criança para mamar, exceto quando ela dormir muito.

Outro fator importante foi tratado pelo doutor Portugal (1853), que diz respeito ao período ideal de desmamar. Este médico considerava que o melhor momento para o desmame era quando a criança completava um ano e meio, ou pouco mais, ou pouco menos. Doutor Castilho (1882) também contribuiu com o assunto, ao aconselhar o desmame a partir 12 aos 18 meses da criança. Na opinião de Urculo (1882) a introdução de outros alimentos a serem oferecidos para a criança diferente do leite deveria demorar alguns meses, de preferência após o nascimento dos dentes. Este médico defendeu a ideia de que não era função do discurso higienista determinar o momento preciso do desmame e da mudança completa da alimentação da criança.

Doutor Urculo (1882) aconselhava ainda que dentre os outros alimentos que seriam dados para a criança, deveria se oferecer a ela um pouco de vinho destemperado com água: [...] apenas se lhe vedará nos primeiros tempos o uso dos acepipes, dos guisados, das comidas frias. Aconselhamos ainda um pouco de vinho destemperado com água, bem que contra tal pratica se revelem alguns higienistas (URCULO, 1882, p. 74).

Sendo que este tipo de prática de dar vinho diluído em água para a criança não era a mesma ideia compartilhada pelo doutor Vieira (1882), que desaconselhava esta prática. As orientações das teses médicas eram importantes para orientar as mães sobre os cuidados que deveriam ter com elas e com seus filhos em relação à saúde, a amamentação e a higiene.

SEÇÃO III

CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA



AMA DE LEITE
Vinham bater à porta e vinham para vêl-a:
Era preta e retinta; a estatura della
Não era alta, não; os modos seus, ufanos,
Mostrava apenas ter dezoito a vinte annos.
“Não foi aqui, pergunta alguém que a pretendia,
Que annunciou-se um’ama em um jornal do dia?
“- É certo, sim senhor”; de dentro brada antiga.
Matrona e se levanta. – “Olá! Ó rapariga!
Vem cá na sala, vem. Póde sentar-se. É viva
No serviço da casa, e saiba que é captiva!
Experimental-a é bom; depois della não mude:
E que atteste o doutor, se goza ou não saude.
Engomma, lava, e cose; em tudo ella é geitosa;
Sabe agradar criança, affirmo, é carinhosa
Como bem poucas há. Em quanto aos alugueis,
Por ser para quem é, são sessenta mil réis”.
“Seu filho?!”
A pobre escrava, a intristecer-se toda,
Murmura:
“Meu senhor, meu filho foi p’ra roda”.

MELLO MORAES FILHO – Poemas da Escravidão (1879-1888)

3. Procedimentos Metodológicos

Este estudo tem como base uma pesquisa documental tendo como fonte primária os anúncios de jornais do século XIX da Província do Grão-Pará sobre as amas de leite. Sobre o tipo de pesquisa histórica realizado em anúncios de jornais, Brandão e Hathsu (2004) consideram este tipo de fonte de caráter documental porque retratam através das informações, ofertas de produtos e serviços os objetos e as preocupações de um determinado grupo social e de certa época.

Ao tratar sobre a pesquisa histórica em anúncios de jornais Luca (2010) aborda sobre a história da imprensa e também sobre o interesse recente por este tipo de fonte. Em seus estudos, destaca que na década de 1970 ainda era pequeno o número de trabalhos que usavam jornais e revistas como fonte para o conhecimento da história do Brasil. Assim como, a introdução e difusão da imprensa no país e o itinerário de jornais e jornalistas já contava com bibliografia significativa: edições fac-símiles, os catálogos de diários e revistas. A preocupação não era escrever a história da imprensa, mas em

fazer uso desse material para a escrita desta história, uma vez que não havia distanciamento do objeto com o tempo histórico.

Os anúncios de jornais como fonte de pesquisa histórica foram tratados por Luca (2010) que citou como exemplo de o trabalho de Gilberto Freyre como pioneiro ao realizar estudos sobre diferentes aspectos da sociedade brasileira do século XIX, assim como outros pesquisadores formados com padrão de excelência acadêmica, tais como: Emília Viotti da Costa, Fernando Henrique Cardoso, Stanley J. Stein, Nícia Vilela Luz e Leôncio Martins Rodrigues, também usaram os jornais como fonte de pesquisa para obter dados de natureza econômica ou demográfica para analisar diversos aspectos da vida social e política.

Fato este que evidenciou a importância do jornal como fonte de pesquisa foi o ocorrido na década de 1970, quando houve um deslocamento do estatuto da imprensa: ao lado da história da imprensa e por meio da imprensa, o próprio jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica.

Gilberto Freyre (2010), ao folhear jornais do século XIX, constatou que havia os anúncios que tratavam das mais variadas realidades dos escravos no Brasil. Os anúncios constituíam um material extraordinário para estudo e interpretação de certos aspectos do século XIX, sobretudo o retrato de escravos: descrição das aparências físicas, dos temperamentos, das habilidades, das maneiras de vestir, violências físicas. Dos diversos anúncios analisados Gilberto Freyre escreve o livro *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*, na qual realiza uma tentativa de interpretação antropológica, através de anúncios de jornais brasileiros do século XIX, de características de personalidade e de formas de corpo de negros ou de mestiços, fugidos ou expostos à venda, como escravos, no Brasil do século passado. Tais informações descrevem a sociedade da época imperial como sendo patriarcal e a relação dos senhores com seus escravos, como afirma este autor:

A verdade, porém, é que dos anúncios de jornais de escravos à venda ou que pudessem ser comprados ou alugados, em jornais brasileiros do século XIX, há uns tantos que revelam que na verdade, houve de cruel, em contraste com aquelas evidências da benignidade nas relações de não poucos senhores com seus escravos. A benignidade nas relações de senhores com escravos, no Brasil patriarcal, não é para ser admitida, é claro senão, em termos relativos. Senhor é sempre senhor (FREYRE, 2010, p. 26).

A partir dessa obra de Gilberto Freyre (2010) foi possível compreender que os anúncios de jornais constituem a melhor matéria ainda virgem para o estudo e a interpretação de certos aspectos do nosso século XIX.

Pesquisar sobre as amas de leite nos anúncios de jornais na Província do Grão Pará foi uma tarefa árdua, mas ao mesmo tempo interessante. Chamou a nossa atenção a presença deste tipo de anúncio no jornal por se tratar de uma pessoa em sua condição de escravidão e para exercer uma função determinada de cuidar de uma criança. Os anúncios eram encontrados na secção de anúncios diversos, em que também constavam tantos outros anúncios de venda de artigos para senhoras e para homens, anúncios de cozinheiras, venda de casas, anúncio de serviços de advocacia entre outros. Destacava-se em alguns jornais em letras garrafais: AMA DE LEITE e abaixo o texto, com o pedido de aluguel, venda, solicitação do serviço, indicação de uma ama em uma tipografia ou por alguma outra pessoa, com as características que ama deveria ter, informações sobre sua saúde e humor, se ela tinha ou não cria e algumas vezes o valor do aluguel, com quem tratar ou em que local tratar a negociação, chamada muitas vezes de ajuste.

Vimos naqueles anúncios pesquisados alguém que era tratado como uma “peça”, uma coisa, e não uma pessoa, o que de fato era o que acontecia na época, a ama de leite era uma escrava ou liberta que exercia a função de amamentar e cuidar da criança, mas que na realidade também era uma pessoa com sentimentos, desejos, frustrações como outra pessoa qualquer que por sua condição de escrava não podia ser dona de si mesma a não ser quando alcançada a alforria. Tratava-se ainda de uma pessoa que estaria cuidando, educando de alguma maneira e amamentando um dos membros da família da elite, senão o mais importante em termos de continuidade do clã que era o bebê, que mais tarde poderia vir a ter seus próprios filhos e ainda assim fazer da sua ama a própria ama de leite de seus próprios filhos.

A ama de leite muitas vezes deixada de lado, por ser apenas uma ama de leite, no entanto, trata-se de uma personagem da história que muito contribuiu para a formação da família, seja na linguagem, seja no cuidado com a alimentação, nas cantigas, nos cuidados com a higiene e na amamentação e que merece destaque neste trabalho por sua importância na formação da família paraense conforme mostram os anúncios de jornais.

A pesquisa sobre as amas de leite considerou as seguintes palavras: ama de leite, amas de leite, ama, ama de leite e criança, mukama, Iaiá. A escolha deve-se por ser o

objeto este estudo e também de acordo com a referência sobre a origem das amas de leite de Alencastro (1997).

3.1. Corpus da Pesquisa

O corpus da pesquisa é composto por 92 anúncios de jornais paraenses sobre as amas de leite que foram publicados nos anos de 1843 a 1888, obtidos na Biblioteca Artur Vianna (CENTUR) e na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital. A escolha do corpus da pesquisa inicial era sobre anúncios de jornais sobre as práticas culturais das crianças, tais como, alimentação, vestuário, religião, educação. Com o desenvolvimento da pesquisa de campo houve a necessidade de delimitar o corpus em apenas uma prática: a do cuidado da criança relacionado com a ama de leite, que inclui a amamentação e o cuidado em relação à saúde e à maneira como a ama de leite ajudou na educação e na cultura da criança, através da linguagem e dos hábitos da sua cultura, conforme verificou Freyre (1998) em Casa- Grande & Senzala.

O objetivo de apresentar o corpus sobre anúncios sobre compra, procura, aluguel e venda de ama de leite é com a intenção de mostrar que na Província do Grão-Pará também houve amas de leite, assim como nas demais províncias do Brasil. A capital da Província do Pará sofreu mudanças semelhantes tais como a mudança na alimentação da criança com a introdução da farinha Láctea Nestlé. Na seleção do corpus primário que incluía a pesquisa preliminar sobre as práticas e os anúncios inicialmente estudados, a escolha pelos anúncios sobre as amas de leite, deveu-se porque estes foram os anúncios mais encontrados em relação às demais práticas pesquisadas nesta fase da pesquisa.

A escolha pela Biblioteca Artur Vianna, deu-se após o levantamento inicial sobre a seleção da fonte de pesquisa a ser estudada, porque esta biblioteca apresenta um acervo significativo de jornais da época. Do mesmo modo, a Hemeroteca Digital Nacional também foi escolhida porque exemplares que inicialmente foram pesquisados na Biblioteca Artur Viana também se encontram disponíveis neste site, além da qualidade da imagem do jornal que é superior às fotografadas na seção de microfilmagem. Em algumas fotos as imagens eram de difícil leitura e visualização, então houve a substituição da imagem do jornal como foi o caso do jornal Diário de Belém. Após a pesquisa inicial optou-se pelos jornais com maior número de anúncios e de periodicidade menos irregular.

Foram selecionado 08 jornais de grande circulação na Província do Grão-Pará nos meados do século XIX que publicavam anúncios de amas de leite:

- **Treze de Maio** (1845-1861)
- **A Constituição** - Órgão oficial do partido conservador (1874-1886)
- **Diário de Belém** (1868-1889)
- **O Liberal do Pará** (1860-1889)
- **A Regeneração** (1870-1879)
- **Gazeta Oficial** (1850-1869)
- **Diário do Commercio** (1850-1859)
- **O Paraense** (1870-1889)

O tempo histórico da pesquisa corresponde ao século XIX e compreendeu os anos de 1843 a 1888, considerou-se a partir dos anos nos quais foram os encontrados nos jornais pesquisados. Na pesquisa preliminar foi a partir de 1845 que encontramos os primeiros anúncios de jornais sobre amas de leite, no respectivo jornal pesquisado. Os critérios para a escolha dos jornais foram:

- (1) ser publicado na província do Grão-Pará;
- (2) ter anúncios da capital da província do Grão-Pará;
- (3) estar compreendido no período estabelecido na pesquisa que é o do século XIX;
- (4) por último ter uma periodicidade, destacando os que possuem mais exemplares.

A escolha pela pesquisa em todo o século XIX e não apenas parte dele, justifica-se por possibilitar uma visão completa sobre a mudança nos hábitos da amamentação em relação à presença da ama de leite, o incentivo a amamentação materna e a posterior substituição da ama pelos alimentos industrializados nos anúncios de jornais. Assim como a transformação da província com o avanço da industrialização, do comércio local, do desenvolvimento urbano e social ao longo deste período.

3.2. Organização do corpus

O corpus da pesquisa foi constituído de 92 anúncios de jornais publicados na Província do Grão-Pará de 1845 a 1889. Para organização do corpus para análise foram elaboradas 12 (doze) categorias a partir de um corpus de anúncios coletados em 08 jornais da Província do Grão-Pará no século XIX de acordo com a análise do conteúdo de Bardin (2009). As categorias foram constituídas a partir das temáticas apresentadas nos anúncios de jornais sobre amas de leite.

No quadro a seguir apresentamos as 12 categorias que foram analisadas que emergiram dos 92 anúncios de jornais sobre amas de leite:

Quadro 07: Anúncios de jornal sobre ama de leite por categoria de análise

CATEGORIAS DE ANÁLISE	QUANTIDADE DE ANÚNCIOS ENCONTRADOS
Categoria 1: Venda ou aluguel de ama de leite	08
Categoria 2: Mulheres se oferecendo para ser ama de leite	01
Categoria 3: Amas de leite para aluguel e o local de contrato	42
Categoria 4: Função da ama de leite e outras atividades	06
Categoria 5: Função da ama de leite e outros serviços	05
Categoria 6: As qualidades para função da ama de leite	18
Categoria 7: Contratação de ama de leite e as características das crianças	03
Categoria 8: Contratação de ama de leite em caráter temporário	01
Categoria 9: Produtos que reforçam a alimentação das amas de leite	05
Categoria 10: Controle de saúde das amas de leite	01
Categoria 11: Lei municipal sobre a efetivação de uma ama de leite em casa de expostos	02
Categoria 12: Literatura para orientar escolha de ama de leite	02

Fonte: Elaboração da autora.

3.3. Análise do corpus

A organização do corpus da pesquisa baseia-se na análise de conteúdo, pois segundo Laurence Bardin (2009), trata-se de uma pesquisa histórica que apresenta como

objeto de pesquisa anúncios de jornais do século XIX. Justifica-se a escolha por este método de pesquisa em razão do jornal ser um veículo de comunicação e também um dos objetos de estudo do referido método. Segundo Franco (2012), o ponto de partida da análise de conteúdo é a mensagem, que pode ser: verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada.

Segundo esta mesma autora a análise do conteúdo desenvolveu-se nos Estados Unidos no início do século XXI. A autora ressalta que “qualquer comunicação, isto é, qualquer veículo de significados de um emissor para um receptor controlado ou não por este, deveria ser por escrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo” (BARDAN, 2009, p.34). Este método utiliza a princípio dois critérios para sistematizar os tipos de comunicação:

(1) A quantidade de pessoas implicadas na comunicação;

(2) A natureza do código e do suporte da mensagem. E é definida como um conjunto de técnicas de análise de comunicações que tem como objetivo obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. Os conteúdos a serem analisados podem ser de natureza psicológica, sociológica, histórica ou econômica.

O analista é descrito como um arqueólogo que busca vestígios nos documentos como descrito a seguir:

O analista é como um arqueólogo. Trabalha com vestígios: os ‘documentos’ que podem descobrir ou suscitar. Mas os vestígios são a manifestação de estados, de dados e de fenômenos. Há qualquer coisa que possa descobrir por e graça a eles (...) o analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula para *inferir* (deduzir de maneira lógica) conhecimentos sobre o emissor da mensagem ou sobre o seu meio. Tal como um detetive, o analista trabalha com índices cuidadosamente postos em evidência por procedimentos mais ou menos complexos (BARDIN, 2009, p. 41).

A análise do conteúdo é compreendida como um processo de análise da mensagem e dos vestígios nela contidos que pode evidenciar informações que estejam implícitas na mensagem, tais como: como, para quem e quando foi escrita. Informações estas que permitem descrever uma determinada época histórica, costumes e também a linguagem.

De acordo com Bardin (2009) o que se procura estabelecer quando se realiza uma análise conscientemente ou não é uma correspondência entre as estruturas semânticas ou linguísticas e as estruturas psicológicas ou sociológicas dos enunciados. A leitura de um analista de conteúdo não é uma leitura apenas da mensagem a ser analisada, é, também, a possibilidade de por em evidência o que está em segundo plano na mensagem. O campo de ação da análise do conteúdo é formado por duas práticas científicas: a linguística e as técnicas documentais. Neste texto a análise é feita com a segunda, que mais se aproxima do objeto de pesquisa estudado.

A análise ou técnica documental é uma operação ou conjunto de operações que visa representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente do original, com a finalidade de facilitar uma posterior consulta e referência. Ela é, portanto, uma fase preliminar da constituição de um serviço de documentação ou de um banco de dados. Permite também que seja possível passar de um documento primário (bruto) para um secundário (representação do primeiro). A operação intelectual é idêntica no tratamento das mensagens de algumas formas de análise de conteúdo ao realizar o recorte da informação, a divisão em categorias segundo o critério da analogia, a representação sob a forma de indexação. Porém destacam-se algumas diferenças importantes entre a análise documental e a análise de conteúdo: a documentação trabalha com documentos, enquanto que a análise de conteúdo com mensagens (comunicação). A análise documental é feita por classificação-indexação, principalmente, já a análise categorial temática é uma das técnicas de análise de conteúdo, entre outras existentes; o objetivo da análise documental é a representação condensada da informação, ou seja, um resumo, enquanto que o da análise de conteúdo é tornar evidente nas mensagens os indicadores que permitem inferir sobre outra realidade que não a da mensagem.

O método da análise de conteúdo segue as fases apresentadas por Bardin (2009) tal como o inquérito sociológico ou a experimentação, organizados em torno de três polos cronológicos: O primeiro polo é a pré-análise. A pré-análise é a fase de organização e está subdividida em três missões: a) a escolha dos documentos a serem submetidos à análise; b) a formulação das hipóteses e dos objetivos e c) a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final. Tem como objetivo a organização dos documentos. O segundo polo é o da exploração do material, que é a fase da aplicação sistemática das decisões tomadas nas diferentes fases da pré-análise. Esta fase consiste da codificação, decomposição ou enumeração em função das regras formuladas

previamente. O terceiro polo é o do tratamento e dos resultados obtidos e interpretação. Nesta fase os resultados brutos são tratados de modo que sejam significativos e válidos. Utiliza-se de operações estatísticas simples ou complexas em que seja possível criar quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos que mostrem condensadamente as informações obtidas na análise.

Bardin (2009) esclarece que os resultados obtidos, a confrontação sistemática com o material e o tipo de inferências alcançadas podem servir de base para outra análise de acordo com novas dimensões teóricas. Assim como na visão de Franco (2012), os resultados obtidos na análise de conteúdo “devem refletir os objetivos da pesquisa e ter como apoio os indícios manifestos e capturáveis no âmbito das comunicações emitidas” (p. 30).

Bardin (2009) apresenta um exemplo de análise de imprensa que serve como referência para este estudo. Trata-se da viagem de Krushev à França analisada por V. Morin com base em sete jornais parisienses e nove semanários. Os textos analisados foram divididos em 8532 unidades de informação e reagrupados em 69 categorias. As unidades de informação por sua vez foram caracterizadas por um índice de frequência, um de politização absoluta e relativa, um de orientação absoluta e relativa e ainda um índice de compromisso. As 69 categorias foram reagrupadas em seis grandes temas: volta à França; Khrushchev-De Gaulle, problemas políticos, Krushev, afinidades ‘naturais’ dos dois países e os ócios.

3.4. Análise teórica a partir da história cultural

Um dos primeiros passos para compreender o que são de fato as práticas culturais é entender o que é a história cultural. Burke (2005, p. 15-6) descreve a história da história cultural em quatro fases cuja divisão não era tão clara e estava entrelaçada: “[...] a fase ‘clássica’; a fase da ‘história social da arte’, que começou na década de 1930; a descoberta da história da cultura popular, na década de 1960; e a ‘nova história cultural’.” E também chama a atenção para que o historiador cultural não trate os textos e as imagens de um determinado período como espelhos, reflexos dos problemas de seu tempo. Porque eles os são. Posicionasse também em como os historiadores devem proceder: “os historiadores culturais tem que praticar a crítica das fontes, perguntar por

que um dado texto ou imagem veio a existir, e se, por exemplo, seu propósito era convencer o público a realizar alguma ação” (BURKE, 2005, p. 33).

O conceito de práticas culturais que é o de referência para este estudo é o de Michel de Certeau (1998, p.41) por afirmar que essas ‘maneiras de fazer’ constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sociocultural. Justifica-se a escolha por esta referência porque compreendo ser a que melhor se aplica ao estudo uma vez que entendo as práticas culturais como as maneiras, os modos pelos quais as crianças se apropriam dos costumes, da cultura e da história da sociedade a qual pertencem, a exemplo: a educação, a religiosidade, a relação da criança na escola e com a família, a alimentação, a dança, a brincadeira entre outros.

As práticas culturais são derivadas da História Cultural. Foram estudadas pelos historiadores e pesquisadores da quarta geração da Escola dos *Annales*, Roger Chartier e Jacques Revel descrevem como houve a separação da história em social e cultural. Já o surgimento da história cultural é descrito por Hunt (1995):

Na história, o avanço para o social foi estimulado pela influência de dois paradigmas de explicação dominantes: o marxismo, por um lado, e a escola dos ‘Annales’, por outro. (...) No final da década de 1950 e nos primeiros anos de 1960, um grupo de jovens historiadores marxistas começou a publicar livros e artigos sobre a história vinda de baixo’, (...). Com essa inspiração, os historiadores das décadas de 1960 e 1970 abandonaram os mais tradicionais relatos históricos de líderes para a investigação da composição social e da vida cotidiana de operários, criados, mulheres, grupos étnicos e congêneres. (...) A revista original, *Annales d’histoire économique et sociale*, foi fundada em 1929 por Marc Bloc e Lucien Febvre e tornou-se uma escola quando filiou-se institucionalmente à Sexta Seção da Ecole Pratique des Hautes Etudes, depois da Segunda Guerra Mundial (HUNT, 1995, p. 2-3).

Anos depois destas mudanças na história entre 1965 e 1984, a história econômica predominava na *Annales* enquanto que a história intelectual e cultural ficou para o segundo plano. Entretanto, à medida que a quarta geração dos historiadores dos *Annales* focalizou com atenção maior o que os franceses chamavam de *mentalités*, a história econômica e social deixou de ser tão importante quanto era antes.

Porém, nem todos os historiadores que pertenciam à quarta geração do *Annales* concordavam com a ideia de *mentalités*. Os historiadores Roger Chartier e Jacques Revel, por exemplo, rejeitavam a caracterização das *mentalités*, para eles, o terceiro nível é na verdade um determinante da realidade histórica. Como afirmou (CHARTIER

apud HUNT, 1995): a relação assim estabelecida não é de dependência das estruturas mentais quanto as suas determinações materiais. As próprias representações do mundo social são os componentes da realidade social (HUNT, 1995, p.9).

Nota-se que existe uma preocupação quanto à demarcação de cada história, seja a econômica e a cultural. Qual deve predominar sobre a outra ou qual antecede a outra. Hunt (1995, p.9) explica que as relações econômicas e sociais não são anteriores às culturais, nem as determinam; as relações econômicas e sociais são campos de prática cultural e produção cultural. E ainda que os historiadores dos *Annales*, como Chartier e Revel, ao se voltarem para a investigação das práticas culturais, “foram influenciados pelas críticas de Foucault acerca dos pressupostos fundamentais da história social”.

Chartier (*apud* HUNT,1995) expressa sua opinião sobre a cultura e as relações econômicas e sociais em *The Cultural Uses of Print*, o historiador rejeita a ideia de que: ‘a cultura não se situa acima e abaixo das relações economias e sociais, nem pode ser alinhada com elas’(*apud* HUNT,1995, p.25). Para ele, “todas as práticas, sejam econômicas ou culturais, dependem de representações utilizadas pelos indivíduos para darem sentido a seu mundo” (HUNT,1995, p.25).

O historiador Roger Chartier (1990) destaca o principal objetivo da história cultural que é o de identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Para a realização desta tarefa ele aponta como caminho:

às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoantes as classes sociais ou os meios intelectuais são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças as quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado (CHARTIER, 1990, p. 17).

De acordo com este autor, as representações do mundo social construídas desta forma, são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as criaram. Neste contexto, o discurso proferido do grupo deve estar de acordo com a posição que ocupam. E ainda, as percepções do social não são discursos neutros, o que leva a necessidade de investigar as representações a que estes discursos remetem, como observado a seguir:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e políticas (sociais, escolares) que tendem a impor

uma autoridade a custo de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e conduta. Por isso esta investigação sabe as representações supõem-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do sacral - como julgou durante muito tempo uma história de vistas demasiado curtas —, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais (CHARTIER, 1990, p. 17).

Por isso a investigação sobre as representações estão sempre colocadas de modo a concorrer e competições em busca de poder e de dominação. Como ele mesmo afirma:

As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do sacral - como julgou durante muito tempo uma história de vistas demasiado curtas —, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais (CHARTIER, 1990, p. 17).

Compreendemos ainda que as práticas culturais são uma forma encontrada pelas classes dominantes de manter-se no poder através da imposição indireta, ou melhor, implícita na cultura, na história e nos modos de viver em sociedade. Por exemplo, os modos de a criança estar vestida era uma maneira de distinção da criança da elite e da criança pobre. Ou seja, por trás de percepções como estas havia muito mais que uma distinção de vestimenta, está carregada de significado, referente à posição em que esta criança e a sua família ocupam na sociedade. Assim como a escravidão sofrida pelos negros como uma forma de dominação dos brancos, a exploração da ama de leite como mercadoria ao alugar seu leite para amamentar crianças da elite.

Chartier (1990) explica que uma história cultural do social tem como objeto a compreensão das formas e dos motivos (ou das representações do mundo social), independente da vontade das pessoas, traduzem as suas posições e interesses das pessoas (mesmo que haja divergências) e descrevem a sociedade tal como pensam que a sociedade é ou gostariam que ela fosse.

Para esse historiador, a noção de representação é importante porque é um dos conceitos mais utilizados pelos homens do antigo regime, usada quando pretendem

compreender o funcionamento da sua sociedade ou definir as operações intelectuais que lhes permitem apreender o mundo. Além do conceito de mentalidade, a noção de representação também possibilita conhecer três modalidades da relação com o mundo social, de acordo com este mesmo autor são as seguintes:

(...) em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objectivadas graças às quais uns 'representantes' (instâncias colectivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade (CHARTIER, 1990, p. 23).

Neste contexto da história cultural compreendo ainda como práticas culturais uma derivação da história cultural, isto é uma ferramenta de investigação da história sobre a sociedade e que refletem o pensamento e ideias da sociedade dominante em determinado tempo histórico. No caso da história da infância, as práticas culturais mostram como a criança é retratada, como os adultos as veem e a relação da criança com a cultura e a sociedade a qual está inserida ou não. Um exemplo de como pesquisar as práticas são os jornais. O discurso presente no anúncio do jornal traduz o pensamento de determina parcela da sociedade, como a criança é noticiada em cada anúncio.

A relação entre a história da infância e as práticas culturais tem como início de discussão o conceito de infância de Gouveia (2008) que, por sua vez, remeteu ao conceito de geração e refere-se a uma determinada classe de idade. E que o termo infância tem maior visibilidade nas pesquisas nas ciências sociais pela faixa etária a que pertence na produção das identidades sociais. A infância em uma perspectiva histórica para Sarmiento (2005 *apud* Gouveia, 2008) é carregada de estatutos e papéis sociais em cada período histórico completo que a distinguem das demais faixas etárias. Como afirma a autora:

Mesmo a definição do período de vida ao qual o conceito de infância é referido, embora sustente-se numa inscrição biológica, constitui um construto sócio-histórico. O que denominamos como infância hoje difere do sentido produzido noutros contextos históricos, nomeando classes de idades distintas. Emerge na produção mais recente uma historicização de vocábulos a partir dos quais a infância foi nomeada, bem como uma maior precisão na definição do extrato geracional a que os termos eram dirigidos (GOUVEIA, 2008, p.98).

Neste contexto a relação da história da infância com as práticas culturais explica-se porque estas são originadas da história Cultural. De acordo com Gouveia, a Nova História tem como uma de suas “marcas constitutivas a superação de uma análise evolucionista dos processos históricos.” Em outras palavras, buscou-se romper com a perspectiva presente, tanto na história positivista quanto da marxista, que traziam a marca cultural do século XIX, na afirmação do paradigma do processo evolução, que caracteriza o estudo dos processos naturais, sociais e históricos.

A pesquisa de Philippe Ariès (2006) sobre a infância suscitou também a discussão sobre uma periodização em torno da história da infância e conseqüentemente a reflexão sobre a definição de tempos históricos. Ariès (2006) lançou mão de um referencial, sustentado na história das mentalidades, que postulou a pesquisa sobre a infância como tema que demandaria a realização de investigações que contemplassem a longa duração. “E fazendo uso do verbete sobre Infância na Enciclopédia Einaudi, o autor inicia-o indicando que: ‘a atitude dos adultos face à criança mudou muito ao longo da história e continua certamente a mudar ainda hoje, diante de nossos olhos’”. A escolha do tempo e do período histórico no estudo realizado por Ariès (2006), baseado na história das mentalidades, mostra a relação deste estudo com influência na história cultural. Sua influência e definição, segundo o trabalho de Gouveia (2009), são mais bem caracterizadas a seguir:

O trabalho de Ariès inscreve-se na tradição dos Annales, no que define-se como terceira geração, a qual buscava um alargamento da perspectiva dominante na geração anterior. Tinha-se como foco o estudo da cultura em suas expressões, numa diferenciação da produção anterior, fundada na análise das estruturas, como postulava Braudel. A pesquisa de Ariès tornou-se marca de tal perspectiva analítica, como indica Burke (1997:81): ‘foi realmente um historiador diletante que despertou a atenção pública para a história das mentalidades, através de um livro notável, quase sensacional (História da família)’ (GOUVEIA, 2009, p. 102).

Em seu estudo sobre a história da família, Ariès (2006) aborda não apenas a história das mentalidades mais também do modo de vida, das relações sociais, familiares e culturais. De como o modo de vida das pessoas e crianças retratadas é um exemplo de um estudo de um determinado tempo e lugar, de como o pensamento sobre a criança e a percepção sobre ela foi mudando a ponto de tornar-se objeto de estudo. Segundo Gouveia (2009), Volvelle (1993) também destaca como a longa duração nos estudos históricos relaciona-se às investigações características da chamada história das

mentalidades em trabalhos sobre história da criança, da família e das atitudes perante a morte.

De acordo com Gouveia (2009), para Duby (1995) o estudo das mentalidades do passado deve assegurar o seu trajeto apoiado numa história da educação em sentido amplo, partindo da história da infância e através da comunicação entre o indivíduo e o meio em que vive, assim como os meios pelos quais recebe os modelos culturais.

Gouveia (2009) também ressalta que a Nova História possibilitou recuperar os discursos e práticas desses atores historicamente ‘excluídos’, com base no resgate de fontes primárias diversas. E chama a atenção para no caso da pesquisa histórica sobre a criança é necessário que haja uma reflexão sobre a metodologia da pesquisa considerando a singularidade dos espaços em que as crianças estão inseridas, as formas de expressão e participação social, uma vez que, ao contrário de outros atores investigados pela Nova história, a criança, não deixa quase nenhum registro, pois não se fez propriamente autora da própria história, mas destinatária de discursos e práticas destinados à sua formação para a vida adulta. Neste sentido: “Tal questão singulariza o campo e impõe uma reflexão diferenciada na análise das fontes na escrita da história da infância e da criança” (GOUVEIA, 2009, p. 105). Sobre os registros e a produção dos discursos pelos adultos e as fontes a autora destaca:

O limite dos registros de experiência social pelas crianças, ou sua pouca densidade, indicam privilegiar a produção de discursos e práticas sobre a para a criança, tendo os adultos como autores. Por outro, cabe não tomar de maneira definitiva a afirmação de uma ausência documental de autoria infantil, contemplando a criação e transmissão histórica de signos e artefatos por estes sujeitos, que indicam fontes ainda pouco utilizadas na pesquisa. Tais fontes auxiliam-nos a compreender melhor a singularidade desse ator histórico e de suas formas de inserção social, demandando do historiador da infância um trabalho de produção e interpretação documental, considerando que a prática historiográfica constitui-se não apenas na recolha das fontes, mas na produção das mesmas, questão que afirma-se com maior radicalidade na história da infância (GOUVEIA, 2009, p. 105).

Gouveia (2009, p. 106) refere-se à produção das fontes pelas crianças quando diz respeito aos discursos e práticas de socialização. Pois ao dirigirem-se à criança, “constroem um imaginário sobre a infância, produzindo modelos de gestos, hábitos, comportamentos que são material de socialização nos processos de formação de tais atores.” A importância do cruzamento das diferentes fontes é fundamental para a assimilação dos processos históricos de formação da infância e compreensão das experiências infantis.

O conceito de Certeau (1998) que define o que são as práticas culturais é o mais apropriado para explicar a existência destas práticas no meio social, são “[...] Essas ‘maneiras de fazer’ constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sócio-cultural”. (p.41). Para a melhor compreensão sobre a amamentação, a educação e o cuidado da criança pela ama de leite.

3.5. Análise do contexto histórico

A escolha da delimitação do estudo no período do século XIX justifica-se porque os jornais mostram a mudança pela procura dos serviços da ama de leite e a substituição deste serviço por alimentos industrializados para as crianças no final do século XIX e esta mudança só é possível ser percebida ao observar os jornais do início até meados do final do século. E também as mudanças pelas quais a cidade passou com a chegada dos negros na Província do Grão-Pará, a força de trabalho escrava, a miscigenação, a importância da ama de leite, são elementos importantes para a compreensão de como ama de leite teve um papel importante na vida das crianças belenenses.

Almeida (2003) descreve a cidade de Belém no início do século XIX como uma cidade de vida simples, com suas casas geralmente pintadas de branco, igrejas e edifícios públicos. E no decorrer da segunda metade do século XIX a cidade intensificou o processo de modernização e urbanização com o desenvolvimento da economia da borracha. Muitas casas foram edificadas, desde a Alfândega até o Forte do Castelo. As ruas foram melhoradas e a cidade transformou-se com progresso semelhante aos observados nos centros avançados do Brasil e do mundo.

O contexto social, político e econômico também sofreram modificações. De acordo com esta mesma autora, em 1830, a cidade e as pessoas vivenciaram o movimento da cabanagem e as repercussões do mesmo na política imperial de “manutenção da ordem”. O princípio da manutenção da ordem continuou ao longo do século XIX, nos ditames das políticas públicas, de tal modo que no decorrer da segunda metade do XIX, um extenso repertório legal foi organizado, com o objetivo de adequar o modo de vida da população às exigências das elites dirigentes.

SEÇÃO IV

AS AMAS DE LEITE EM ANÚNCIOS DE JORNAIS NA PROVÍNCIA DO GRÃO-PARÁ NO SÉCULO XIX



Vende-se uma escrava croula de idade 23 a 24 anos, ditada de temperamento bom, feita elegante, robusta; nem muito magra nem muito gorda, boa de vista e boa de ouvido, boa bordadeira, engomadeira, faz todo o serviço de uma casa, vendida por se achar grávida.

Tribuna do Império 28 de setembro de 1871

O anúncio acima era o modelo ideal de ama de leite veiculado aos anúncios do jornal *Tribuna do Império* em 1871. Nas páginas dos jornais do século XIX era recorrente a venda e o aluguel de amas de leite nas diversas províncias no Brasil. São anúncios que se multiplicavam pelos jornais ressaltando às qualidades das nutrizes que eram valorizadas por serem *boas* e *robusta* para o *serviço de casa*, porém desvalorizadas por estavam grávidas. Provavelmente a escrava do anúncio após a gravidez tornou-se ama de leite da família patriarcal. A seguir apresentamos e analisamos noventa e dois anúncios de amas de leite publicados oito jornais de grande circulação na Província do Grão-Pará no século XIX.

4.1. Venda ou aluguel de ama de leite

Com relação à venda de amas de leite na Província do Grão-Pará trazemos para análise 04 anúncios publicados nos jornais *A Constituição* (1879), *Treze de Maio* (1845, 1881) e *Diário de Belém* (1879, 1881), de grande circulação no período do Império. Sobre a venda de amas de leite foram encontrados os anúncios que descrevem que as amas tinham entre 16 e 20 anos. Era comum ainda dar destaque no enunciado do anúncio que a ama de leite que estava à venda era jovem e que possuía filhos, pois era uma condição que muitas vezes dificultava a contratação da ama de leite. Quando a ama era vendida junto com o filho, o anúncio geralmente destacava outros atrativos dela, como no caso de uma dos anúncios em que ama possuía um filho de três meses, mas apresentada outras qualidades, principalmente necessárias para amamentar já que era sadia, sem moléstias, prendada para executar outras atividades, ou seja, poderia além de

amamentar assumir atividades domésticas. Em outros anúncios era recorrente se destacar que a ama era muito jovem e que havia perdido o filho no parto, portanto, era uma nutriz adequada para amamentar.

Constatamos ainda nos anúncios dos jornais a venda de amas de leite vinda de outras Províncias como, por exemplo, do Maranhão e até mesmo de regiões afastadas da Província do Grão-Pará. Em um dos anúncios abaixo destacamos a busca de uma ama que tivesse interesse de viajar para fora da Província e em troca ela receberia a sua liberdade ao final de seis anos. Segundo Gilberto Freyre (2008), no livro *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*, na qual interpreta antropologicamente através de anúncios de escravos nos jornais brasileiros do século XIX, destaca dentro do sistema patriarcal brasileiro era muito grande a comercialização de escravos fugitivos, venda e/ou compra de escravos, como também de amas de leite. Indubitavelmente, havia no século XIX uma comercialização indiscriminada de venda de amas de leite entre as Províncias. As informações presentes nos anúncios evidenciavam as condições de saúde das amas que eram valorizadas se estivessem sem moléstias e vícios.

AMA DE LEITE Á VENDA

Vende-se uma mulata, de 24 annos de idade, a qual acompanha um filho de 3 mezes, sendo ella prendada e sem moléstias e vícios; á tratar com corretor Guedes da Costa.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Sexta-feira, 4 de julho de 1879. p. 3. Anno VI nº 148

VENDE-SE HUMA ESCRAVA *de idade de 16 annos a 18 annos própria para Ama de Leite, por lhe ter morrido o filho na ocasião do parto; também lava roupa. Quem a pretender dirija-se á Travessa da S. Matheus casa nº 65 proxima a rocinha do senho Jaime Bricio*

Fonte: Jornal Treze de Maio, Quarta-feira, 12 de Novembro de 1845, nº 555 p. 4 23º trimestr.

AMA DE LEITE

Vende-se uma magnífica, chegada do Maranhão. Informa-se na loja Nazareth.

Fonte: Jornal Diário de Belém, Quinta-feira, 23 de Junho de 1881. Nº 139, p.1, Ano XIV

VENDE UMA RAPARIGA

de 20 annos, sadia, vinda do sitio, podendo também servir de ama de leite.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Sabbado, 22 de fevereiro de 1879. p. 2. Anno VI nº 44

AMA DE LEITE

Precisa-se de uma ama de leite para ir para fora da província, livre ou escrava, e sendo desta ultima condição promete-se dar a sua liberdade no fim de seis annos. Paga-se bem o jornal, a tratar na rua da praia no armazém de Joaquim Henrique Klautau.

Fonte: Jornal Diário de Belém. p. 3. Nº 74, Sábado, 02 de Abril de 1870. Ano III.

Nos três anúncios abaixo que foram publicados nos jornais *Diário de Belém* (1880) e *A Constituição* (1877,1881) observamos um discurso que enaltecia as características das amas de leite. Era necessário informar, por exemplo, além da idade, a cor da pele, se tinha filhos e se era escrava ou livre. Em um dos anúncios havia o destaque de que a ama de leite à venda possuía habilidades para criar qualquer menino, ou seja, a ama além da amamentação possibilidade para cuidar da criança.

Nos três anúncios podemos constatar que era recorrente nos jornais anúncios de venda de ama de leite. Este modelo de anúncio mostra que além de alugadas e compradas, as amas também poderiam ser vendidas pelos próprios donos ou por intermédio de corretores que se especializavam na venda ou aluguel de amas de leite. Em um dos anúncios constatamos que havia o comércio de amas de leite ainda muito jovem para venda ou aluguel por possuir um filho de dois meses. Nos chama muito a atenção também de dois outros anúncios que colocava a venda amas que tinham também filhos, pois para os seus senhores não era lucrativo permanecer com as amas com suas crias.

AMA DE LEITE

Vende-se ou aluga-se uma preta de 15 annos, com filho de 2 mezes. Trata-se com Ferreira Salgado & C^a, á rua Formosa.

Fonte: Jornal Diário de Belém, Quarta-feira, 10 de Março de 1880. Nº 56, p. 2, Ano XIII

AMA DE LEITE

Aluga-se, ou vende, uma ama escrava com filho; á tratar na saboaria da estrada da Queimada n. 1.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Segunda- feira, 22 de Outubro de 1877. p. 2. Anno IV nº 241

AMA DE LEITE

Vende-se uma ama de leite, preta retina e sadia, própria para criar qualquer menino; a tratar com o corretor Guedes da Costa.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Belém, Terça-feira, 4 de janeiro de 1881. p. 3. Anno VIII nº 3

Os anúncios publicados em jornais paraenses no século XIX demonstram a importância e o papel da ama de leite na vida da família patriarcal brasileira que se deu de forma diferente da existente em Portugal. Gilberto Freyre (1998), no livro *Casa Grande & Senzala*, ressalta que a escolha das escravas negras para amas de menino foi

uma prática trazida de Portugal, na qual havia o costume das senhoras ricas de não amamentarem seus filhos, confiando essa atividade as escravas. No caso das senhoras no Brasil essa prática foi concedida às mulheres negras em decorrência das condições físicas das sinhazinhas da casa grande que tinham filhos ainda muito menina. Sobre isso diz Gilberto Freyre:

A escolha da escrava negra para ama de menino sugere-nos outro aspecto interessantíssimo das relações entre senhores e escravos no Brasil: o aspecto higiênico. De Portugal transmitira-se ao Brasil o costume das mães ricas não amamentarem os filhos, confiando-os ao peito de saloias ou escravas. (...) Com relação ao Brasil, seria absurdo atribuir-se à moda a aparente falta de ternura materna da parte das grandes senhoras. O que houve, entre nós, foi impossibilidade física das mães de atenderem a esse primeiro dever de maternidade. (...) Se casavam todas antes do tempo; algumas fisicamente incapazes de ser mães em toda plenitude. Casadas, sucediam-se nelas os partos. Um filho atrás do outro (FREYRE, 1998, p. 359-60).

Este autor mostra que, enquanto em Portugal o costume de relegar a amamentação a uma ama de leite era uma questão de moda, ou ainda uma questão de *status*, no Brasil a ama de leite serviu para atender a uma necessidade higiênica: a de amamentar as crianças devido à fraqueza das mães, do seu corpo ainda em formação e ao fato delas terem filhos sucessivamente.

A origem da função das amas de leite no Brasil está relacionada com a escravidão. A esse respeito, Luiz Felipe de Alencastro (1997) vai buscar argumentos na etimologia do significado do termo ama de leite. A palavra *mukama*, em quimbundo refere-se aos escravos domésticos de ambos os sexos, cativos do povo *ambundo* das aldeias da Angola. É o que descreve o referido autor sobre a origem da palavra que remete a ideia sobre as amas de leite escravas. O uso deste termo para as escravas da época da Colônia e do Império mostra a “especialização econômica da mulher cativa no trabalho doméstico e no aleitamento dos filhos dos senhores” (ALENCASTRO, 1997, p. 63). Isso nos permite concluir que a função de ama de leite para os donos de escravos era parte das atribuições possíveis de uma mulher cativa, em prol do seu benefício econômico.

Colin Heywood (2004) afirma que o costume de relegar a amamentação da criança para as amas de leite é muito antigo. As amas de leite tiveram um papel importante em relação à amamentação e nos cuidados com o bebê na Europa e nas Américas. No período medieval e moderno a postura dos pais em relação aos filhos mostra a insensibilidade deles com relação à infância. Os bebês com menos de dois anos

sofriam de descaso dos pais, pois para eles era natural não investir muito tempo nos cuidados de bebês tão pequenos devido à probabilidade deles morrerem ainda nos primeiros meses de vida. Os motivos deste descaso refletiam nas altas taxas de mortalidade infantil no ocidente no final do século XIX e início do século XX. Era recorrente deixarem as crianças em seus próprios excrementos durante horas, ficavam aos cuidados das amas de leite ‘mercenárias’ e muitas vezes eram abandonadas.

A falta de atenção com os bebês mostra que eles não só eram malcuidados como estavam entregues a própria sorte. No século XIII, o leite materno era uma forma de sangue e a mãe transmitia suas qualidades através dele assim como estreitava o vínculo emocional entre a mãe e o bebê. No século XIX com o movimento higienista, a ação de tirar o bebê dos cuidados da mãe e entregá-los a uma ama de leite era contrária à ideia da maioria dos médicos.

A questão da amamentação materna também foi defendida por autores protestantes na Europa e na América do Norte. Os argumentos baseavam-se nas escrituras sagradas e também na natureza. Em muitos lugares da Europa e Estados Unidos as famílias abastadas recorriam às amas de leite que tinham como trabalho receber dinheiro em troca de amamentar uma criança para outra família. No Brasil, a ama foi figura importante na vida da criança branca. Ela amamentou, cuidou e transmitiu sua cultura.

A importância da ama de leite na vida privada das famílias e sua função na vida pública ao trabalhar em casas de expostos, por exemplo, está evidente na história, como observado na Europa, na América do Norte e no Brasil e o costume da ama de leite também chegou a cidade de Belém, na época, capital da Província do Grão-Pará, com a influência portuguesa. A seguir vejamos a análise dos dados nos anúncios de jornais divididos em doze categorias de análise sobre as evidências das amas de leite na Província do Grão-Pará no século XIX.

4.2. Mulheres se oferecendo para ser ama de leite

Nesta categoria destacamos um anúncio sobre uma mulher que se ofereceu para ser ama de leite publicado no Jornal A Constituição, em 1884. De acordo com os estudos de Alencastro (1997), nas diversas províncias as mulheres brancas de origem portuguesa ofereciam-se para ser ama de leite. Neste anúncio não é possível identificar a

origem da pessoa, mas a partir da informação do sobrenome podemos supor que possa se tratar de uma mulher de origem portuguesa.

AMA DE LEITE

Maria Izabel da Conceição oferece-se para ama de leite. N'esta typographia dá-se informações.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Belém, Terça-feira, 5 de fevereiro de 1884. p. 3. Anno XI nº 30

Embora a maioria dos anúncios alugasse amas de leite negras, havia em alguns deles mulheres brancas se oferecendo para amamentar e cuidar de crianças, visto que era uma atividade lucrativa na Província do Grão-Pará.

No levantamento feito nos anúncios de jornais, constatamos que partir dos anos de 1850 começou a aparecer um maior número de anúncios de senhoras brancas imigrantes (maioria portuguesa) que se ofereciam como amas de leite; mas alguns médicos alertavam, em suas teses, que essas mulheres, não eram adequadas para o serviço, “se ‘nivelando’ às escravas, pois eram ambiciosas e deviam, portanto, ser evitadas” (KOUTSOUKOS, 2010, p. 166).

Ainda nos anos de 1850 encontramos anúncios de senhoras brancas portuguesas vindas principalmente da região dos Açores, que passam a competir com as mucamas de aluguel ao ofertarem-se como amas de leite brancas. Observa-se que em muitos anúncios as escravas são alugadas pelos seus senhores. Já em anúncios de senhoras brancas, elas mesmas se alugavam para o aleitamento. A diferença entre o *alugar-se* e *se alugam* além da mudança da partícula apassivadora do verbo, observa-se que na condição de ser livre a senhora branca pode ela mesma se alugar. Tanto a ama de leite quanto a senhora branca, mesmo exercendo a mesma função do aleitamento “mercenário”, ambas tem diferenças quanto à forma de oferecer seus serviços nos anúncios de jornal pela sua condição social de ser livre ou escrava: (...) *Uma oferta de ‘senhora’* – como especifica o anúncio -, que inverte o pronome pessoal *se*, mudando a partícula apassivadora do verbo pronominal em objeto direto, ativo: uma mucama *é posta a alugar-se* pelo seu proprietário, a senhora livre *se aluga* ela própria (ALENCASTRO, 1997, p. 64).

O costume da amamentação pelas amas de leite não era restrito apenas às senhoras da sociedade, príncipes e princesas também foram amamentados por amas de leite, como D. Pedro II, Maria Paula (irmã de D. Pedro II) e a princesa Isabel. No entanto há

uma divergência quanto à origem da ama de leite da princesa Isabel e uma convergência sobre ela ser uma imigrante. Para Mauad (2010), a ama de leite de D. Isabel, foi uma colona alemã: “A ama de leite da princesa Isabel foi uma colona alemã, habitante da região de Petrópolis, contratada com um ordenado de quarenta mil réis por mês” (p.161). Já para Roderick J. Barman mostra que a ama de leite foi escolhida em Nova Friburgo, ele descreve que na ocasião do parto, a mãe da princesa D. Tereza Cristina já havia encontrado a ama de leite para cuidar de D. Isabel:

Após a apresentação, o bebê foi prontamente lavado e enfaixado, D. Tereza Cristina não teve muito tempo para tomá-lo nos braços, e menos ainda para cuidar dele. Ficou de cama qual uma semi-inválida, conforme a prática médica da época. Não amamentou. Já se havia providenciado uma ama de leite, selecionada com muito cuidado na comunidade de imigrantes teuto-suíços, estabelecida em Nova Friburgo. No norte da província do Rio de Janeiro. (BARMAN, 2005, p. 41)

O que exemplifica que as amas de leite não eram somente as escravas, no caso da princesa Isabel, tratava-se de uma imigrante. A imagem abaixo se justifica para ilustrar a presença da ama de leite na família Imperial Brasileira, neste caso trata-se da imagem de D. Pedro II e sua ama de leite.



Imagem 4: De D. Pedro II com sua ama de leite com um ano e meio de idade, pintura a óleo atribuída a Jean Bapist Debret, c. 1827. Fonte: Koutsoukos, Sandra Sofia Machado. No estúdio do fotógrafo: representação e autorepresentação de negros livres, forros e escravos no Brasil da segunda metade do século XIX. p. 334.

Por sua vez a imagem a seguir mostra o rei da França Luiz XV e sua ama de leite, esta imagem justifica-se para ilustrar que este costume era presente na realeza e

significava status, pois nem todos podiam ter uma ama de leite, assim como, para mostrar que elas também poderiam ser de cor branca.



Imagem 5: O futuro rei Luiz XV criança com sua ama de leite. Fonte: http://www.thefullwiki.org/Wet_nurse acessado em: novembro de 2012.

Na Europa do século XIV, as amas tiveram uma importância na diminuição da mortalidade infantil, já que as mães não podiam amamentar suas crianças. Sendo assim, muitas mulheres brancas viviam desta atividade como forma de sobrevivência. A prática da amamentação pelas amas de leite ficou em evidência nos séculos XVIII e XIX, em diversas cidades europeias. Um exemplo foi o ocorrido na França, devida à urbanização rápida e à industrialização por etapas que favoreceram o crescimento da prática da amamentação pelas amas de leite. Por exemplo, em 1780, o comandante da Polícia em Paris informou que dos 21 mil bebês nascidos a cada ano, apenas 30 eram amamentados pelas mães, os demais bebês eram amamentados pelas amas de leite nos subúrbios e na zona rural ao redor da cidade.

Em um estudo realizado em Florença na Itália verificamos o costume de fazer uso dos serviços das amas de leite pela classe média em meados do século XIV, esse costume era bastante arraigado na época. A amostra do estudo revelou que mais de um terço das crianças tinha pais situados fora da elite dominante, incluindo artesãos especializados, pequenos mercadores ou proprietários de terra e tabeliães e que Florença era uma exceção no quando geral dos períodos medieval e moderno, pois, as amas de leite estavam limitadas a trabalharem para as famílias aristocráticas ou burguesas ricas.

A amamentação pelas amas de leite no século XIX foi uma das formas encontradas pelas mulheres da sociedade conciliar a função de mães e esposas. De

acordo com Michelle Perrot (2012), nesta época os maridos acreditavam que o tempo dedicado aos bebês era excessivo, além de que o ato conjugal era desaconselhado às mulheres que estavam amamentando.

Na Europa do século XVII e XVIII eram naturais as famílias abastadas e comerciantes prósperos recorrerem às amas de leite, pra ficarem com seus bebês em seu domicílio. As amas eram selecionadas por médicos, as candidatas eram examinadas em locais de seleção para as mulheres que vinham do campo. Elas eram bem nutridas e cuidadosamente vigiadas de perto, principalmente no que se refere ao aspecto sexual. Em alguns casos, as crianças é que eram enviadas para o campo, e levadas por suas amas para serem cuidadas. No entanto, o trajeto para o campo era muitas vezes arriscado e perigoso o que levava a morte de muitos bebês. Conforme afirma Perrot (2012, p75), “em determinados períodos, metade dos bebês morria no caminho”. Como já foi dito, somente no século XIX, após muitas críticas de médicos este tipo de sistema de envio de bebês por ama acabou por desaparecer.

Heywood (2004) também mostra como eram fortes os argumentos contrários às amas de leite. Um dos argumentos é que os contemporâneos acusavam as mães de estarem mais preocupadas com elas mesmas e com os círculos sociais do que com o bem estar dos seus filhos e por isso se recusavam a amamentá-los. Segundo Heywood, no ano de 1660, já havia crítica quanto ao descaso das mães na amamentação de suas crianças. Um pastor luterano em Hamburgo era da seguinte opinião: as senhoras queriam as amas de leite para que assim elas pudessem ter tempo de cultivar sua própria beleza e poder dormir a noite inteira. Havia também os argumentos que atacavam os pais que eram taxados de egoístas ao mandarem seus filhos para longe para assim continuarem a ter relações sexuais com suas esposas por um longo tempo, pois acreditavam que o ato sexual durante o período de lactação estragava o leite. Ainda para este autor, as amas de leite eram “mercenárias”, pois tratavam a obrigação de cuidar da criança como uma mercadoria qualquer. As amas privavam as crianças dos cuidados e da atenção que elas precisavam. Segundo seus detratores, elas enganavam os pais em seus relatórios sobre as condições dos bebês, ofereciam o leite para seus próprios filhos antes e suplementavam seu estoque sobrecarregado com leite animal ou com ‘papa’ feita de farinha ou migalhas de pão misturadas à água (HEYWOOD, 2004, p. 89).

Ainda para Heywood (2004) havia também a preocupação com o estado emocional da criança quando esta tinha que mudar de ama, o que acontecia com certa

frequência quando a ama engravidava ou era mandada embora por ser negligente. No entanto, havia argumentos favoráveis à contratação das amas de leite. Entre eles está o fato de que elas eram a alternativa mais segura para a amamentação até a revolução ‘pasteuriana’ do final do século XIX. As amas eram contratadas quando a mãe tinha saúde frágil, eram incapazes de amamentar ou tinham pouco leite, sendo uma fonte de alimento para o bebê. Transferir os cuidados dos filhos para outras pessoas era sinônimo de nobreza entre os ricos. Para os que tinham uma renda menor, a amamentação pela ama de leite era necessária para que a esposa pudesse conciliar o seu trabalho em um pequeno ateliê ou negócio e suas tarefas domésticas.

O negócio das amas de leite na Europa e Estados Unidos avançou até o início do século XX, quando começou a declinar. A derrota da guerra Franco-Prussiana antecipou a aprovação da Lei Roussel, em 1879, que estendia a toda a França as legislações parisienses e entre elas a supervisão médica às amas e crianças. Na Itália, em 1818, o governo proporcionou instituições médicas para as amas de leite com o objetivo de conter a sífilis e também tornar o costume de ter uma ama de leite desnecessário. No final do século XIX, a disponibilidade de leite esterilizado e mamadeiras foi um recurso alternativo para a mudança geral em relação à amamentação. A mudança das jovens casadas de deixarem de ser força de trabalho no início do século XX foi a influência mais importante para o fim da solicitação às amas de leite. Este argumento não é ingênuo, pois para Heywood (2004):

Não resta dúvida de que muitas dessas mães não teriam passado no ‘teste do sacrifício’ de Shorter, assim como suas contrapartes mais favorecidas nas ‘classes ociosas’. Com certeza, seria ingênuo pensar que as mães estivessem invariavelmente dispostas a abrir mão do investimento em, digamos, política, trabalho fora de casa ou atividades de caridade, para se concentrar exclusivamente aos seus filhos. (...) a necessidade de contribuir para a economia da família pesou mais para algumas, ou mesmo a vontade de fazer bonito ‘na sociedade’ (HEYWOOD, 2004, p.93).

A contratação de amas de leite no Brasil foi diferente do que ocorreu na Europa. No Brasil existem evidências de que as amas só ofereciam seus serviços depois que tinham deixado de amamentar seu próprio filho por vários motivos. Para os pais era importante encontrar uma boa ama que fosse gentil com as crianças, tivesse boa saúde e produzisse leite de boa qualidade sem contaminações. Contudo, essas questões não eram controladas, pois havia a utilização de amas de leite de forma indiscriminada pelas famílias brasileiras.

4.3. Amas de leite para aluguel e o local de contratação

Nos anúncios de jornais havia a procura, a oferta e o aluguel de amas. O aluguel do próprio leite pelas amas significava para elas em uma fonte de renda honesta e digna, pois mesmo com a abolição da escravatura, ainda assim continuavam em uma condição social modesta.

Nos sete anúncios de jornais abaixo publicados nos jornais *Diário de Belém* (1871, 1872, 1874), *Diário do Commercio* ((1859) e *A Constituição* (1876, 1877), de grande circulação na Província do Grão-Pará, no século XIX, constatamos a periodicidade de anúncios que alugavam amas de leite e que os conteúdos enunciativos das mensagens ressaltam informações muito relevantes para a contratação da ama de leite.

Assim como aconteceu na Província do Grão-Pará, Grillo (2007) exemplifica que a prática de anunciar amas de leite em jornal no século XIX era comum também no Recife. Na Província de Pernambuco, no século XIX, era grande a procura por amas de leite devido ao aumento da população urbana que não concebia a amamentação como prática natural da mãe e delegava a ama de leite essa função. E muitas vezes também chegava a fazer o papel de mãe da criança, o que resultou na chamada “mãe de leite”. De maneira que as práticas de aleitamento se entrelaçavam com as concepções, prescrições e interdições da maternidade que favoreciam a existência de um mercado de leite em Recife e igualmente em todas as Províncias.

AMA DE LEITE

Na travessa Occidental do mercado ns. 42 a 44 se diz quem precisa de uma ama de leite.

Fonte: Jornal Diário de Belém p. 3, nº 72 de Sexta-feira, 31 de Março de 1871. Ano IV.

ALUGA-SE UMA AMA DE LEITE, quem a pretender dirija-se à rua da indústria nº 21

Fonte: Jornal Diário de Belém p. 2, nº 269 de Quarta-feira, 27 de Novembro de 1872. Ano V.

AMA DE LEITE

quem precisar de uma ama de leite em condições higienicas, dirija-se a phenix que se lhe indicará quem aluga.

Fonte: Jornal Diário de Belém p. 2, nº 169 de Sábado, 25 de Julho de 1874. Ano VII.

ALUGA-SE HUMA BÔA AMA DE LEITE; quem a quiser dirija-se a D. Maria Balbina de Queiroz Bolonha em casa de Joaquim Ignacio Tavares da Cruz na Rua Nova N. 26

Fonte: Jornal Treze de Maio, Sabbado, 22 de fevereiro de 1845. p. 4. N° 484. 20° Trimestre.

ALUGUEL

Na rua Santo Antonio casa n° 5, tem para alugar uma ama de leite.

Fonte: Jornal Diário do Commercio. Sábado, 15 de Janeiro de 1859, p. 3, n°11, Anno 5.

NA RUA DO ESPÍRITO SANTO n. 35 se diz quem aluga uma ama de leite.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Terça-feira, 1 de Fevereiro de 1876. p. 3. Anno III n° 25

AMA DE LEITE

Aluga-se uma, sem filho, na rua dos Innocentes n° 94 a chegar á travessa da Estrella.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Sexta-feira, 5 de Janeiro de 1877. p. 3. Anno IV n° 4.

Em meados de 1871, Conrad (1978), segundo Grillo (2007), relata que nesta época os proprietários de escravas enviavam os filhos de suas escravas para a “casa dos expostos” e as alugavam como amas de leite e chegavam a ganhar quinhentos a seiscentos mil réis em um ano com o aluguel. Conforme anúncios publicados no Jornal Diário de Pernambuco: “*Precisa-se de uma ama de leite, sem filho preferindo-se escrava: na larga do Rosario n.12, 2°andar*” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 11/12/1872) e “*Aluga-se uma escrava de côr parda, com muito leite e sem filho: na rua da Aurora numero 169*” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 09/08/1878). Além destes anúncios havia ainda os que solicitavam que a ama viesse com seu filho: “*Precisa-se de uma ama que tenha abundante leite, que seja sadia e tenha filho, e este a acompanhe: a tratar na rua da Imperatriz, loja n.44*” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 02/04/1870) .

Assim como nos anúncios na Província do Pará, na Província de Pernambuco havia também os anúncios que demonstravam preocupação com a cor da pele ou condição da mulher de forra ou escrava: “*Precisa-se ama de leite: Precisa-se de uma que tenha bom leite preferindo ser branca ou parda, que não tenha filho: a tratar na rua Nova n.22 e rua da Aurora n.24*” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 18/08/1871); “*Precisa-se de uma ama com bastante leite, forra ou escrava: na rua da Imperatriz n. 65, 1° andar*” (JORNAL DO RECIFE, 28/09/1877) e “*Aluga-se uma ama escrava para ama de leite, com bom leite, por 12\$ mensaes por ter uma filhinha de 5 mezes: que a quizer, dirija-se á rua do Imperador n.50, 3°andar*” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 08/08/1878). Grillo (2007) destaca em outro anúncio que era recorrente informar a questão moral da ama de leite, também era fonte de preocupação e atenção nos anúncios

publicados nos jornais de grande circulação na Província do Grão Pará, como se vê no anúncio publicado no jornal Diário de Pernambuco: “*No sobrado da rua do Imperador n.38 precisa-se de uma boa ama com abundante e bom leite, e que seja mulher honesta*” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 16/04/1872).

Na imagem abaixo podemos constatar a importância da ama de leite na vida das crianças brasileiras no século XIX. Havia a prática de fotografar as amas com as crianças que havia amamentado. Esta fotografia foi produzida no estúdio fotográfico do Sr. Militão Augusto de Azevedo em São Paulo em 1870. No ateliê do fotógrafo foram registrados muitos retratos de amas de leite com as crianças que havia amamentado e cuidado.



Imagem 6: Retrato de busto de ama com criança. Cartão de visita (cortado) de Militão Augusto de Azevedo. Fonte: Koutsoukos, Sandra Sofia Machado. No estúdio do fotógrafo: representação e autorepresentação de negros livres, forros e escravos no Brasil da segunda metade do século XIX. / Sandra Sofia Machado Koutsoukos. – Campinas, SP: [s.n.], 2006.

Não somente na fotografia, mas também em desenhos e gravuras as amas de leite serviram de inspiração para os artistas do século XIX. A imagem abaixo se justifica por ilustrar a prática da amamentação estudada: o desenho de uma ama de leite amamentando um bebê, neste caso de cor branca, observamos que este desenho mostra a relação afetiva estabelecida entre a ama e a criança realizada no momento da amamentação evidenciada modo como a ama segurava a criança e olhava para ela. O desenho retrata claramente a prática de amamentação por parte das negras amas de leite. No mais, podemos destacar a importância delas na educação informal da criança, no

cuidado e na alimentação infantil ao introduzir no seu cardápio alimentar frutas e papas, por exemplo, além do leite do seio.



Imagem 7: Desenho de ama de leite amamentando bebê branco. Fonte: <http://imperiobrazil.blogspot.com.br/2012/02/escravidao-e-escravatura.html>

Nos dezenove anúncios apresentados a seguir publicados nos jornais *Diário do Commercio* (1859), *Diário de Belém* (1869, 1871, 1872, 1880), *A Constituição* (1876, 1878, 1879, 1883), *A Regeneração* (1876), *O Liberal do Pará* (1880) e *Gazeta Official* (1859) constatamos o perfil das pessoas que contratavam as amas de leite. Tratava-se de pessoas que tinham condições financeiras para pagar os serviços da ama de leite. Entre elas encontramos o Barão do Guamá que residia na estrada de Nazareth; o tenente coronel Magalhães que residia no Largo da Trindade; Excelentíssimo Sr. deputado Guilherme Cruz que residia na estrada de São Jerônimo; na casa da Sra. Angela Garcia Frade ou Francisco Barata no Largo de Nazareth; na casa do Sr. Dr. F. Acacio Correa na Estrada de São Jeronimo; rocinha de Francisco Guadencio da Costa em Nazareth; na botica do Sr. Abel Augusto Cesar d'Araújo; na loja do Sr. Izidoro Ferreira da Costa; na secretaria de polícia com o Sr. Salvino Couto; na casa do Sr. Macahyba; casas da Sra. Balbina de Queiroz; do Sr. Antonio da Silva Penna, do Sr. Bernadino de Senna Lameira; do Sr. Antonio Xavier da Silva Leite e do Sr. João Carlos da Cunha Coimbra.

Os anúncios geralmente destacavam os lugares para onde o contratante poderia dirigir-se para contratar os serviços da ama de leite como: casas, lojas, comércios,

botica, secretaria de polícia e tipografias. Essa informação mostra que as amas iam trabalhar em casas de famílias de posses, ou seja, famílias pertencentes a elite local. Constatamos também nos anúncios o nome da pessoa responsável pela contratação. Em alguns desses anúncios havia a informação de um corretor, uma espécie de pessoa que intermediava a negociação.

QUEM PRECISAR DE UMA BOA AMA DE LEITE, dirija-se a loja do Izidoro Ferreira da Costa, que tem ordem para alugar, o mesmo sr. esta autorizado para vender um sobradinho velho na rua do Rozario.

Fonte: *Jornal Diário do Commercio*. Quarta-feira, 09 de Fevereiro 1859, p. 3, nº31, Anno V.

AMA DE LEITE COM FILHO

O corretor Guedes da Costa, vende uma ama de leite sadia com um filho o qual não encomoda.

Fonte: *Jornal Diário de Belém*, Terça-feira, 04 de Janeiro de 1881. Nº 2, p.3, Ano XIV

AMA DE LEITE

Aluga-se uma rapariga sem cria própria para ama de leite, a tratar na rua do general Gurjão entre á travessa das Gaivotas e Bailique, casa de azulejo onde morreu o sr. Macahyba.

Fonte: *Jornal A Constituição*. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Sexta- feira, 23 de agosto de 1878. p. 2. Anno V nº 188

AMA DE LEITE

Precisa-se alugar uma ama de leite, preferindo-se sem filho. A tratar na rocinha de Francisco Guadencio da Costa em Nazareth.

Fonte: *Jornal Diário de Belém* p. 4, nº 259 de Domingo, 14 de Novembro de 1869. Ano II.

AMA DE LEITE

Atenção!

Precisa-se de uma ama de leite, saudável, preferindo-se sem cria; em casa de Silva, Martins & Amorim, se diz.

Fonte: *Jornal Diário de Belém* p. 3, nº 238 de Domingo, 20 de Outubro de 1872. Ano V.

AMA DE LEITE

Precisa-se de uma; preferindo-se sem filho.

A' informar na rua do Espírito Santo, casa de d. Angela Garcia Frade, ou na de Francisco Barata, na estrada de Nazareth.

Fonte: *Jornal A Constituição*. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Quinta- feira, 3 de Janeiro de 1878. p. 2. Anno V nº 2

AMA DE LEITE

Precisa-se alugar uma ama de leite; prefere-se sem filhos; á tractar na botica de Abel Augusto Cezar d' Araujo, rua da Boa Vista nº 13

Fonte: *Jornal Diário de Belém* p. 2, nº 258 de Quinta-feira, 14 de Novembro de 1872. Ano V.

AMA DE LEITE

Precisa-sede uma em casa do Sr. barão de Guamá, á estrada de Nazareth.

Fonte: *Jornal O Liberal do Pará*. p.3. Belém do Pará, Sabbado, 19 de Junho de 1880. Ano XII, nº 139.

PRECISA-SE DE UMA BOA AMA DE LEITE,

prefere-se sem cria; quem a tiver ou quiser-se alugar pode dirigir-se à casa do Tenente corenel Magalhães no lagro da Trindade.

Fonte: Jornal Diário de Belém. p.3. Sexta-feira, 21 de Maio de 1869. Ano II, nº113.

AMA DE LEITE

Em casa do exm sr deputado dr. Guilherme Cruz, á estrada de S. Jeronymo, precisa-se de uma ama de leite, preferindo-se sem filho.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Belém, Quinta-feira, 26 de julho de 1883. p. 2. Anno X nº 171

AMA DE LEITE

Precisa-se de uma ama de leite que seja sadia e cuidadosa.

A tratar na secretaria de policia com Salvino Couto.

Fonte: Jornal Diário de Belém. p.1. Sábado, 16 de Outubro de 1869. Ano II, nº 235.

AMA DE LEITE

Antonio da Silva Leite Junior, precisa alugar uma ama de leite, sadia e sem vícios, a tratar na sua residência ao largo de Nazareth, casa de sacada de ferro, a qualquer hora.

Fonte: Jornal Diário de Belém, Sabbado, 12 de Junho de 1880. Nº 132, p. 3, Ano XIII

AMA DE LEITE

Em casa do dr, F. Acacio Correa, a estrada de S. Jernymo, precisa-se de uma ama de leite que seja livre e sem filho. Paga-se bem.

Fonte: Jornal Diário de Belém p. 3, nº 13 de Terça-feira, 16 de Janeiro de 1871. Ano IV

O AGENTE ALMEIDA VENDE

uma escrava com 25 anos de idade e com um filho de 2 meses, lava, cozinha e engoma e é boa ama de leite, boa figura.

Fonte: Jornal Diário de Belém. p.3. Sábado, 11 de Setembro de 1869. Ano II, nº205.

AMA DE LEITE

Aluga-se uma de côr preta e sem filho; quem a pretender dirija-se á casa do capitão Balthazar Hypolito do Valle, á rua dos Cavalleiros n. 17.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Segunda- feira, 10 de fevereiro de 1879. p. 2. Anno VI nº 33

AMA DE LEITE

Em casa do Sr. Antonio T. da Silva Penna à praça de Pedro II, há uma ama de leite para alugar. Quem pretender dirija-se a referida casa, que achará quem tratar.

Fonte: Jornal A Regeneração, Quarta feira, 16 de Fevereiro de 1876. p. 4 Ano III nº 84.

AMA DE LEITE

Bernadino de Senna Lameira precisa alugar uma ama de leite.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Segunda- feira, 10 de Julho de 1876. p. 3. Anno III nº 152

AMA DE LEITE

Antonio Xavier da Silva Leite Junior precisa alugar uma ama de leite, sadia e sem vícios; á tratar na sua residência ao largo de Nazareth, casa de sacada de ferro, a qualquer hora.

Fonte: Jornal O Liberal do Pará. p.3. Belém do Pará, Sabbado, 19 de Junho de 1880. Ano XII, nº 139.

AMA DE LEITE

João Carlos da Cunha Coimbra precisa alugar uma ama de leite.

Fonte: Jornal Gazeta Official, Quarta-feira, 28 de Setembro de 1859. Ano II, nº 216. p. 4

No aluguel de amas era frequente a indicação das tipografias como referência para informar quem tinha uma ama para alugar. É provável que as razões da escolha deste local fossem porque as pessoas podiam se informar sem necessidade de identificação e também porque talvez a tipografia recebesse alguma comissão pela indicação.

De acordo com o Museu de Arte de São Paulo (1979), a tipografia difundiu-se com velocidade pelo mundo, iniciou na Europa a partir da Alemanha e apenas em 1487 chegou a Portugal. Em 1808, a tipografia chega ao Brasil, com a vinda da corte portuguesa, no entanto sofreu restrições para se estabelecer em terras brasileiras, pois, como afirma os estudos do Museu de Arte de São Paulo (1979), era de interesse de o governo Português fazer com que o Brasil continuasse dependente de Portugal ao que se refere ao acesso à informação, dificultando a livre concorrência entre esses países.

Nos nove anúncios apresentados abaixo publicados nos Jornais *Diário de Belém* (1869, 1872, 1876, 1881, 1887), *A Constituição* (1878), *Treze de Maio* (1856) e *Gazeta Official* (1859) podemos destacar a tipografia como o lugar que era indicado nos anúncios para obter informações para o aluguel de amas de leite. Observamos nos anúncios que geralmente o interessado pela contratação de uma ama de leite não se identificavam e a pretendente buscava informações na tipografia.

NESTA TYPOGRAPHIA se diz quem tem uma excelente ama de leite para alugar.

Fonte: Jornal Diário de Belém, p.3, nº 194. Sexta-feira, 27 de Agosto de 1869. Ano II

NESTA TYPOGRAPHIA se informa quem precisa de uma ama de leite, que seja sadia.

Fonte: Jornal Diário de Belém p. 1, nº 113 de Sábado, 21 de Maio de 1887. Ano XX.

AMA DE LEITE

Nesta typographia se diz quem precisa de uma ama de leite, sadia e sem filho.

Fonte: Jornal Diário de Belém, Terça-feira, 3 de Janeiro de 1881. Nº 2, p.1, Ano XV

AMA DE LEITE SEM FILHO.

Aluga-se uma, a tratar nesta Typ.

Fonte: Jornal Diário de Belém p. 3, nº 18 de Domingo, 26 de Janeiro de 1876. Ano IX.

AMA DE LEITE

Nesta typografia se indica quem precisa de uma, prefere-se sem cria.

Fonte: Jornal Diário de Belém p. 3, nº 224 de Sexta-feira, 04 de Outubro de 1872. Ano V

NESTA TYP se diz quem precisa de uma ama de leite.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Quinta-feira, 10 de outubro de 1878. P. 3. Anno V nº 228

NESTA TYP. Se inculca, quem tem para alugar, uma preta moça, sadia, e sem filho, para ama de leite.

Fonte: Jornal Gazeta Official, Quinta-feira, 13 de janeiro de 1859. Ano 2, nº 9. P. 4

ALUGA-SE uma boa ama de leite, livre, ou escrava, e promete-se tratar muito bem, além de paga, Nesta typ. Se dirá o pretendente.

Fonte: Jornal Treze de Maio, Sexta-feira, 04 de Abril de 1856, nº 702, p.4, 16º ano.

QUEM PRECISAR DE UMA BÔA AMA DE LEITE, sem cria e sadia nesta typ se indica uma para alugar.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Terça-feira, 9 de julho de 1878. P. 3. Anno V nº 150.

No que se refere à tipografia na Província do Grão-Pará, de acordo com o Museu de Arte de São Paulo (1979), a Província do Grão-Pará acompanhou o progresso nacional com a vinda da família real portuguesa, as relações comerciais com Lisboa, as províncias de Goiás e Mato Grosso, foram intensificadas. Com ao advento do sistema democrático em Portugal, ocorreram mudanças significativas na Província do Grão-Pará, tais como a tentativa de João Francisco Madureira (1795-1839) em criar uma tipografia em Belém em 1820, chegou a construir um prelo e imprimir folhetos e papéis políticos, porém após sua ida a Lisboa e envolvimento político, o faz abandonas a ideia da tipografia.

A instalação efetiva de uma tipografia no Pará aconteceu com a ação de Fellipe Alberto Patroni Martins Maciel Parente (1798-1866). Em uma viagem para Lisboa no ano de 1821, em campanha contra a junta administrativa do Pará, posteriormente, ainda em Lisboa, negociou junto com Domingos Simões da Cunha e José Batista da Silva, uma tipografia para funcionar em Belém do Pará, na época capital da Província do Grão-Pará. Em 1821, Alberto Parente e José Silva chegam a Belém junto com o tipógrafo e impressor Daniel Garção de Melo, o francês Luiz José Lazier e o espanhol,

Joaquim Antonio Alvarez e juntos, iniciam a circulação do primeiro jornal da Província do Grão Pará, chamado “O Paraense”, com periodicidade semanal, iniciou uma campanha contra o absolutismo. Por questões de tensões políticas, em 1822, Patroni foi preso e enviado a Lisboa e o jornal passaram para a direção do cônego João Batista Gonçalves Campos.

Destaca-se ainda que uma das tipografias mais importantes do Pará foi a do Sr. Honório José dos Santos, carioca que chegou ao Pará em 1819, envolveu-se na conspiração de 1823 que discutia a adesão da província à independência. Ele foi preso e mandado para Lisboa, retornando ao Pará no mesmo ano. Em 1831, foi nomeado escriturário da mesa de arrecadação das rendas nacionais e também exercia o ofício de tipógrafo. Mudou diversas vezes o nome de sua tipografia, tais como: “Typografia de Santos & Menor”, “Santos & Menores”, “Santos e filhos” e por fim, “Santos & Irmãos”. Como se vê, era recorrente na Província do Grão Pará as tipografias servirem de referências intermediárias para a contratação de amas de leite para venda ou aluguel.

O CORRETOR GUEDES DA COSTA

aluga uma excelente ama de leite, muito robusta e sadia.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Belém, Terça-feira, 1 de fevereiro de 1881. P. 3. Anno VIII n° 26

AMA DE LEITE

Antonio Rodrigues dos Santos Almeida, cantos das escadinhas, casa n 2 tem par alugar uma escrava para ama de leite, sem cria. Também tem outra escrava que aluga para todo o serviço da casa.

Fonte: Jornal Gazeta Oficial, Quarta-feira, 22 de Junho de 1959. Ano II, n° 138. P. 4

AMA DE LEITE

O corretor Guedes da Costa, aluga uma excelente ama de leite, muito retinta e sadia.

Fonte: Jornal Diário de Belém, Quinta-feira, 27 de Janeiro de 1881. N° 21, p.1, Ano XIV

AMA DE LEITE

Antonio de Souza e Azevedo Mello tem para alugar huã ama de leite: na praça Pedro 2° tem para alugar uma escrava para ama de leite sem cria. Também tem outra escrava que aluga para todo o serviço de casa.

Fonte: Jornal Treze de Maio, Quarta-feira, 25 de fevereiro de 1845. P. 4. N° 583 24° Trimestre.

AMA DE LEITE

Preciza se alugar huma Ama de leite forra ou escrava, atractar com Jozé Francisco de Andrade Chaves.

Fonte: Jornal Treze de Maio, Sabbado, 22 de Novembro de 1845. P. 4. N° 558 23° Trimestre.

Nos cinco anúncios acima publicados nos jornais *A Constituição* (1881), *Gazeta Oficial* (1859), *Diário do Pará* (1881) e *Treze de Maio* (1845) verificamos que além do lugar e do responsável pela venda ou aluguel das amas de leite, constatamos alguns dados referentes às preferências que eram dadas às amas: boa e excelente ama de leite, sem cria, com cria, sadia, robusta, saudável, boas condições higiênicas, cuidadosa, em vício, livre, livre ou escrava. Um das principais características mais recorrentemente abordadas nos discursos dos anúncios é da ama de leite ser sadia, saudável e sem vício.

Era recorrente também nos anúncios a indicação das condições de saúde das candidatas a amas de leite. Ressaltar no anúncio que a ama de leite tinha boa saúde, sadia e em boas condições higiênicas valorizava e muito a ama de leite. Havia inclusive por parte dos médicos higienistas a condenação do leite mercenário. Os médicos no século XIX condenavam as amas de leite, pois as mesmas transmitiam doenças para as crianças. O médico Urculo (1882) argumentava a necessidade de examinar com rigor os antecedentes individuais e hereditários das amas, com a finalidade de identificar se possuíam alguma doença ou motivo que as impedissem de exercer a função. Ainda na sua argumentação, sobre a escolha delas era importante atentar para os seguintes aspectos: a saúde e o estado físico geral, a qualidade do leite e dos órgãos de lactação, a idade (elas não deveriam ser nem muito novas, nem muito velhas), certo grau de inteligência e habilidade de proteger e prevenir a criança de algum acidente. Ele recomendava também que as amas fossem companheiras da mãe na educação e alimentação das crianças, com exceção dos casos em que os filhos precisassem ficar longe das mães por questão de higiene.

Para Urculo as amas de leite eram, em muitos casos, mercenárias. Ele observou que muitas escravas abandonavam ou castigavam as crianças com beliscões e palmadas, tinham comportamentos inadequados tais como, conversas e gestos imorais próximos às crianças, como forma de revidar aos maus tratos sofridos pelos senhores. Além de que muitas delas fingiam ser carinhosas com as crianças com medo de sofrerem castigos e punições. No entanto, o médico reconhecia que dentre essas mulheres existiam as que realmente tinham orgulho de alimentar as crianças, esquecendo-se muitas vezes dos seus próprios filhos.

Dessa forma, Urculo (1882) considerou a escravidão um assunto tão relevante quanto à higiene infantil. Sua preocupação era sobre o fato de muitas crianças brancas serem amamentadas por escravas de costumes e hábitos diferentes dos da mãe. É

importante destacar que não só para Urculo, como também para alguns médicos, tais como Castilho (1882), Cerqueira (1882) e Vieira (1882) consideravam negativa a contratação de amas de leite. Eles viam nessas mulheres a falta de garantias de bons modos, moralidade, asseio e saúde, como afirma Urculo (1882):

[...] os hygienistas exigem ainda que as amas tenham ainda certos dotes physicos e Moraes: devem ser bellas, amáveis, dóceis, cortezes, titulo estes que além de difficil de serem encontrados nessas pobres mães de empréstimo seriam por um lado para agradarem as suas alugadoras, por outro para irem insensivelmente transfundindo nos seus filhos de leite aquelles dotes (URCULO, 1882, 47).

A tristissima sorte reservada a estas mães pela força tem baixado tão miseravelmete que em cada escrava se póde mirar um espelho de mãos, costumes e habitos indignos. Effectivamente são ellas as que menos respeito guardam pela moral, entre ellas a prostituição é mais torpe, os colloquios mais licenciosos, o decoro e o brio nullos de todos (URCULO, 1882, p51).

A visão de Urculo (1882) é a de que é através do leite materno que a criança pode absorver os atributos morais da mãe. Assim, quando a amamentação era feita pela ama tanto a transmissão dos atributos dela quanto do convívio seriam realizados através do leite. E caso elas se apresentassem assumindo costumes imorais e torpes, elas os transmitiriam às crianças.

Constatamos nos dois anúncios abaixo publicados nos Jornais *Gazeta Official* e *Jornal Treze de Maio*, em 1885 e 1859, respectivamente, a garantia do alugar amas de leite o contratante garante a conduta da escrava e seus costumes assim como o tratamento de qualidade por parte das amas de leite.

NA RUA DE SANTO ANTONIO casa n. 5 quase ao sair no largo das *Mercês* tem uma excellente ama de leite para alugar, *affiança-se a conduta da escrava e seus costumes.*

Fonte: *Jornal Gazeta Official, Sabbado, 05 de Março de 1859. Ano II, n° 52. p. 4*

QUEM TIVER E QUIZER ALUGAR HUMA AMA DE LEITE que seja *sadia, dirija-se ao sobrado da travessa do Pelourinho canto da rua Formosa, que ali achará com quem tratar: affiançar-se o melhor tratamento possível, e prompto pagamento dos jornaes.*

Fonte: *Jornal Treze de Maio, quinta-feira, 25 de janeiro de 1855. p. 4. N°440. 14° anno.*

Segundo Gilberto Freyre (2010), em muitos anúncios de jornais sobre a contratação de amas de leite destacava não somente as qualidades das delas, mas, sobretudo o comportamento das mesmas visto que havia denúncia de que muitas

crianças eram maltratadas e não recebiam os cuidados devidos por parte das amas de leite. Em decorrência dessas denúncias muitos contratantes afiançavam o tratamento dado pela ama. Nos anúncios eram comuns os seguintes enunciados: (...) *afiança-se a conduta da escrava e seus costumes (...); (...)* *afiançar-se o melhor tratamento possível.*

4.4. Função da ama de leite e outras atividades

Os seis anúncios a seguir publicados nos principais jornais *A Constituição* (1876, 1878), *Diário de Belém* (1876), *Gazeta Oficial* (1859), *Treze de Maio* (1854), que circulavam na Província do Grão-Pará no século XIX, mostram que a função da ama de leite estava bem distinta dos demais escravos e escravas da casa. No anúncio abaixo se observa esta diferença, pois o anunciante quer uma ama de leite e uma cozinheira. Logo, supõe-se que cozinhar não era atribuição da ama de leite. Havia nos anúncios a indicação de outras atividades que as amas de leite poderiam oferecer, como se vê no seguinte enunciado: *aluga-se uma escrava, sem filho, para ama de leite, sabe fazer todo o serviço de uma casa (...); vende-se ou aluga-se uma escrava moça, boa cozinheira, lavadeira, engomadeira, costureira, & e boa ama de leite (...); Preciza-se alugar huma ama de leite sem cria, será preferida; assim como que saiba engomar(...).*

Os anúncios ofertavam vagas para mulheres negras que poderiam ser cozinheira, lavadeira, engomadeira e costureira. Além disso, outras habilidades eram exigidas das amas, tais como; lavar, engomar e cozinhar. Os anúncios destacavam ainda qualidades adequadas das amas como a habilidade para criar um menino. No mais, há nos anúncios referências, por exemplo, das informações sobre a saúde da ama, se ela tem filhos e a idade dele. Por fim, informações sobre a pessoa com quem seria feito o negócio e o endereço a ser tratado o acordo.

AMA DE LEITE E COZINHEIRA.

Aluga-se uma excelente cozinheira e uma ama de leite sem filho; a tratar na casa fronteira a rocinha do ílm. Sr. Dr. Pinto, á rua da Cruz das Almas.

Fonte: Jornal Diário de Belém p. 2, n° 67 de Quinta-feira, 23 de Março de 1876. Ano IX.

AMA DE LEITE E AMAS DE SERVIÇO

N'esta typ se diz quem tem para alugar 1 ama de leite, e 4 para o serviço doméstico.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, 7 de Janeiro de 1876. p. 3. Anno III n° ?

AMAS DE LEITE

Na rua do Espírito Santo n. 10, alugão-se duas ecravas proprias para todo o serviço de uma casa de família, e também uma ama de leite sem cria.

Fonte: Jornal Gazeta Official, Terça-feira, 12 de Julho de 1859. Ano II, nº 152. p. 4

ALUGA-SE UMA ESCRAVA,

sem filho, para ama de leite, sabe fazer todo o serviço de uma casa, quem pretender, dirija-se á rua do Espírito Santo, casa n. 7

Fonte: Jornal Gazeta Official, Sabbado, 02 de Julho de 1859. Ano II, nº 144. p. 4

VENDE-SE OU ALUGA-SE *uma escrava moça, boa cozinheira, lavadeira, emgomadeira, costureira, & e boa ama de leite, actualmente sem filho.*

A tratar na saboaria da travessa da Queimada.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Terça-feira, 14 de Maio de 1878. p. 3. Anno V nº 107

AMA DE LEITE

Preciza-se alugar huma ama de leite sem cria, será preferida; assim como que saiba engomar; nesta typografia se dirá o pretendente.

Fonte: Jornal Treze de Maio, terça-feira, 25 de abril de 1854. p. 4. Nº322. 14º anno.

A procura por uma ama de leite não estava restrita apenas à própria senzala da família patriarcal. Quando ela não era encontrada entre os seus próprios escravos, as famílias recorriam então aos vizinhos e conhecidos para indicarem uma ama com referência, a busca de uma ama em anúncios de jornais era o último recurso a ser usado.

Havia casos ainda que a procura por uma ama de leite acontecia nas ruas como no exemplo em Recife no início do século XIX, quando viajantes registraram a presença de mulheres de diferentes tons de pele e condição civil se oferecendo para serem amas de leite. De acordo com Grillo (2007), a rua tornou-se o espaço de compra, venda ou aluguel de escravas ou forras para amamentar criança pequena, como o ocorrido na Rua do Trapiche nas proximidades da Igreja do Corpo Santo, em que o anunciante solicitava no jornal Diário de Pernambuco o seguinte: “*quem quiser [quisesse] vender, ou alugar uma escrava em estado de criar uma criança*”, *podia se dirigir a casa n. 9, e se “alguma mulher forra que tenha bom leite” quisesse criar também poderia apresentar-se “a dita casa”* (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1827, p.2).

Assim como nos anúncios nos jornais da Província da Pará, nas outras províncias nos anúncios eram descritos o que se esperava da candidata a ama de leite, se ela seria alugada ou vendida por exemplo, assim como, especificações sobre a função que exerceria. Por fim, tinha a indicação do local e da pessoa com quem tratar. Segundo Julita Scarano (2010, p. 128), o trabalho da ama de leite não era considerado

especializado, mas era classificado entre os escravos como trabalho feminino como “mucama, pajens e também amas de leite”. As mulheres que exerciam essa “profissão” de cuidar, alimentar e tomar conta das crianças, como as amas e as pajens, eram as que tinham um valor maior no comércio de escravos. Além disso, eram as que junto com seus filhos tinham maiores possibilidades de morar em melhores condições do que as outras escravas na senzala. Em algumas vezes, suas condições de vida eram melhores do que a dos próprios negros livres. Para Gilberto Freyre (1998), culturalmente as amas de leite, mucamas e bás deixaram marcas profundas na história familiar da sociedade brasileira. Ou seja, a ama de leite foi indubitavelmente uma personagem importante na vida da criança branca. Como fala Gilberto Freyre (1998), ela criou o menino dando de mamar, preparando-lhe a comida e o banho morno, cuidado da roupa, contando-lhe histórias e embalar-lhe a rede ou o berço.

4.5. Função da ama de leite e o valor dos serviços

Nos cinco anúncios apresentados abaixo, publicados nos jornais *Diário de Belém* (1859, 1874), *Diário do Commercio* (1859), *Treze de Maio* (1845), *A Constituição* (1876), *O Liberal do Pará* (1870) especificavam o valor pago a uma ama de leite. Mauad (2010) explica que eram comuns os anúncios em busca de amas de leite nos jornais da corte, nestes eram especificados: o período de lactação da ama e o valor a ser pago pelo aluguel. Nos anúncios podemos observar que variava entre 320 a 2.000 reis mensais diário. Geralmente a condição de não ter cria e ser livre valorizavam a ama de leite.

AMA DE LEITE

Nos altos da Livraria Universal, à rua da Cadêa, precisa-se d'uma ama de leite. Prefere-se pessoa livre, e paga-se 2.000 diários não tendo filho.

Fonte: Jornal Diário de Belém p. 4, nº 206 de Quinta-feira, 10 de Setembro de 1874. Ano VII.

ALUGA-SE UMA AMA DE LEITE

com cria por 400 reis diários, quem a pretender dirija-se a esta typografia.

Fonte: Jornal Diário do Commercio. Terça-feira, 04 de Janeiro de 1859, p. 3, nº2 Anno 5.

ALUGA-SE PARA AMA DE LEITE,

huma crioula, com cria, e muito sadia, por 320 réis diários, quem a pretender dirija-se a Rocinha que foi do Sr, Lagos.

Fonte: Jornal Treze de Maio, Sabbado 19 de Abri de 1845, nº 499 p.

AMA DE LEITE

Na rua dos Cavalheiros n. 36, há uma excelente ama de leite para alugar por preço commodo. Quem precisar dirija-se á mesma casa que achará com quem tratar.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Segunda-feira, 19 de Junho de 1876. p. 3. Anno III nº 136

AMA DE LEITE

Attençã.

Na Estrada de S. José n.1 precisa-se de uma ama de leite, prefere-se livre e sem filho; paga-se bem.

Fonte: Jornal O Liberal do Pará. p.2. Belém do Pará. Quarta-feira, 26 de Outubro de 1870. Ano II, nº 241.

As amas eram boas fontes de renda para os senhores de escravos que as alugavam a terceiros quando elas também estavam em período pós-natal. Como no exemplo do jornal *Ostensor Brasileiro*, publicado no ano de 1845, que mostra que quanto mais rica a família maior a chance do bebê ser aleitado pela mãe: *Não se encontrarão em todo império cinco mães que, pertencendo à classe elevada, aleitem seus filhinhos [...] não se encontrarão dez na classe média [...] não será coisa fácil apontar vinte na classe baixa* (ALENCASTRO, 1997, p. 63).

Este tipo de anúncio pode ser encontrado em outros periódicos de outras províncias, segundo Alencastro. O Diário de Pernambuco publicou em 1829, o seguinte: *“Vende-se uma escrava parida, primeira barriga, própria para criar”*. E do *Jornal do Comércio, da corte, também estampava em suas páginas: “Mucama – Aluga-se escrava ama de leite, parida a um mês e sem filho”* (ALENCASTRO, 1997, p. 64). O bebê da escrava havia morrido e o senhor da escrava a alugava para contribuir na renda dele.

Outra informação muito importante nos anúncios sobre aluguel ou venda de amas de leite era se possuía filhos ou não. Semelhante ao costume europeu da amamentação pela ama de leite, no Brasil também houve este costume da ama de leite amamentar a criança branca, mas a investigação sobre este tipo de amamentação suscitou vários estudos. Para Koutsoukos (2010, p.139) mesmo antes da existência da escrava na condição de ama de leite, esta escrava era mãe de uma criança. E neste caso, quando consideramos “a existência de uma ama” consideramos também a existência de “duas crianças: o bebê senhorial, por ela criado e amamentado, e o bebê negro, frutam de seu ventre”.

Ser mãe para a negra significava correr muitos riscos, dependendo do senhor a quem servia, pois ter um bebê não era apenas por vontade da escrava, significava ter

que escondê-lo do senhor de escravo, submeter-se a uma possível separação e talvez a ter que matá-lo para não vê-lo nascer e crescer escravo.

Em um contexto patriarcal em que a negra era valorizada como ama de leite, bebê negro significava um prejuízo econômico para o senhor de escravo, segundo Júlio Chiavenato (1987). Para este autor nos tempos em que o preço do escravo estava em baixa, os bebês recém-nascidos eram mortos, para que sua criação não custasse nada ao senhor, nem a perda de tempo do trabalho da negra, ao custo da criação e a pouca alimentação da criança até os dezesseis anos que era quando começaria a trabalhar. A forma cruel de matar o bebê era jogar ao chão, pisar e enterrar vivo.

A vigilância com as negras era grande, alguns senhores não admitam que as negras engravidassem, quando isso acontecia ou os senhores suspeitavam de uma possível gravidez, elas eram obrigadas a abortar. Em alguns casos só se descobria quando a escrava estava com quatro para cinco meses de gestação. No entanto muitas escravas, para evitar que seus filhos fossem mortos, elas mesmas abortavam antes de serem descobertas. Julio José Chiavenato (1987, p.132-33) explica que elas “enfiavam ervas e raízes pela vagina e conseguiam expelir o feto”. Em outros casos, quando a criança nascia, se a mãe do negrinho não conseguisse escondê-lo, o que era muito difícil, elas próprias preferiam matar seus filhos ao invés de entregá-los aos executores.

Koutsoukos (2010) também reforça em seus estudos a existência do aborto que as mulheres negras realizavam com frequência, pois, não era da intenção delas que seus filhos fossem escravos. Lilian Schwarcz, citada por Koutsoukos (2010, p.151), explica que o aborto significava para as mulheres negras a negação mais imediata do cativo, libertando o filho, ainda no ventre, das humilhações da escravidão. Slens, também citado por Koutsoukos (2010, p.152), tem a visão de que o aborto significava para as escravas, uma maneira de conseguir mais rápido a liberdade em longo prazo, porque quando a escrava tinha uma criança, isso “dificultava a capacidade de poupança para a compra da liberdade”.

No entanto, não era apenas o aborto, a forma encontrada para interromper ou extinguir a gravidez. Segundo Koutsoukos (2010), Mattoso também discute o assunto e afirma que os escravos também recorriam ao método do *coitus interruptus* como uma forma contraceptiva.

Os bebês das escravas negras tinham como destino também serem deixados na casa ou na roda dos expostos. Chiavenato (1987) comenta que, a sorte das crianças

negras que conseguiram nascer e viveram era ir para a *Casa da Roda*⁶. Ottoni citado por Chiavenato esclarece que a *Casa da Roda* era a denominação popular do Asilo dos Expostos. Os senhores mandavam os negrinhos para lá porque não era econômico criá-los. Outro motivo para que essas crianças enjeitadas fossem enviadas para este local era para que a mãe-preta amamentasse os filhos da sinhá branca. Ainda para Chiavenato, a probabilidade do filho da mãe preta morrer na roda era de um em cada nove, ela às vezes sequer alimentava o bebê do senhor de escravo, ao invés disso ela era alugada como ama de leite para outros bebês brancos. O que configura que o senhor de escravo fazia um bom negócio, pois se livrava do bebê negro matando-o ou mandando-o para a roda e ainda lucrava com o aluguel da escrava como ama de leite. Nesta época, ser ama de leite significava um bom negócio apenas para o senhor da escrava, o que nos leva a supor que em muitos casos fosse ele próprio o responsável pela gravidez da escrava.

Nos casos em que o bebê negro era deixado na roda dos “asilos” de crianças, muitas vezes ele morria ou se desenvolvia dividindo o leite de uma ama contratada para cuidar de muitos bebês nesta situação. Ou ainda, acontecia dele nascer morto. Quando as amas de leite tinham filhos, os senhores de escravos a convenciam a deixá-los nas rodas dos expostos e em troca ela receberia mais por sua função e a criança tinha melhores cuidados. Observamos que de nada ou muito pouco interessava ao senhor de escravo o que aconteceria ao bebê da ama. O médico Francisco Moura (1874, *apud* KOUTSOUKOS, 2010, p.149) em sua tese ressalta que *a ama escrava quando é alugada, não leva em sua companhia o seu filho; ella é obrigada pelo seu senhor, a fim de dar um aluguel maior, a abandoná-lo, portanto ella vai contrariada, e odeia a família que a aluga e principalmente a innocente criança a quem ella as vezes fazer de mai!*

A perda do filho gerava uma possível rejeição na ama de leite pela família que a contratava, sentia-se contrariada e transferia sua rejeição para a família e a criança a ser

⁶ Segundo Chiavenato (1987), a Casa da Roda era o local em que eram deixadas as crianças abandonadas, chamadas na época de expostos. A roda dos expostos era um dispositivo implantado nas Santas Casas de Misericórdia onde se colocavam os bebês que se queriam abandonar, sua forma de cilindro, dividida ao meio por uma divisória, era fixada no muro ou na janela da instituição. O cilindro servia para colocar a criança enjeitada e entregue à instituição. Ao girar o cilindro com a criança, puxava-se uma cordinha com um sineta, para avisar o vigilante ou rodeira que um bebê acabava de ser abandonado e entregue para ser geralmente adotado.

cuidada. O que conseqüentemente, levaria a ama a cuidar mal da criança branca por ela não ser a sua.

Dos bebês negros que sobreviviam, cerca de metade dos 5% chegavam aos dez anos de idade. Eles morriam de epidemias, maus-tratos, fome, abandono etc. A crueldade com os negros era considerada normal. A sociedade escravista pressupunha uma superioridade racial do branco sobre o negro; a religião garantia o direito moral da opressão através dos costumes mais bárbaros, culturalmente assimilados para atender à própria estrutura escravocrata (CHIVENATO, 1987, p. 134).

A cultura, o costume e a estrutura econômica favoreciam a continuidade e a perpetuação da opressão racial do branco sobre o negro, resquícios da escravidão que ainda permanecem em nossos dias embora existam leis que garantam que o opressor seja punido de acordo com a lei nº 7.716/1989 art. 1: “Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”.

O preconceito racial não poupava nem mesmo os bebês negros. No entanto nem todos os senhores de escravos agiam dessa forma bárbara. Houve casos raros em que os senhores permitiam que a criança negra fosse amamentada junto com o bebê branco, mas também havia casos em que os bebês das amas eram separados de suas mães quando eram vendidas ou alugadas. Assim, o bebê negro passava a ser criado pelas outras escravas da casa, ou ainda era mandado para ser criado em casas de amas.

A imagem a seguir mostra uma negra amamentando um bebê branco enquanto o que se acreditava ser o seu bebê está deixado de lado. Esta imagem retrata perfeitamente como muitas amas na senzala amamentavam a criança branca e muitas vezes eram obrigadas a deixar o próprio filho de lado na senzala, sob os cuidados de outras negras para dar de mamar ao menino faminto da casa grande.



Imagem 8: “Mãe preta” Óleo sobre tela de Lucilio Albuquerque. c. 1917. Fonte: Koutsoukos, Sandra Sofia Machado. No estúdio do fotógrafo: representação e autorepresentação de negros livres, forros e escravos no Brasil da segunda metade do século XIX. p. 338.

As mães que abandonavam seus filhos podiam ser julgadas desalmadas ou egoístas, no entanto, em muitas vezes o abandono do filho significava um gesto de ternura. No caso das amas de leite, o abandono do seu bebê, significava também a esperança de que sua criança se tornasse livre, como exemplifica Renato Pinto Venâncio (1997):

Se entregou esta criança ao Senhor Mestre de Campo Antônio Estanislau, por se averiguar ser verdadeiramente seu Senhor e ficar esta Santa Casa livre de pagar sua criação, por fugir a Mãe da Casa do dito Senhor e parir fora, pela confissão que a dita fez (VENÂNCIO, 1997, p. 2002).

Este mesmo autor, mostra que havia casos em que os próprios senhores de escravos estimulavam as escravas a deixarem seus filhos aos cuidados da assistência pública, principalmente após a criança receber alforria:

trouxe bilhete do teor seguinte [...] Theodora Maria da Glória, filha natural já batizada com quatro meses, forra, Deus a tenha para seu Santo Serviço. (VENÂNCIO, 1997, p. 2002). (...) trouxe bilhete do teor seguinte [...] Esta crioula de nome Bernarda já está batizada na freguesia da Penha, é forra. (VENÂNCIO, 1997, p. 2003).

Estes exemplos mostram que os motivos por abandono ou a deixar seus filhos com a esperança de receber uma possível alforria futuramente. Certamente o sentimento de perda das mães negras pelos seus filhos seria uma alternativa pra que a criança mesmo longe dos cuidados maternos pudesse ter um cuidado melhor e também não gerar um mal estar emocional ao ter que amamentar o bebê branco e deixar de lado o

seu próprio filho, dando-lhe menos leite e atenção o que muitas vezes acontecia devido à natureza da sua função que era a de cuidar e amamentar o bebê da família patriarcal.

4.6. As qualidades para função da ama de leite

Nesta categoria apresentamos dezessete anúncios publicados nos jornais *O Liberal do Pará* (1870, 1873, 1883), *Gazeta Oficial* (1859, 1860), *Treze de Maio* (1848, 1855, 1856), *A Constituição* (1879), *Diário de Belém* (1869, 1882) que destacam as características que a ama deveria ter, assim como a preferência por não ter cria, embora se saiba que a ama muitas vezes deixava seu filho na roda dos expostos ou ele era morto a mando do seu senhor ou ainda por ela mesma para não vê-lo se tornar um escravo. A maioria dos anúncios encontrados é evidenciando esta preferência. Há destaque ainda nos enunciados das mensagens, de um lado, as características das qualidades de saúde das amas como sadia, condições precisa de saúde, bom leite, sem moléstias e sem vícios, e de outro lado, as características da aparência física da ama: robusta, moça e mulata. Além dessas características, os anúncios indicavam ainda aspectos do caráter das amas de leite (boa e carinhosa, bons costumes) e de outras características que muitas vezes valorizavam as condições das amas, como por exemplo: como filho, sem cria, livre, com cria, primeira barriga etc.

AMA DE LEITE

Na rocinha da sra. d. Anna Malcher a estrada de Nazareth, tem uma ama para alugar muito boa e carinhosa.

Fonte: Jornal O Liberal do Pará, Belém do Pará, Domingo, 22 de abril de 1883. p.3 nº 90 Anno XV.

ALUGA-SE PARA, AMA DE LEITE,

uma preta sadia, com filho que já tem 6 mezes; quem precizar dirija-se á rua Formosa nº 25, que lhe dirá quem deve tratar.

Fonte: Jornal Gazeta Oficial, Quinta-feira, 19 de Abril de 1860. Ano III, nº 007. p. 4

ALUGA-SE UMA AMA DE LEITE

com cria, primeira barriga, tem bom leite e com abundancia: quem a qiser procure-a na rua do Espirito Santo casa n. 7.

Fonte: Jornal Gazeta Oficial, Domingo, 17 de Julho de 1859. Ano II, nº 157. p. 4

AMA DE LEITE

Preta, moça e sadia. Primeiro filho. Aluga-se. A' tratar na saboaria á estrada da Queimada.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Quinta-feira, 24 de outubro de 1878. p. 2. Anno V nº 240

ALUGA-SE UMA ESCRAVA

Robusta para ama de leite com Cria trata-se com Almeida & Irmão.

Fonte: Jornal Treze de Maio, sabbado, 6 de setembro de 1856. p. 4. N° 831. 17° anno.

AMA DE LEITE

Aluga-se uma ama de leite, sem filho, mulata; quem pretender dirija-se á travessa de S. Matheus, sobrado n. 6, que achará com quem tratar.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Quinta-feira, 22 de Maio de 1879. p. 2. Anno VI n° 114

ALUGA-SE UMA AMA DE LEITE,

de muito bons costumes, sadia, e sem filho; quem a pretender dirija-se à botica de J. M de Lemos.

Fonte: Jornal Gazeta Official, Segunda-feira, 03 de janeiro de 1859. Ano 2, n° 1. p. 4

AMA DE LEITE

Moça, sadia, de bons costumes, sem filho e livre.

A' tratar no sobrado á rua do Norte, esquina da travessa da Rosa, fronteiro á padaria.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Terça-feira, 22 de Abril de 1879. p. 2. Anno VI n° 88

ALUGA-SE UMA AMA DE LEITE,

sem filho, (mulata) quem a pretender dirija-se á travessa de S. Matheus, sobrado n. 6, que achará com quem tratar.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Sabbado, 2 de agosto de 1879. p. 3. Anno VI n° 172

AMA DE LEITE

Quem precisar de uma ama de leite e sem filho muito sadia, dirija-se a VILLE DU HAVRE rua dos Mercadores, que ali achará com quem tratar.

Fonte: Jornal O Liberal do Pará, Belém do Pará, Domingo, 14 de setembro de 1873.p. 3, N° 207, Anno V.

AMA DE LEITE

Precisa-se de uma ama de leite que seja boa e sadia, quem a tiver dirija-se a rua da Praia a loja de ferragens dos srs. Jose M. G. Mourão & Cª que se dirá o pretendido.

Fonte: Jornal Diário de Belém. p.3. Terça-feira, 12 de Outubro de 1869. Ano II, n° 231.

AMA DE LEITE

Precisa-se alugar uma ama de leite, nas condições precisas de saude e bom comportamento; prefere-se escrava. Rua da Cadeia n. 20.

Fonte: Jornal Gazeta Official, Terça-feira, 12 de Abril de 1859. Ano II, n° 80. p. 4

AMA DE LEITE

Atenção

Na estrada de S, Jose n. 1 precisa-se de uma ama de leite, prefere-se livre e sem filho, paga-se bem.

Fonte: Jornal O liberal do Pará, Belém do Pará, sexta feira, 28 de outubro de 1870. p. 3. N° 246, anno II

AMA DE LEITE

Preciza-se alugar uma ama de leite, que seja livre, e mesmo que não tenha filho a amamentar a pessoa que tiver estas condições, e quiser ser alugada,

dirija-se a Typ. de Santos & Filhos para se lhe indicar a morada do pretendente.

Fonte: Jornal Treze de Maio, segunda-feira, 1 de outubro de 1855. p. 4. Nº550. 16º anno.

AMA DE LEITE

Precisa-se de uma, preferindo-se preta e sem cria; para-se bem, a tratar na rua da Imperatriz n. 36.

Fonte: Jornal Diário de Belém, Terça-feira, 19 de Dezembro de 1882. Nº 2, p.284, Ano XV

AMA DE LEITE

Preciza-se alugar uma ama de leite, que seja livre, e mesmo que não tenha filho a amamentar a pessoa que tiver estas condições, e quizer ser alugada, dirija-se a Typ. de Santos & Filhos para se lhe indicar a morada do pretendente.

Fonte: Jornal Treze de Maio, segunda-feira, 1 de outubro de 1855. p. 4. Nº550. 16º anno.

AMA DE LEITE

Na Rocinha fronteira á de S. Exc^a Bm^a compra-se ou aluga-se huma Ama de leite sem vícios nem moléstias.

Fonte: Jornal Treze de Maio, Quarta-feira, 25 de Outubro de 1848, nº 845 & 846, p.8

O trabalho realizado pela ama de leite conforme Grillo (2007) era, entre os diversos trabalhos domésticos, o que estreitava a relação entre as classes e as relações raciais. Mesmo a ama sendo escrava ou liberta, negra ou branca, era ela a responsável pelo cuidado do bebê do senhor escravo. Sua função de cuidar do bebê ou da criança estreitava a relação entre a ama, a criança e os senhores por isso o cuidado na escolha de quem iria ficar nesta função.

A escolha da ama de leite para Freyre (1998) era quase natural, a escolhida saíria da senzala para a casa grande caso tivesse boas qualidades físicas e morais. Seu trabalho consistia em cuidar da criança, amamentando, contando histórias e muitas vezes ela chegava a substituir a própria mãe:

É natural que essa promoção de indivíduos da senzala à casa-grande, para o serviço doméstico mais fino, se fizesse atendendo a qualidades físicas e morais; e não à toa e desleixadamente. A negra ou mulata para dar de mamar a nhonhô, para niná-lo, preparar-lhe a comida e o banho morno, cuidar-lhe da roupa, contar-lhe histórias, às vezes para substituir-lhe a própria mãe – é natural que fosse escolhida dentre as melhores escravas da senzala. Dentre as mais limpas, mais bonitas, mais fortes. Dentre as menos boçais e as mais ladinas – como se diziam para distinguir as negras já cristianizadas e abasileiradas, das vindas a pouco da África; ou mais renitentes no seu africanismo (FREYRE, 1998, p.352).

Segundo Gilberto Freyre (1998), as amas de leite eram em geral escolhidas a dedo. As escravas negras que tinham leite abundante conseguiam imediatamente fazer

parte da vida da criança que amamentava e cuidava. Diz ele ainda que houve molequinho da senzala criados nas casas grandes com os mesmos mimos afagos e resguardos de meninos brancos.

Encontramos ainda anúncios que relatam a preferência pelo aluguel de ama sem filhos alforriada ou escrava, além disso, teria que ser sadia.

AMA DE LEITE

- Preciza se de huma Ama de leite forra ou escrava que seja bem sadia, e se fôr sem cria não se duvidará pagar melhor. Quem se achar nessas circunstâncias dirija-se a Rocinha que foi do falecido Coronel Joaquim Fellipe para tratar do ajuste.

Fonte: O Paraense, p. 4. Nº 6. Sábado, 07 de Janeiro de 1843, nº6, p.4.

Sobre a mensagem do anúncio publicado no jornal *O Paraense* (1843) encontramos a procura por uma ama de leite que suprisse as necessidades do anunciante que é o seguinte: “*Preciza se de huma Ama de leite forra ou escrava que seja bem sadia*”, compreende-se que seja a mensagem que o enunciatário deseja que seja lida a quem interessar o anunciador, no caso aos senhores de escravas que estejam amamentando. A seguir é exposta uma distinção para que o pagamento seja maior, a condição da ama de leite não ter crianças: “*e se fôr sem cria não se duvidará pagar melhor*”. E finaliza informando o local para tratar do anúncio: “*Quem se achar nessas circunstâncias dirija-se a Rocinha que foi do falecido Coronel Joaquim Fellipe para tratar do ajuste*”.

Os horrores da escravidão foram relatados por muitos viajantes estrangeiros. Os negros escolhiam muitas vezes a morte a ter que continuar a situação de escravo. Entre as possibilidades de como morrer estavam: o suicídio, comer terra, afogar-se, atirar-se de montanhas esborrachando-se nas pedras, morte pelas péssimas condições de trabalho e de doenças trazidas da África e contaminados pelos colonizadores. Chiavenato (1987, p.135) relata que das doenças trazidas da África estavam “a bouba, o bicho da costa, o gundu, a caquexia, o ainhum, etc.”. Segundo o referido autor, muitas doenças foram introduzidas pelos Europeus ao chegarem a este continente e de lá trazidas nos navios negreiros com o trafico de escravos para o Brasil, situação que permanecia insalubre ao chegar a terras brasileiras, uma vez que as situações de higiene nas senzalas eram igualmente inadequadas: Na viagem terrível, adquiriam lepra, sarampo, disenteria, oftalmias, os vermes e a febre amarela. Na senzala ou nos porões dos mercados de

negros, na roça e nas péssimas condições de higiene por todo lugar, os negros viram essas moléstias se alastrarem e muitos morrerem (CHIAVENATO, 1987, p. 135).

Os negros que não suportavam esta situação de falta de higiene aliada à escravidão, acabavam por encontrar na morte a única saída, o que levava muitos escravos ao suicídio. Mas de vítimas destas epidemias, os negros passaram a ser acusados de responsáveis pelos focos de contaminação pela classe dominante. A sífilização da mulher negra e da ama de leite é uma delas, que se explica a partir da compreensão sobre o desequilíbrio sexual provocado pela escravidão.

De acordo com Chiavenato (1987), a importação de escravos homens era maior que a de mulheres, o que resultou numa quase completa falta de mulheres para os escravos. A vinda das negras para o Brasil só aumentou quando houve um aumento das famílias senhoriais, a casa-grande exigia mão de obra feminina e a prosperidade urbana. Sendo que no campo a presença era de negras para realizar o trabalho doméstico e raras eram as negras que se tornavam as mulheres dos escravos.

A discriminação sexual contra as negras era maior do que com as índias, os portugueses fartavam-se primeiro com as índias e guardavam as negras para si. No caso de haver casamento, eles preferiam casar com as índias e não com as negras. A questão da cor influenciava as relações sociais e a relação familiar. Nas palavras de Chiavenato (1987), os filhos mulatos quebrariam obviamente a barreira de classe se fossem admitidos no seio da família legal. A união sexual entre o branco e a negra só era permitida quando o filho mulato era bastardo. Ainda para este mesmo autor, existiam varias leis que proibiam o casamento entre um branco e uma negra, porém não havia leis que proibissem a prática sexual entre brancos e negros. O abuso dos senhores de escravos contra as negras ia além do sexual, alguns chegavam a obrigá-las a se prostituírem e lucravam com isso, assim como com o aluguel das amas de leite após o roubo das suas crianças.

A contaminação pela sífilis acontecia tanto da escrava para o senhor como vice-versa. Na Casa Grande e na Senzala (1998) a sífilis foi a doença por excelência entre os negros e senhores. Para Gilberto Freyre o filho do senhor de engenho contraía a sífilis quase brincando entre negras e mulatas ao desvignar-se precocemente aos doze ou aos treze anos. O cinismo do homem branco chegou a ponto de usar as negras como remédio para curar males sexuais, como no caso da sífilis. Foram os senhores das casas grandes que contaminaram as negras das senzalas, pois muitas delas tantas vezes

entregues virgens, ainda mulecas de doze e treze anos, a rapazes brancos já podres de sífilis das cidades.

A exigência nos anúncio de contratação de amas de leite sadia tinha relação direta com a disseminação da sífilis que era tão grande no Brasil chegando a prejudicar o comércio do aluguel de amas de leite. A respeito desta relação perigosa de contágio, Freyre (1998, p. 317) supunha que “muitas mães negras, amas de leite tenha sido contaminada pelo menino de peito alastrando-se por esse meio, da casa-grande à senzala”. Embora, muitas amas sadias tivessem sido infectadas por bebês que já tivessem a sífilis, muitos pais que entregavam estes bebês doentes culpavam a ama de leite pela sifilização. Freyre (1998) comenta sobre o aleitamento pela a ama e a sífilis:

Sendo o aleitamento um dos meios mais comuns de transmissão, compreende-se quantos resultados favoráveis à população produzirá uma medida de natureza tão simples e de fácil exequibilidade. - As negras amas de leite - não poderiam se entregar ao aleitamento mercenário sem atestações ou exames de sanidade pelo médico competente (FREYRE, 1998, p.317).

É evidente, nesta citação, que o problema causado pela sífilis favoreceu a intervenção médica na família para que eles examinassem as amas antes que elas amamentassem as crianças, mesmo que elas tivessem sido contaminadas anteriormente por bebês infectados. Tal ação causou uma reação por parte dos senhores proprietários das amas, a de reclamar aos pais das crianças sifilizadas à contaminação de suas escravas.

4.7. Contratação de ama de leite e as características das crianças

Nesta categoria encontramos três anúncios publicados no Jornal *Diário de Belém* (1869, 1883, 1885) de aluguel de amas de leite que explicavam quais crianças seriam cuidadas ou amamentadas pela ama de leite. No caso do primeiro anúncio, a ama a ser alugada não deveria ter não ter filhos, ela serviria para amamentar uma criança de cinco meses de idade, o que mostra que mesmo depois de algum tempo de nascida a criança, neste caso provavelmente poderia estar mudando de ama. No segundo anúncio constatamos o aluguel de uma ama de leite sadia e que não tenha filhos, pois era condição necessária para que a ama além de amamentar, ela teria que criar um menino. Já no terceiro anúncio a ama alugada deveria amamentar uma menina pequena muito bem paga.

AMA DE LEITE

Precisa-se alugar uma ama de leite, que não tenha filhos, para amamentar uma criança de 5 meses de idade, quem estiver nestas circunstâncias dirija-se á esta tipografia para tratar.

Fonte: Jornal Diário de Belém, p.3. nº 226, Quarta-feira 06 de Outubro de 1869, Ano II.

AMA DE LEITE

Precisa-se de uma ama de leite, que seja sadia e não tenha filho, para criar um menino; trata-se na casa junto à estação central da companhia Urbana, em Nazareth, ou na travessa das Mercês, casa nº 15, das 6 às 11 do dia.

Fonte: Jornal Diário de Belém. p.1. Sesta-feira, 23 de Janeiro de 1885. Ano VIII, nº 18.

AMA DE LEITE

Precisa-se de uma para amamentar uma menina pequena. Paga-se bem.

A tratar com José Antonio dos Santos, casa contigua á estação da companhia urbana.

Fonte: Jornal Diário de Belém, Quarta-feira, 5 de Setembro de 1883. Nº 201, p.1, Ano XVI

A prática da amamentação na época colonial era comum entre as índias, as escravas e as mulheres pobres que não dispusessem de recursos para comprar ou alugar uma escrava ou ama de leite. No então, esta prática não era comum entre as mulheres da elite, que de modo geral, alugavam ou compravam escravas que há pouco tempo haviam dado à luz ou contratavam os serviços de mulheres forras ou livres para amamentar seus filhos.

Já no final do século XIX, tornou-se frequente confiar a amamentação da criança a escravas ou a mulheres livres. Na Europa este costume era diferente, afirma Grillo (2007), pois as crianças eram amamentadas em casa por uma ama de leite, sob a supervisão da mãe e/ou da família, dentro das casas de engenho ou no meio urbano. O conforto oferecido às mães de família pela escravidão, ao disporem de amas de leite em sua própria casa, tornava desnecessário o envio das crianças para lares estranhos. A prática da amamentação significa um gesto do amor da mãe com o filho. Mas esta a ideia e o discurso sobre a importância da amamentação pela mãe como um sentimento natural da mulher, só foram construídos no século XIX. A imagem a seguir se justifica por ilustrar a situação da amamentação no século XIX, o auge da amamentação pela ama de leite e a mudança pela amamentação realizada pela própria mãe.



Imagem 9: Leite mercenário e Leite gratuito. Fonte: História da Vida Privada No Brasil volume 2 – Império: a corte e a modernidade nacional. Capítulo: Vida Privada e Ordem Privada no Império p-11-93 – autor: Luiz Felipe de Alencastro.

A questão de amamentação ser realizada pelas amas de leite e não pelas próprias mães das crianças envolve muito além de uma questão econômica, envolve também uma distinção social, de higiene, de costume aqui no Brasil e em outros países em que esta prática acontecia. De acordo com Grillo (2009), para compreender o porquê da existência das amas de leite e a busca pelos seus serviços, é necessário observar a prática da maternidade. Os discursos sobre a amamentação eram diversos, se contrapunham e algumas vezes defendiam a amamentação como algo ruim. Esta mesma autora exemplifica que na França, as mulheres de elite diziam que a amamentação era ruim para o corpo da mulher e pouco conveniente, pois o leite era concebido como um suco precioso e necessário para a conservação da mulher provocava agravos na sensibilidade nervosa da mulher ao ouvir o choro da criança e também provocava fraqueza. Também havia a preocupação com a estética que a amamentação pudesse causar, na perda de beleza da mulher, na deformação dos seios e na flacidez. A moral era outra preocupação, pois as mulheres que amamentavam seus filhos eram consideradas pouco dignas. Outro argumento trata-se da vergonha em expor os seios para amamentar. E também em relação ao casal, os maridos consideravam a amamentação “um atentado à sexualidade e restrição ao prazer” (GRILLO, 2007), um sinônimo de sujeira. Na opinião dos letrados, esta prática era considerada ridícula e

repugnante. Logo, com todos estes argumentos, a amamentação passou a ser uma fonte de renda para as mulheres pobres.

Assim, para exercer a função de ama de leite, de acordo com Koutsoukos (2010), a escolha feita pelos senhores e senhoras e em algumas vezes, com a ajuda e orientação de médicos, era feita com muita minúcia. Porque dizia respeito ao convívio da família com uma pessoa estranha que iria cuidar do bebê. Os critérios para ser uma ama de leite ideal eram os seguintes: “Elas tinham de ter boa saúde, não ter vícios, ser pacientes e carinhosas com as crianças” (KOUTSOUKOS, 2010, p.156).

Além desses critérios, os médicos aconselhavam aos senhores que a ama deveria ser forte, ter idade entre 18 até 35 anos, já tivesse tido o primeiro filho, deveria ter os dentes e o hálito bem conservados, os olhos, os gânglios linfáticos e os órgãos genitais sadios. Ter bons costumes, ser dócil, cuidadosa, inteligente, saber zelar pelo bem da criança, ter fisionomia agradável, ser alegre, distrair a e brincar com a criança e não ter uma vida sedentária.

A relação da criança com a ama de leite na amamentação foi um costume herdado das lusitanas, visto que algumas mulheres de condição social elevada poderiam deixar de querer amamentar seus bebês. De acordo com Mauad (2010) a amamentação era associada a um trabalho árduo acompanhado do cuidado com as crianças pequenas o que logo foi relegado à mão de obra escrava.

No entanto, Freyre (1998) em “Casa-Grande & Senzala” contrapõe a ideia simplória de Mauad (2010) da mãe naturalmente transferir os cuidados da criança para a ama. Para este autor, a escolha da ama era também uma questão médica. Pelo fato das mulheres brasileiras casarem muito cedo, terem muitos filhos, um seguido do outro, acabavam por não terem condições físicas para amamentar. O que em Portugal era visto como uma moda, a da amamentação ser feita pelas amas, aqui no Brasil era uma necessidade.

Freyre (1998) também relata que havia muitos casos de senhores de engenho, capitães-mores, fazendeiros, barões e viscondes dessa época que foram casados três, quatro vezes e pais de muitos filhos. Esse fato por si só, justificava a necessidade de ter uma ama de leite em casa para cuidar das crianças, não era nenhuma questão da moda, mais sim uma importância, em relação à organização doméstica que formava a família da época e a importância da escrava ama de leite que muitas vezes era chamada para ajudar franzinas mães de quinze anos a criarem os filhos. Quando as mães morriam

muito jovens, as crianças eram criadas pelas amas de leite acabavam por aprender a falar com elas e também brincavam com os filhos delas.

Sobre isso fala Gilberto Freyre:

Um fato triste é que muitas noivas de quinze anos morriam logo depois de casadas. Meninas. Quase como no dia da primeira comunhão. Sem se arredondarem em matronas obesas; sem criarem buço; sem murcharem em velhinhas de trinta ou quarenta anos. Morriam de parto - vós todas as promessas e rogos a Nossa Senhora da Graça ou do Bom Parto. Sem tempo de criarem nem o primeiro filho. Sem provarem o gosto de ninar uma criança de verdade em vez dos bebês de pano, feitos pelas negras de restos de vestidos. Ficava então o menino para as mucamas criarem. Muito menino brasileiro do tempo da escravidão foi criado inteiramente pelas mucamas. Raro o que não foi amamentado por negra. Que não aprendeu a falar mais com a escrava do que com o pai ou a mãe. Que não cresceu entre muleques. Brincando com muleques (FREYRE, 1998, p.349).

Outra informação relevante deste autor era que as mulheres negras tinham mais força e vitalidade do que as brancas: “Mas a razão principal do maior vigor das negras que das brancas estaria porventura em suas melhores condições eugênicas” (FREYRE, 1998, p.361).

4.8. Contratação de ama de leite em caráter temporário

Nesta categoria encontramos um anúncio publicado no Jornal *Diário de Belém* (1871) de uma empresa que estava contratando dezenove amas de leite. O que chamou a atenção neste anúncio foi a quantidade de amas a serem alugadas por uma empresa para acalantar 19 crianças nos intervalos de um concerto musical.

AMA DE LEITE

300 professores dirigida pelo maestro Campanone, tocando pela primeira vez, uma grande marcha que se intitula TORRE DE BABEL, composição de um amador, cuja modéstia não lhe permite defassar o incognite. – Foguete á congreve, bombas, tambores, phosphoros de cera, pratos quebrados, ferros velhos, tachos rachados, tantas, peças de artilheria, assobios, gargalhadas, bonecas choronas, gatos a miarem, crianças a chorarem, formarão um conjunto de harmonia extravagante e original, imitação dos afamados concertos do imortal – Gottchalsk, tão elogiado antes e depois de morto. (Para este concerto monstruoso e nunca antes visto nesta capital, a empresa precisa contratar 19 amas de leite para acalantarem as crianças nos intervallos.) Em seguida começará o baile, tocando-se por esta ocasião as seguintes peças: quadrilhas, orphée, polkas, sonhei, chicocando, risete, o chalet, foi-se, corropio, ficele, se eu pedir, sola e vira, charivari, helena, negrita, me deixe, thangos, fandangos, schotischs, walsas

Fonte: Jornal Diário de Belém p. 4, nº 39 de Sexta-feira, 17 de Fevereiro de 1871. Ano IV.

Como se vê, a relação da ama de leite com a criança não estava restrita apenas ao ambiente doméstico, o anúncio acima destaca sua importância de cuidar da criança em um espaço público que estava sendo realizado uma apresentação musical.

Conforme visto anteriormente em Freyre (2008), a ama de leite era uma das escravas domésticas que exerciam funções na casa grande junto com outros escravos. Em relação à família, as amas tinham um enorme prestígio na vida sentimental das sinhazinhas. Era através das conversas com ela que a menina se iniciava nos mistérios do amor, através das histórias que as amas contavam.

Histórias de casamento, de namoros, ou outras, menos românticas, mas igualmente sedutoras, eram as mucamas que contavam às sinhazinhas nos doces vagares dos dias de calor, a menina sentada, à mourisca, na esteira de pipiri, cosendo ou fazendo renda; ou então deitada na rede, os cabelos soltos, a negra catando-lhe piolho, dando-lhe cafuné; ou enxotando-lhe as moscas do rosto com um abano. Suprira-se assim para uma aristocracia quase analfabeta a falta de leitura (FREYRE, 1998, p.341).

E assim como com as meninas, os meninos também eram iniciados no amor. Freyre (1998) afirma que: “Já houve quem insinuasse a possibilidade de se desenvolver das relações íntimas da criança branca com a ama de leite negra muito do pendor sexual que se nota pelas mulheres de cor no filho-família dos países escravocratas” (FREYRE, 1998, p.283). No entanto, justifica que essa predileção dos meninos quando se tornavam adultos, justifica-se porque ele vivia rodeado por negras e mulatas.

É verdade que as condições sociais do desenvolvimento do menino nos antigos engenhos de açúcar do Brasil, como nas plantações ante-bellum da Virgínia e das Carolinas – do menino sempre rodeado de negra ou mulata fácil – talvez expliquem por si só aquela predileção (FREYRE, 1998, p.283-284).

Freyre (1998) argumenta que é atribuída a negra a degradação da vida sexual da sociedade brasileira ao iniciar prematuramente no amor físico os filhos-família. Essa degradação na verdade, não foi realizada pela negra, mas pela escrava índia. Assim como pelo sistema social e econômico vigente, que colocava a condição da negra ou da índia de subserviência e escravidão:

É absurdo responsabilizar-se o negro pelo que não foi obra sua nem do índio, mas do sistema social e econômico em que funcionaram passiva e mecanicamente. Não há escravidão sem depravação sexual. É da essência mesma do regime. Em primeiro lugar, o próprio interesse econômico favorece a depravação, criando nos proprietários de homens imoderado desejo de possuir o maior número possível de crias. Joaquim Nabuco colheu num manifesto escravocrata de fazendeiros as seguintes palavras, tão ricas de

significação: ‘a parte mais produtiva da propriedade escrava é o ventre gerador’(FREYRE, 1998, p. 316).

Dentro de semelhante atmosfera moral, criada pelo interesse econômico dos senhores, como esperar que a escravidão – fosse o escravo mouro, negro, índio ou malaio - atuasse senão no sentido da dissolução, da libidinagem, da luxúria? O que se queria era que os ventres das mulheres gerassem. Que as negras produzissem muleques (FREYRE, 1998, p.317).

A intimidade criada entre os senhores e os escravos cativos, entre estes as amas de leite favorecia a distinção e dava-lhes algum prestígio, a ponto de serem considerados como sendo parentes pobres da família:

A casa-grande fazia subir da senzala para o serviço mais íntimo e delicado dos senhores uma série de indivíduos – amas de criar, mucamas irmãos de criação dos meninos brancos. Indivíduos cujo lugar na família ficava sendo não o de escravos, mas o de pessoas da casa. Espécie de parentes pobres nas famílias europeias. Á mesa patriarcal das casas-grandes sentavam-se como se fossem da família numerosos mulatinhos. Crias. Malungos. Muleques de estimação. Alguns saíam de carro com os senhores como os senhores, acompanhando-os aos passeios se fossem verdadeiros filhos (FREYRE, 1998, p.352).

Na relação entre os filhos das amas de leite e os filhos dos senhores de escravo. Os primeiros serviam de brinquedo para os segundos. Os escravinhos eram tratados como moleque companheiro, o leva-pancadas:

Suas funções foram as de prestadio mané-gostoso, manejado à vontade por nhonhô; apertado, maltratado e judiado como se fosse todo de pó de serra por dentro; de pó de serra e de pano como os judas de sábado de aleluia, e não de carne como os meninos brancos (FREYRE, 1998, p. 336).

Os negrinhos eram dados à criança branca pelos pais para servirem de brinquedo ou fazerem companhia. E não havia distinção quanto a ser menino ou menina, mas geralmente, tanto o senhorzinho quanto o escravo eram do mesmo sexo. Costume que durou por muito tempo como descreveu Freyre (1998):

Ainda hoje, nas zonas rurais menos invadidas pelo automóvel, onde velhos cabriolés de engenho rodam pelo massapô mole, entre os canaviais, os meninos brancos brincam de carro de cavalo ‘com muleques e até mulequinhas filhas das amas’, servindo de parelhas (FREYRE, 1998, p.336).

Quando as amas envelheciam, geralmente ocupavam um lugar de honra no seio das famílias patriarcais. Quando eram alforriadas transformavam-se em pretalhonas enormes. Chegavam a ser confundidas com as senhoras. E eram feitas todas as suas vontades: os meninos tomavam-lhe a bênção; os escravos tratavam-nas de senhora; os

boleiros andavam com elas de carro. E em dia de festa, quem as visse anchas e enganjentas entre os brancos de casa, havia de supô-las senhoras bem nascidas; nunca ex-escravas trazidas das senzalas (FREYRE, 1998, p.352).

Na relação entre a ama, a criança e os seus donos, também foram criados laços de afeto. Uma dessas demonstrações de afeto era eternizar a imagem da ama e da criança em fotografias. De acordo com Koutsoukos (2006), em 1860 o retrato fotográfico era uma espécie de objeto de desejo de diversas pessoas de raças e classes sociais, pelo seu poder de mostrar status, honra e distinção e a possibilidade de eternizar sua imagem em um papel. Segundo esta mesma autora, o retrato se tornou um objeto de uma mercadoria de troca, com dois significados, primeiro em espécie, entre fotógrafo e cliente, e segundo como uma forma de afeto e amizade entre cliente e conhecidos.

Ao que se referem aos negros tantos os nascidos livres como os libertos, a fotografia significava uma tentativa deles se inserirem na sociedade branca, exigente e escravista da época e a busca pela sua dignidade ao se deixar serem retratados como os brancos, vestidos, penteados e posando à moda europeia. Em sua tese Koutsoukos (2006) sobre os escravos no estúdio fotográfico, uma das categorias estudadas foram as fotos de escravos domésticos e de amas de leite que foram levados aos estúdios pelos seus senhores e com frequência eram retratados de acordo com o modo de vestir europeu.

A relação das amas de leite com os senhores e senhoras era ‘paternalista’, ou seja, era uma relação de troca de deveres e direitos recíprocos. Koutsoukos (2010, p.178-9) descreve que “Os senhores ofereciam ‘proteção’ (sustento, comida, roupa, teto e trato de doenças), ‘respeito’ e ‘justiça’ (mesmo quando castigavam) e, em troca, exigiam trabalho (dedicação) e fidelidade (gratidão)”. Em troca a ama dava proteção ao bebê branco. Graham (1992 *apud* KOUTSOUKOS, 2010) ilustra um exemplo da troca de afeto entre ama e senhores:

As criadas pessoais - camareiras e amas de leite – podiam aspirar a ser recompensadas com afeição ou confiança. No curso de seu trabalho, essas criadas atravessavam com frequência os espaços da casa exclusivos dos membros da família e mantinham com estes um contato diário. Por meio da infinidade de pequenas atenções que prestavam aos patrões, podiam testemunhar de perto o lazer e a riqueza, que pertenciam a uma classe da qual elas, por serem pobres e serviçais, pertenciam para sempre e de todo afastadas. Ainda assim, elas sensatamente se identificavam com as famílias às quais pertenciam. Ser uma mucama ou ama trazia recompensas tangíveis – entendidas como tais por ambos os lados – em contribuição por um serviço apreciado: podiam receber um atavio ou um ornamento que significasse um

status especial, com por exemplo, um lenço de seda para atar o cabelo ou um par de chinelas, uma excursão, ou, às vezes, até uma longa viagem (GRAHAM, 1992 *apud* KOUTSOUKOS, 2010, p.179).

As amas de leite recebiam um tratamento diferenciado dos demais escravos como observado no relato acima. Elas tinham acesso a espaços exclusivos da casa, estavam próximas aos patrões, cuidavam do bebê e em troca recebiam agrados como no exemplo, um lenço para amarrar os cabelos. Esses detalhes eram importantes para criar os laços de afeto entre as amas e os senhores e as crianças. Muitas amas de leite viraram “bás” de meninos e meninas, e estes carregavam por toda vida o respeito pelas negras que tinha lhe amamentado durante seus primeiros anos de vida. Nos finais do século XIX, muitas famílias passaram a contratar fotógrafos para registrar as crianças com suas amas de leite como forma de respeito pela abdicação e dedicação.

Sobre o afeto entre a criança e a ama, este é o único afeto que é inquestionável, pois na maioria das vezes, a lembrança da ama era guardada pela criança em livros de memórias ou ainda nas fotos tiradas com elas e guardadas nos álbuns de família. Era uma forma da criança de lembrar com carinho da ama que a cuidou, amamentou e se dedicou a ela. As amas de leite se destacavam entre a criadagem pelo respeito que a família patriarcal depositava na velha ama de leite. Como descrito por Koutsoukos (2010) sobre os álbuns de família:

o álbum de família é uma crônica com lacunas, pois não registra tudo o que acontece na vida dos familiares; mas só o que se pretende que seja registrado e acondicionado. Daí talvez a importância maior dada as amas, em detrimento do restante da criadagem. As amas, afinal, para o bom cumprimento de sua função, tinham que ser capazes de enorme abdicação e dedicação. Era o vulto que o bebê mais bem identificava, o cheiro do seu leite que lhe acusava a fome, o seu colo que o aconchegava, as suas canções e histórias que o punham a dormir. Mais uma vez, a lembrança dela seria normamente guardada com carinho pela criança que ela amamentara e criara (KOUTSOUKOS, 2010, p.192).

Na imagem a abaixo da ama de leite Mônica sentada e ao se lado menino branco demonstra claramente o papel que as amas tinham na vida das crianças brancas. A fotografia era uma demonstração de respeito e afeto que a criança depositava sobre a sua ama de leite. A demonstração de afeto está na proximidade do menino e no modo como ele está posicionado em relação a sua ama, com as duas mãos junto aos braços dela.



Imagem 10: Retrato de Austuto Gomes Leal e sua ama de leite Mônica. Cartão de visita de João Ferreira Vilela. Recife. c. 1860. Fonte: Koutsoukos, Sandra Sofia Machado. No estúdio do fotógrafo: representação e autorepresentação de negros livres, forros e escravos no Brasil da segunda metade do século XIX. p. 335.

Segundo Koutsoukos (2010), o afeto dos senhores pelas amas de seus filhos justifica o paternalismo que se deu no século XIX. Havia uma rede de deveres e direitos recíprocos, ou seja, de um lado, os senhores ofereciam proteção (sustento, comida, roupa, teto e trato de doenças), e de outro lado, as amas dispensavam respeito e justiça (mesmo quando sofriam violências físicas). Em troca os senhores exigiam obediências e dedicação por parte delas com as crianças da casa grande. Havia, portanto, um círculo de troca de favores. Nos finais do século XIX com a diminuição de escravos nos lares das províncias, as amas secas e crias pessoais que estavam ligadas à família do patrão por laços de lealdade continuaram a ter o afeto e lugar de destaque na vida das crianças já crescidas.

As imagens abaixo se justificam por mostrar outras formas da ama de leite estar com a criança, ao segurá-la nas costas.



Imagem 11: Ama negra carregando bebê branco nas costas. Fonte: Koutsoukos, Sandra Sofia Machado. No estúdio do fotógrafo: representação e autorepresentação de negros livres, forros e escravos no Brasil da segunda metade do século XIX. / Sandra Sofia Machado Koutsoukos. – Campinas, SP: [s.n.], 2006. Imagem

Na imagem acima ilustra muito bem uma das maneiras que as amas negras carregavam as crianças. Essa prática certamente foi trazida da África na qual possibilitava as amas de executarem outras tarefas domésticas.

Já as imagens a seguir são de cartões-postais em que o da direita retrata uma criança com sua ama de leite, o modo como a ama segura a criança chama a atenção na foto, pois ela parece abraçar o bebê. Esta fotografia demonstra que além de amamentar a criança branca as amas também cuidavam delas e, geralmente, recebiam o afeto da família, mesmo depois de alforriadas. Já a imagem da esquerda, retrata outro modo da ama ser fotografada junto com o bebê.



Imagem 12: Retrato de ama com criança. Foto de João Goston, Bahia, c. 1870. Fonte: Koutsoukos, Sandra Sofia Machado. No estúdio do fotógrafo: representação e autorepresentação de negros livres, forros e escravos no Brasil da segunda metade do século XIX. / Sandra Sofia Machado Koutsoukos. – Campinas, SP: [s.n.], 2006. E a imagem ao lado: Fernando Simões Barbosa com ama-de-leite – Eugenio & Mauricio – Recife, c.1860–1869. Crédito: Fundação Joaquim Nabuco. Fonte: QUINTAS, Georgia. **Amas-de-leite e suas representações visuais: símbolos socioculturais e narrativos da vida privada do Nordeste patriarcal-escravocrata na imagem fotográfica.** RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 8, n. 22, pp. 11 a 44, abril de 2009. ISSN 1676-8965. <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/QuintasArt.pdf> acessado em: novembro de 2012.

A imagem acima de Fernando Simões Barbosa com ama de leite mostra outro estilo de cartão de visita de uma criança e uma ama. Talvez muitas amas tenham recebido um retrato desses, com as crianças que amamentaram. Muitas famílias recorriam aos grandes de estúdios de fotógrafos no século XIX para registrar as amas de leite e as amas secas com seus filhos que eram guardados em álbuns da família.

A ama de leite contribuiu de modo informal para a educação da criança da família patriarcal brasileira, pois mesmo não sendo esta a sua principal função, ela influenciou na fala da criança, na cultura, através das músicas de ninar, da alimentação com a introdução de alimentos tais como papas e mingaus na alimentação infantil. As funções da ama de leite foram descritas por Freyre (1998), quando mostra o quanto os negros influenciaram para a formação do homem brasileiro através da música, do andar, da fala, do carinho e cuidado da ama, da alimentação, da educação ao contar histórias:

Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão, sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolo de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado (FREYRE, 1998, p.283).

As amas de leite cantavam para as crianças as canções de berço portuguesas, modificavam as palavras e adaptavam às condições regionais, às crenças dos índios e às suas. A canção que antes era: "escuta, escuta, menino" na versão da ama tornou-se: "durma, durma, meu filhinho", passando Belém de "fonte" portuguesa para "riacho" brasileiro.

As músicas também eram modificadas pelas amas de leite para influenciar a mudança de comportamento da criança malcriada. Eram criados “carrapatu”, boitatá entre outros, para assustar as crianças e fazer com que assim obedecessem:

E o mato ficou povoado por um ‘bicho chamado carrapatu’. E em vez do papão, ou da coca, começaram a rondar o telhado ou o copiar das casas-grandes, atrás dos meninos malcriados que gritavam de noite nas redes ou dos trelosos que iam se lambuzar da geleia de araquá guardada na despensa - cabras-cabriolas, o boitatá, negros de surrão, negros velhos, papa-figos (FREYRE, 1998, p.327).

Assim como as músicas, as histórias também sofreram modificações. As amas de leite foram grandes contadoras de histórias. Por exemplo, as histórias africanas, predominantemente as que contavam bichos “confraternizando com as pessoas, falando como gente, casando-se, banqueteadando-se” entrelaçavam-se com as histórias portuguesas, - de madrastas, de príncipes, gigantes, princesas, pequenos-polegares, mouras-encantadas, mouras-tortas - que eram contadas aos netinhos pelos avós coloniais.

A linguagem infantil também foi modificada com a intervenção da ama negra. Palavras que antes eram pronunciadas pelos portugueses de maneira “duras”, com a influência africana tornaram-se mais amáveis no Brasil. Gilberto Freyre (1998) apresenta um exemplo dessa modificação: o processo de reduplicação da sílaba tônica, tão das línguas selvagens e da linguagem das crianças, atuou sobre várias palavras dando ao nosso vocabulário infantil um especial encanto. O "dói" dos grandes tornou-se o "dodói" dos meninos. Palavra muito mais dengosa (FREYRE, 1998. p. 331).

O processo de modificação que a ama realizou com as palavras, assemelha-se com o que ela fazia com a comida: “machucou-as, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles” (FREYRE, 1998, p. 331). O que resultou na fala doce da criança. Freyre destaca que a linguagem infantil brasileira, e mesmo a portuguesa, tem um sabor quase africano: cacá, pipi, bumbum, tentém, neném, tató, papó, papato, lili, mimi, au-au, bambanho, cocô, dindinho,

bimbinha. Amolecimento que se deu em grande parte pela ação da ama negra junto à criança e também do escravo preto junto ao filho do senhor branco.

A figura da ama de leite descrita por Gilberto Freyre (1998) foi importante personagem da história brasileira e que contribuiu em muitos aspectos da formação da criança nesta época:

À figura boa da ama negra que, nos tempos patriarcais, criava o menino lhe dando de mamar, que lhe embalava a rede ou o berço, que lhe ensinava as primeiras palavras de português errado, o primeiro "padre-nosso", a primeira "ave-maria", o primeiro "vôte!" ou "oxente", que lhe dava na boca o primeiro pirão com carne e "molho de ferrugem" ela própria amolegando a comida - outros vultos de negros se sucediam na vidado brasileiro de outrora (FREYRE, 1998, p.335-6).

Os cuidados da ama de leite são expressos com relação rotina da amamentação. As amas tinham que controlar o tempo entre uma amamentação para evitar a diminuição do leite. Deviam estar sempre atentas na hora de dormir amamentando a criança para que não houvesse o acidente por sufocamento do bebê e os seus senhores aconselhavam que ela fizesse um bom asseio.

Ao pesquisar sobre a história da ama desde a pesquisa da palavra *mukama* passamos por diversas fases: o modo como ela era escolhida, as razões que a tornaram uma ama, os maus-tratos a que ela e seu bebê eram submetidos, os riscos de contaminação pela sífilis a que estava exposta, a relação dela com a criança e a família em outros países e no Brasil, a sua contribuição para a formação da família patriarcal brasileira e sua presença na capital da província do Grão-Pará no século XIX nos anúncios de jornais.

A grande contribuição da ama de leite para a família patriarcal foi a relação afetiva construída ao longo do tempo com o bebê branco, a ponto de receber o apelido de mãe-preta. Em alguns casos percebe-se que a ama chegava a ficar mais tempo com a criança do que a mãe e assim conhecia mais os hábitos e necessidades da criança pelo tempo de convivência. A relação afetiva também originou o prestígio da ama de leite junto à criança ao se deixar retratar e ser uma das poucas escravas ou libertas a ter o privilégio de estabelecer laços afetivos que foram documentados em fotografias.

4.9. Produtos que reforçam a alimentação das amas de leite

Nesta categoria destacamos os anúncios de produtos que reforçam a alimentação das amas de leite. O anúncio publicado no Jornal *Diário de Belém* (1885) descreve uma

espécie de elixir de vinho fabricado na França e aprovado pela junta de Higiene do Brasil que, ao ser dado para a ama de leite, tinha como função enriquecer o seu leite. O cuidado com a saúde da ama era supervisionado por um médico, as fotos das amas na pesquisa de Koutsoukos (2010) mostram que uma ama bem nutrida remetia a ideia de uma criança também bem alimentada.

VINHO E XAROPE DE DUSART DE LACTOPHOSPHATO DE CAL.

Admitida na nova pharmacopea official de França. Aprovado pela Junta de Higiene do Brasil.

As experiencias dos mais celebres médicos do mundo tem provado que o lactophosphato de cal no estado solúvel, tal como se acha no vinho e xarope de Dusart, é, em todos os momentos da vida o reconstituente por excelência do corpo humano.

Nas mulheres grávidas, facilita o desenvolvimento do feto e basta muitas vezes para evitar os vômitos e outros accidentes da gravidez.

Administrado ás amas de leite enriquece-lhes o leite, preservando as crianças de cólicas e diarrehas, a dentição faz-se facilmente sem dor e sem convulsões. Mais tarde quando o menino está pálido, lymphatico, que suas carnes são flácidas, que aparecem glândulas no pescoço, acha-se no lactophosphato de cal um remédio sempre efficaz.

Sua acção reparadora e reconstituente não é menos segura para os adultos anêmicos, que sofrem de má digestão e para os que se acham enfraquecidos pela idade e pelos excessos.

Seu uso é precioso para os tísicos porque traz a cicatrização dos tubérculos do pulmão e sustenta as forças do doente, favorecendo sua alimentação.

Em resumo o xarope e vinho de Dusart estimulam o appetite, estabelecem a nutrição de uma maneira completa e asseguram a formação regular dos ossos, dos músculos e dos sangue.

Fonte: Jornal Diário de Belém p. 4, nº 162 de Terça-feira, 21 de Julho de 1885. Ano VIII.

Esse tipo de anúncio destaca a mudança nos hábitos de alimentação e saúde com a ingestão de alimentos vindos da Europa que reforçam a alimentação da ama com o objetivo de enriquecer o leite. O produto anunciado destacava seus benefícios às crianças, as grávidas e amas de leite. Para as crianças o Xarope ajudava na fortificação dos ossos e músculos. Para as grávidas facilitaria o desenvolvimento do feto e evitava os vômitos e outros desconfortos da gravidez. Já para as amas de leite enriqueciam-lhes o leite e assim preservavam as crianças que seriam amamentadas de cólicas e diarreias.

Nos dois anúncios abaixo publicado no Jornal *A Regeneração*, em 1879, e no Jornal *Diário de Belém*, de 1876, respectivamente, encontramos referências aos alimentos alternativos à amamentação da ama de leite. Os anúncios destacam a palavra ama de leite, para chamar a atenção de quem lê de forma imediata, no corpo do texto de cada anúncio, estão descritas as vantagens da alimentação da farinha láctea Nestlé com o parecer de médicos de Nova York e Viena favoráveis ao uso do alimento de modo que

esta informação pudesse transmitir segurança e confiança para o leitor e assim fazê-lo querer comprar o alimento anunciado.

Nos dois anúncios verificamos um discurso publicitário que considerava a farinha láctea um substituto do leite materno. Há inclusive a indicação de que o leite industrializado era mais saudável para a criança.

AMA DE LEITE

FARINHA LACTEA DE NESTLÉ

Parecer do Dr. J. Fitz O. Connor medico e chefe da instituição de maternidade de Nova York

A meu ver nada existe de melhor para substituir o leite materno, dou pois a farinha de Nestlé a preferncia sobre todos os alimentos empregadoa até hoje. Nova York, 9 de fevereiro de 1870.

Parecer do dr. J. J. Hall, médico de Maternidade e do hospital das crianças de Nova Yorque:

A farinha lactea de nestlé que se usa na maternidade há oito meses (tem) produzido resultados grandemente satisfatórios. As experiencias importantes que se fizeram provaram-se que a farinha Lactea é o melhor alimento proprio para substituir o leite materno.

Nova York, 4 de Fevereiro de 1870.

Sendo tão conveniente para as criancinhas quanto mais para pessoas idosas, fracas, convalescentes e sofrendo do estômago.

Vende-se na rua dos Mercadores n 45 BB, em casa de Manoel J. da Costa e Silva.

Fonte: Jornal A Regeneração, Quarta feira, 16 de Fevereiro de 1876. p. 4 Ano III n° 84.

AMA DE LEITE

FARINHA LACTEA NESTLÉ

Parecer do Dr. W. Mac Crea, medico em chefe do departamento medical melbours.

É raro que eu conceda atestados para um remadio, ou para qualquer artigo alimenticio, mas quando á farinha látea de nestlé esta tão firmada a sua reputação. Que creio poder affastarme da minha regra ordinária.

Certifico ter submetido a farinha lactea de Nestlé a uma experiencia completa e prolongada como artigo alimenticio para as crianças que sofrerem de diarreia e de outras meléstias intestinais.

Ordenei que empregassem nas escolas indusdriais, e seu resultado tem sido constantemente satisfatório. A farinha láctea de Nestlé foi suportada pelo estomago, quando todos os osutros alimentos eram regeitados.

Melbrne, 2 de setembro de 1871.

Parecer do dr. Fridinger, diretor da maternidade e do asylo dos enjeitados em Viena. A farinha lactea de nestlé está em algum tempo em uso no Asylo dos enjeitados, e posso certificar que esta farinha preenche perfeitamente o seu fim.

Como ela não se dá (...) prova de sua facil digestão. Passo a rescomendar este alimento a toda mãe que não possa por si mesmo alimentar seu filho.

Vienna, 16 de agosto de 1873.

Sendo este alimento tão gabado a criancinhas quanto mais deve couvir a essoas idosas, fracas convalescentes e sofrendo do estômago.

Vende-se em casa de Manoel Jose da Costa e Silva, na rua das Mercedes n° 45, sendo uma lata da farinha 1\$500 ditae de dita 16\$000.

Fonte: Jornal Diário de Belém p. 4, n° 134 de Quinta-feira, 22 de Junho de 1876. Ano IX.

O próximo anúncio publicado no Jornal *A Constituição* (1879) informa que na Farinha Láctea Nestlé é um benefício para o Brasil, visto a escassez de ama de leite. Este alimento é anunciado como complemento da amamentação materna e recomendado de acordo com os anúncios europeus. Ele mostra também a influência europeia exercida nos costumes brasileiros através a intenção de imitar o costume que acontecia naquele continente.

AMA DE LEITE

A escassez das amas sadias e boas, o seu preço elevado, tem tornado a introdução da farinha láctea de Nestlé, um verdadeiro beneficio para o Brasil.

Hoje uma mãe pode ter a satisfação de criar seu filho com o leite que tiver, pouco ou muito, sem risco de enfraquecer nem de sofrer na sua saúde, dando como complemento o excelente alimento de Nestlé tão gabado pelas sumidades medicas da Europa já anunciadas; com uma despeza mensal que não chega a 10\$ pôde-se hoje nutrir uma criança de peito nas melhores condições possíveis.

Também é muito receitada a farinha Nestlé a todas as pessoas idosas, fracas, convalescentes, ás que sofrem do estomago, e quem precisam de um alimento de fácil digestão.

Vende-se em casa de Manoel José da Costa e Silva a rua dos Mercadores n. 45 BB.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Sabbado, 27 de setembro de 1879. p. 3. Anno VI nº 218

O anúncio abaixo publicado no Jornal *A Constituição* (1880), destaca a farinha láctea Nestlé como um alimento de primeira ordem indicado para crianças de peito, pessoas fracas e convalescentes, ou seja, era um alimento indicado para crianças e adultos.

AMA DE LEITE

A farinha Lactea de Nestlé é um alimento de primeira ordem para criancinhas de peito, pessoas fracas e convalescentes; vende-se na rua dos Mercadores n. 45, BB, casa de M. J. da Costa e Silva á 1\$600 a lata.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Quinta-feira, 26 de agosto de 1880. p. 3. Anno VII nº 190

Nos anos finais do século XIX, amas sadias eram cada vez mais escassas, fato que favoreceu a elevação do preço das amas, aliado a isto a influência da medicina na esfera da vida doméstica contribuiu para o aumento da prática do aleitamento materno ou artificial, em prejuízo do uso das amas de leite. Grillo (2007) mostra como um jornal do Recife exibiu propagandas que ilustram essa mudança:

A escassez de amas sadias e boas, o seu preço elevado, tem tornado a introdução da farinha de lactea de nestle um verdadeiro beneficio pra Brasil.

Hoje uma mãe pode ter a satisfação de criar seu filho com o leite que tiver, pouco ou muito, sem risco de enfraquecer nem de sofrer na sua saúde, dando como complemento o excelente alimento de Nestlé, tão gabado pelas sumidades médicas da Europa.

O júri da exposição especial de Paris acaba de premiar no dia 17 de novembro de 1875 o Sr. H. Nestlé, autor da farinha lactea com o grande diploma de honra e medalha de ouro, recompensa mais elevada que tem sido concedida na França.

A farinha lacta já tinha sido premiada com duas medalhas em França.

O parecer tão elogioso da junta central de Hygiene publica do Rio de Janeiro e de tantas notabilidades medicas da Europa, acaba pois de ser confirmada da maneira a mais notável.

unico deposito em Pernambuco, à rua do Imperador n.49, casa de Victor Préslie. Preço n.1\$500 a lata (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 01/08/1876)

Os anúncios analisados mostram a farinha láctea Nestlé como um alimento recomendado pela junta central de Hygiene pública do Rio de Janeiro e a medicina da Europa como um alimento saudável e complementar ao leite materno. A história do início da Farinha Láctea Nestlé aconteceu no ano de 1866, na Suíça, quando ocorreram os primeiros experimentos de Henri Nestlé ao combinar leite de vaca, farinha de trigo e açúcar, o que resultou na criação da NESTLÉ® FARINHA LÁCTEA. Já no ano de 1867, aconteceu o lançamento da NESTLÉ® FARINHA LÁCTEA, também na Suíça, fato este que marcou o início das atividades da Societé Nestlé no mundo. No entanto, só em 1876 ocorreu o início da importação da NESTLÉ® FARINHA LÁCTEA para o Brasil. A seguir a imagem da Farinha Láctea da época de 1876:



Imagem 13: Farinha Láctea Nestlé Fonte: <http://www.nestle.com.br/site/anestle/historia.aspx>

A imagem acima se justifica por ilustrar a Farinha Láctea Nestlé que era oferecido e anunciado como alimento alternativo para amas de leite e crianças. Evidencia a influência exercida pela indústria para a mudança dos hábitos da amamentação e alimentação infantil. A substituição do leite das amas e das mães por leites e alimentos

industrializados. Sobre este tipo de alimentação, foram encontrados anúncios em jornais de Belém no século XIX.

4.10. Instituto de controle da saúde das amas de leite

Nesta categoria foi encontrado apenas um anúncio publicado no Jornal *Diário de Belém* (1877) que se refere à deliberação do Conselho de Estado para a criação em Belém de uma maternidade e de um instituto para cuidar da saúde da ama de leite, uma espécie de controle de qualidade pelo governo do leite ofertado pela ama de leite para a criança. A respeito deste instituído, apenas este anúncio foi encontrado, a sua localização ou maiores informações não foram ainda a serem posteriormente investigadas.

CONSELHO DE ESTADO – Pelo ministério do imperio remetteram-se á secção dos negócios do império do conselho de estado os papeis relativos á deliberação tomada pela camara municipal da corte de crear n'aquela cidade uma casa de maternidade e um instituto para o exame das amas de leite.

Fonte: Jornal Diário de Belém p. 1, nº 126 de Quarta-feira, 06 de Junho de 1877. Ano X.

A discussão sobre as vantagens e desvantagens do aleitamento materno ou por meio de amas de leite foi polêmica. Suscitou a disputa entre o aleitamento mercenário e materno. Sobre este último, foram encontradas publicações na Europa a favor do aleitamento materno pelas próprias mães em oposição ao aleitamento realizado pelas amas de leite, havendo uma diminuição das práticas e da autoridade materna e uma intervenção cada vez maior do médico especializado em puericultura, isto é, o conjunto dos meios adequados ao desenvolvimento fisiológico da criança, antes e após o nascimento. Segundo as palavras de Alencastro (1997, p.64): “na Europa há toda uma discussão sobre as vantagens do aleitamento materno, a fim de garantir melhores cuidados ao bebê e, supostamente, transmitir-lhe, pelo leite, as qualidades culturais de sua mãe”.

A questão da amamentação pela ama de leite está atrelada a questão do escravismo: de um lado, defendia-se o serviço oferecido pelas mucamas por escravocratas a exemplo nos Estados Unidos, e por outro lado, a abolição deste serviço e campanha pelo aleitamento realizado pelas próprias mães em detrimento a amamentação das amas de leite escravas. Alencastro (1997) mostra a visão no Brasil sobre esse assunto no Jornal *O Constitucional*, em 1853, publicado em São Paulo:

O infante alimentado com leite mercedário de uma africana, vai, no desenvolvimento de sua primeira vida, aprendendo e imitando seus costumes e hábitos da África central, e ei-lo já, quase na puberdade qual outros habitantes da África central, sua linguagem toda viciada, e uma terminologia a mais esquisita, servindo de linguagem (ALENCASTRO, 1997, p.65).

Alencastro (1997) destaca que no livro *Emile* (1762) escrito por Rousseau em que aborda o tratado filosófico sobre a educação e o tratamento das crianças, a seguinte opinião sobre a amamentação: “aquela que amamenta a criança no lugar da sua, é uma má mãe, como ela poderá ser uma boa ama de leite?” (1997, p.65-66). E este era um dos argumentos mais difundidos pelos que eram contra a prática de se adotar as amas de leite para a amamentação infantil. Entretanto, também houve defensores desse tipo de amamentação. Um destes defensores apresentado por Alencastro (1997) foi o médico Antônio Ferreira Pinto, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Para ele, as escravas chamadas mucamas eram mais vantajosas porque aleitavam na esperança de mudar sua condição de escrava para forra ao final do período de amamentação. Desta forma, “aspirando a sair do seu estatuto aviltante, ‘seduzida e embalada’ por essa esperança, a mucama deixaria de lado a sua ‘cria’ para fornecer ao nhonhozinho todo o carinho que ele necessitasse” (ALENCASTRO, 1997, p.67). E esse era um tipo especial de serviço que o salário pago às amas livres não era possível de obter, sendo próprio à condição das amas de leite escravas.

Com uma intervenção cada vez maior do médico especializado em puericultura⁷, “pouco a pouco, o costume das amas de leite de aluguel declina” (ALENCASTRO, 1997, p.64).

Em meados do século XIX, conforme afirma Grillo (2009), ocorreu um investimento na normatização da família nuclear e conjugal, em especial no papel da mulher-mãe a ponto de fazer do discurso médico uma arma contra ou a favor do aleitamento mercenário. Havia uma divergência, alguns médicos defendiam que as amas de leite eram vistas como um mal necessário, desde que tivessem boa saúde, mas outros as acusavam de serem pervertidas e transmissoras de doenças além de influenciar moralmente às crianças que estavam em seus cuidados.

⁷ Este termo se refere ao “conjunto dos meios adequados ao desenvolvimento fisiológico da criança, antes e após o nascimento”

4.11. Lei municipal sobre a efetivação de ama de leite em casa de expostos

Nesta categoria encontram-se dois anúncios, o primeiro, publicado no jornal *Treze de Maio*, em 1854, diz respeito à efetivação de uma ama de leite em uma casa de expostos. No anúncio constatamos que as amas de leite também eram contratadas pelo governo Provincial que mantinha uma casa de expostos que abrigava crianças pobres e desvalidas. As amas eram contratadas para amamentar os expostos ao preço de 400 réis diários.

ORÇAMENTO MUNICIPAL

Lei nº 242 Regulamento dos Expostos (continuando)

Capítulo 1

(...) Artigo 3º Haverá neste estabelecimento uma Regente, que vencerá o ordenado de 240\$000 réis, e uma ama de leite affetiva com jornada de 400 réis diários, quando não for arrematado este serviço. (...)

Fonte: Jornal Treze de Maio, Terça-feira, 31 de Janeiro de 1854, nº 286, p.1, 14º ano(...)

E o segundo, publicado Jornal *Diário de Belém*, em 1880, anúncio trata da aprovação da regulamentação da lei da casa dos expostos. Este anúncio é muito importante porque, diferente de províncias como em Recife e Bahia que houve rodas de expostos, na província do Grão-Pará houve uma casa dos expostos, isto é, uma casa alugada pelo poder público para atender e cuidar das crianças que eram abandonadas. A nomenclatura era diferente, mas ao que é possível observar neste anúncio a função é semelhante a da exercida pela roda dos expostos.

Ainda neste anúncio encontram-se as seguintes informações: a contratação de uma ama de leite para trabalhar na casa para cada recém-nascido exposto, o que mostra que o trabalho da ama de leite não estava restrito apenas as casas de famílias, mas também aos órgãos públicos, que cada criança abandonada seria amamentada e cuidada por uma única ama de leite e a descrição do valor a ser pago pelo seu serviço que era de mil e quinhentos réis diários.

**S. EXC. PRESIDENTE DA PROVÍNCIA SANCIONOU AS SEGUINTE
RESOLUÇÕES DA ASSEMBLEIA PROVINCIAL.**

Lei nº 991 de 15 de Abril de 1880

Artigo único. Fica aprovado da casa dos expostos anexo à presente lei, revogadas as disposições em contrário.

Regulamento da casa dos expostos

Capítulo 1

Art. 3º Haverá uma ama de leite para cada recém-nascido exposto, vencendo a diária de mil e quinhentos réis.

(...)

Fonte: Jornal Diário de Belém, Quinta-feira, 29 de Abril de 1880. Nº 97, p. 2, Ano XIII (...)

A casa dos expostos a que se refere este anúncio trata-se de uma casa que era alugada pelo governo provincial do Pará para abrigar as crianças pobres e desvalidas. As crianças que passavam por esta casa eram posteriormente adotadas por famílias abastadas.

4.12. Literatura para orientar escolha de ama de leite

Nesta categoria apresentamos dois artigos publicados no jornal *Treze de Maio* (1855) e *Jornal A Constituição* (1886). O primeiro um anúncio de um livro de medicina popular que entre diversas recomendações e orientações está a de como escolher uma boa ama de leite. O anúncio é dirigido para pessoas que não tem como hábito as artes de curar, não tem conhecimentos médicos e procuram no livro uma fonte de informação de como escolher uma boa ama, além de diversas outras informações a respeito da saúde.

Ha a venda na livraria de Santos e Irmãos o...

Diccionario de Medicina Popular em que se descrevem, em linguagem accomodada, a inteligencia das pessoas estranhas a arte de curar, os signaes, as causas, as moléstias, os socorros que se devem prestar nos accidentes subito, como aos afogados, asphyxiados, fulmiandaos de raio, ás pessoas mordidas por cobras venenosas, nas perdas de sangue, nas convulções das crianças os caratteres das cobras que são venenosas e das innocentes, os contravenenos de todos os venenos conhecidos; os conselhos para preservar das moléstias e preservar a vida, as precauções que deve tomar quem muda de clima; os preceitos sobre a educação dos meninos; os cuidados que reclama a prenhez; o parto, as suas consequencias, a criança recém nascida, a escolha de uma boa ama de leite, a dentição, a desmamação, etc; os peigoas a quem expõe as diferentes profissões e os meios de evitá-los; os erros populares nocivos á saude; os meios de descobrir a falcificação do vinho e dos alimentos; a preparação dos remédios caseiro; as plantas úteis e venenosas, etc.

Segunda Edição mais correta consideravelmente argumentada, e enriquecida com 5 estampas.

Fonte: Jornal Treze de Maio, Quinta-feira, 12 de Abril de 1855, nº 473, p.4, Décimo quinto ano.

O segundo anúncio publicado no jornal *Treze de Maio* (1855) traz no conteúdo do seu texto a informação acerca da importância da ama de leite para a formação do homem. A ama de leite é comparada ao mestre-escola, que seria semelhante à comparação entre a babá e o professor, atualmente. Na compreensão da pessoa que discursou sobre este assunto na Câmara municipal, o Sr. Cantão, a ama de leite tem como papel formar o homem. Comprendemos com isso tratar-se de ensinar a criança a

se alimentar, falar, cuidar da criança, ensinar a cantar, a pronunciar as primeiras palavras e no que diz respeito ao mestre-escola, por sua vez, sua função é de educar este homem para ser um cidadão, instruí-lo com conhecimentos científicos próprios da escola.

PARLAMENTO NACIONAL
CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS
Discurso proferido na sessão de 14 de julho de 1886
FIXAÇÃO DE FORÇAS DE TERRA

O SR. CANTAO:

(...) Os funcionários mais eminentes de um Estado são o mestre escola e a ama de leite; esta, porque começa a formar o cidadão; uma forma o corpo, o outro forma o espírito.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Belém, 1886. p. 2. Anno XIII nº 190 (a página em que consta a data está mutilada, aparecem apenas estes dados)

A análise dos anúncios de jornais paraenses sobre as amas de leite, organizados segundo as categorias demonstradas, possibilitou encontrarmos indícios importantes a esse respeito. Entre eles, os que ajudam a traçar um perfil da ama de leite paraense do século XIX.

A pesquisa possibilitou conhecer que não houve apenas amas de leite boas, mas também as más, ou seja, as que por algum motivo maltratavam as crianças como forma de vingança pelos maus-tratos recebidos ou ainda pela perda de seu próprio filho. O fato é que as amas de leite foram objeto de negócio, isto é, elas foram alvo da escravidão, da exploração e da obtenção de lucro através do seu aluguel. Se eram apenas vítimas ou cúmplices? Não é possível responder, mas a história mostra que elas tiveram um papel importante, e por esse motivo sua função de cuidar da criança assemelhe-se a babá dos dias atuais, resguardadas as devidas proporções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



O estudo sobre as amas de leite na capital da Província do Grão-Pará do século XIX nos possibilitou realizar um novo tipo de pesquisa na Linha de Educação, Cultura e Sociedade do Programa de Pós-Graduação em Educação. Os discursos enunciativos dos anúncios de jornais relativos a amas de leite ainda se constitui um material documental virgem que, diferentemente da retórica dos discursos já produzidos em alguns estudos acadêmicos, revelam elementos ocultados muitas vezes pela história oficial. Portanto, esses anúncios constituem, como diz Gilberto Freyre, um material extraordinário para estudo da formação social da família patriarcal escravocrata e, sobretudo da historiografia da criança paraense no século XIX.

As conhecidas amas de leite, por tradição, possuíam um lugar privilegiado nas famílias patriarcais no Brasil do século XIX. Indiscutivelmente tinham um lugar de honra no seio daqueles núcleos familiares por sua dedicação e subserviência. Os meninos e meninas do período imperial desenvolviam um carinho especial pelas amas que as consideravam “mães de leite”. As amas vindas da senzala geralmente recebiam tratamento diferenciado.

Algumas características eram importantes no momento da escolha da negra ou mulata para dar de mamar e cuidar do bebê senhorial. Escolhia-se, dentre as negras escravas da senzala, as mais limpas, bonitas, fortes, sadias, robustas e, principalmente as que demonstravam jeito carinhoso para lidar com criança. A entrada das amas de leite no cotidiano de um núcleo familiar, com o qual não tinham nenhum vínculo biológico ou de parentesco, foi absorvida devido à necessidade de atender na amamentação da criança branca. É importante ressaltar que a prática da amamentação era um tabu na vida familiar do século XIX e que teve diversos desdobramentos sociais — particularmente no aspecto da exploração econômica.

No século XIX, a prática sistemática da ama de leite era um costume comum nas Américas, assim como na Europa. No Brasil as amas de leite tiveram papel importante na constituição da família patriarcal. Era recorrente a delegação dos primeiros cuidados com a criança a mães nutrizes. Do período colonial ao imperial não havia por parte dos pais o sentimento de que os filhos representavam a maior riqueza à família, como isso,

muitas mães entregavam seus filhos a nutrizes, passando semanas e meses sem fazer sequer uma só visita. O surgimento social das amas de leite foi sem dúvida a alternativa encontrada por muitas famílias para atender a incapacidade de muitas mães em amamentar seu filho em decorrência de sucessivas gestações. Atrelado a essa incapacidade das mães, havia recomendações de que elas não podiam ter uma vida sexual enquanto amamentavam.

As práticas de amamentação de amas de leite no contexto familiar oitocentista representavam uma necessidade de evitar a mortalidade da criança. O recurso às amas de leite foi bastante comum no Império e o aluguel delas representava uma atividade econômica bastante lucrativa. Negras nutrizes eram valorizadas principalmente pela excelência de seu leite.

Nos anúncios de jornais da Província do Grão-Pará analisados constatamos que a família paraense a qual pertenciam às crianças, cujos pais alugavam amas de leite, era geralmente uma família do tipo patriarcal e que tinha posses e comercializavam escravos, logo, tinha condições de ter uma ama de leite para amamentá-la e cuidá-la. As evidências desse tipo de família estão nos anúncios que mostram os nomes das pessoas que pleiteavam ou ofereciam amas de leite. Uma dessas pessoas era o corretor Guedes da Costa, que intermediava a negociação e aparece com frequência nos anúncios dos jornais na Província do Grão-Pará. Dentre outros nomes dos que vendiam, alugavam e contratavam amas de leite estavam comerciantes, corretores, tipógrafos, médicos, proprietários remediados etc.

Quanto às amas de leite, historicamente as origens dessa função estão relacionadas com a escravidão, com mulheres subjugadas e cativas que foram obrigadas a abandonar seus filhos e amamentar o filho do senhor. Na configuração das relações econômicas do Brasil do século XIX, a negra cativa quando mãe podia ainda tornar-se “escrava de ganho” e assim gerando lucro para seu senhor. Fazem parte deste universo ainda às negras forras que devido a sua condição de pobreza, em geral, colocam-se disponíveis para aluguel por famílias abastadas. A amamentação pelas amas de leite no século XIX foi também uma das formas encontradas pelas mulheres da sociedade conciliar a função de mães e esposas, pois, segundo o costume da época, as mulheres que amamentavam deviam abster-se das relações sexuais. As amas eram ainda contratadas quando a mãe tinha saúde frágil e, por isso, incapazes de amamentar ou tinham pouco leite.

Na sociedade patriarcal escravocrata transferir os cuidados dos filhos para outras pessoas era sinônimo de nobreza entre os ricos, o que significa que a posse (em sendo escrava) ou mesmo o aluguel de uma ama de leite eram associados a *status* da família. Designadas como reprodutoras, nutrizes, cativas a mulher negra era ideal para ser ama de leite das crianças de famílias proprietárias, mas era renegado a elas o direito aos filhos e à maternidade.

Nos anúncios dos jornais paraenses havia um comércio indiscriminado de compra, venda e contratação de ama de leite. Era salientada a saúde das amas de leite. Deveria ter uma boa saúde (referida como sadia), saudável; estar em condições higiênicas, não ter nenhum tipo de moléstia ou vício, ter muito bom leite e com abundância. Entre as qualidades, ela era destacada como magnífica, prendada, excelente, muito boa, carinhosa, cuidadosa, ter bons costumes, bom comportamento, ser boa figura, robusta e retinta. Entre as funções a serem exercidas estavam a de saber cuidar de meninos e meninas, se preciso também saber fazer as tarefas domésticas, como cozinhar, engomar, limpar a casa etc. Ela poderia trabalhar em casa de família ou para o governo. Os anunciantes prometiam pagá-la entre 320 réis a 2.000 réis diários; tratá-la muito bem, afiançando-lhe o melhor tratamento possível e a preservação de sua boa conduta e costumes. Caso a ama fosse escrava, o anunciante lhe prometia dar sua liberdade ao final de seis anos.

Para o senhor da escrava, o aluguel da ama de leite podia render boa quantia mensal. As qualidades das amas eram visivelmente destacadas como uma forma de valorizá-las. Em determinados anúncios de jornais de venda ou aluguel, o proprietário fazia bastante questão de frisar que a ama não tinha "vícios ou moléstias". Uma ama com "bons costumes" ou "obediente", que fosse ainda "carinhosa e fiel", era garantia de que o bebê estaria em boas mãos. Em alguns casos o anunciante ressaltava-se o fato de que a ama havia parido recentemente, ou seja, que o leite era novo e abundante. Outras vezes os enunciados discursivos dos anúncios enfatizava-se ser o leite "de primeira cria", o que podia significar que a candidata à ama talvez fosse inexperiente no trato com bebês. Embora com a crítica ao leite mercenário, alguns médicos higienistas aconselhavam as jovens senhoras mães que tinham crianças pequenas a contratar amas com primeira cria, pois acreditavam que seu leite era melhor, mais puro; outros defendiam que o leite da mulher múltipara era mais forte, mais abundante, além da vantagem de que, por já ter outros filhos, ela teria mais prática em lidar com o bebê.

As informações sobre a história das amas de leite, as amas pesquisadas no livro de Vicente Salles (1971) e mais as mensagens encontradas nos anúncios dos jornais paraenses, nos encorajam a traçar um perfil da ama de leite paraense do século XIX, com base no perfil traçado sobre a ama que se encontra na seção I. Afinal quem era a ama de leite paraense? Os indícios mostram que ela poderia oferecer-se para ser ama, ser comprada, ser vendida, ser alugada com ou sem filho, ofertada para aluguel também com ou sem filho. Tinha entre 15 e 25 anos, ou seja, era jovem, chamada de rapariga e moça; era negra (preta), mulata, crioula ou de origem portuguesa. Dava-se preferência às que não tivessem filhos e no caso de tê-los, que eles não incomodassem. Ser escrava ou livre, isso não importava para alguns. Deveria ter uma boa saúde (referida como sadia), saudável; estar em condições higiênicas, não ter nenhum tipo de moléstia ou vício, ter muito bom leite e com abundância. Entre as qualidades, ela era destacada como magnífica, prendada, excelente, muito boa, carinhosa, cuidadosa, ter bons costumes, bom comportamento, ser boa figura, robusta e retinta. Entre as funções a serem exercidas estavam a de saber cuidar de meninos e meninas, se preciso também saber fazer as tarefas domésticas, amamentar, criar. Ela poderia trabalhar em casa de família ou para o governo. Os anunciantes prometiam pagá-la entre 320 réis a 2.000 réis diários; tratá-la muito bem, afiançando-lhe o melhor tratamento possível e a preservação de sua boa conduta e costumes. Caso a ama fosse escrava, o anunciante lhe prometia dar sua liberdade ao final de seis anos.

O perfil da ama de leite paraense estava de acordo com o recomendado pelos médicos higienistas em suas teses médicas, ou seja, em linhas gerais ela deveria ter boa saúde, bom comportamento, saber cuidar e amamentar e não ter vícios. Nos anúncios pesquisados nos jornais paraenses no século XIX observamos que a ama de leite podia ser oferecida "com ou sem a pequena cria negra". Muitas dessas mulheres tiveram a felicidade de amamentar ao mesmo tempo o seu próprio bebê e o do senhor; com certeza, o trabalho excessivo e cansativo era compensado pelo fato de não se verem afastadas de seus filhos. Eram recorrentes os senhores não concordarem em deixar o filho natural da ama ser criado junto ao seu bebê, mamando-nos nos mesmos seios. Mais rara ainda era a probabilidade de que fosse levado em consideração o amor da ama pelo próprio filho. Em caso de assentimento, tratava-se, em geral, de tentativa de não estragar o leite da nutriz - já que a escrava podia transmitir ao bebê do senhor, pelo leite, sentimentos de 'contrariedade', ou de evitar que a esse bebê se infligissem maus tratos.

Os discursos encontrados nas teses médicas recomendavam sugestões de como cuidar do bebê; alimentá-lo; vesti-lo; cuidar da higiene; os cuidados que as mães deveriam ter na gravidez; como as mães deveriam se comportar; como escolher uma boa ama de leite entre outros. Compreendemos que o discurso médico higienista do século XIX tinha como objetivo instruir a sociedade acerca dos cuidados necessários à preservação da saúde, disciplina e moral. Porém, evidenciamos que as palavras dos médicos não se tratavam apenas de recomendações, mas de uma maneira de influenciar o comportamento de toda uma sociedade em relação à prática do cuidado com as crianças.

Verificamos também no século XIX que o discurso dos médicos higienistas causou muita polêmica no combate às amas de leite por razões morais e higiênicas. Os médicos recomendavam que as famílias cuidassem de escolher a boa ama e, para isso, prescreviam exames médicos rigorosos. Geralmente eram prescrições rigorosas que poderiam garantir as seleções daqueles que tivessem habilidades físicas e virtudes morais para lidar com a criança. Era evitado ama de leite sem asseio e preguiçosas. Já por volta dos finais do século XIX, os médicos defendiam a administração da amamentação artificial, sob o argumento de que as amas de leite representavam um perigo à maternidade, ou seja, à saúde da criança. A amamentação artificial abriu espaço para o mercado de produtos ligados à nutrição infantil. Assim, proliferaram no Brasil, de um lado, os artigos médicos sobre alimentação infantil, especialmente sobre a defesa do leite artificial, e de outro lado, proliferaram propagandas de produtos alimentícios destacando a eficácia do leite artificial como creme de arroz e Farinha Láctea Nestlé.

Introduzindo-se nos finais do século XIX hábitos novos, como a utilização de farinhas e cremes infantis, ou tônicos fortificantes, estabelecia-se um olhar cuidadoso sobre a criança, que se enquadrava no discurso da República de que a ela era o futuro do Brasil.

Outro fato que chama a atenção em um dos anúncios é a regulamentação sobre a contratação de amas de leite para a Casa de Expostos. Nos anos de 1850 a 1860 observa-se um movimento crescente de contratação de amas de leite por instituições. Trata-se de crianças enjeitadas que também poderiam ser cuidadas por amas de leite contratadas pelo governo, como é o caso que aconteceu na capital da Província do Grão-Pará no século XIX, conforme registrado em um anúncio de jornal.

Nenhuma outra cultura teve a presença da ama de leite nos cuidados e amamentação da criança como no Brasil. Assim como acontecia em várias capitais brasileiras, na Província do Grão-Pará, da metade do século XIX, ainda era muito recorrente venda e aluguel de nutrizas. Sabe-se que em todo o Brasil, modestos senhores de escravos exploravam esse mercado bastante lucrativo ao alugar suas escravas no período pós-parto como “amas de leite”.

Como se vê, o aluguel das amas de leite escravas era bastante lucrativo para os senhores de escravos urbanos até o início do século XX. O comércio desse negócio era oferecido nos anúncios de jornais indiscriminadamente. Na Província do Grão-Pará, por exemplo, era recorrente anunciar em jornais de grande circulação pela cidade o aluguel de “amas de leite”. Nos Jornais **Treze de Maio** (1845-1861), **A Constituição** - Órgão oficial do partido conservador (1874-1886), **Diário de Belém** (1868-1889), **O Liberal do Pará** (1860-1889), **A Regeneração** (1870-1879), **Gazeta Oficial** (1850-1869), **Diário do Commercio** (1850-1859) e **O Paraense** (1870-1889) constatamos inúmeros anúncios de aluguel e venda de ama de leite livre ou escrava com boa aparência, sadia e sem cria para amamentação. Em alguns anúncios havia ainda a intensão de pagar bem e se fosse escrava prometia-se dar a sua liberdade no fim de seis anos.

Gilberto Freyre ressalta que culturalmente as amas de leite, mucamas e iaiás deixaram marcas profundas na história familiar da sociedade brasileira, sobretudo na vida privada da criança. Para alguns autores, na atualidade, os resquícios do passado se refletem nas babás de hoje: em sua grande maioria mulheres pobres e predominantemente negras. Um dos aspectos interessantes da relação das escravas amas de leite com os meninos da casa grande foram o afago e a ternura com não conheciam os europeus.

Certamente o carinho, afeto, gratidão seriam os motivos dos senhores para encomendar as fotos das amas com as crianças que amamentaram nos principais ateliês fotográficos na capital da Província do Grão-Pará. Nas diversas fotografias produzidas nos século XIX as amas foram colocadas a posar eretas, elegantemente vestidas, algumas mesmo ricamente vestidas, com tecidos finos, xales, às vezes portando joias, com os cabelos e turbantes arrumados, sentadas em cadeiras de espaldares rebuscados, tendo, geralmente, a criança ao colo, ou em pé ao seu lado. Nos ateliês fotográficos montaram, produziram e reproduziram imagens de mulheres negras com criança ao colo, ou seja, as amas de leite com os seus sinozinhos e sinhazinhas. Muitas dessas

fotografias foram reunidas em álbum de família, em quadros nas paredes, em jornais e em *cartes-de-visite*.

Por fim, este trabalho dissertativo tem como intenção contribuir para a história da infância na Amazônia paraense e servir de estímulo para futuras pesquisas, uma vez que ainda há muito por ser estudado e esta é apenas uma parte da história, pois nenhum estudo é completo e este não teve a pretensão de ser. Pesquisar sobre a infância e as amas de leite permitiu lançar um olhar científico para uma relação de afeto que envolve crianças, amas e famílias. Percebe-se ainda hoje resquícios da ama de leite na figura da babá, que é a pessoa que passa muito tempo cuidando da criança, mas também na figura do (a) professor (a) de Educação Infantil e de séries iniciais, uma vez que este profissional também recebe a criança no espaço escolar permanecendo com ela por bastante tempo nos seus primeiros anos de vida. A diferença é que a ama ensinava as primeiras palavras e cuidados com a saúde e a alimentação com elementos do cotidiano infantil e geralmente sem nenhum preparo e os professores recebem formação para ensinar os primeiros conhecimentos científicos para a criança no ambiente escolar. Trata-se de conhecimentos diferentes, mas em ambos os casos, tanto amas quanto professores educam as crianças, estimulam o desenvolvimento físico e afetivo com as brincadeiras de infância, ajudam a pronunciar as palavras com a ajuda de músicas, versos, enfim, práticas culturais variadas. Mas fundamentalmente, o que os unifica no seu fazer é a maneira como suas práticas tendem a deixar marcas na construção do caráter e da personalidade da criança.

REFERÊNCIAS



ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **Vida privada e ordem privada no Império**. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de. (Org.). História da vida privada no Brasil: Império. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (História da vida privada no Brasil: 2)

ALMEIDA, Conceição Maria de. **Mulheres, Violência e Cidade: “Demônios de Saias” na Belém Oitocentista**. ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003.

ALVES, Maria da Conceição do Amparo. **Ama de leite**. (poesia) Acessado no site da revista mundo Jovem. Fonte: <http://www.pucrs.br/mj/poema-negro-34.php> Em Novembro de 2012.

ANDRADA JUNIOR, José Bonifácio Caldeira de. **Esboço de uma hygiene dos collegios applicavel aos nossos, sciencias accessorias do calor animal, sciencias cirurgicas quaes são os casos que reclamão a operação da cataracta, e qual o melhor methodo de praticala, sciencias medicas infecções e contagios. 1855**. Tese - Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1855.

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edição rev. e atual. Lisboa, edições 70, 2009. 281 p.

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARMAN, Roderick J. **Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

BATISTA, Luciane Marinho. **Demografia, família e resistência escrava no Grão Pará (1850 – 1855)** In: BEZERRA NETO, José Maia. GUZMÁN, Décio de Alencar. (Org.) Terra matura: historiografia e história social na Amazônia. Belém: Paka-Tatu, 2002. 444 p.

BEZERRA NETO, José Maia. **Escravidão Negra no Grão Pará (Séculos XVII – XIX)**. Belém: Paka-Tatu, 2001. 127 p.

BOSI, Maria Lúcia Magalhães. MACHADO, Márcia Tavares. **Amamentação: um resgate histórico**. Artigo de Revisão. CADERNOS ESP - ESCOLA DE SAÚDE PÚBLICA DO CEARÁ - V. 1 - N. 1 - Julho - Dezembro – 2005 em: <http://www.esp.ce.gov.br/cadernosesp/index.php/cadernosesp/article/viewFile/4/2> Acessado em Outubro de 2012.

BURKE, Peter. **O Que é história cultural?** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005. 191p.

BRANDÃO, Nagamine. HATHSU Helena. **Escravos em anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX: Discurso e Ideologia.** Revista Estudos Lingüísticos XXXIII, p. 694-700 2004. [694 / 700] em: Acessado em 04 de Janeiro de 2012.

CASTILHO, Ildfonso Archer de – **Hygiene da primeira infância. (1882).** Tese – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1882.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho.** 4ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CERQUEIRA, Nicolao Barboza da gama. **Hygiene da primeira infância. (1882).** Tese - Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1882.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano. 1. Artes de Fazer.** 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1990. 244 p. (Memória e sociedade)

_____. **Textos, impressão e leitura.** In: CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1990b. 244 p. (Memória e sociedade)

CHIAVENATTO, Julio Jose. **O Negro no Brasil: da senzala a Guerra do Paraguai / Julio Jose Chiavenatto.** 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 259p.; 21cm.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância.** 2ª ed. Porto Alegre: ed. Artmed, 2011.

COSTA. Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar.** 5ª ed. Graal. Rio de Janeiro, 2004.

COSTA, Thomas José Xavier dos Passos Pacheco e. **Os cuidados que se devem prestar aos recém-nascidos quando vem no estado de saude e sobre as vantagens do aleitamento materno. (1840).**Tese - Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1840.

COUTINHO, Candido Teixeira de Azeredo. **I. Esboço de uma hygiene dos collegios applicavel aos nossos. Regras principaes tendentes á conservação da saude, e do desenvolvimento das forças physica e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios. II. Causas da phthisica pulmonar no Rio de Janeiro, suas variedades e seu tratamento. III. Será conveniente empregar-se o chloroformio durante os partos naturaes? IV. Do ar atmospherico, sua composição e modo de o analysar. (1857).** Tese - Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1857.

DE LUCA, Tânia Regina. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 111-154.

DEL PRIORE, Mary. **O cotidiano da criança livre no Brasil entre a Colônia e o Império** In: DEL PRIORE, Mary.(Org.) História das Crianças no Brasil.7. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 84-106.

_____.GOMES, Flávio (Org.). **Os Senhores dos rios: Amazônia, margens e histórias**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. 315 p

_____.VENANCIO, Renato. Uma breve História do Brasil. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

DUQUE, Francisco Brasília. **Hygiene da criança, do nascimento à queda do cordão umbilical. (1864)**. Tese - Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1864.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise de Conteúdo**. Brasília, 4ª edição: Liber Livro, 2012. 96 p. – (Série Pesquisa; v. 6)

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob regime patriarcal**. 34ª Ed, Rio de Janeiro. Record. 1998.

_____. **Vida social no Brasil nos medos do século XIX**. 4ª Ed. Revista – São Paulo: Global, 2008.

_____. **Os escravos nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. 4ª ed. – São Paulo: Global, 2010.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. JINZENJI, Mônica Yumi. **Escolarizar para moralizar: discursos sobre a educabilidade da criança pobre (1820-1850)**. Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 31 jan./abr. 2006.

_____.**A escrita da história da infância: periodização e fontes**. In: SARMENTO, Manoel e GOUVEIA, Maria Cristina Soares de. Estudos da Infância: Educação e práticas sociais. Petrópolis, RJ, Vozes. 2009.

GOMES, Antonio Francisco. **Influencia da educação physica do homem diagnostico diferencial dos aneurismas do vomito preto, e suas variedades na febre amarella e da cor anafella da pelle na mesma molestia. 1852**.Tese (Doutorado em Medicina) - Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1852.

GONDRA, José G. SHUELER, Alessandra. **Educação, poder e sociedade no império brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008. (Biblioteca Básica da História da Educação Brasileira).

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **Amas-secas e amas-de-leite: o trabalho feminino no Recife (1870-1880)**. XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – 2007.

Associação Nacional de História – ANPUH. Acessado em 01 Novembro de 2012.
Fonte: <http://www.anpuh.org/>

GUIMARÃES, Antenor Augusto Ribeiro. **Dissertação sobre hygiene nos collegios: esboço das regras principaes, tendentes a conservação da saúde, e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes segundo as quaes se devem reger os nossos collegios. 1858.** Tese - Faculdade de Medicina, Rio de Janeiro, 1858.

GUSMAN, Christine Ranier. **Os significados da amamentação na perspectiva das mães.** Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem Ribeirão Preto/ USP Ribeirão Preto, 2005.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da Infância: da idade média a época contemporânea no Ocidente.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

HUNT, Lynn. **A Nova história cultural.** 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 317p. (O homem e a história)

JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico** In: Revista Brasileira de História da Educação n°1 jan./jun. 2001. Acessado em 01 de Julho de 2012. Fonte: <http://www.sbhe.org.br/novo/rbhe/RBHE1.pdf>

Lei nº 7.716 de 5 de Janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm

LEITE, Míriam L. Moreira. **A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem.** In: FREITAS, Marcos Cezar de. História Social da Infância no Brasil. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 20.

Levantamento Bibliográfico: História da Infância no Brasil, realizado pelo grupo de estudos de história da Psicologia aplicada à infância (GEHPAI) IP-USP.

MACHADO, João da Matta. **Educação physica, moral e intelectual da mocidade no Rio de Janeiro, e da sua influência sobre a saúde. 1874. 55 f.** Tese - Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1874.

MAUAD, Ana Maria. **A vida das crianças de elite durante o Império.** In: DEL PRIORE, Mary.(Org.) História das Crianças no Brasil.7. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 84-106.

MELLO, Joaquim Pedro de. **Generalidades a cerca da educação physica dos meninos. (1846).** Tese - Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1846.

MULLER, Fernanda. HASSEN, Maria de Nazaré Agra. **A INFÂNCIA PESQUISADA. PSICOLOGIA USP,** São Paulo, julho/setembro, 2009, 20(3), 465-480.

PALHA, Bárbara da Fonseca. **Escravidão negra em Belém: Mercado, trabalho e liberdade (1810 -1850)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em História. Junho de 2011.

PAULA, Leandro Silva de. **Higiene, educação e cuidados com a infância: o discurso médico nas teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1840-1882)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Março, 2011.

PEREIRA, Rosa Claudia Cerqueira. **Paisagens Urbanas: fotografias e modernidades na cidade de Belém (1846-1908)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia, 2006. In: <http://pt.scribd.com/doc/100251335/2006-Rosa-Claudia>

PERROT, Michelle. **Funções da Família**. In: Áries e Duby. História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras. 1991.

_____. **Figuras e Papéis**. In: Áries e Duby. História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras. 1991.

_____. **Minha história das mulheres**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PINHEIRO, Luciana de Araújo. **A civilização do Brasil através da infância: propostas e ações voltadas à criança pobre nos anos finais do Império (1879-1889)**. Niterói, 144 p. 2003. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Fluminense.

PORTUGAL, Antonio Nunes de Gouvêa. **I. Influência da educação physica do homem. II. Da physiologia da medulla spinal: theoria dos movimentos reflexos. III. Do aparelho em que figura ou deve figurar o baço e que deduções se podem tirar de sua estrutura para seus usos e funcções**. (1853). Tese - Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro Rio de Janeiro, 1853.

QUINTAS, Georgia. **Amas-de-leite e suas representações visuais: símbolos socioculturais e narrativos da vida privada do Nordeste patriarcal-escravocrata na imagem fotográfica**. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 8, n. 22, pp. 11 a 44, abril de 2009. ISSN 1676-8965. <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/QuintasArt.pdf> acessado em: novembro de 2012.

SALLES, Vicente. **O Negro no Pará: sob o regime da escravidão**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Belém: UFPA, 1971. 336 p. (Coleção Amazônica. Série José Veríssimo).

_____. **O Negro na formação da sociedade paraense: textos reunidos**. Belém: Paka-Tatu, 2004. 250 p.

KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. **Negros no estúdio fotográfico: Brasil, segunda metade do século XIX**. Campinas, SP, Editora da Unicamp. 2010.

_____. **No estúdio do fotógrafo: representação e autorepresentação de negros livres, forros e escravos no Brasil da segunda metade do século XIX.** Tese. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. 2006.

KUHLMANN JR. Moysés. **Uma história da infância: da idade média à época contemporânea no Ocidente.** Revista dos Autores Associados. Fundação Carlos Chagas. Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 125, maio/ago. 2005.

_____. **Infância e educação Infantil: uma abordagem histórica.** Porto Alegre: Mediação, 1998.

KUHLMANN JR, Moyses & FERNANDES, Rogério. **Sobre a história da infância.** In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (Org.) **A Infância e sua educação: materiais, práticas e representações (Portugal e Brasil).** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SCARANO, Julita. **Crianças esquecidas nas Minas Gerais.** In: DEL PRIORE, Mary.(Org.) **História das Crianças no Brasil.** 7. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 107 - 136.

SILVA, Antônio Augusto Moura da. **Amamentação: fardo ou desejo? Estudo histórico-social dos saberes e práticas sobre aleitamento na sociedade brasileira.** Dissertação. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. RIBEIRÃO PRETO – SP, 1990.

STEARNS, Peter N. **A Infância.** São Paulo: Contexto, 2006. – (Coleção história mundial)

URCULO, Severiano Martins de Oliveira. **Hygiene da Primeira Infância. 1882. 51 f.** Tese - Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1882.

VENÂNCIO, Renato Pinto. **Maternidade Negada.** In: DEL PRIORE, Mary.(Org.) **História das Mulheres no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.p. 189- 222.

VIEIRA, José Cypriano Nunes. **Hygiene da primeira infancia. Valor biognostico da coagulação do sangue e das ecchymoses, como provas da vida em materia de infanticidio. Tratamento da retenção de urinas. Ictericia. 1882.** Tese – Faculdade de Medicina Rio de Janeiro, 1882.

SITES CONSULTADOS:

Associação Nacional de História – ANPUH: <http://www.anpuh.org/>

Banco de teses da CAPES: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/Teses.do>

Biblioteca Nacional Digital: <http://bndigital.bn.br/>

Biblioteca da USP: <http://www.teses.usp.br/>

Biblioteca Virtual em Saúde: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=656302&indexSearch=ID>

Domínio Público: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa>

Hemeroteca Nacional Digital: <http://hemerotecadigital.bn.br/>

HISTERDBR: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br>

Nestlé: <http://www.nestle.com.br/site/anestle/historia.aspx>

Periódicos Online de Educação: <http://educa.fcc.org.br>

Pesquisa de anúncios de jornais diversos: <http://bndigital.bn.br/>

Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia/UFPA – PPHIST:
<http://www.ufpa.br/pphist/>

Relatórios de Província do Pará: www.crl.edu/ptbr/brazil

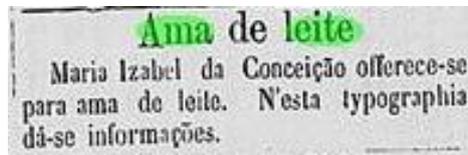
Repositório UNB: repositorio.bce.unb.br

Scielo: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_home&lng=pt&nrm=iso

Sistema de información científica redalyc: <http://redalyc.uaemex.mx/>

ANEXOS

ANÚNCIOS DE JORNAIS

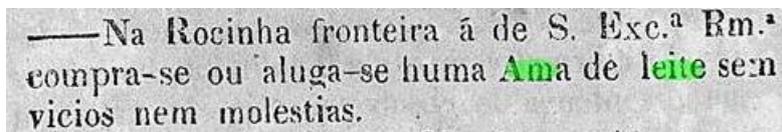


Ama de leite
Maria Izabel da Conceição offerece-se
para ama de leite. N'esta typographia
dá-se informações.

Ama de leite

Maria Izabel da Conceição oferece-se para ama de leite. N'esta typographia dá-se informações.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Belém, Terça-feira, 5 de fevereiro de 1884. p. 3. Anno XI nº 30



— Na Rocinha fronteira á de S. Exc.^a Bm.^a
compra-se ou aluga-se huma **Ama de leite** sem
vícios nem molestias.

- Na Rocinha fronteira á de S. Exc.^a Bm.^a compra-se ou aluga-se huma Ama de leite sem vícios nem molestias.

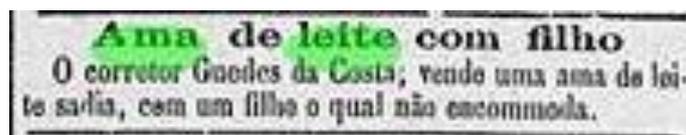
Fonte: Jornal Treze de Maio, Quarta-feira, 25 de Outubro de 1848, nº 845 & 846, p.8



○ agente Almeida vende
uma escrava com 25 annos de idade e com
um filho de 2 mezes, lava, cozinha, e engo-
ma e é **boa ama de leite; bonita figura.**

O agente Almeida vende uma escrava com 25 annos de idade e com um filho de 2 mezes, lava, cozinha e engoma e é boa ama de leite, boa figura.

Fonte: Jornal Diário de Belém. p.3. Sábado, 11 de Setembro de 1869. Ano II, nº205.

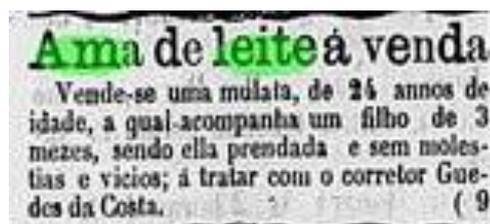


Ama de leite com filho
O corretor Guedes da Costa, vende uma ama de lei-
te sadia, com um filho o qual não encomoda.

Ama de leite com filho

O corretor Guedes da Costa, vende uma ama de leite sadia com um filho o qual não encomoda.

Fonte: Jornal Diário de Belém, Terça-feira, 04 de Janeiro de 1881. Nº 2, p.3, Ano XIV



Ama de leite á venda
Vende-se uma mulata, de 24 annos de
idade, a qual acompanha um filho de 3
mezes, sendo ella prendada e sem moles-
tias e vícios; á tratar com o corretor Gue-
des da Costa. (9

Ama de leite á venda

Vende-se uma mulata, de 24 annos de idade, a qual acompanha um filho de 3 mezes, sendo ella prendada e sem molestias e vícios; á tratar com corretor Guedes da Costa.

Fonte: *Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Sexta-feira, 4 de julho de 1879. p. 3. Anno VI n° 148*

—Vende-se huma Escrava de idade de 16 a 18 annos propria para **Ama de Leite**, por lhe ter morrido o filho na occasião do Parto: tambem lava roupa. Quem a pertender dirija-se á Travessa de S. Matheus casa n.º 65 proxima a Rocinha do Sr. Jaime Bricio

- Vende-se huma Escrava de idade de 16 anos a 18 annos própria para Ama de Leite, por lhe ter morrido o filho na ocasião do parto; também lava roupa. Quem a pretender dirija-se á Travessa da S. Matheus casa n° 65 proxima a rocinha do senho Jaime Bricio

Fonte: *Jornal Treze de Maio, Quarta-feira, 12 de Novembro de 1845, n° 555 p. 4 23° trimestre*

AMA DE LEITE
Vende-se uma magnífica, chegada do Maranhão.
Informa-se na loja Nazareth. 3-3

Ama de Leite

Vende-se uma magnífica, chegada do Maranhão. Informa-se na loja Nazareth.

Fonte: *Jornal Diário de Belém, Quinta-feira, 23 de Junho de 1881. N° 139, p.1, Ano XIV*

N'esta typographia se diz quem vende uma rapariga de 20 annos, sadia, vinda do sitio, podendo tambem servir de **ama de leite**.

N'esta typographia se diz quem vende uma rapariga de 20 annos, sadia, vinda do sitio, podendo também servir de ama de leite.

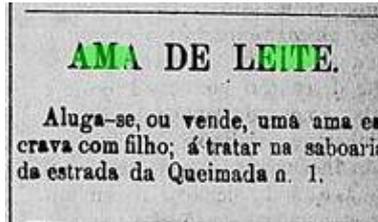
Fonte: *Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Sabbado, 22 de fevereiro de 1879. p. 2. Anno VI n° 44*

Ama de leite
Vende-se ou aluga-se uma preta de 15 annos, com filho de 2 mezes. Trata-se com Ferreira Salgado & C.^a, á rua Formosa. 3-6

Ama de leite

Vende-se ou aluga-se uma preta de 15 annos, com filho de 2 mezes. Trata-se com Ferreira Salgado & C^a, á rua Formosa.

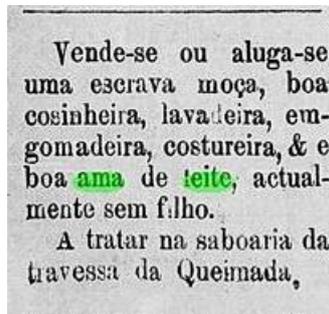
Fonte: *Jornal Diário de Belém, Quarta-feira, 10 de Março de 1880. N° 56, p. 2, Ano XIII*



AMA DE LEITE

Aluga-se, ou vende, uma ama escrava com filho; á tratar na saboaria da estrada da Queimada n. 1.

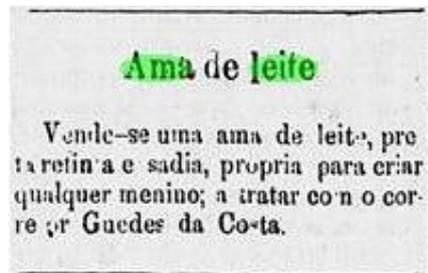
Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Segunda-feira, 22 de Outubro de 1877. p. 2. Anno IV n° 241



Vende-se ou aluga-se uma escrava moça, boa cozinheira, lavadeira, emgomadeira, costureira, & e boa ama de leite, actualmente sem filho.

A tratar na saboaria da travessa da Queimada.

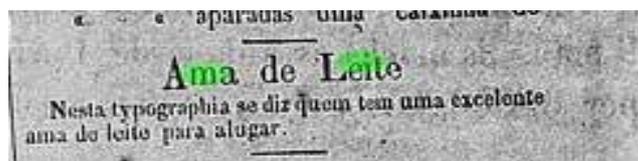
Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Terça-feira, 14 de Maio de 1878. p. 3. Anno V n° 107



Ama de leite

Vende-se uma ama de leite, preta retina e sadia, própria para criar qualquer menino; a tratar com o corretor Guedes da Costa.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Belém, Terça-feira, 4 de janeiro de 1881. p. 3. Anno VIII n° 3

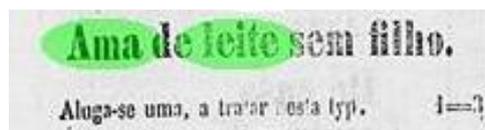


Nesta Typographia se diz quem tem uma excelente ama de leite para alugar.

Fonte: Jornal Diário de Belém, p.3, n° 194. Sexta-feira, 27 de Agosto de 1869. Ano II



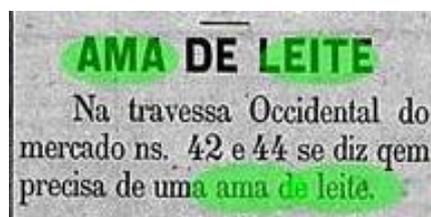
Nesta typographia se informa quem precisa de uma ama de leite, que seja sadia.
Fonte: Jornal Diário de Belém p. 1, nº 113 de Sábado, 21 de Maio de 1887. Ano XX



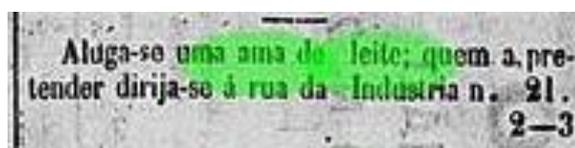
Ama de leite sem filho.
Aluga-se uma, a tratar nesta Typ.
Fonte: Jornal Diário de Belém p. 3, nº 18 de Domingo, 26 de Janeiro de 1876. Ano IX.



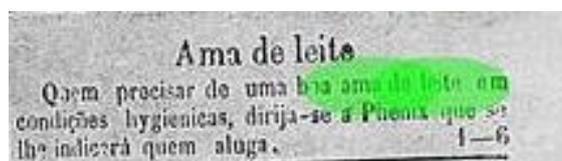
Ama de Leite
Nesta typographia se diz quem precisa de uma ama de leite, sadia e sem filho.
Fonte: Jornal Diário de Belém, Terça-feira, 3 de Janeiro de 1881. Nº 2, p.1, Ano XV



Ama de leite
Na travessa Occidental do mercado ns. 42 a 44 se diz quem precisa de uma ama de leite.
Fonte: Jornal Diário de Belém p. 3, nº 72 de Sexta-feira, 31 de Março de 1871. Ano IV.



Aluga-se uma ama de leite, quem a pretender dirija-se à rua da indústria nº 21
Fonte: Jornal Diário de Belém p. 2, nº 269 de Quarta-feira, 27 de Novembro de 1872. Ano V.



Ama de leite – quem precisar de uma ama de leite em condições hygienicas, dirija-se a phenix que se lhe indicará quem aluga.

Fonte: Jornal Diário de Belém p. 2, nº 169 de Sábado, 25 de Julho de 1874. Ano VII.

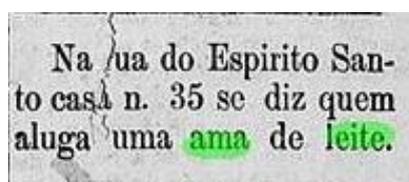


VENDAS.
—Na rua de Santo Antonio casa n. 5, tem para alugar uma ama de leite.

Vendas

Na rua Santo Antonio casa nº 5, tem para alugar uma ama de leite.

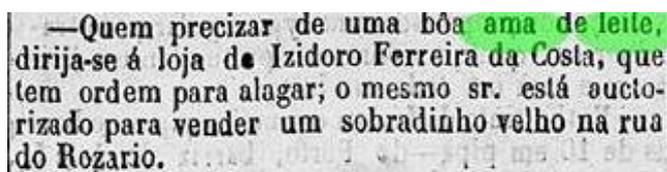
Fonte: Jornal Diário do Commercio. Sábado, 15 de Janeiro de 1859, p. 3, nº11, Anno 5.



Na rua do Espírito Santo casa n. 35 se diz quem aluga uma ama de leite.

Na rua do Espírito Santo n. 35 se diz quem aluga uma ama de leite.

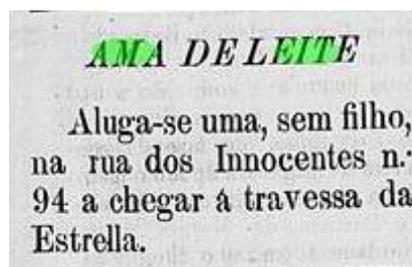
Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Terça-feira, 1 de Fevereiro de 1876. p. 3. Anno III nº 25



—Quem precisar de uma boa ama de leite, dirija-se á loja de Izidoro Ferreira da Costa, que tem ordem para alugar; o mesmo sr. está autorizado para vender um sobradinho velho na rua do Rozario.

Quem precisar de uma boa ama de leite, dirija-se a loja do Izidoro Ferreira da Costa, que tem ordem para alugar, o mesmo sr. esta autorizado para vender um sobradinho velho na rua do Rozario.

Fonte: Jornal Diário do Commercio. Quarta-feira, 09 de Fevereiro 1859, p. 3, nº31, Anno V.

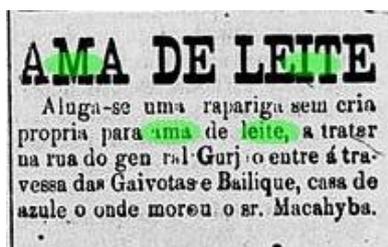


AMA DE LEITE
Aluga-se uma, sem filho, na rua dos Innocentes n.º 94 a chegar á travessa da Estrella.

AMA DE LEITE

Aluga-se uma, sem filho, na rua dos Innocentes nº 94 a chegar á travessa da Estrella.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Sexta-feira, 5 de Janeiro de 1877. p. 3. Anno IV nº 4



AMA DE LEITE
Aluga-se uma rapariga sem cria propria para ama de leite, a tratar na rua do gen. ral Gurjão entre á travessa das Gaiotas e Bailique, casa de azule o onde morou o sr. Macahyba.

AMA DE LEITE

Aluga-se uma rapariga sem cria própria para ama de leite, a tratar na rua do general Gurjão entre á travessa das Gaivotas e Bailique, casa de azulejo onde morreu o sr. Macahyba.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Sexta- feira, 23 de agosto de 1878. p. 2. Anno V nº 188

 **ALUGA—SE** uma boa **ama de leite**, livre, ou escrava, e promete-se tratar muito bem, além da paga. Nesta typ. se dirá o pretendente.

ALUGA-SE uma boa ama de leite, livre, ou escrava, e promete-se tratar muito bem, além de paga, Nesta typ. se dirá o pretendente.

Fonte: Jornal Treze de Maio, Sexta-feira, 04 de Abril de 1856, nº 702, p.4, 16º ano

Quem precisar de uma
bôa **ama de leite**, sem cria e sadia,
nesta typ. se indica uma para alugar,

Quem precisar de uma bôa ama de leite, sem cria e sadia nesta typ se indica uma para alugar.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Terça- feira, 9 de julho de 1878. p. 3. Anno V nº 150

AMA DE LEITE
Nesta typographia se indica quem precisa
de uma, prefere-se sem cria. 7—7

Ama de leite

Nesta typografia se indica quem precisa de uma, prefere-se sem cria.

Fonte: Jornal Diário de Belém p. 3, nº 224 de Sexta-feira, 04 de Outubro de 1872. Ano V.

Nesta typ. se diz quem
precisa de uma **ama de
leite.**

Nesta typ se diz quem precisa de uma ama de leite.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Quinta- feira, 10 de outubro de 1878. p. 3. Anno V nº 228

—Nesta typ. se inculca, quem tem para alugar, uma
preta moça, sadia, e sem filho, para **ama de leite.** 1

Nesta typ. se inculca, quem tem para alugar, uma preta moça, sadia, e sem filho, para ama de leite.

Fonte: Jornal Gazeta Official, Quinta-feira, 13 de janeiro de 1859. Ano 2, nº 9. p. 4

—Aluga-se huma bôa ama de leite; quem a quizer dirija-se a D. Maria Balbina de Queiroz Bolonha em casa de Joaquim Ignacio Tavares da Cruz na Rua Nova N. 26.

- Aluga-se huma bôa ama de leite; quem a quizer dirija-se a D. Maria Balbina de Queiroz Bolonha em casa de Joaquim Ignacio Tavares da Cruz na Rua Nova N. 26
Fonte: *Jornal Treze de Maio*, Sabbado, 22 de fevereiro de 1845. p. 4. N° 484. 20° Trimestre.

Ama de leite
Em casa do Sr. Antonio T. da Silva Penna, á Praça de Pedro II, ha uma ama de leite para alugar. Quem pretender dirija-se á referida casa, que achará com quem tratar.

Ama de leite
Em casa do Sr. Antonio T. da Silva Penna à praça de Pedro II, há uma ama de leite para alugar. Quem pretender dirija-se a referida casa, que achará quem tratar.
Fonte: *Jornal A Regeneração*, Quarta feira, 16 de Fevereiro de 1876. p. 4 Ano III n° 84.

Ama de leite
Quem precisar de uma ama de leite sadia, dirija-se á casa n. 94 á rua do Rosario que encontrará. 3—3

Ama de leite
Quem precisar de uma ama de leite, dirija-se á casa n. 94 á rua do Rosario que encontrará.
Fonte: *Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador*. Belém do Pará, Belém, Sexta-feira, 30 de Março de 1883. p. 3. Anno X n° 75

Na rua das Flores caza
n. 130 indica-se quem tem uma boa ama de leite, sem filho para alugar.

Na rua das Flores caza n. 130 indica-se quem tem boa ama de leite, sem filho para alugar.
Fonte: *Jornal O liberal do Pará*, Belém do Pará, 6 de fevereiro de 1869. p. 3. N° 23, anno 1

NA RUA de Santo Antonio casa n. 5, quasi ao sair no largo das Mercês tem uma excellente ama de leite para alugar; affiança-se a conducta da escrava e seus costumes.

Na rua de Santo Antonio casa n. 5 quase ao sair no largo das Mercês tem uma excellente ama de leite para alugar, affiança-se a conducta da escrava e seus costumes.
Fonte: *Jornal Gazeta Official*, Sabbado, 05 de Março de 1859. Ano II, n° 52. p. 4

 Aluga-se uma boa ama de leite: quem della precisar dirija-se á travessa da Atalaia n. 1.

*Aluga-se uma boa ama de leite: quem della precisar dirija-se à travessa da Atalaia n. 1.
Fonte: Jornal Treze de Maio, quarta-feira, 27 de março de 1861. p. 5. Nº 15. 17º anno.*

AMA DE LEITE
Quem precisar d'uma, sem cria, chegada há pouco do sitio, dirija-se a rua do Dr. Malcher, (vulgo dos Cavalleiros), n. 57. 3-6

AMA DE LEITE

Quem precisar d'uma, sem cria, chegada há pouco do sitio, dirija-se a rua do Dr. Malcher, (vulgo dos Cavalleiros) n. 57.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Belém, Terça-feira, 20 de Novembro de 1883. p. 3. Anno X nº 265

— Quem tiver e quizer alugár huma ama de leite que seja sadia, dirija-se ao sobrado da travessa do Pelourinho canto da rua Formosa, que ali achará com quem tratar: afiança-se o melhor tratamento possível, e prompto pagamento dos jornaes.

- Quem tiver e quizer alugar huma ama de leite que seja sadia, dirija-se ao sobrado da travessa do Pelourinho canto da rua Formosa, que ali achará com quem tratar: afiançar-se o melhor tratamento possível, e prompto pagamento dos jornaes.

Fonte: Jornal Treze de Maio, quinta-feira, 25 de janeiro de 1855. p. 4. Nº440. 14º anno.

Ama de leite e cozinheira.
Aluga-se uma excellente cozinheira e uma ama de leite sem filho; a tratar na casa fronteira a rocinha do ilim. sr. dr. Pinto, á rua da Cruz das Almas. 4-3

Ama de leite e cozinheira.

Aluga-se uma excelente cozinheira e uma ama de leite sem filho; a tratar na casa fronteira a rocinha do ilim. Sr. Dr. Pinto, á rua da Cruz das Almas.

Fonte: Jornal Diário de Belém p. 2, nº 67 de Quinta-feira, 23 de Março de 1876. Ano IX.

Ama de leite.
e
Amas de serviço
N'esta typ. se diz quem tem para alugar 1 ama de leite, e 4 para o serviço domestico.

Ama de leite e Amas de serviço

N'esta typ se diz quem tem para alugar 1 ama de leite, e 4 para o serviço doméstico.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, 7 de Janeiro de 1876. p. 3. Anno III nº ?



Na rua do Espirito Santo casa n. 10, alugã-se duas escravas proprias para todo o serviço de uma casa de família, e também uma ama de leite sem cria. J

Na rua do Espirito Santo n. 10, alugã-se duas ecravas proprias para todo o serviço de uma casa de família, e também uma ama de leite sem cria.

Fonte: Jornal Gazeta Official, Terça-feira, 12 de Julho de 1859. Ano II, nº 152. p. 4

—ALUGA-SE uma ama de leite com cria por 400 reis diarios, quem a pretender dirija se a esta typographia.

Aluga-se uma ama de leite com cria por 400 reis diarios, quem a pretender dirija-se a esta typografia.

Fonte: Jornal Diário do Commercio. Terça-feira, 04 de Janeiro de 1859, p. 3, nº2 Anno 5.

—Aluga-se para Ama de leite, huma crioula, com cria, e muito sadia, por 320 réis diarios, quem a pertender dirija-se a Rocinha que foi do Sr. Lagos.

- Aluga-se para Ama de leite, huma crioula, com cria, e muito sadia, por 320 réis diários, quem a pretender dirija-se a Rocinha que foi do Sr. Lagos.

Fonte: Jornal Treze de Maio, Sabbado 19 de Abri de 1845, nº 499 p.

O CORRETOR GUEDES DA Costa aluga uma excelente ama de leite, muito robusta e sadia.

O corretor Guedes da Costa aluga uma excelente ama de leite, muito robusta e sadia.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Belém, Terça-feira, 1 de fevereiro de 1881. p. 3. Anno VIII nº 26

Aluga-se uma escrava, sem filho, para ama de leite, sabe fazer todo o serviço de uma casa. quem a pretender, dirija-se á rua do Espirito Santo, casa n. 7.

Aluga-se uma escrava, sem filho, para ama de leite, sabe fazer todo o serviço de uma casa, quem pretender, dirija-se á rua do Espírito Santo, casa n. 7

Fonte: Jornal Gazeta Official, Sabbado, 02 de Julho de 1859. Ano II, nº 144. p. 4

Amadeleite

Na rua dos Cavalheiros n. 36, ha
 uma excellente ama de leite para
 alugar por preço commodo. Quem
 precisar dirija-se á mesma casa que
 achará com quem tratar.

Ama de leite

Na rua dos Cavalheiros n. 36, há uma excelente ama de leite para alugar por preço commodo. Quem precisar dirija-se á mesma casa que achará com quem tratar.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Segunda- feira, 19 de Junho de 1876. p. 3. Anno III nº 136

Ama de leite

Na rocinha da sra. d. Anna Malcher a estrada
 do Nazareth, tem uma ama de leite para alugar
 muito boa e carinhosa.

Ama de leite

Na rocinha da sra. d. Anna Malcher a estrada de Nazareth, tem uma ama para alugar muito boa e carinhosa.

Fonte: Jornal O Liberal do Pará, Belém do Pará, Domingo, 22de abril de 1883. p.3 nº 90 Anno XV.

AMA DE LEITE

O corretor Guedes da Costa, aluga uma excellente
 ama de leite, muito retinta e sadia. 2-6

Ama de Leite

O corretor Guedes da Costa, aluga uma excelente ama de leite, muito retinta e sadia.

Fonte: Jornal Diário de Belém, Quinta-feira, 27 de Janeiro de 1881. Nº 21, p.1, Ano XIV

**—Antonio de Souza e Azevedo Mello tem para
 alugar huã ama de leite: na praça Pedro 2º.**

- Antonio de Souza e Azevedo Mello tem para alugar huã ama de leite: na praça Pedro 2º

Fonte: Jornal Treze de Maio, Quarta-feira, 25 de fevereiro de 1845. p. 4. Nº 583 24º Trimestre.

Antonio Rodrigues dos Santos Almeida,
 canto das escadinhas, casa n. 2 tem para alugar
 uma escrava para ama de leite, sem cria. Tam-
 bem tem outra escrava que aluga para todo o
 serviço de casa. 3

Antonio Rodrigues dos Santos Almeida, cantos das escadinhas, casa n 2 tem par alugar uma escrava para ama de leite, sem cria. Também tem outra escrava que aluga para todo o serviço da casa.

Fonte: Jornal Gazeta Official, Quarta-feira, 22 de Junho de 1859. Ano II, nº 138. p. 4

—Aluga-se uma ama de leite com cria, primeira barriga, tem muito bom leite e com abundancia: quem a quizer procure-a na rua do Espirito Santo casa n. 7.

Aluga-se uma ama de leite com cria, primeira barriga, tem bom leite e com abundancia: quem a quizer procure-a na rua do Espirito Santo casa n. 7.

Fonte: Jornal Gazeta Official, Domingo, 17 de Julho de 1859. Ano II, nº 157. p. 4

Aluga-se na rua da Boa-Vista n.º 27 a, uma preta ama de leite com cria.

Aluga-se na rua da Boa-Vista nº 27 a, uma preta ama de leite com cria.

Fonte: Jornal Gazeta Official, Terça-feira, 10 de Janeiro de 1860. Ano III, nº 007. p. 4

Aluga-se para, ama de leite, uma preta sadia, com filho que já tem 6 mezes; quem precisar dirija-se á rua Formoza n.º 25, que se lhe dirá com quem deve tratar

Aluga-se para, ama de leite, uma preta sadia, com filho que já tem 6 mezes; quem precisar dirija-se á rua Formoza nº 25, que lhe dirá quem deve tratar.

Fonte: Jornal Gazeta Official, Quinta-feira, 19 de Abril de 1860. Ano III, nº 007. p. 4

Ama de leite
Preta, moça e sadia.
Primeiro filho. Aluga-se. A' tratar na saboaria á estrada da Queimada.

Ama de leite

Preta, moça e sadia.

Primeiro filho. Aluga-se. A' tratar na saboaria á estrada da Queimada.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Quinta-feira, 24 de outubro de 1878. p. 2. Anno V nº 240

Aluga-se uma escrava Robusta para ama de Leite com Cria trata-se com Almeida & Irmão.

Aluga-se uma escrava Robusta para ama de leite com Cria trata-se com Almeida & Irmão.

Fonte: Jornal Treze de Maio, sabbado, 6 de setembro de 1856. p. 4. Nº 831. 17º anno.

Ama de leite
Aluga-se uma ama de leite, sem filho, mulata; quem pretender dirija-se á travessa de S. Matheus, sobrado n. 6, que achará com quem tratar. (1)

Ama de leite

Aluga-se uma ama de leite, sem filho, mulata; quem pretender dirija-se á travessa de S. Matheus, sobrado n. 6, que achará com quem tratar.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Quinta-feira, 22 de Maio de 1879. p. 2. Anno VI n° 114

—ALUGA-SE uma ama de leite, de muito bons costumes, sadia, e sem filho; quem a pretender dirija-se á botica de J. M de Lemos.

Aluga-se uma ama de leite, de muito bons costumes, sadia, e sem filho; quem a pretender dirija-se à botica de J. M de Lemos.

Fonte: Jornal Gazeta Official, Segunda-feira, 03 de janeiro de 1859. Ano 2, n° 1. p. 4

Ama de leite
Aluga-se uma de côr preta e sem filho; quem a pretender dirija-se á casa do capitão Balthazar Hypolito do Valle, á rua dos Cavalleiros n. 17,

Ama de leite

Aluga-se uma de côr preta e sem filho; quem a pretender dirija-se á casa do capitão Balthazar Hypolito do Valle, á rua dos Cavalleiros n. 17.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Segunda-feira, 10 de fevereiro de 1879. p. 2. Anno VI n° 33

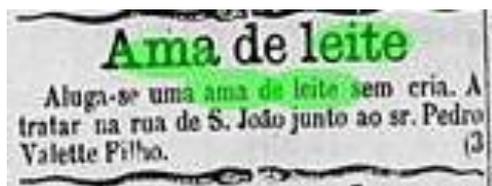
Ama de leite
Moça, sadia, de bons costumes, sem filho e livre.
A' tratar no sobrado á rua do Norte, e quina da travessa da Rosa, fronteiro á padaria. (5)

Ama de leite

Moça, sadia, de bons costumes, sem filho e livre.

A' tratar no sobrado á rua do Norte, esquina da travessa da Rosa, fronteiro á padaria.

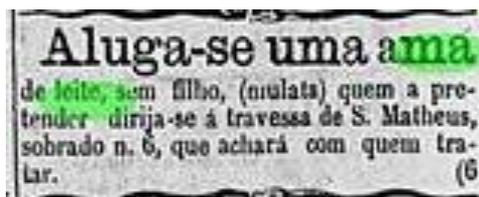
Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Terça-feira, 22 de Abril de 1879. p. 2. Anno VI n° 88



Ama de leite

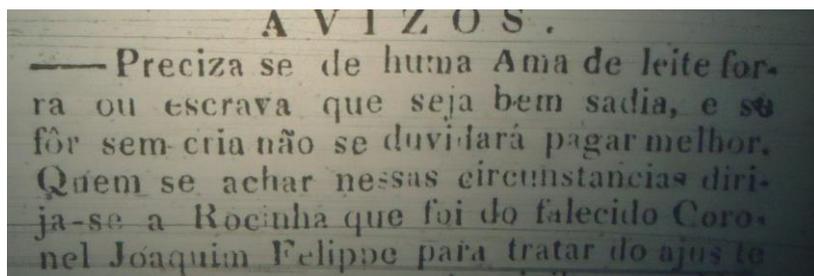
Aluga-se uma ama de leite sem cria. A tratar na rua de S. João junto ao sr. Pedro Valette Filho.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Sabbado, 12 de julho de 1879. p. 3. Anno VI n° 155



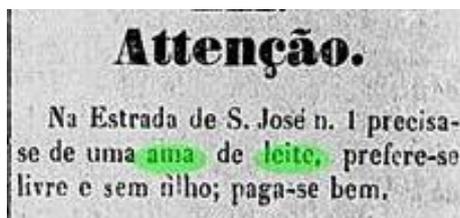
Aluga-se uma ama de leite, sem filho, (mulata) quem a pretender dirija-se á travessa de S. Matheus, sobrado n. 6, que achará com quem tratar.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Sabbado, 2 de agosto de 1879. p. 3. Anno VI n° 172



- Preciza se de huma Ama de leite forra ou escrava que seja bem sadia, e se fôr sem cria não se duvidará pagar melhor. Quem se achar nessas circunstâncias dirija-se a Rocinha que foi do falecido Coronel Joaquim Fellipe para tratar do ajuste.

Fonte: O Paraense, p. 4. N° 6. Sábado, 07 de Janeiro de 1843, n°6, p.4.



Atenção.

Na Estrada de S. José n.1 precisa-se de uma ama de leite, prefere-se livre e sem filho; paga-se bem..

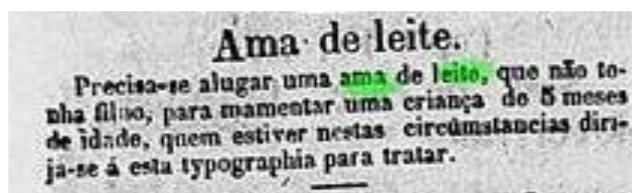
Fonte: Jornal O Liberal do Pará. p.2. Belém do Pará,. Quarta-feira, 26 de Outubro de 1870. Ano II, n° 241.



Ama de leite

Quem precisar de uma ama de leite e sem filho muito sadia, dirija-se a VILLE DU HAVRE rua dos Mercadores, que ali achará com quem tratar.

Fonte: Jornal O Liberal do Pará, Belém do Pará, Domingo, 14 de setembro de 1873.p. 3, Nº 207, Anno V.



Precisa-se alugar uma ama de leite, que não tenha filhos, para amamentar uma criança de 5 meses de idade, quem estiver nestas circunstâncias dirija-se á esta tipografia para tratar.

Fonte: Jornal Diário de Belém, p.3. nº 226, Quarta-feira 06 de Outubro de 1869, Ano II.



Ama

Precisa-se de uma ama de leite, que seja sadia e não tenha filho, para criar um menino; trata-se na casa junto à estação central da companhia Urbana, em Nazareth, ou na travessa das Mercês, casa nº 15, das 6 às 11 do dia.

Fonte: Jornal Diário de Belém. p.1. Sesta-feira, 23 de Janeiro de 1885. Ano VIII, nº 18.



Ama de Leite

Precisa-se de uma para amamentar uma menina pequena. Paga-se bem.

A tratar com José Antonio dos Santos, casa contigua á estação da companhia urbana.

Fonte: Jornal Diário de Belém, Quarta-feira, 5 de Setembro de 1883. Nº 201, p.1, Ano XVI

AMA DE LEITE.
Precisa-se alugar uma ama
de leite, preferindo-se sem filho.
A tratar na rocinha de Francis-
co Guadencio da Costa em Na-
zareth.

Ama de Leite

Precisa-se alugar uma ama de leite, preferindo-se sem filho. A tratar na rocinha de Francisco Guadencio da Costa em Nazareth.

Fonte: Jornal Diário de Belém p. 4, nº 259 de Domingo, 14 de Novembro de 1869. Ano II.

AMA DE LEITE
Precisa-se de uma; preferindo-se
sem filho.
A' informar na rua do Espirito
Santo, casa de d. Angela Garcia
Frade, ou na de Francisco Barata,
na estrada de Nazareth.

AMA DE LEITE

Precisa-se de uma; preferindo-se sem filho.

A' informar na rua do Espirito Santo, casa de d. Angela Garcia Frade, ou na de Francisco Barata, na estrada de Nazareth.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Quinta-feira, 3 de Janeiro de 1878. p. 2. Anno V nº 2

Atenção!
Precisa-se de uma ama de leite, saudá-
vel, preferindo-se sem cria; em casa de Sil-
va Martins & Amorim, se diz. 4-4

Atenção!

Precisa-se de uma ama de leite, saudável, preferindo-se sem cria; em casa de Silva, Martins & Amorim, se diz.

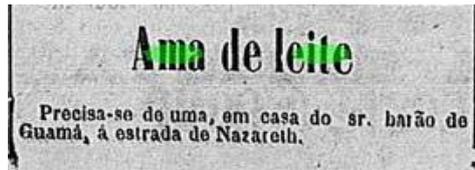
Fonte: Jornal Diário de Belém p. 3, nº 238 de Domingo, 20 de Outubro de 1872. Ano V.

Ama de leite
Precisa-se alugar uma ama de leite; pre-
fere-se sem filhos; á tractar na botica de Abel
Augusto Cezar d' Araujo, rua da Boa-vista,
n.º 13.

Ama de leite

Precisa-se alugar uma ama de leite; prefere-se sem filhos; á tractar na botica de Abel Augusto Cezar d' Araujo, rua da Boa Vista nº 13

Fonte: Jornal Diário de Belém p. 2, nº 258 de Quinta-feira, 14 de Novembro de 1872. Ano V.

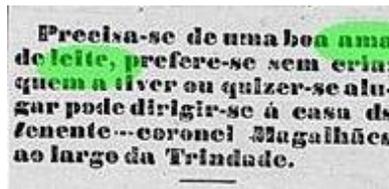


Ama de leite

Precisa-se de uma em casa do Sr. barão de Guamá, á estrada de Nazareth.

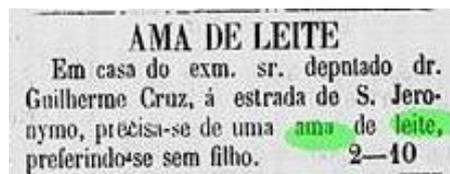
Fonte: Jornal O Liberal do Pará. p.3. Belém do Pará, Sabbado, 19 de Junho de 1880. Ano XII, nº

139.



Precisa-se de uma boa ama de leite, prefere-se sem cria; quem a tiver ou quizer-se alugar pode dirigir-se à casa do Tenente coronel Magalhães no lagro da Trindade.

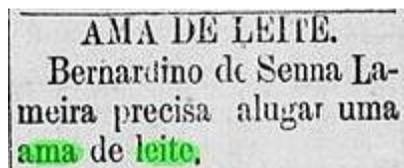
Fonte: Jornal Diário de Belém. p.3. Sexta-feira, 21 de Maio de 1869. Ano II, nº113.



AMA DE LEITE

Em casa do exm sr deputado dr. Guilherme Cruz, á estrada de S. Jeronymo, precisa-se de uma ama de leite, preferindo-se sem filho.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Belém, Quinta-feira, 26 de julho de 1883. p. 2. Anno X nº 171



AMA DE LEITE.

Bernadino de Senna Lameira precisa alugar uma ama de leite.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Segunda-feira, 10 de Julho de 1876. p. 3. Anno III nº 152



Ama de leite

Antonio Xavier da Silva Leite Junior precisa alugar uma ama de leite, sadia e sem vícios; á tratar na sua residência ao largo de Nazareth, casa de sacada de ferro, a qualquer hora.

Fonte: Jornal O Liberal do Pará. p.3. Belém do Pará, Sabbado, 19 de Junho de 1880. Ano XII, nº

139.

João Carlos da Cunha Coimbra precisa alugar
uma ama de leite.

João Carlos da Cunha Coimbra precisa alugar uma ama de leite.

Fonte: Jornal Gazeta Official, Quarta-feira, 28 de Setembro de 1859. Ano II, nº 216. p. 4

Ama de leite
Nos altos da Livraria Universal, à rua da Ca-
dêa, precisa-se d'uma ama de leite.
Prefere-se pessoa livre, e paga-se 2.000 dia-
rios não tendo filho. 1-3

Ama de leite – Nos altos da Livraria Universal, à rua da Cadêa, precisa-se d'uma ama de leite.

Prefere-se pessoa livre, e paga-se 2.000 diários não tendo filho.

Fonte: Jornal Diário de Belém p. 4, nº 206 de Quinta-feira, 10 de Setembro de 1874. Ano VII.

Precisa-se de uma ama de
leite que seja boa e sadia, quem tiver dirija-se a
rua da Prata a loja de ferragens dos srs. José M.
G. Mourão & C.ª que se dirá o pretendido.

Precisa-se de uma ama de leite que seja boa e sadia, quem a tiver dirija-se a rua da Praia a loja de ferragens dos srs. Jose M. G. Mourão & Cª que se dirá o pretendido.

Fonte: Jornal Diário de Belém. p.3. Terça-feira, 12 de Outubro de 1869. Ano II, nº 231.

PRECISA-SE de uma ama de leite
que seja sadia e cuidadosa.
A tratar na secretaria de policia com Sal-
vino Couto. 4-4

Precisa-se de uma ama de leite que seja sadia e cuidadosa.

A tratar na secretaria de policia com Salvino Couto.

Fonte: Jornal Diário de Belém. p.1. Sábado, 16 de Outubro de 1869. Ano II, nº 235.

Ama de leite
Antonio Xavier da Silva Leite Junior, pre-isa alugar
uma ama de leite, sadia e sem vicios; a tratar na sua
residencia ao largo de Nazareth, casa de sacada de fer-
ro, a qualquer hora. 3-10

Ama de leite

Antonio da Silva Leite Junior, precisa alugar uma ama de leite, sadia e sem vícios, a tratar na sua residência ao largo de Nazareth, casa de sacada de ferro, a qualquer hora.

Fonte: Jornal Diário de Belém, Sabbado, 12 de Junho de 1880. Nº 132, p. 3, Ano XIII

Precisa-se alugar uma ama de leite, nas condições pre-
cisas de saude e bom comportamento; prefere-se
escrava. Rua da Cadeia n. 20. 2

Precisa-se alugar uma ama de leite, nas condições precisas de saude e bom comportamento; prefere-se escrava. Rua da Cadeia n. 20.

Fonte: Jornal Gazeta Official, Terça-feira, 12 de Abril de 1859. Ano II, nº 80. p. 4

—Preciza-se alugar huma **ama de leite**, sem cria, será preferida; assini como huma rapariga que saiba engomar; nesta typographia se dirá o pretendente.

- Preciza-se alugar huma ama de leite sem cria, será preferida; assim como que saiba engomar; nesta typografia se dirá o pretendente.

Fonte: *Jornal Treze de Maio*, terça-feira, 25 de abril de 1854. p. 4. N°322. 14° anno.



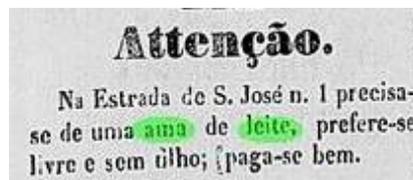
Ama de leite
Precisa-se de uma, preferindo-se preta e sem cria;
paga-se bem, a tratar na rua da Imperatriz n.º 36. 3-6

Ama de leite

Precisa-se de uma, preferindo-se preta e sem cria; para-se bem, a tratar na rua da Imperatriz n.

36.

Fonte: *Jornal Diário de Belém*, Terça-feira, 19 de Dezembro de 1882. N° 2, p.284, Ano XV

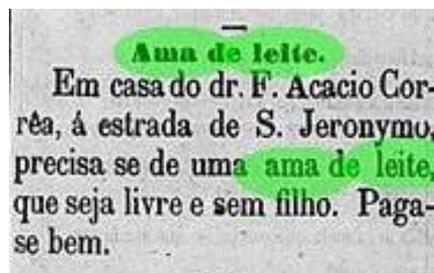


Atenção.
Na Estrada de S. José n. 1 precisa-se de uma **ama de leite**, prefere-se livre e sem filho; (paga-se bem.

Atenção

Na estrada de S, Jose n. 1 precisa-se de uma ama de leite, prefere-se livre e sem filho, paga-se bem.

Fonte: *Jornal O liberal do Pará*, Belém do Pará, sexta feira, 28 de outubro de 1870. p. 3. N° 246, anno II

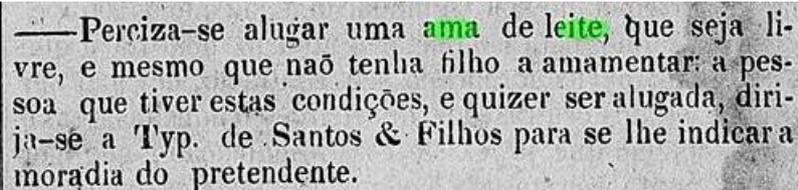


Ama de leite.
Em casa do dr. F. Acacio Corréa, á estrada de S. Jeronymo, precisa se de uma **ama de leite**, que seja livre e sem filho. Paga-se bem.

Ama de leite

Em casa do dr, F. Acacio Correa, a estrada de S. Jernymo, precisa-se de uma ama de leite que seja livre e sem filho. Paga-se bem.

Fonte: *Jornal Diário de Belém* p. 3, n° 13 de Terça-feira, 16 de Janeiro de 1871. Ano IV.



—Preciza-se alugar uma **ama de leite**, que seja livre, e mesmo que não tenha filho a amamentar: a pessoa que tiver estas condições, e quizer ser alugada, dirija-se a Typ. de Santos & Filhos para se lhe indicar a moradia do pretendente.

- Preciza-se alugar uma ama de leite, que seja livre, e mesmo que não tenha filho a amamentar a pessoa que tiver estas condições, e quizer ser alugada, dirija-se a Typ. de Santos & Filhos para se lhe indicar a morada do pretendente.

Fonte: *Jornal Treze de Maio*, segunda-feira, 1 de outubro de 1855. p. 4. N°550. 16° anno.

— Preciza se alugar huma **Ama de leite** forra ou escrava, atracter com Jozé Francisco de Andrade Chaves.

- Preciza se alugar huma Ama de leite forra ou escrava, atracter com Jozé Francisco de Andrade Chaves.

Fonte: *Jornal Treze de Maio*, Sabbado, 22 de Novembro de 1845. p. 4. N° 558 23° Trimestre.

Ama de leite.
Precisa-se de uma ama de leite para ir para fóra da provincia, livre ou escrava, e sendo d'esta ultima condição promette-se dar a sua liberdade no fim de seis annos. Paga-se bem o jornal, a tratar na rua da Praia no armazem de Joaquim Henrique Klautau.

Precisa-se de uma ama de leite para ir para fora da provincia, livre ou escrava, e sendo desta ultima condição promette-se dar a sua liberdade no fim de seis annos. Paga-se bem o jornal, a tratar na rua da praia no armazém de Joaquim Henrique Klautau.

Fonte: *Jornal Diário de Belém*. p. 3. N° 74, Sábado, 02 de Abril de 1870. Ano III.

300
professores dirigida pelo maestro Campanone, tocando pela primeira vez, uma grande marcha que se intitula TORRE DE BABEL, composição de um amador, cuja modéstia não lhe permite defassar o incognite. – Foguete á congreve, bombas, tambores, phosphoros de cera, pratos quebrados, ferros velhos, tachos rachados, tantas, peças de artilheria, assobios, gargalhadas, bonecas choronas, gatos a miarem, crianças a chorarem, formarão um conjunto de harmonia extravagante e original, imitação dos afandos concertos do imortal – Gottchalsk, tão elogiado antes e depois de morto. (Para este concerto monstruoso e nunca antes visto nesta capital, a empresa precisa contratar 19 amas de leite para acalentarem as crianças nos intervallos.) Em seguida começará o baile, tocando-se por esta ocasião as seguintes peças: QUADRILHAS ORPHEE POLKAS SONHEI
CHICOCANDO RINETTE O CHALET FOI-SE
CORROPIO FICELE SE EU PEDIR SOLA E VIRA
CHARIVARI HELENA NEGRITA ME DEIXE
THANGOS FANDANGOS SCHOTISCHS WALSA

300 professores dirigida pelo maestro Campanone, tocando pela primeira vez, uma grande marcha que se intitula TORRE DE BABEL, composição de um amador, cuja modéstia não lhe permite defassar o incognite. – Foguete á congreve, bombas, tambores, phosphoros de cera, pratos quebrados, ferros velhos, tachos rachados, tantas, peças de artilheria, assobios, gargalhadas, bonecas choronas, gatos a miarem, crianças a chorarem, formarão um conjunto de harmonia extravagante e original, imitação dos afandos concertos do imortal – Gottchalsk, tão elogiado antes e depois de morto. (Para este concerto monstruoso e nunca antes visto nesta capital, a empresa precisa contratar 19 amas de leite para acalentarem as crianças nos intervallos.) Em seguida começará o baile, tocando-se por esta ocasião as seguintes peças: quadrilhas, orphée, polkas, sonhei, chicocando, risete, o chalet, foi-se, corropio, ficele, se eu pedir, sola e vira, charivari, helena, negrita, me deixe, thangos, fandangos, schotischs, walsas

Fonte: *Jornal Diário de Belém* p. 4, n° 39 de Sexta-feira, 17 de Fevereiro de 1871. Ano IV.

Vinho. Xarope. Dusart
DE LACTOPHOSPHATO DE CAL

Admitido na nova Pharmacopea official de França.
Aprovado pela Junta Central de Hygiene do Brasil.

As experiencias dos mais celebres medicos do mundo tem provado que o lactophosphato de cal no estado solúvel, tal como se acha no Vinho e no Xarope de Dusart, é, em todos os periodos da vida o reconstituinte por excellencia do corpo humano.

Nas mulheres grávidas, facilita o desenvolvimento do feto e basta muitas vezes para evitar os vomitos e outros accidentes da gravidez.

Administrado ás amas de leite enriquece-lhes o leite, preservando as crianças de cólicas e diarrheas; a dentição faz-se facilmente sem dor e sem convulsões. Mais tarde quando o menino está pallido, lymphatico, que suas carnes são flácidas, que apparecem glandulas no pescoço, acha-se no lactophosphato de cal um remedio sempre efficaz.

Sua acção reparadora e reconstituinte não é menos segura para os adultos anemicos, que soffrem de má digestão e para os que se acham enfraquecidos pela idade ou pelos excessos.

Seu uso é precioso para os tísicos porque traz a cicatrização dos tuberculos do pulmão e sustenta as forças do doente, favorecendo sua alimentação.

Em resumo o Xarope e o Vinho de Dusart estimulam o appetite, estabelecem a nutrição de uma maneira completa e asseguram a formação regular dos ossos, dos musculos e do sangue.

DUSART, Pharmacien de 1^{re} classe, 8, RUE VIVIENNE, PARIS
E NAS PRINCIPAES PHARMACIAS E DROGARIAS.

Vinho e Xarope de Dusart de Lactophosphato de Cal.

Admitida na nova pharmacopea official de França. Aprovado pela Junta de Hygiene do Brasil.

As experiencias dos mais celebres médicos do mundo tem provado que o lactophosphato de cal no estado solúvel, tal como se acha no vinho e xarope de Dusart, é, em todos os momentos da vida o reconstituinte por excellência do corpo humano.

Nas mulheres grávidas, facilita o desenvolvimento do feto e basta muitas vezes para evitar os vomitos e outros accidentes da gravidez.

Administrado ás amas de leite enriquece-lhes o leite, preservando as crianças de cólicas e diarrheas, a dentição faz-se facilmente sem dor e sem convulsões. Mais tarde quando o menino está pallido, lymphatico, que suas carnes são flácidas, que apparecem glândulas no pescoço, acha-se no lactophosphato de cal um remedio sempre efficaz.

Sua acção reparadora e reconstituinte não é menos segura para os adultos anêmicos, que soffrem de má digestão e para os que se acham enfraquecidos pela idade e pelos excessos.

Seu uso é precioso para os tísicos porque traz a cicatrização dos tubérculos do pulmão e sustenta as forças do doente, favorecendo sua alimentação.

Em resumo o xarope e vinho de Dusart estimulam o appetite, estabelecem a nutrição de uma maneira completa e asseguram a formação regular dos ossos, dos musculos e do sangue.

Fonte: Jornal Diário de Belém p. 4, nº 162 de Terça-feira, 21 de Julho de 1885. Ano VIII.

Ama de leite

Farinha Lactea de Nestlé

Parecer do Dr. J. Fitz O. Connor, medico em chefe da Instituição de Maternidade de Nova York :

«A meu ver nada existe de melhor para substituir o leite materno ; dou, pois, a farinha de Nestlé a preferencia sobre todos os outros alimentos empregados até hoje.

Nova York, 9 de Fevereiro de 1870.»

Parecer do dr. J. Leives Smith, medico do Asylo das Crianças da cidade de Nova York :

«A farinha Lactea de Nestlé, agora empregada no Asylo das Crianças, tem produzido melhores resultados que todos os outros alimentos artificiaes.

Nova York, 9 de Fevereiro de 1870.»

Parecer do dr. J. J. Hall, medico de Maternidade e do hospital das crianças de Nova York :

«A farinha Lactea de Nestlé que se usa na Maternidade ha oito mezes, produziu resultados grandemente satisfactorios. As experiencias importantes que se fizeram provaram-me que a farinha Lactea é o melhor alimento proprio para substituir o leite materno.

Nova York, 4 de Fevereiro de 1870.»

Sendo tão conveniente para as crianças, quanto mais para pessoas idosas, fracas, convalescentes e soffrendo do estomago.

Vende-se na rua dos Mercadores n. 45 B B, em casa de Manoel J. da Costa e Silva.

Ama de leite

Farinha lactea de Nestlé

Parecer do Dr. J. Fitz O. Connor medico e chefe da instituição de maternidade de Nova York

A meu ver nada existe de melhor para substituir o leite materno, dou pois a farinha de Nestlé a preferncia sobre todos os alimentos empregadoa até hoje.

Nova York, 9 de fevereiro de 1870.

Parecer do dr. J. J. Hall, médico de Maternidade e do hospital das crianças de Nova Yorque:

A farinha lactea de nestlé que se usa na maternidade há oito meses (tem) produzido resultados grandemente satisfatórios. As experiencias importantes que se fizeram provaram-se que a farinha Lactea é o melhor alimento proprio para substituir o leite materno.

Nova York, 4 de Fevereiro de 1870.

Sendo tão conveniente para as criancinhas quanto mais para pessoas idosas, fracas, convalescentes e soffrendo do estômago.

Vende-se na rua dos Mercadores n 45 BB, em casa de Manoel J. da Costa e Silva.

Fonte: Jornal A Regeneração, Quarta feira, 16 de Fevereiro de 1876. p. 4 Ano III n° 84.

<p style="text-align: center;">Ama de leite</p> <p style="text-align: center;">Farinha Lactea de Nestlé</p> <p style="text-align: center;">Parecer do dr. W. Mac Crea, medico em chefe do departamento medical melbourns.</p> <p>E' raro que eu conceda attestados para um remedio, ou para qualquer artigo alimenticio, mas quando á farinha lactea de nestlé está tão firmada a sua alta reputação, que creio poder affastarme da minha regra ordinaria.</p> <p>«Certifico ter submettido a farinha lactea de Nestlé a uma experiencia completa e prolongada como artigo alimenticio para as crianças que soffrem de diarrhéa e de outras molestias intestinaes.</p> <p>Ordenei que empregassem nas escolas industriaes, e seu resultado tem sido constantemente satisfactorio. A farinha lactea de Nestlé foi supportada elo estomago, quando todos os outros alimentos erão regeitados.</p> <p>«Melburne, 2 de setembro de 1871.»</p> <p>Parecer do dr. Fridinger, director da Maternidade e ds Asylo dos enjeitados em Vienna.</p> <p>«A farinha lactea de Nestlé está em algum tempo em usos no Asylo dos enjeitados, e posso certificar que esta farinha preenche perfeitamente o seu fim.</p> <p>Com ella não se dá a diarrhéa nem os vomitos. Prova de sua facil digestão. Passo a recomendar este alimento a toda a mãe que não possa por si mesmo alimentar seu filho.</p>	<p style="text-align: center;">Vienna, 16 de agosto de 1873.</p> <p>Sendo este alimento tão gabado para criancinhas quanto mais deve couvir a pessoas idosas, fracas, convalescentes e soffrendo do estomago.</p> <p>Vende-se em casa de Manoel Jose da Costa e Silva, na rua dos Mercadores n.º 45 lb, sendo 1 lata da dita farinha 1\$500, 12 ditae de dita 16\$000</p>
--	---

*Ama de leite
Farinha lactea Nestlé*

Parecer do Dr. W. Mac Crea, medico em chefe do departamento medical melbourns.

È raro que eu conceda attestados para um remedio, ou para qualquer artigo alimenticio, mas quando á farinha látea de nestlé esta tão firmada a sua reputação. Que creio poder affastarme da minha regra ordinária.

Certifico ter submettido a farinha lactea de Nestlé a uma experiencia completa e prolongada como artigo alimenticio para as crianças que soffrem de diarréia e de outras meléstias intestinais.

Ordenei que empregassem nas escolas indusdriais, e seu resultado tem sido constantemente satisfatório. A farinha látea de Nestlé foi suportada pelo estomago, quando todos os osutros alimentos eram regeitados.

Melbrne, 2 de setembro de 1871.

Parecer do dr. Fridinger, director da maternidade e do asylo dos enjeitados em Viena. A farinha lactea de nestlé está em algum tempo em uso no Asylo dos enjeitados, e posso certificar que esta farinha preenche perfeitamente o seu fim.

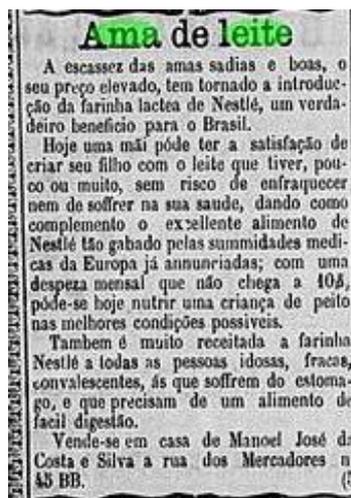
Como ela não se dá (...) prova de sua facil digestão. Passo a rescomendar este alimento a toda mãe que não possa por si mesmo alimentar seu filho.

Vienna, 16 de agosto de 1873.

Sendo este alimento tão gabado a criancinhas quanto mais deve couvir a essoas idosas, fracas convalescentes e soffrendo do estômago.

Vende-se em casa de Manoel Jose da Costa e Silva, na rua das Mercedes n.º 45, sendo uma lata da farinha 1\$500 ditae de dita 16\$000.

Fonte: Jornal Diário de Belém p. 4, n.º 134 de Quinta-feira, 22 de Junho de 1876. Ano IX.



Ama de leite

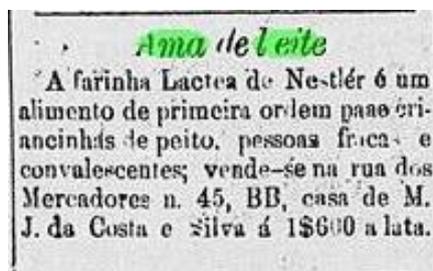
A escassez das amas sadias e boas, o seu preço elevado, tem tornado a introdução da farinha láctea de Nestlé, um verdadeiro benefício para o Brasil.

Hoje uma mãe pode ter a satisfação de criar seu filho com o leite que tiver, pouco ou muito, sem risco de enfraquecer nem de sofrer na sua saúde, dando como complemento o excelente alimento de Nestlé tão gabado pelas sumidades medicas da Europa já annunciadas; com uma despesa mensal que não chega a 10\$, pôde-se hoje nutrir uma criança de peito nas melhores condições possíveis.

Também é muito receitada a farinha Nestlé a todas as pessoas idosas, fracas, convalescentes, ás que sofrem do estomago, e que precisam de um alimento de fácil digestão.

Vende-se em casa de Manoel José da Costa e Silva a rua dos Mercadores n. 45 BB.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Sabbado, 27 de setembro de 1879. p. 3. Anno VI n° 218



Ama de leite

A farinha Lactea de Nestlé é um alimento de primeira ordem para criancinhas de peito, pessoas fracas e convalescentes; vende-se na rua dos Mercadores n. 45, BB, casa de M. J. da Costa e Silva á 1\$600 a lata.

Fonte: Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Quinta-feira, 26 de agosto de 1880. p. 3. Anno VII n° 190

Conselho de estado.—Pelo ministerio do imperio remetteram-se á secção dos negocios do imperio do conselho de estado os papeis relativos á deliberação tomada pela camara municipal da corte de crear n'aquella cidade uma casa de maternidade e um instituto para o exame das amas de leite.

Conselho de estado – Pelo ministério do império remetteram-se á secção dos negócios do império do conselho de estado os papeis relativos á deliberação tomada pela camara municipal da corte de crear n'aquella cidade uma casa de maternidade e um instituto para o exame das amas de leite.

Fonte: Jornal Diário de Belém p. 1, nº 126 de Quarta-feira, 06 de Junho de 1877. Ano X.

Orçamento Municipal,
Lei N.º 242.
(Continuado.)
Regulamento dos Expostos.
CAPITULO 1.º

Artigo 1.º A Camara Municipal do Pará, cumprindo o artigo 69 da Lei de 1.º de Outubro de 1828 terá a seu cargo a criação, educação e tratamento de todos os expostos.

Artigo 2.º Haverá nesta Cidade em uma das ruas menos frequentadas uma casa da propriedade da Camara ou alugada, que seja propria, e acciada para nella se lançarem os expostos, e será denominada—Roda dos Engeitados.

Artigo 3.º Haverá neste Estabelecimento uma Regente, que vencerá o ordenado de 240\$000 réis, e uma ama de leite effectiva com o jornal de 400 réis diários, quando não for arrematado este serviço.

Artigo 4.º Neste Estabelecimento haverão dois livros competentemente rubricados para nelles se lançarem os Termos de entrada e sahida dos expostos.

Artigo 5.º A Camara encarregará a um de seus Fiscaes a Inspeção deste Estabelecimento, e de todos os expostos que dali sahirem.

Orçamento Municipal
Lei nº 242 Regulamento dos Expostos (continuando)
Capitulo 1

(...) Artigo 3º Haverá neste estabelecimento uma Regente, que vencerá o ordenado de 240\$000 réis, e uma ama de leite affetiva com jornada de 400 réis diários, quando não for arrematado este serviço. (...)

Fonte: Jornal Treze de Maio, Terça-feira, 31 de Janeiro de 1854, nº 286, p.1, 14º ano

S. Exc. o Sr. Presidente da Provincia sancionou as seguintes resoluções da Assembléa Provincial.

LEI N. 991 DE 15 DE ABRIL DE 1880.

Artigo unico. Fica approvedo o regulamento da casa de expostos annexo à presente lei; revogadas as disposições em contrario.

Regulamento da casa de expostos.

CAPITULO 1.º

Art. 1.º Está a cargo da Camara Municipal de Belém do Pará a criação e tratamento de todos os expostos; como dispõe o art. 69 da lei de 1.º de Outubro de 1828.

Art. 2.º Do estabelecimento denominado «Roda dos enjeitados» continúa encarregado uma directora, que perceberá quatrocentos mil réis de ordenado e duzentos mil réis de gratificação annual.

Art. 3.º Haverá uma ama de leite para cada recém-nascido exposto, vencendo a diária de mil e quinhentos réis.

Art. 4.º O fiscal do distrito deverá :

§ 1.º Visitar de tres em tres dias o estabelecimento e semanalmente todos os expostos.

§ 2.º Apresentar mensalmente na secretaria da Camara uma informação minuciosa do que observar na criação e no tratamento dos expostos, e um mappa dos nomes e capacidade das amas.

§ 3.º Comunicar á Camara a entrada, sahida ou morte de qualquer exposto, ficando a seu cuidado o enterro do que fallecer, se estiver a seu cargo.

§ 4.º Fazer apresentar á Camara, quando esta determinar todos os expostos a seu cargo.

§ 5.º Esforçar-se para que os expostos sejam tratados, criados e educados como se lhes não faltassem seus verdadeiros paes.

§ 6.º Velar pelo cumprimento d'este regulamento, communicando á Camara qualquer infracção.

S. EXC. PRESIDENTE DA PROVÍNCIA SANCIONOU AS SEGUINTE RESOLUÇÕES DA ASSEMBLEIA PROVINCIAL.

Lei nº 991 de 15 de Abril de 1880.

Artigo único. Fica approvedo da casa dos expostos annexo à presente lei, revogadas as disposições em contrario.

Regulamento da casa dos expostos.

Capítulo 1

Art. 1º Esta a cargo da Câmara Municipal de Belém do Pará a criação e tratamento de todos os expostos, como dispõe o art. 69. da lei de 1º de Outubro de 1828.

Art. 2º Do estabelecimento denominado “Roda dos enjeitados”, continua encarregado uma directora, que perceberá quatrocentos mil réis de ordenado e duzentos mil réis de gratificação annual.

Art 3º Haverá uma ama de leite para cada recém-nascido exposto, vencendo a diária de mil e quinhentos réis.

Art 4º O fiscal do distrito deverá:

§ 1º Visitar de três em três dias o estabelecimento e semanalmente todos os expostos.

§2º apresentar mensalmente na secretaria da Câmara uma informação minuciosa da criação e no tratamento dos expostos, e um mapa dos nomes e da capacidade das amas.

§3º Comunicar á Câmara a entrada, sahida ou a morte de qualquer exposto, ficando a seu cuidado o enterro do que fallecer, se estiver a seu cargo.

§4º Fazer apresentar á Câmara quando esta determinar todos os expostos a seu cargo.

§5º Esforçar-se pra que os expostos sejam tratados, criados e educados como se não lhe faltassem seus verdadeiros Paes.

§6º Velar pelo cumprimento d’este regulamento Communicando á Câmara qualquer infracção.

Fonte: Jornal Diário de Belém, Quinta-feira, 29 de Abril de 1880. Nº 97, p. 2, Ano XIII.

Ha a venda na Livraria de Santos & Irmaos o---

Diccionario de Medicina Popular em que se descrevem, em linguagem accomodada á intelligencia das pessoas estranhas a arte de curar, os signaes, as causas e o tratamento das molestias; os soccorros que se devem prestar nos accidentes subitos, como aos afogados, asphyxiados, fulminados de raio, as pessoas mordidas por cobras venenosas, nas perdas de sangue, nas convulsões das crianças; os caracteres das cobras venenosas e das que sao innocentes; os contravenenos de todos os venenos conhecidos; os conselhos para preservar das molestias e prolongar a vida; as precauções que deve tomar quem muda de clima; os preceitos sobre a educação dos meninos; os cuidados que reclama a prenhez, o parto, as suas consequencias, a criança recém-nascida, a escolha de uma boa ama de leite, a dentição, a desmamação, etc.; os perigos a que expõem as diferentes profissões e os meios de evita-los; os erros populares nocivos á saúde; os meios de descobrir a falsificação do vinho e dos alimentos; a preparação dos remedios caseiro; as plantas uteis e venenosas, etc.
Segunda Edição mais correctã e enriquecida com 5 estampas.

Ha a venda na livraria de Santos e Irmãos o...

Diccionario de Medicina Popular em que se descrevem, em linguagem accomodada, a intelligencia das pessoas estranhas a arte de curar, os signaes, as causas, as moléstias, os socorros que se devem prestar nos accidentes subito, como aos afogados, asphyxiados, fulmiandaos de raio, ás pessoas mordidas por cobras venenosas, nas perdas de sangue, nas convulções das crianças os caratteres das cobras que são venenosas e das innocentes,os contravenenos de todos os venenos conhecidos; os conselhos para preservar das moléstias e preservar a vida, as preceções que deve tomar quem muda de clima; os preceitos sobre a educação dos meninos; os cuidados que reclama a prenhez; o parto, as suas consequencias, a criança recém nascida, a escolha de uma boa ama de leite, a dentição, a desmamação, etc;os peigoas a quem expõe as diferentes profissões e os meios de evita-los; os erros populares nocivos á saúde; os meios de descobrir a falcificação do vinho e dos alimentos; a preparação dos remedios caseiro;as plantas úteis e venenosas, etc.

Segunda Edição mais correcta consideravelmente argumentada, e enriquecida com 5 estampas.

Fonte: Jornal Treze de Maio, Quinta-feira, 12 de Abril de 1855, nº 473, p.4, Décimo quinto ano.



PARLAMENTO NACIONAL
CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS
Discurso proferido na sessão de 14 de julho de 1886
FIXAÇÃO DE FORÇAS DE TERRA

O SR. CANTAO:

(...) Os funcionarios mais eminentes de um Estado são o mestre escola e a ama de leite; esta, porque começa a formar o cidadão; uma forma o corpo, o outro forma o espirito.

Fonte: *Jornal A Constituição. Órgão do Partido Conservador. Belém do Pará, Belém, 1886. p. 2. Anno XIII nº 190 (a página em que consta a data está mutilada, aparecem apenas estes dados)*